
THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Ao Ill.mo e Ex.mo Snr Conselheiro
José Silvestre Ribeiro
tributo de admiração e affe[cto]

CAMÕES.





CAMÕES.

ESTUDO HISTORICO-POETICO;

LIBERRIMAMENTE FUNDADO SOBRE UM DRAMA FRANCEZ
DOS SENHORES VICTOR PERROT, E
ARMAND DU MESNIL,

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.



PONTA DELGADA.
TYPOGRAPHIA DA RUA DAS ARTES 68.
1849.

A SUA MAGESTADE

O SENHOR DOM PEDRO SEGUNDO

IMPERADOR DO BRAZIL.

TU, que entre amor dos Teus, e universal assombro,
Firme 'num Sceptro immenso, os olhos no porvir,
Volves, Joven Atlante, um aureo mundo ao hombro,
E sorrindo-lhe luz Lhe-ensinas a florir;

Filho, e Gloria, do Heroe Semideus em dois mundos,
Cuja Urna eu c'roei, como um votivo altar;
Ou como o Teu colosso em palmares fecundos
Musas do Teu Brazil hão-de cedo engastar;

Se o destino um Diadema em Teu Berço ha lançado,
D'esse Don casual não me-attrae o esplendor:
Tens mais nobre Diadema! eterno! conquistado!
Quem mede em Ti o Sabio, esquece o Imperador.

Sobre Paços de Reis, e sobre um tecto ignoto,
Póde um astro de Deus commum resplandecer:
Tu no Solio, eu no exilio, um do outro tão remoto,
Ambos damos um culto ao merito, ao saber:

Quantas vezes (quem sabe?) o estudo á mesma hora
Nos-haverá raiado egual inspiração!
Como na minha Lyra estás fulgindo agora,
Talvez um canto meu lá Te-encha o coração!

Não me-julguem vaidoso : os ocios Teus campestres,
  Meu Cezar, não sei eu que me-teêm juncto a Ti?
E que entre a profusão d'autores nossos mestres
  Tu sonhas sonhos meus, folheando o que escrevi?

Alma irman da minh'alma; ó Tu, cuja poesia
  Mais que a minha feliz, não se exala em vãos sons;
Mas povoa de bens infinda monarchia;
  Verte a povos sem conto os mais formosos dons;

Poeta Omnipotente; acceita o meu tributo.
  Não é mais que um retrato; um livro; um nada: sim;
Mas 'num germen contem-se incalculavel fructo;
  Mas ás vezes um nada encerra bens sem fim.

Feliz eu! feliz Tu! feliz Teu vasto Imperio,
Se outra vez 'neste livro attentos olhos pões!
Renascem Grecia e Lisia em melhor hemispherio!
Cantam, sem mendigar, Homeros e Camões!

De toda a parte o genio, artes, sciencia, estudo,
Vão de Teu Solio á sombra encher os fados seus,
Regenera-se a terra! o Teu favor fez tudo;
Carpiste sobre um Vate.... e fizeste-te um Deus!

Ilha de S. Miguel
4 de agosto de 1849.

Antonio Feliciano de Castilho.

A QUEM LER.

O GERMEN do presente drama nasceu francez; e tão francez, ou tão pouco portuguez, que passado assim para os nossos ares, infallivelmente, e para logo, pereceria. De Camões, não tinha mais que o nome; da terra e dos tempos de Camões, coisa nenhuma. O que por lá lhe-deu vida e fortuna, que a-teve, e muita, foi o enredo, a disposição, o bem calculado e acertado dos lances: tudo isso me-pareceu tomar-lhe, e o-tomei; modificando-o todavia, e accrescentando-o copiosamente. Obtido assim o terreno, e a maior parte dos alicerces e paredes mestras, edifiquei, sem me-importar cujos fossem os materiaes. O alheio, e o proprio, tudo ahi vai travado: ha scenas inteiramente copiadas; ha fallas, e scenas, e quasi actos, inteiramente novos; mas essa é uma questão mesquinha, que eu não quero

tratar aqui: o drama francez tambem está impresso; confronte-os quem intende da póda, que não ha mais dizer. A malsins, que não sabem ler, não dou eu satisfações. Quem tem portas chapeadas, dorme as noites a bom levar, sem pensar nos ratoneiros vadios. Sempre assim foi, des-de que ha mundo: quem não trabalha, murmura; quem não sabe, ou não póde, ou não quer erigir a sua casa, escreve com carvão ou com a ponta do pau pasquinzinhos chochos e chilros pelas paredes novas: pois escrevam, e morram, quando for tempo; que hão-de ter famoso epitaphio, e ficar sendo muito lembrados!..

Gosto d'aquella fabula Chin! Os zangãos invejosos puzeram-se a zumbir na prezença de Wishnu, que a cera e mel das abelhas eram um *plagiato* feito ás flores, e por tanto lhes não pertenciam a ellas. Que fez Wishnu? riu-se, e não os-esborrachou; respondeu-lhes, que fizessem elles eguaes roubos; que elle se-obrigava a trocar-lhes o seu mal estreado nome no de abelhas; e que em quanto o não conseguissem, tivessem paciencia de viverem tão pouco, e tão mirradinhos. Peço a algum leitor, mais desoccupado, que explique este apólogo chin ao meu visinho critiqueiro alli da outra rua.

O livro que apresento, não lhe-quero eu chamar favo; digo só, que, assim como a abelha trabalha no seu favo, trabalhei eu 'nelle; e segundo uns juizes muito bons, que o visinho da outra rua não conhece, posto se-chamem MENDES LEAL, JOÃO DE LEMOS, SERPA PIMENTEL, SEBASTIÃO RIBEIRO DE SÁ, LUIZ RIBEIRO DE SÁ, PALMEIRIM, SOUZA LOBO, SILVA TULLIO, PALHA, CUNHA SOUTO MAIOR, CAZAL RIBEIRO, VIALE, PEREIRA DA CUNHA, LATINO COELHO ETC. têem para portuguezes assaz de doçura e muitissimo cheiro (que é o que mais importa) ás coisas da nossa terra.

Mas é isto realmente um drama? ahi está outra questão impertinente; (esta não sei se foi levantada pelo visinho critiqueiro!.. parece-me que elle não chegava a tanto) se eu fosse obrigado a sentenciar, havia de dizer que não: quanto a ser drama, o primeiro, o fran-

cez, o embrião, era-o muito mais do que estas folhas; pois cabia 'num theatro, e na paciencia d'uma platêa; o que ao meu escripto não succede; accrescendo ainda, que não ha companhia-nacional bastante para o-desempenhar. Logo, se não é drama, o que é? eu sei!.. será um livro; será um folheto; será uma poesia; será um estudo de costumes e linguagem; será um mytho, como hoje dizem, um mytho de miserias e vergonhas, que nem se-inventaram para Camões, nem com elle se-acabaram; mas se-renovam, e se-hão-de renovar sempre, e em toda a parte: em summa, será, o que quizerem; que 'nessa contenda me não metto eu. Uma vez que os sabedores já assentaram, em que o retrato do Poeta, o do Rei, e o da Gente e viver d'aquella edade, me-sairam parecidos; uma vez que todos elles concordam, em que um portuguez legitimo póde ler tudo isto, que eu aqui puz, entendel-o, e 'nelle saborear-se; uma vez, sobre tudo, que esta leitura deixe nos animos uma vergonha saudavel, e sancto horror contra o infame desamparo, com que os poderosos permittem fenecer á mingua bons engenhos, desherdando assim a patria, e o futuro, de minas de oiro a troco de ceitis e algum surriso; que seja drama, ou não; que fosse originalmente portuguez, ou persa; eis ahi disputações com que eu não tenho nem quero ter nada que ver.

Se muitas vezes processei e sentenciei desabridamente obras minhas; sem que mo-hajam a fatuidade, me-relevarão dizer d'esta, que, de quantas tenho publicado, me-parece ella a melhor; e se traducção é, traducção mais original que muitos originaes.

Por aqui me-cerro: de não poucos pormenores litterarios, e de alguns historicos, me-caberia por ventura dar rasão: mas... para que? não ha trabalho no mundo mais perdido, que o andar respondendo a criticas; se ellas são judiciosas, nem todas as argucias as-desfazem; se nescias, por si se-apagam como as espumas. Quanto a satyras, os homens honrados não as-fazem; os villões fazem-nas sempre; porque dizem elles, e dizem bem, que a CARTA CONSTITUCIONAL lho não prohibe.

O que nem satyras nem criticas hão-de lograr, é tirar-me cá de dentro a satisfação de haver já feito verter, e vertido eu mesmo, muito boas lagrimas sobre as desaventuras do meu poeta; lagrimas, que, verdade é, para nada lhe servem já a elle; mas que para outros, poderá ser, venham ainda a aproveitar.

Permittisse-o Deus! menos ruim fadario seria então o nascer poeta....

INTERLOCUTORES.

LUIZ DE CAMÕES:

(Edade, cincoenta e cinco annos; estatura, mean; cego do olho direito; semblante um tanto carregado; indole, franca e generosa; humor, entre melancholico e jovial. Traje, de soldado, pouco lusido no 1.º acto; no 2.º, 3.º, e 4.º, com galas cortezans, tabardo de capuz frisado, luvas de polvilho; no 5.º, com trages pobres e capa preta.

D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL:

(Edade, vinte e quatro annos; estatura, mean; formoso de rosto, branco e ruivo, olhos azues; presença soberana, esforçado, e altivo. No 1.º e 3.º acto disfarçado em habitos burguezes simplices; no 2.º em galas de Corte: capa de pano preto, o capuz com botões de diamantes e as faldas até ao joelho, calças vermelhas com poucos tufos e quasi lisas; barrete chato de velludo, carregado sobre a testa, quasi até ao sobrolho, e adornado com um cordão d'oiro, diamantes e perolas; botas largas de cordovão preto até ao joelho, com esporas doiradas; cinto e espada tambem doirados; no 4.º acto guerreiro, e real segundo o retrato que vêm em Faria e Sousa excepto a corôa que é suprida por capacete).

MARTIM GONÇALVES DA CAMARA:

(Escrivão da Puridade; ambicioso, invejoso e vingativo. No 2.º acto, vestido á Corte, e não guerreiro, no 1.º, 3.º, e 4.º, em disfarce burguez).

D. AFFONSO DE NORONHA:

(Gentil-homem da Real Camera; edade pela de Camões, traje decente, mas vulgar no 1.º acto; no 2.º, 3.º, e 4.º acto, vêm Cavalleiro).

EMBAIXADOR DE CASTELLA:

(Aspecto e expressão de politico manhoso, disfarçado em ruim capa; excepto no 2.º acto, em que ostenta magnificencia castelhana, qual a seu cargo e pessoa cabe).

ANTONIO:

(Jáo; captivo de Luiz de Camões; mancebo robusto; côr tostada; traje, indiatico; genio amante, impetuoso, e poetico; briosa segurança na postura, nos movimentos, e no fallar).

MONSIOR DE SAINT-POL:

(Gentil-homem francez; mancebo concertado; vestuario, da Corte de Caterina de Medicis).

REAL:

(Sobrinho de Martim Gonçalves; casquilho mui ridiculo, vaidoso, affectado, saltitante; edade, assaz verde).

LEÃO:

(Outro mancebo do Paço; frivolo, e ignorante; trajo, de ceremonial).

DIOGO:

(Estalajadeiro; bom homem, palreiro, e obsequioso; cara de paschoas; trajar, humilde).

MIGUEL:

(Adéllo; avelhacado; trajar, plebeu).

MANOEL:

(Pagem particular de Martim Gonçalves; homem feito, robusto, refalsado; pellote e espada).

PAULO:

(Moço mais somenos de Martim Gonçalves; vestido mui ordinario; modo de fallar, e ademanes, de simples; pellote sem espada).

D. CATERINA D'ATAYDE:

(Entre trinta e quarenta annos; formosa, grave, como quem se-creou no estrado da Rainha D. Caterina; mas sabendo, segundo a occasião, ser estremosa no amor, ou energica no odio; expressão de rosto, naturalmente magoada, como ao seu estado convem; no 2.º acto, vestida de gala; no 3.º, conserva o mesmo traje, mas coberta com um manto, e capuz, assim como no 4.º; no 5.º, traja de dó).

1.º CORTEZÃO.

2.º CORTEZÃO.

3.º CORTEZÃO.

UM ARAUTO.

UM EMBUÇADO.

UM MENINO:

(Pobre e rotinho).

UM ERMITÃO DA SERRA DE CINTRA.

UM MOIRO ASTROLOGO:

(Opa negra de cauda semeada de meias luas e signos cabalisticos de diversas côres; barrete ponteagudo e muito alto, cingido d'uma serpente d'oiro, cuja cabeça com tres lingoas vermelhas lhe-serve de cimeira; barbas brancas, até á cinta; debaixo do braço esquerdo um livro negro; na mão direita uma vara côr de fogo).

FADA MARINHA:

(Opa verde-mar, roçagante, barrada de perolas; véo branco e raro, da cabeça até aos pés; toucado fantastico de conchas, busios, e coráes; sobre o peito bordada de oiro a Esphera d' El-Rei D. Manoel; pendente do pulso direito, varinha de condão branca e doirada).

MARTE:

(Segundo o ritual mythologico).

SERAFINS:

(Que não serão menos de seis. Coroados de flores brancas com harpas doiradas nas mãos.)

CHORO DE DIABOS.

PESSOAS QUE NÃO FALLAM.

A RAINHA D. CATERINA:

(Avó de D. Sebastião; sessenta annos, alta, e de gentil aspecto; traje real e de viuva).

PRINCESA D. MARIA:

(Filha d'El-Rei D. Manoel, tia de D. Sebastião; cincoenta annos; robusta, formosa; vestido afogado de velludo preto, com botões de oiro no collarinho; corôa de rubis e diamantes no braço; na cabeça uma lista de oiro, e uma coifa de rede do mesmo).

LUIZA SIGEA.

JOANNA VAZ.

PUBLIA HORTENSIA DE CASTRO:

(Poetisas da Academia da Princesa D. Maria.)

ANGELA SIGEA:

(Musica da mesma Princesa).

UMA DONZELLA DA RAINHA:

(Vestida de velludo preto).

OUTRA DONZELLA DA PRINCESA:

(Vestida de damasco branco; e ambas ellas cobertas de joias tanto no pescoço como nas mangas, com coifas de fio de oiro até meia cabeça; cabellos bem assentados na testa, algum tanto crespos mas não entrançados).

CAVALLEIROS.

GENTIS-HOMENS.

DAMAS DA CORTE.

ALABARDEIROS:

(Vestidos de pano preto, com capas compridas até meia perna, saios com faldas pelos joelhos, e botas de cordovão preto largas; e alabardas ás costas).

SUMILHER DA CORTINA.

CHARAMELEIROS.

TROMBETEIROS.

TIMBALEIROS.

PAGENS DA TOCHA.

PASSAVANTES.

REIS D'ARMAS:

(De Portugal, Algarve, e India).

A acção passa toda em Lisboa, no anno de 1578 des-de San-João até o Natal.

AOS ESPECTADORES.

PROLOGO.

(*Recitado antes de se-erguer o pano, por uma figura de capa e espada e sombreiro de dò como se-costuma nas Quebras dos Escudos.*)

NENHUMA palavra sobre a obra da arte. A poesia, sente-se; não se-discute. É como o Sol; como o Amor; como a Alma; como Deus. Não se-finge, onde a não ha; onde a-ha, não se-lhe-resiste. Silencio pois sobre a obra da arte.

Para vida, ou para morte, os corações a-sentenciarão a final.

Outra é a nossa missão 'neste momento; predispôr-vos, para que vos-interesseis, no que vai passar perante vós; e arrancar, d'ante mão, espinhos, em que, talvez, critîca inconsiderada, folgaria de ver enlear-se a Musa; e seu antigo e honrado manto, feito pedaços.

Para suscitar-vos attenção, curiosidade, avidez, bastou um nome: CAMÕES! É porque, LUIZ DE CAMÕES, Portuguezes, é a maior, e a mais incontestada

gloria da nossa terra. É, Senhores, um symbolo do nosso antigo valor, e amor de Patria. É, Damas, o vosso mais fino apreciador; o sacerdote mais ardente e sincero do vosso culto universal; o espirito mais gentil, e namorado, de quantos jámais cantaram magoas, e suspiraram alegrias. É, porque, Soldado, Poeta, e Infeliz; nas armas grande, grande nas lettras, nas desventuras inda maior; recebeu, para venerado, tres sagrações, das mais augustas! É, emfim, porque os desabrimentos de nossos avós para com elle, todos sentimos que é dever nosso reparal-os; uns, com loiros e incensos; os demais, e todos.... com algumas lagrimas, se-quer.

Outro affecto, não menos sancto e generoso, vos-ha-de, irresistivelmente, prender ao espectaculo do seu martirio: affecto, inextinguivel em corações portuguezes: o amor da Patria.

A éra, que vai perante vós resuscitar, é por ventura a mais solemne da nossa Historia.

A Monarchia, fundada em Ourique, está para fenecer em Africa: a Espada, que em mão do Primeiro Affonso desbravára Portugal de infieis; a mesma Espada, em mãos de D. Sebastião, quatrocentos annos depois.... se-despedaça, e perde em areaes de Berberia.

A torrente de glorias incriveis.... parou a subitas.... um insondavel abismo, engoliu, (talvez para sempre!) um grande Reino.

'Nesse abismo, 'nesse praso de miserias inauditas; é que nos-apparece.... Camões! como um derradeiro lampejo, e um echo estrondoso do que lá vai!

Em Camões; e D. Sebastião; 'nessas duas Columnas d'Hercules dos nossos truncados fastos; 'nesses dois homens, ambos inquebrantaveis, ambos de alma fogosa e poetica, ambos coroados para hollocausto, ambos mal apreciados em vida, e depois de espantosa morte, privados ambos de Mausoléo; 'nesses dois homens, ainda hoje vertentes de Poesia para todo o mundo.... estão assignaladas as extremas do antigo Portugal; do

Portugal dos prodigios quasi fabulosos, que a rasão acredita forçada sem os-comprehender.

Eis o mundo que vamos devassar! Eis ahi os homens que vamos conhecer! Eis ahi as summas dores em que vamos haver parte!

Preparai-vos pois, com animo religioso e agradecido, para esta especie de peregrinação á Terra Sancta do Calvario de nossos Pais.

Os romeiros, despem os trajes vulgares, e arrancam dos corações as profanidades, para visitarem os logares consagrados de sua devoção; esqueçamos tambem nós, momentaneamente, a nossa edade, os nossos usos, as nossas crenças, (tão diversas!) os nossos affectos, (tão outros!) e até a nossa linguagem; filha sim, mas filha prodiga, vaidosa, e despresadora, da que fallaram nossos maiores.

Ámanhan volveremos a atar o fio das realidades contemporaneas: hoje, sejamos todos, com fé e amor, Portuguezes do Portugal velho: adoptemos os seus interesses; identifiquemo-nos com o seu pensar, com o seu fazer, com o seu exprimir. Para isso, bastára perguntarmo-nos a nós mesmos: ¿ Revolvem-se hoje nos espiritos, interesses publicos para nós mais graves, do que os de então o-eram para então? ¿ D'isto, em que lidamos, e que só nos-parece importante, porque é nosso, curará tanto o porvir, e lerá tão attento as nossas paginas, como nós relemos, suando, palpitando, e rugindo, as d'essa edade? ¡ Quem o-sabe!

Tudo passa; tudo morre; tudo esfria; tudo esquece: todas as edificações, se-desatam em ruinas; sobre todas as ruinas, se-erguem edificações.... para perecerem.

Algum dia, seremos tambem nós antigos: (e Deus sabe, se lembrados, ou se para lembrar!) Não deneguemos pois ao veneravel passado, esta especie de culto, que dos vindoiros quizeramos por certo receber.

Entremos dispóstos, e saudosos, por essa Lisboa, que foi; e que tantos terremotos transformaram: vivamos o seu viver, pratiquemos o seu praticar, aspiremos a sua alma, misturemo-nos com os seus moradores; pe-

netremos nas poisadas humildes dos populares, nas vivendas faustosas dos senhores, nos Paços dos Reis, com suas pompas e festas, nas armadas navaes, com as palmas de D. Manoel ainda viçosas; por derradeiro... e sobre tudo... com a alma de joelhos, espreitemos, como para sacrario, para o recanto nu e desconchegado, em que expira... o maior Poeta de Damas e Cavalleiros.

Quando esta cortina se-erguer, dois seculos e meio se-haverão anichilado.



Ergue-se immediatamente o pano.

ACTO I.

O Theatro figura uma estalagem de poucas posses. No topo, uma portada, d'alpendre por fóra, e uma janella, que dizem para o Cáes. A' esquerda, uma porta, para o interior da poisada do estalajadeiro. A' direita outra, no primeiro plano, para um quarto, e outra emfim no segundo plano, para uma escada, que se não vê, e que desce para um aposento subterraneo. A' volta da casa algumas cadeiras velhas, de espalda, de coiro lavrado e pregaria grossa amarella. No meio da casa sua banca ordinaria, com copos de estanho e outros de côco lavrado, para vinho. Na parede do fundo um nicho com um Sancto-Antonio em vulto, com suas moedas de prata ao pescoço e flores já murchas. Ao meio da casa um lampeão pendurado e acceso. Junto á porta da rua um croque [ou vara com gancho] de desaseis palmos.

SCENA I.

DIOGO E D. AFFONSO DE NORONHA.

(Ao erguer do pano, anda Diogo azafamado a arrumar quartolas, e infusas de vinho. D. Affonso vem do Cáes.)

D. AFFONSO (*em voz baixa*)

Veiu alguem?

DIOGO.

Senhor sim.

D. AFFONSO (*do mesmo modo*)

Ambos?

DIOGO.

Senhor não; tão só um.

D. AFFONSO.

Peccados meus!...

DIOGO.

Não haja sua mercê cuidado, fidalgo, o outro, é marca de primor, que nunca falta.

D. AFFONSO.

Que te não ouçam, Diogo! (*apontando para a porta do segundo plano da direita*)

DIOGO.

Quanto a isso, não haja sua mercê receio: — que me-queimem, se o que alem é em baixo (*apontando para a porta do segundo plano á direita*) póde pescar nem palavra de quanto se aqui falla. — Aquillo em seu tempo foi adega soterranea: eu é que engenhei d'ella aposentos; e sairam elles, que não ha mais ver. Têem umas paredes, e portas, que nem carcere de Berberia. Nicoláu de Frias o architecto que El-Rei leva comsigo para Africa, não traçaria obra de melhor arte.

D. AFFONSO.

E (*apontando para a porta do primeiro plano*) aquell'outro aposento, Diogo? conserva-se devoluto?

DIOGO.

« Como barriga de monge em sexta-feira-maior ».

D. AFFONSO.

Bom. (*Entre si*) Viva Deus, que assim andastes avisado, senhor Martim Gonçalves, no aprasar sitio para os colloquios! Como na vossa pousada grandiosa não ousaveis, tomastes por valhacouto esta bodega de má morte, de pouca freguezia, e no bairro mais remoto e escuso de Lisboa.... Por vida minha, que sois previsto! Pena é, que outro ponto de algum momento, vos não occorresse, senhor Martim; rogai a Deus, que por ahi se vos não vá a náo a pique! Deslembrastes-vos de mim... esqueceu-vos, que havia perto de vós homem honrado e leal, que por isso vos-odêa com rancor; que ama a terra patria d'alma e coração; que em summa tem a peito o desaffrontar Camões. (*Em voz alta*) Diogo, ultima vez será esta, que o sei eu; mas por agora, é mister ainda que me-ajudes. Continua a haver-te fiel; que a recompensa, virá na colla do servir: á conta d'ella, toma *Entrega-lhe uma bolsa*) Breve tornarei. (*Sae para o Cáes*).

SCENA II.

DIOGO, *só (a contar o dinheiro)*

É ouro! Paga, que nem Rei, o meu gentil fidalgo! Grande deve ser a alimaria que elle montêa, que assim lhe atira com bombardas grossas! Folgára eu de descobrir, o que o-traz ao socairo dos dous embuçados... Lá terá suas rasões; (*bambaliando no ar a bolsa*) e de peso; que por isso dizem, « deixae caçar a foroa, que onde vae, não vae á-tôa ». (*Repara em Miguel, que passa pelo Cáes*) Para cá Miguel primo! Não me-passeis a porta « como cão por vinha de desembro »; entrae.

SCENA III.

MIGUEL, DIOGO.

MIGUEL.

Boa noute nos-mande Deus; vou-me com pressa.

DIOGO.

Mas nunca será ella tamanha, que vos-tolha refrescarmos aqui primeiro os bofes, com uma vez de vinho. Que más fadas vos-têem por lá trazido, que assim ha tempo largo, que vòs não enxergo?!

MIGUEL.

Que quereis Diogo primo, se moramos tão arredados, que é, como quem diria... um em Gôa, outro em Mazagão!

DIOGO.

Boa affeição vos-quizera eu; que « dos longes », em a-havendo, « se-fazem pertos ». Dizei antes, que vos não dá dos parentes. (*Ri*)

MIGUEL.

De desaffeição me não queixo eu; de fraco para andarilho sim. (*Ri*)

DIOGO.

« Historias de Maria Castanha! » Coração havieis de pedir a Deus, que não pernas a Sancto-Amaro.

MIGUEL.

Por vida de meu avô tôrto, que me-ralais com esses vossos chascos!

DIOGO.

Para ralações tenho eu droga, que nem physico do Paço, nem Francisco Lopes, nem Garcia da Horta: tomai-ma, e « dir-me-heis como canta ». (*Enche-lhe o copo*)

MIGUEL.

No fallar, sois ás vezes desabrido, Diogo primo, mas haveis bom natural d'entranha... (*bebe*) e bom vinho tambem... (*ri*; *Diogo vae para lhe-encher de novo o copo*) Tende lá mão, não sou vasilha de tamanho lote; querieis agora ver-me aqui dançar as tripecinhas? Sempre fui fraco dos cascos.

DIOGO.

Embora, que vos não quero contradizer. (*Assentam-se*) Mas porem... que vento vos-atirou cá para o bairro?

MIGUEL.

Quiz ver a armada d'El-Rei, antes que se-partisse.

DIOGO.

Então El-Rei está já d'abalada; huumh?

MIGUEL.

Depois de ámanhan dia do Senhor San-João se-diz que largará: (por peccados nossos). Vae-se foz em fóra por esses mares de Christo, em demanda dos mouros d'Africa, para lhes-quebrar as soberbas e poderio: (*como quem segreda coisa de grande tomo*) aqui para nós; tonteria mais rematada, não a-poderia fazer Sua Alteza... ou Sua Magestade, como agora dizem. Os rios de dinheiro que já se-têem gastado no aparelhar da armada e gente de guerra, e o que ainda para o diante se-tem de gastar, das nossas bolsas são tomados.

DIOGO.

Que remedio! « alguem ha de pagar o escote » e mais sabeis o adagio: « negro é o carvoeiro, branco é o seu dinheiro ».

MIGUEL.

Alguem, sim; mas porem o que me a mim destôa é que esse *alguem* somos sempre nós. Por mim digo, que mais mal quero eu á guerra, que á peste, que por ahi anda tão accesa e já me-levou minha mulher. Com a peste, morre um homem d'uma vez; com a guerra, ficamos por portas; que é morrer todos os dias aos pedaços. Já me-intendeis....

DIOGO.

O Senhor Cardeal D. Henrique, o Clerigo-Governador como por ahi o-apodam, é quem mette na cabeça do Sobrinho essas ruins zizanias e fumaças de Cavalleiro Cruzado: e mais Luiz Gonçalves da Camara, o reverendo confessor d'El-Rei, a quem Deus guarde d'estes e quejandos.

MIGUEL.

Espiritos guerreiros em clerigos! Tão ruin liga é essa, que só o diabo a-tragaria.

DIOGO (*rindo*)

Se fossem elles cabos, ou homens de peleja, que houvessem os pellouros de lhes-zunir pelas orelhas, já póde ser que foram mais pacatos, que lá disia o outro: « bem parece a guerra a quem é longe d'ella ». (*Canta*)

« Quien hubiese tal ventura
Sobre las aguas del mar
Como tuvo el conde Arnaldes
La manana de San Juan! »

(*Depois de breve pausa*) Não sei o que d'esta jornada me-está agourando o coração... Dous reis de cominhos de gente, que El-Rei leva...

MIGUEL.

E que gente! a que é Portugueza vae forçada; que se não vê por ahi senão prantos: e a forasteira... é forasteira. Dos nossos Cavalleiros de hoje em dia, não fallemos; fazemse elles mui de ferro, por comprazer com El-Rei, que é das febras do diabo; mas mais afeminados nunca os-vistes: basta ouvil-os. Fallam delgado, e mancinho.... que nem noiva envergonhada; andam encostados a seus pagens, como as damas; no jogo da pella, os-vi eu já que não passavam de uma casa para outra, sem aquelles Cyrenéos; e mas ainda iam gemendo com uns *hans* muito compridos como se-levaram ás costas a péça de Diu.

DIOGO.

E'verdade, é verdade: e o comêta! não vistes o comêta? Sôa que Pedro Nunes, o astrologo, fizera a El-Rei, uns prognosticos!...

MIGUEL.

Pois elle é isso só!... e a quantia de peixe espada que tem saido, 'nessas praias!

DIOGO.

Assim dizem; ainda que d'esse não comi eu.

MIGUEL.

Até contavam, que 'num d'elles se via pintada d'uma banda uma cruz com dous açoutes...

DIOGO (*á parte*)

Galhardo peixe para oratorio de freira!

MIGUEL (*continuando*)

E da outra banda, a era d'este anno de mil quinhentos setenta e outo!

DIOGO (*á parte*)

Peixe tabellião ! . .

MIGUEL (*continuando*)

E as vozes d'atemorisar, que se-têem ouvido por varias partes ! . . . e lá Entre-Douro-e-Minho aquelles Cavalleiros a pelejar nos ares ! . . .

DIOGO.

Tambem não vi : mas póde ser.

MIGUEL.

E a phantasma D. João o 3.º, que apparecera a Fr. Luiz de Moura profetisando tamanhos desastres ! . . . E aquella sentida voz, que andou tantos dias ás orelhas de Vasco da Silveira : *ai* ! ! ! *ai* ! ! ! . . . *ai* ! ! ! . . . sem elle ver ninguem !

DIOGO.

Que Vasco da Silveira ?

MIGUEL.

Um dos coroneis, que vão com El-Rei na armada. A final, parece que em Almeirim, esconjurando elle, para que se-lhe-amostrasse quem dava taes gemidos, se-lhe-descobrira um vulto negro, que foi crescendo ! ! . . . . . crescendo ! ! . . . . . crescendo ! ! . . . . .

DIOGO.

T'arrenego ! ! . . .

MIGUEL (*continuando*)

E era de noite; e dice-lhe: (*alteando e engrossando a voz*) *Choro por mim ! ! ! . . . chóro por ti ! ! ! . . . e chóro por quantos vão ! ! ! . . .*

DIOGO.

Quedo. . . quedo. . . fallae baixo, homem; que se nos-ouvisse ora alguem ! . . . Bem sabeis como vão os tempos ; e mais ha sempre quem nos-queira mal do que bem; olhae que El-Rei é como aquelle ; (*apontando para a imagem de Sancto-Antonio*) está em toda a parte.

MIGUEL.

Será verdade o que se-diz ? Que não dorme ?

DIOGO.

Verdade, e reverdade; diz, que antes da meia noute se-alevanta, e se-vae, com um pagem, ou sosinho, correr fadário como alma penada, sabe Deus por onde. . . por essas praias álem, que sei eu ?

MIGUEL.

Elle, falla-se em que lê muito.

DIOGO.

Lá isso, lê. Mas cuido que por isso mesmo é que traz a

cabeça como galeão sem leme. Não lhe-praz, senão o que é arriscado, ou temeroso.

MIGUEL.

Serão alguns amores escondidos. . .

DIOGO.

Amores! . . . aquelle! . . . mais José do Egypto nunca o-vistes. Onze mil filhas lhe-confiára eu, se as-tivera. Essa é outra que os seus padres directores, (Deus me perdoe!) lhe-têem amartellado: que fugirá mais asinha d'uma donzella, que de seiscentos ginetes mouriscos.

MIGUEL.

E eu mais asinha fugira d'um só ginete mourisco, que de seiscentas donzellas: e vós, Diogo?

DIOGO.

Não mo-pergunteis; que não são para mim fortunas d'essas. Mas tornando a El-Rei; que me-diseis d'aquella, de se-andar á lucta como selvagem negro, de noute, na matta; sitiosinho, que até de dia pôe pavor!

MIGUEL.

E o passar, tambem de noute, no bergantim, por entre as torres de Belem e San-Gião, sabendo, que por ordem sua deviam os artilheiros atirar a quem passasse! como de feito atiraram; que mo-contou João Gallego, que lá teve no estaleiro o bergantim a correger.

DIOGO.

Cá para mim, o que mais d'El-Rei me-dá em que scismar é o ir-se elle pelo escuro, com Sancho de Toar, atravessarem o Tejo, saltar só na praia d'alem, ir-se alli ter das bandas do Rastello um desconhecido, e apartarem-se ambos a praticar só por só, duas e tres horas largas; e isto tantas vezes! . . .

SCENA IV.

MIGUEL, DIOGO, UM EMBUÇADO.

MIGUEL *(cotovelando a Diogo e mostrando-lhe com os olhos o Embuçado)*

Sth. . . . Sth. . . . *(Diogo levanta-se e vae para o Embuçado).*

EMBUÇADO.

Deus vos-salve! (*)

DIOGO (*tirando o barrete*)

Outro tanto: lá está já em baixo quem por vós espera.
(*Vae-se o Embuçado pela porta do segundo plano á direita*)

SCENA V.

DIOGO, MIGUEL.

MIGUEL.

Quem é o framengo?

DIOGO.

Não o-vedes? E' um homem.

MIGUEL.

Uma capa cuidava eu que era... mas, pois homem o-diseis, já vos-creio: a que vem?

DIOGO.

A tratar ahi com outro embuçadête da sua laia. Que me-mellem, se os eu conheço: o que sei, é que me-hão tomado d'aluguel aquelle aposento soterraneo, ha outo dias; tem já vindo emparedar-se 'nelle umas tres, ou quatro vezes; pagam bem; e das comidas, que para lá ponho, nem migalha provam.

MIGUEL.

Aposto eu que se vos não déra de ter muitos freguezes d'ess'arte! Mas dizei-me, nunca vos-tentou a curiosidade, que os-escutasseis?

DIOGO.

«O que não fez Fuão, fal-o-ha Beltrão:» outrem por mim o-faz.

MIGUEL.

Enigma é esse, que me-desatina.... Sempre vos-digo, que a prematica, que manda pagarem os embuçados tresentos reis para o meirinho, que os-prender, não é de todo parvoa: serão elles alguns gravadores de moedas, como João Gonçalves, e virão para ahi fabrical-as falsas? De curiosidade me-vou comido... Com Deus vos-ficai: breve farei volta por cá. Agora vou-me ahi a casa d'um visinho vosso com quem me-importa fallar por via d'um vestuario de ermitão, que diz, que representa ámanhan no Auto, que se-

(*) Miguel, Diogo, o Embuçado.

faz no Paço. Inveja vos-hei; que levais vida folgada d'estalajadeiro: uma hora vos-quizera de adelo, para me não tachardes de desamoravel. *(Enxergam-se na rua, perto da porta, Antonio e Camões)* Olhai, Diogo! aquelles dous forasteiros, se me não engano, andam á busca de pousada... Lançai-lhe o croque, que melhor é pescar hospedes, que paguem, que sair com elle correndo a fisgar ladrões e arruadores. Jesu Maria, que um d'elles pelo carão é perro mouro! *(Retira-se Camões, e vem entrando Antonio)*

Diogo.

Separaram-se ....

Miguel.

Não vos-cahiu a melhor sorte; ficareis com o mouraz. — Deus vos-guarde! *(Vae até á porta, mas volta por curioso)*

SCENA VI.

MIGUEL, DIOGO, ANTONIO.

Diogo *(vae-se de barrete na mão para Antonio, e com profunda reverencia o-salva)*

Que me-digais, don estrangeiro, o que de mim dispondes, e da pousada; que tão vossa é ella, como eu.

Antonio.

Um aposento.

Diogo.

Pesar meu!... Um temos ahi... mas só lá para o cabo do serão, o-hão-de despejar. Mas porem... eu verei...

Antonio.

Em summa; havereis onde albergar dous homens? Meu Senhor, e eu?

Diogo *(attonito, á parte)*

Seu Senhor!... Visto isso, é captivo! Forte bruto! *(Encaixa na cabeça o barrete, que na mão tinha)* E tem um dizer despejado, e uma segurança do rosto, que nem que fôra gente!

Antonio.

Deu-te ar na lingua, que te-emmudeceu!

Diogo *(á parte)*

Não te-dê cuidado; agora verás, se tenho presa a lingua.

Antonio.

Sim? ou não? Responde.

MIGUEL (*á parte, para Diogo, com ironia*)

Vá: respondei-lhe; que vol-o roga sua mercê.

DIOGO (*á parte, para Miguel*)

Respondo, respondo. (*Para Antonio, com voz e ademanes de altivo*) Sabe que mais? os estalajadeiros d'esta terra, não são creados de ninguem; se servem a todos é porque mui bem querem: o costume por cá em se-fallando com sujeito da minha arte, é tratal-o como quem é: nanja como a um pedaço de negro, ou captivo: Portuguezes captivos, é fazenda que não ha.

ANTONIO (*encolhendo os hombros e com gesto de menoscabo*)

Mentes, villão infiel! Escravos vejo eu por ahi a-rôdo. E o primeiro és tu: quando pouco ha fantasiavas, que seria eu principe, ou senhor, não te-prostravas a meus pés?!...

DIOGO.

Rasgo era esse de cortez, para quem os-sabe conhecer.

ANTONIO.

Tanto que fallei em meu Senhor, desdobraste-te de-repente, como arco onde estalou a corda, e eis-te ahi impertigado e arrogante! De altivezas tuas me-rio; mas por conselho te-dou, que d'aqui ávante me não tornes com ellas a tentar. Adverte, 'nisto: para que, se jámais nos-tornarmos a ver, comigo outra vez te não enganes!...

DIOGO (*á parte*)

O carocho é gracioso!

ANTONIO.

Aquelle que eu appellido meu Senhor, em verdade o-é; mas não como tu cuidas: nenhum interesse nem cubiça me-lançou grilhões aos pés: livre nasci, livre mamei o leite de minha mãe, e hei-de morrer livre. Só impulsos d'agradecido animo, e affeição nobre, que não conheces tu, nem os da tua relé, me-hão tornado captivo de um homem grande, que tambem tu não conheces, nem os teus. Este captiveiro, sim, que o-tenho; quero-lhe; ninguem mo-desatará nunca: a morte só; nem sei se a morte! A vida me-havia salvado esse homem; consagrei-lha. Ter-ma-ha toda por sua. 'Nelle empreguei quanto coração me-doara Allah; 'nelle cifro tudo: doem-me as suas dores; venturas suas me-aventurariam: respiro 'nelle; com a sua alma sublime me-engrandeço; ouso fallar com as suas palavras, que enfeitiçam; estas mormente, que um dia lhe-escutei:

«Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar.»

Se toda a formosa ilha de Java, terra da minha meninice,

me-acclamára por seu Guno! não me-ufanára como quando *amigo seu* me-nomeia o meu Senhor. Já me-conheces: adeus: que me-vou á procura de pousada. (*Vae para sair*)

DIOGO (*á parte, para Miguel*)

Sabeis que tem o perro gentis brios!

MIGUEL (*á parte, para Diogo*)

E assim mo-deixais desarvorar?! (*Para Antonio*) Estrangeiro mano!... ó-lá!...

ANTONIO (*tornando a traz*)

Que me-quereis? Aviai. (*)

MIGUEL

Uma palavra tão só.... Meu primo (que este é meu primo carnal) meu primo não sabe o que diz....

DIOGO (*á parte, para Miguel*)

Sus, sus, patrão Miguel!

MIGUEL (*a Antonio*)

De ignorancia lhe-nasceu o offender-vos, que não de ruin animo; fallastes-lhe como a irmão, espinhou-se: que muito?! se o coitado, não sabe nem til lá d'essas vossas linguas indiaticas! (*Voltando-se para Diogo*) Porque has-de tu advertir, que alli o nosso amigo, se-estivesse praticando, supponhamos agora.... com um Samorim, ou um Maioral, ou como elle diz, um Guno lá da sua terra, não se-expressaria por diversos termos.

ANTONIO (*com desprezo*)

Parvo!

DIOGO (*á parte, a Miguel*)

Comtigo é. (*Alto para Antonio*) Pois.... Senhor estrangeiro, já confesso... que errei; se o-desejais, ir-vos-hei mostrar o aposento....

ANTONIO.

Onde é?...

DIOGO (*abrindo a porta do primeiro plano á direita*)

Aqui. (*Entra com Antonio para o quarto*)

SCENA VII.

MIGUEL, *só*.

Parvo! aquillo foi para meu primo: d'esta feita não fallou indiatico, senão portuguez de lei. (*Torna Diogo a apparecer*)

(*) Diogo, Miguel. Antonio.

SCENA VIII.

DIOGO, MIGUEL.

DIOGO (*á parte*)

Certamente o *parvo* foi para meu primo. (*Para Miguel em voz baixa*) Que lhe-quereis? Como a irmão vos-trata: é como se-estivera praticando com os Gunos da sua terra.

SCENA IX.

OS MESMOS, E ANTONIO.

DIOGO (*voltando-se para Antonio, que vem entrando*) (*)

Que me-dizeis do agasalho? (*Para Miguel, em vos baixa*) Bem hajais primo, que em quanto o diabo esfrega um olho, me-mettestes dous hospedes em casa.

MIGUEL (*saindo*)

Com Deus vos-ficae.

DIOGO.

Vinde ámanhan, que accenderemos fogueira; bailareis com as moças, se vos-aprouver, e botaremos uma can fóra: já que faltastes ao meu Sancto-Antonio, não me-falteis ao meu San-João, que vol-o não houvéra de perdoar.

MIGUEL.

Veremos. (*Indo para sair, encontra-se á porta cara a cara com Camões*)

SCENA X.

CAMÕES, DIOGO, ANTONIO.

CAMÕES (*fallando entre si*)

A minha Senhora D. Caterina! se o-é! inda a inclinação lhe não mudou; que bem me-lembro como folgava de ir rezar á egreja de Sanct'Anna! Mal haja o remoinho do povo ao sair do templo, que a-esgarrou d'estes meus olhos, tão cançados de a-chorarem ao longe. (*Para Antonio*) Bem vai, amigo Antonio; já déste per ti só, a primeira passada 'nestas novas partes da politica e sublimada Europa. (*Para*

(*) Miguel, Diogo, Antonio.

Diogo) E bem burguez honrado? sois conchavados no ajuste?

DIOGO.

A's mil maravilhas; deixai-me tão só o tempo de vos-arrumar a estancia, que pouco ha ainda, que a-despejaram, e prestes vos-entrego a chave.

CAMÕES.

De que estancia fallais? philosophos somos; um cubiculo nos-basta com um só catre e dous escabellos.

DIOGO (*á parte*)

E' jovial o escudeiro! pois sou contente; que, de sisudos tristes me-livre Deus. (*Caminha para o fundo do theatro, e volta logo*) E' verdade!... e as vossas arcas? onde as-deixastes?

CAMÕES (*perplexo*)

As minhas arcas.... (*á parte*) dou que nos-toma por morgados da Beira, ou capitães-mores das armadas da India.

DIOGO.

Quereis, que mande por ellas?

CAMÕES.

Não tem pressa. (*A' parte*) Cá me-entendo....

DIOGO (*para Antonio em tom bondoso como quem deseja reconsiliação*)

'O que lá vai, lá vai'. (*Sae pela primeira porta da direita*)

SCENA XI.

CAMÕES, ANTONIO.

CAMÕES.

Perguntar pelas arcas ao filho prodigo!... Quatro livros alguns cadernos e um crucifixo eis ahi todo o fardel; pouco mais. O meu Antonio ámanhan irá buscar isso á nau (*Com respiro largo*) Deus louvado, que já um'hora em Lisboa me-torno a ver alfim! (*Chegando-se para a janella do cáes*) Salve Lisboa minha! minha velha, minha formosissima Cidade!... Para ti me-torno a cabo de dezasete annos de trabalhado desterro, mais pobre, e mais poeta que nunca!... Nem já de mim te-lembrarás, terra madrasta! e a mim, nem o dormir te-me-desluzia da memoria; que entre sonhos véla o coração dos namorados. (*Imaginativo*) Que muito! se o meu cubiçado Pomo-de-ouro, a minha Pérola-de-Cleópatra, o meu Anjo-do-paraiso; d'estes muros a dentro resplan-

decia!... Alem, alem, víve a Dama por quem eu sou contente de ser triste... por quem mil vezes morreria, se o-pudéra!... Alem, alem vive! de suas paredes me-está revendo para os olhos d'alma a claridade de sua formosura! alem, alem vive, que só para lá se-revolve este coração como agulha de marear, que busca sempre a sua estrella! A ella porem.... alembrar-lhe-hei eu ainda porventura? Ah! que se acaso.... Porque assim olhas para mim Antonio? Louco te-pareço?

ANTONIO.

Oh! que não. Entendêra-vos o mundo, e entendêra-vos ella, como vos eu entendo! E não me-esquece ainda, quando aquillo cantaveis tão docemente

« As lagrimas da infancia já manavam
Com uma saudade namorada;
O som dos gritos que no berço dava
Já como de suspiros me soava.
Co'a edade o fado estava concertado,
Porque quando por caso m'embalavam,
Se d'amor tristes versos me cantavam,
Logo m'adormecia a natureza;
Que tam conforme estava co'a tristeza. »

CAMÕES.

Quando alguma vez, como agora, me-colho ás mãos a phantasiar venturas, de mim mesmo me-rio.

ANTONIO.

E porque?

CAMÕES (*encostando-se no hombro d'Antonio*)

A ventura!... (*depois de longa pausa*) Peregrinei assaz de terra e mares: e segundo 'naquell'outra canção o-escrevi:

« ....Deixei a vida
Pelo mundo em pedaços repartida: »

era tudo percorrer após a ventura; e ella a me-fugir deante! Nunca cheguei, onde de longe a-vira branquejar, que ao meu chegar não levantasse o vôo para mais longe! ¿O bom, e tão valioso amigo, que me-havia cá de amparar, não nos-falleceu no mar quando já avistavamos Cintra? (*Com o sorrir magoado*) A ventura!... a ventura!...

ANTONIO.

Quiçá a-alcançareis aqui. Nem sempre a patria vos-será madrasta.

CAMÕES.

Boa sorte sem boa cabeça, não a-pode haver, Antonio; e a minha (mal peccado!) é das mais ruins, que nunca

hei visto.

ANTONIO.

Antes a não ha mais para louros, segundo todos dizem, e o-diz tambem meu coração.

CAMÕES.

Melhor a-conheço eu, que tu e elles; ruin é, ruin foi, e ruin tem de ser até ao cabo: ganhára muito em a-trocar pela de qualquer chatim judeu, ou mercador da rua-nova: nunca a-pude obrigar a deitar contas, e negociar o porvir! Em troca porem, vieram por seu pé tomar 'nella aposentadoria, a briosa altiveza, e... e a loucura... sob o nome de poesia: e para ventoinha tal, querieis vós malbaratar os louros!... Dae-os antes a quem bem saiba as contas de Frandes, e carregue nos portos do Oriente caravellas de seda e beijoim. Ide-vos com o tempo: que para esses sós quer elle, que sejam os triumphos. Loucura e altiveza, eis todo o meu haver; que por derradeiro... só me-servirá talvez de salvo-conducto ahi para o hospital.

ANTONIO.

Mal cuidaes quanto me-affligis, fallando 'nisso...

CAMÕES.

Grave semrasão! O hospital são uns formosos Paços, e quasi tamanhos como os da Ribeira, onde El-Rei assiste. De siso to-digo, Antonio, d'estas duas cousas, ambas tristes e temerosas, côrte e hospital, não é o hospital a de que eu mais tremo. Que importa!... apesar de ambas quero muito á minha Lisboa, á minha donosa e ingrata Lisboa! Mal o-presumia eu, quando, annos ha, me-partia d'ella, Tejo a baixo, na náo San-Bento, com Pedr'Alvares Cabral; que a minha ultima despedida foi esta: « Terra ingrata! Fica-te; que me não has-de tu comer os ossos! » Dizia-lho; mas entre lagrimas. E lá pelo teu Oriente, nem dia, nem hora, nem instante, nem velando, nem dormindo, nem em trabalhos, nem em gostos, nem perseguido, nem festejado, me-esquecia d'ella. Era-me tyranna; mas era patria. A ti porem, Antonio meu, é desterro verdadeiro. E se 'nella te-aguardasse tambem a ti a minha desaventura! ¿ Como poderias perdoar-lhe tu? ¿ Com que te-consolarias, não vendo cá o teu berço, nem o teu rio Chiamó, nem as arvores que primeiras te-riram em menino, nem as sepulturas de teus paes?

ANTONIO.

Descançae, Mestre, acostumei-me a pensar todos os vossos pensamentos; ao que vós chamaes patria, chamarei patria;

e querer-lhe-hei, por vós, e como vós. Nenhuma força de vós me-apartará, em quanto eu viva: só a vossa vontade podéra tanto... mas d'essa me não temo eu.

CAMÕES.

Agra tarefa te-impões, meu pobre Jáo!

ANTONIO.

Folgara eu... que podesse, 'nest'hora, o meu sangue mercar para vós as ditas que mereceis.

CAMÕES.

Animo! e ávante Luiz de Camões! se tens em Lisboa mil fidalgos villões por inimigos, tens para os-contrapezar um amigo: unico sim, mas tambem na amizade unico.

ANTONIO.

Inimigos dicestes? Heis de mos-dar a conhecer.

CAMÕES.

Sim, sim inimigos: e com mais para temer que os Migueis Fios-seccos, e os Barretos lá da Asia! Um Escrivão da Puridade, um Martim Gonçalves, e um Cardeal Don-Henrique; dous como Reis de quem o coutado de mim se-aventurou outr'hora a dizer verdades. Elles, me-negociaram o desterro; e morte em cadafalso me-houveram negociado se se-atrevessem.

ANTONIO.

Guapa charidade de christãos! E a nós outros chamam barbaros gentios... e nos-mandam prégadores de sua fé!

CAMÕES.

Como ora voltei, reviverão seus odios.

ANTONIO.

Pois que revivam: não os-tememos.

CAMÕES.

Assim, meu leão silvestre! Assim! sempre indomito e rompente! Mas cuidado: que não estás aqui em palmares ou sertões: prohibo-te loucuras: sob pena de me-agastar comtigo (*ouve-se correr um sino ao longe, o qual continua até ao fim da falla*) Ah!... escuta!... uma campa que tange!... não é bater de horas, não... tocar das trindades deve ser. Esta campa... sempre esta campa!... Que me-quererá agora! Quero-te dizer isto, Antonio; esta campa de Sanct' Anna, sabe a minha vida; ponto por ponto a-podéra relatar: pregoou a um tempo, o mortorio da mãe, e o baptismo do filho. Bradava e gemia por ella, alma gentil, que se-partia descontente d'este mundo, para se-ir aos ceus; e repicava triumphal pelo filho, que encetava viver de dores e trabalhos. Na infancia, isto. Mancebo e donzel, sempre

ella tambem foi comigo: ambas as vezes que larguei Lisboa desterrado, ambas a-ouvi soar á hora do meu apartamento: fugiam as praias do Tejo; Lisboa se-nos-ia pela pôpa a esvair no horisonte; no ouvido attento me-vinham acabar de morrer uns sons confusos, como apagados suspiros de cidade remota: ninguem os-percebia já, senão eu, que os-ouvia pelo coração: reconheci-os; eram ainda vozes d'esta campa de Sanct'Anna! Extrema despedida da minha terra. Quando hoje, ante manhan vinha a nossa nau Sancta-Fé remontando o Tejo; que nós debruçados na amurada, alongavamos olhos pela escuridão á busca de Lisboa; ¿não percebemos um son mortiço?... Recorda-te, e reconhecerás, que era esta mesma campa. Assim que, magoas, e alegrias, todas ella me-ha apontado. (*Cala-se o sino*) D'esta vez... bem poderá ser que me-annuncie... morte.

ANTONIO.

Sempre o mesmo! ¿Quereis ora que me-vá á pousada do senhor D. Affonso de Noronha?

CAMÕES.

Sim, sim, que se eu tardasse em lhe-dar novas da minha tornada, não mo-houvera elle de perdoar: escuta porem Antonio...

ANTONIO.

Senhor meu?

CAMÕES.

Que ninguem sonhe, nem se-quer o meu amigo D. Affonso, o desamparo e mingua em que jazemos. Se a desaventura porfiar... então... veremos o que importa fazer.

ANTONIO.

Percebi; far-se-ha como dizeis.

CAMÕES.

Vae ora; e faze volta breve.

SCENA XII.

CAMÕES, *só* (*acompanhando com os olhos a Antonio, que se-ausenta*)

Por vida minha, que homens de tão fina tempera não os-cria o Occidente: se alguns produz... é por descuido; e nunca duram muito, esses taes. Viva Deus! vou estrear nova éra! ¿Quaes fados me-aguardarão porem? Cá tenho os meus designios (designios ha-os sempre) o que só me-fallece,

são meios com que os-realizar: meios, digo, seguros, d'estes que surtem sempre seu effeito. Um regresso haveria, que são os emprestimos: mas dividas, são azos para naufragios; e de naufragios por mar e terra estou eu farto.

SCENA XIII.

CAMÕES, DIOGO.

DIOGO (*que vem da primeira porta da direita*)

Tendes, Senhor, o vosso hospicio já prestes e concertado.

CAMÕES.

Bem hajaes, honrado hospedeiro. Se vos-perguntar alguem por Luiz de Camões, sou eu.

DIOGO.

Com licença de sua-mercê!... Luiz de Camões! O auctor das trovas namoradas, que por ahi se-cantam na guitarra, em saráos de senhores, e passatempos de villões! Que gentil arte de trovar! (*canta*)

« Menina formosa e crua,
Bem sei eu,
Quem deixára de ser seu,
Se vós quizereis ser sua. »

CAMÕES.

Garganteaes, que nem Mathias d'Aranda, o mestre de solfa na Universidade de Coimbra.

DIOGO.

Dizei antes que nem a cachorrinha de Sua-Altesa a Senhora Rainha, que dizem que é mais entoada que dés foliões da Arruda; mas, tornando ás trovas; aquell'outra... que perante ruins e praguentos se não diz... contra o Senhor Cardeal, o Escrivão da Puridade, e o Confessor d'El-Rei... é tambem do vosso engenho; cuido eu.

CAMÕES (*rindo*)

Por vida de teu avô torto que te-calles.

DIOGO.

Haveis rasão; que essa trova é mais defeza e mal sinada em Lisboa, que vinho de Bucellas em pagode de Turquescos! Ainda mal, que bem caro vol-a fizeram pagar!... Com que emfim? sois o senhor Luiz de Camões!... Quem me houvera dito, que se-honraria jamais a minha pousada com receber-vos! Da casa, do que 'nella houver, e de mim, podeis fazer conta, como de cousas todas vossas. Já por fé

vos-amava; mas agora em tresdobro, senhor Don Luiz de Camões; cavalleiro esforçado, como poucos; e poeta para uma trova, como nenhum, segundo pregoam os entendidos. Havei-me por captivo vosso: que mais me-ufanarei eu d'isso, que pagem da tocha, ou rei d'armas em ceremonial do Paço.

CAMÕES.

Que vol-o pague Deus, amigo honrado! mal presumis o bem que me-fazeis com taes palavras! Graças! outra vez graças!... (*á parte*) A' fé que merecia elle outra casta de hospede! (*vae-se pela primeira porta da direita*)

SCENA XIV.

DIOGO, *só*.

Amanhan apeio o rotulo, que tenho por cima da porta, com uma caravella dourada; quero mandar pregar outro mais soberbo: hade ser o retrato do senhor Camões: do meu hospede: pintado por Braz d'Avelar, com este moto que me-ficou d'um seu soneto

« Serás pharo a soldados e a Poetas. »

E o mote, da lettra do senhor Manoel Barata, mestre d'escripta de Sua-Alteza. Com tal chamariz, poderá a minha estalagem, rir-se, até dos Estáos do Ressío, com serem pousada d'Embaixadores. Estou que a lembrança, não ha-de desprazer ao meu poeta (*Chega-se para escutar á segunda porta da direita*) ¿E cá os nossos emparedados?.. Tomara advinhar o que estão fazendo!.. E' segredo d'abelhas em cortiço. Muito boa nunca a obra deve ser! Mas a mim que me-arma? «se bons caldos mechem, que taes os bebam!» Lá chega o meu escutador de portas; e vem com um desconhecido! ¿Que farei agora, que aluguei a outrem o seu aposento? Adeus; que se-agasalhe como poder: eu não hei-de pôr na rua o senhor Camões por via d'elle; nem de ninguem. (*Sae pela esquerda*)

SCENA XV.

EL-REI, D. AFFONSO DE NORONHA.

D. AFFONSO.

E' aqui.

EL-REI.

'Nesta spelunca! A vos não conhecer eu, como vos-conheço, D. Affonso de Noronha, suspeitara, que enganado me-trasieis a um covil de malfeitores.

D. AFFONSO.

E bem o-póde Vossa-Magestade dizer: encerrados 'nesta hora estão dous alem. (*Apontando para a segunda porta da direita*)

EL-REI (*sorrindo*)

Continuaes logo a teimar que nos-atraiçoam? Imperrado sois nas ruins suspeitas! O amor e zêlo, que á nossa pessoa haveis, vos-alueinam.

D. AFFONSO.

Oxalá, que em méras suspeitas se-fundára o capitulo, que eu a Vossa-Magestade fiz, contra Martim Gonçalves! o que eu revelei vi-o e ouvi-o: e Vossa-Magestade em pessoa agora o-verá, e ouvirá tambem.

EL-REI (*á janella muito attento*)

Tresvariaes!

D. AFFONSO.

Vossa-Magestade, sabe mui bem as invejas, e malquerenças, que de muito ha entre Martim Gonçalves, e Sua Alteza o Senhor Cardeal, Tio de Vossa-Magestade. Des-de que a Regencia d'estes Reinos veiu ás mãos de Sua-Alteza Eminentissima, Martim Gonçalves desesperado vendeu-se aos Castelhanos.

EL-REI.

Oh! que gracioso sonhador de desvarios, que vós sois! Mas demos já de mão a tramas e conjurações; quereis que vol-o diga, D. Affonso? Des-de que vos-entregastes a esses pensamentos, já vos não conheço: mais vos-queria ver qual ereis d'antes; gentil-homem descuidoso, e cortezão aprasivel. Desenfademo-nos: lembrai-vos de que é esta a penultima noute, que em Lisboa passamos.

D. AFFONSO.

Por isso mesmo Senhor Rei, é que eu mais vos-supplico me-attendais: Vossa-Magestade a partir-se para Africa, e logo Portugal governado, ou desgovernado, por um velho, fraco, e malquisto do povo.

EL-REI (*sempre distraido*)

Credes que me-deixasse eu aqui trazer com o ficto de espiar, e prender traidores? A's minhas justiças toca esse officio, que não a mim; não; não; se consenti em vos-acompanhar disfarçado, foi porque d'esta estalagem, pelo sitio

em que me-dicestes que ficava, me-occorreu que poderia, sem ser conhecido, nem importunado de passageiros, aguardar o signal da luz, que alem 'numa barca do Tejo ha-de apparecer. (*Aponta para o rio*)

D. AFFONSO.

Uma palavra mais; a derradeira, Senhor Rei.

EL-REI.

Pois que a derradeira é, dizei-a embora. Conclui, conclui.

D. AFFONSO (*ajoelhado*)

Rei, e Senhor meu, se d'aqui a tres meses, em se-tornando da jornada d'Africa, Vossa-Magestade achar fechadas as portas da sua Capital, recordar-se-ha, de como D. Affonso de Noronha, ajoelhou ás suas reaes plantas.

EL-REI.

Erguei-vos! Quem me já dera d'aqui longe! Mas por dar mate a importunações, vamos; fazei tudo: depressa: que é o que de mim desejaes? mas, adverti, que assim como eu vir brilhar a minha luz de subito me-ausento. Fallae.

D. AFFONSO.

D'este aposento (*aponta para o quarto de Camões*) se-ouve quanto se-diz 'naquelle (*aponta para a porta por onde entrara o Embuçado*) que, por mais baixo, fica sendo por este dominado sem o-cuidar. Para lá descem duas escadas, esta (*torna a apontar para a porta do segundo plano*) a unica de que se elles servem, e outra que para este quarto sobe: (*apontando outra vez para a porta do primeiro plano*) a porta, ao cimo d'esta segunda, está-lhes a elles encoberta com um almario corrediço: tem um ralo para escuta, e da banda de cá uma cortina, que o-disfarça.

EL-REI.

Haveis jurado a Mafamede gastar-me de todo a paciencia, D. Affonso!

D. AFFONSO.

Destapado o ralo, nenhuma palavra se-diz em baixo, que de cima se não perceba claramente. Aqui tem Vossa-Magestade o como, e por onde, logrei descobrir o crime d'alta traição, que entre elles se-anda concertando. Vinde Real Senhor, e já ficareis de todo convencido. (*Vae para abrir a porta do primeiro plano*) Fechada!

EL-REI.

Ainda bem.

D. AFFONSO (*a vozes*)

Diogo! Diogo!

SCENA XVI.

OS MESMOS, E DIOGO.

DIOGO (*vindo da porta da esquerda*).
Senhor meu... (*)

D. AFFONSO.
Porque está esta porta fechada?

DIOGO.
E' porque... esse aposento... alugou-se.

D. AFFONSO.
E eu, d'elle necessito; abri-o já, e logo.

DIOGO.
Mas porem...

D. AFFONSO.
Obedece, villão! (*A' parte*) Em tão pequeno escolho naufragar um Reino! (*Diogo entra no quarto de Camões, e volta logo a sair com elle*)

SCENA XVII.

EL-REI, D. AFFONSO, CAMÕES, DIOGO.

CAMÕES (*a Diogo*)
Fallar-lhe-hei eu. Oh!... D. Affonso de Noronha!!..

D. AFFONSO.
Camões!!..

DIOGO.
Conhecidos são (*vae-se pela porta da esquerda*)

D. AFFONSO.
Ainda tenho esperanças.

SCENA XVIII.

EL-REI, D. AFFONSO, CAMÕES.

CAMÕES (*para D. Affonso*)
Fallou-te o meu captivo?

D. AFFONSO.
Não (*para El-Rei que se-aproximou*) Real Senhor, a

(*) El-Rei, Diogo, D. Affonso.

Vossa-Magestade apresento Luiz de Camões.

CAMÕES.

El-Rei!...

EL-REI.

Muito folgo, Luiz de Camões, de conhecer alfim o Auctor de tão gentis sonetos; o Auctor d'*Os Lusiadas*, o mais nacional poema, que nunca houve.

CAMÕES.

E' possivel... que Sua Real Magestade... pôz os olhos nos meus versos!

EL-REI.

Que admiraìs 'nisso? Versos que todos trazem na memoria e na bocca, havia eu só de os-ignorar? Não querieis que lêsse o Monarcha de Portugal um livro, que é Thezouro das Glorias Portuguezas? Querieis, meu primoroso Poeta; oh! se o-querieis! Que para isso lá me-fallaveis 'naquellas divinas estancias, que talvez não concorreram pouco para a façanha, que entre mãos trazemos, da conquista d'Africa.

« Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O sol logo em nascendo vê primeiro;
Vê-o tambem no meio do Hemispherio,
E quando desce o deixa derradeiro:
Vós que esperamos jugo e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco Oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio. »

Sabeis, Camões, que eu leio na propria lingua os poetas da antiga Roma; pois juro-vos que não achei em Virgilio mais formosos versos!

CAMÕES.

« Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valorosos,
Em versos divulgado numerosos. »

D. AFFONSO (*impaciente, á parte, mas para ser ouvido d'El-Rei*)

E instantes d'estes a perderem-se!

EL-REI.

Com bem ruin hospicio vos-contentastes, Cavalleiro!

CAMÕES (*jovial*)

Quiz tornar a ver Lisboa disfarçado.

EL-REI.

Não sois vós homem para deverdes entrar 'nella d'esse modo: Reis são tambem os poetas; e mais que Reis, quan-

do vos-assimelham: pois em quanto nós outros recebemos a coroa, vós vol-a cingis por vossas mãos e as-daes se-vos-apraz. A'manhan vos-espero nos meus Paços da Ribeira; quero que perante a Corte, perante Cavalleiros, e Damas... Damas tambem, Luiz de Camões... me-apresenteis *Os Lusiadas*, de vosso punho; e nos-façaes ouvir por bocca de seu Auctor a morte de D. Ignez.

CAMÕES.

Grande sois, e generoso, Real Senhor! Escureceis a fama de Alexandre: porque Homero, que elle sempre tinha á cabeceira, era já finado e antigo; e eu... todavia tenho como já lá dizia:

« Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás musas dada » (*)

EL-REI.

Haveremos saráu que sobreleve aos de D. João 3.º; sabeis que as donzellas, poetizas e muzicas do estrado da Princeza minha Tia, nos-ham apercebido um Auto como os de Gil Vicente, o qual mereceu a approvação do meu Chronista mór Antonio de Castilho, bom Dezembargador em causas de poesia?

CAMÕES.

Não sabia, Senhor; encantaes-me.

EL-REI.

Que dizeis á ousadia feminil?

CAMÕES.

Que mais devem as Muzas favorecer ao seu sexo, do que ao nosso; e nós agradecer-lhe em dobro esses favores.

EL-REI (*para D. Affonso*)

Já vedes, D. Affonso, que tenho tambem eu por amigos aos que o-são vossos. (*Vae-se encostar á janella para observar o Tejo; vem Antonio da rua, sauda aos presentes, e recolhe-se pela primeira porta da direita*)

EL-REI (*que reparou attento em Antonio*)

Gentil mancebo é o indio! por um Gran-Vasco merecera retratado, e esculpido por um imaginario como Affonso Lopes. Conheceil-o?

CAMÕES.

Como a mim proprio; se não melhor.

EL-REI.

Da India?

(*) D. Affonso, El-Rei, Camões.

CAMÕES.

Dos trabalhos.

EL-REI.

Mais é.

CAMÕES.

Na entrada do golfo de Sião, éramos ambos naufragados; e salvámo-nos um com o outro: posso dizer, que alli nascemos gemeos, para havermos de morrer junctos.

EL-REI.

Cá foi dicto, que d'essas aguas arrancareis vós o vosso Poema . . .

CAMÕES.

E este homem; unicas riquezas, que da Asia trouxe: ainda assim dés Lusiadas, e cem Asias déra eu por um só amigo como aquelle.

EL-REI.

Pertence-vos?

CAMÕES.

Captivo meu lhe-chamam, mas um ao outro nos-pertencemos.

EL-REI.

D'onde é?

CAMÕES.

De Java, Senhor.

EL-REI.

Terra de valentes, dizem, e cuido que o-dicestes vós tambem.

CAMÕES.

E onde cumprisse proval-o, proval-o-hia elle. Valente, e Poeta.

EL-REI.

Discipulo vosso?

CAMÕES.

Discipulo meu? talvez: mas alumno da formosa natureza Oriental; e inspirado de seus ares creadores. E' a terra do sol e das perolas; é a terra das alterosas palmas ¿como não seria a terra dos poetas? Com elle, me-praz praticar devaneos, e saudades: leio-lhe, ou lê-me elle, as minhas trovas, quando já de cór mas não recita; e tudo me-entende; assim o que digo como o que dissimulo. Muita vez, me-ha supprido, elle só, auditorio, e até mundo. Das affectadas friezas dos contemporaneos, a miude me-consolei com os louvores ingenuos do meu indio; por sua bocca (*sorrindo*) (perdôe-me Vossa-Magestade a vangloria) me-

parecia estar escutando ao longe a posteridade.

EL-REI.

Bem! muito bem, meu Poeta! quero que ámanhan em Palacio, m'o-apresenteis. (*Para D. Affonso*) Já vedes, D. Affonso, que não só aos vossos amigos agazalho, senão tambem aos amigos dos vossos amigos.

D. AFFONSO.

Bejo-vos as mãos, Senhor, mas não vos-esqueçaes!...

EL-REI.

Para outra vez será.

D. AFFONSO (*para Camões, baixo*)

Não chegares tu duas horas mais tarde?...

CAMÕES (*baixo*)

Que has dicto?

EL-REI.

Alfim a luz! Viva Deus! (*para D. Affonso, que faz pelo deter*) mais me-releva, que isso tudo, o que d'alem me-está chamando; ficai-vos até ámanhan, meu Luiz de Camões. (*Sae pela porta do fundo*)

CAMÕES (*fazendo-lhe reverencia*)

Senhor.

D. AFFONSO (*seguindo a El-Rei com os olhos*)

Sebastião, Sebastião... a Deus praza que não venhas ainda a arrepender-te e sem remedio!

SCENA XIX.

D. AFFONSO, CAMÕES.

CAMÕES.

Bofé, que para recebimento como o teu, não valia a pena de haverdes corrido, não sei quantas mil legoas de oceano! Que novas modas são estas que venho achar! Se jogo é, ou momos, dessalgados me-parecem, por vida minha! Mas antes de mais nada, venha essa mão; agora não ha já ahi realezas, que nos-insombrem os affectos: é dar largas ao coração. Dize-me: ¿acho eu em ti o amigo que deixei; como tu recobras em mim o que sempre houveste?

D. AFFONSO.

Que nos-jurámos nós á hora do apartamento?

CAMÕES.

Amisade para em quanto vivos fossemos.

D. AFFONSO.

Não somos nós ambos homens de palavra?

CAMÕES.

Voto que sim.

D. AFFONSO.

Somos vivos?

CAMÕES.

Graciosa pergunta!

D. AFFONSO.

Mais graciosa, ou mais parvoa pergunta, é logo a tua.

CAMÕES.

Avante!

D. AFFONSO (*á parte*)

Não quero que os traidores em saindo, me-descubram. (*Em voz alta*) A' fé que largarás para logo tam ruin pousada.

CAMÕES.

Certo que não, bem sabes... que tive eu sempre phantasias; é esta mais uma; cá me-entendo; apraz-me o ninho.

D. AFFONSO.

Zombaria semsabor! Vem amigo...

CAMÕES.

Para onde?

D. AFFONSO.

Para a minha pousada, que é tua.

CAMÕES.

Não aporfies, que não troco a estancia, pela do Preste João.

D. AFFONSO.

Não aporfiarei, pois que não hei tempo para malbaratar. com Deus te-fica; até breve.

CAMÕES.

Tambem não: ainda agora nos-encontrámos, e já nos-haviamos de apartar! A que vem taes pressas? Desferís vela já hoje para Africa? Pratiquemos d'espaço. Dize-me antes de tudo; quando, pouco ha, estavas aqui, só por só, com El-Rei... creio que cheguei importuno, e vos-atalhei na conversação.

D. AFFONSO.

Não to-nego.

CAMÕES.

Mas, do meu aposento, que pertendieis vós outros?

D. AFFONSO.

Segredo é esse que te não posso descobrir.

CAMÕES.

Bem fazes logo em o-aguardar. Fallemos d'outra cousa, que faz mais ao meu proposito; visto como devo ir ámanhan a Palacio, importa me-dês o roteiro d'essa paragem aparcellada, e me-faças como experimentado, relação fiel do que por lá corre. Não quero haver-me boçal, que digam praguentos, e zombeteiros, que sou chegado d'alem mundo. Não te-pergunto, se és ainda valido; pois te-vejo *Achates* do Real *Eneas*. Novas quero sobretudo de tua formosa prima, a minha Senhora D. Caterina de Atayde.

D. AFFONSO.

D'ella te-lembras ainda?

CAMÕES.

Oh! e quanto! Dize-me, fallava ella algum'hora no pobre desterrado?

D. AFFONSO.

Muito... mas que te-dá a ti d'isso?

CAMÕES.

Já te não lembra como eu a-idolatrava?

D. AFFONSO.

Sim, mas desasete annos ha isso.

CAMÕES.

Pois idolatro-a agora como ha desasete annos.

D. AFFONSO.

Tu! Tu queres-lhe ainda?

CAMÕES.

Sim; quanto mais longe d'ella me-sentia, mais sentia ir-se-me entranhando pelo coração a dentro o seu amor: este amor, só com o mesmo coração mo-arrancariam; que já dos dous fizeram um só a rasão e o costume. Enigma é, e enigma sou eu proprio, que te não sei explicar: sei que a-amo: em tudo o mais, achar-me-hás ainda, qual fui sempre, mudavel de hora a hora, e só constante na inconstancia; mas este amor é a alma da minha vida. Se me-dicéra alguem, (*com vehemencia*) D. Caterina, aquella tua Natercia, aquella musa dos teus mais amados, e mais amantes versos... D. Caterina, já te não ama, olvidou-te...

D. AFFONSO (*olhando a furto para a segunda porta da direita*)

Mais baixo, mais baixo!...

CAMÕES.

D. Caterina, quer bem a outrem.... o que isso me-dicéra, Affonso, dera comigo morto de repente.

D. AFFONSO (*á parte, mas em voz alta sem advertir em*

que o está Camões ouvindo)

Fôra inaudita barbaria! ...

CAMÕES.

Barbaria inaudita, o que? explica-te!

D. AFFONSO.

Não me-inquiras...

CAMÕES.

Hein! ... é casada! ...

D. AFFONSO.

E se o-fôra? ... que fizeras?

CAMÕES (*com impeto*)

Basta: adeus.

D. AFFONSO.

Furioso estás! quem te-disse, que D. Caterina é já casada? Pretendem sim de a-casar...

CAMÕES.

Sisudo fallas? ... Não está casada? Com quem a pretendem casar? Como o-chamam? Falla: quem é? de repente!

D. AFFONSO.

Martim Gonçalves.

CAMÕES.

Martim Gonçalves! Justo Deus!

D. AFFONSO (*á parte*)

Dado é o primeiro bote.

CAMÕES.

Roubára-me a liberdade; roubára-me a terra do nascimento; ficava-me D. Caterina, até essa me-quer agora roubar! a primeira e segunda morte, perdoou-vol-as Camões; mas esta derradeira... esta não; senhor Martim Gonçalves! Que 'nesta vae condemnação, e inferno junctamente!

D. AFFONSO.

Antes de nos apartarmos, aqui, pela cruz da tua boa e fiel espada, e pelas memorias dos bons tempos em que na India se-apertou a nossa amisade, me-jura, que te não irás vêr com esse homem. Temeridade grande seria; e arriscar tudo sem proveito.

CAMÕES.

Palavra te-dou.

D. AFFONSO.

'Nella confio: voltarei logo.

CAMÕES.

Adeus.

D. AFFONSO (*á parte*)

Ah! senhor Secretario, juro a Deus que me-heis de pagar

caro tudo isto! (*Sae D. Affonso pela porta do fundo*)

SCENA XX.

CAMÕES, *só.*

Ai! D. Caterina! se inda chegaria eu a tempo! Valer-nos-ha o-ter El-Rei por mim. El-Rei... mas porem a minha ida a Palacio?... amanhan!... e como? se não tenho mais galas que este saio gastado! que monta? (*em tom resoluto*) gran côrte era para o seu tempo, a d'El-Rei Herodes; mas o Baptista lá se-apresentou com o seu saial de pelles de cordeiro.

SCENA XXI.

MIGUEL, CAMÕES.

MIGUEL (*que entra desasocegado*)

Onde será Diogo? que o não vejo!

CAMÕES (*á parte*)

Quem vem ora lá? Oh! é Miguel! o corretor d'adellos, a quem eu soia de mercar! a ponto mo-depara a Providencia! (*Sauda-o*) Miguel mano!

MIGUEL.

Bejo-vol-as, senhor Escudeiro; quem sois vós porem?

CAMÕES (*á parte*)

Galharda novidade, que seja mais desmemoriado o acredor que o devedor! (*Alto*) Tão demudado venho eu!...

MIGUEL.

Oh! perdoai-me, que vos não conhecia senhor Luiz de Camões! dou-vos os emboras pela feliz tornada (*á parte*) é a mim tambem.

CAMÕES.

Verdade é, que ainda cá tornei.

MIGUEL.

Soava entre o povo, que ereis morto d'um pelouro.

CAMÕES.

Só isto lá deixei (*apontando para o olho*)

MIGUEL.

Ainda bem.

CAMÕES (*á parte*)

Dirão ainda os meus inimigos, que nada tenho de Homero?

MIGUEL.

Pois que alfim chegastes, louvado Deus, será praso de me-pagardes o rolzinho que vos cá ficou.

CAMÕES (*á parte*)

Cuido, que errei o alvo; vinha para um emprestimo, e logo encalho 'numa divida. (*Alto*) Quando vos-aprouver, fallaremos d'isso, honrado mercador; não agora, que estou com pressa: ¿sabeis que me-vou amanhan ao Paço?

MIGUEL.

Sim!... ao Paço!...

CAMÕES.

Sim: e logo me-lembrastes vós, para me-aprestardes um tabardo que vista em logar d'isto.

MIGUEL.

Eu não desconfio... mas porem... o rolzinho atrazado?...

CAMÕES (*continuando sem attender na interrupção*)

Quer-se um vestido, que não desdiga do acto... cousa em summa, que me não deslustre, nem a vós; já me-entendestes.

MIGUEL.

Peregrinamente! quereis um trage lustroso; hade-se arranjar... porem... o nosso rolzinho velho?...

CAMÕES.

Valha-vos Deus com o vosso rolzinho velho! Não vedes, que vol-o quero remoçar?

MIGUEL.

Entendamo-nos; quanto me-dareis aqui mesmo de contado?

CAMÕES.

De contado!

MIGUEL.

De contado e recontado.

CAMÕES (*á parte*)

Açoutado te-vira eu antes de um'hora, onzeneiro algôz! quando não tenho senão quinze cruzados... (*alto*) Dés cruzados, Miguel amigo.

MIGUEL.

Quereis zombar!

CAMÕES.

Nunca menos o-quiz: dizei-me porem; em quanto tachaes vós o tabardo?

MIGUEL.

Trinta cruzados, pelo baixo. Tabardo novo de Bristol fino; com forro de seda, e capuz frizado, e par de luvas de polvilho 'que vos-ride de mais França'.

CAMÕES.

Assignar-vos-hei escripto, de quarenta cruzados; é honesto lucro!

MIGUEL.

Vêde lá o que dizeis.

CAMÕES (*com altiveza*)

De minha palavra duvidaes vós?

MIGUEL (*á parte, em quanto Camões está contando os dés cruzados*)

Se lhe eu incampasse o tabardo, que o senhor Real me-largou a outra semana com cento por cento de perda... ageitando-lho á feição do corpo, fica-lhe ao pintar, e eu, faço veniaga.

CAMÕES.

Em que vos-determinaes?

MIGUEL.

Venham embora os dés cruzados.

CAMÕES.

Toma-os, philisteu, e sume-te!

MIGUEL.

Amanhan havereis um tabardo, que nem cortezão galan em procissão de Corpus-Christi. Havei prestes o escripto que dicestes.

CAMÕES.

Contai com elle.

MIGUEL. (*da porta*)

Olhae, se me-levaes tambem esta divida a viajar até á India, como a outra,

« Por mares nunca d'antes navegados. »

CAMÕES.

Ó lá!... quereis comigo repicar de discreto, senhor Miguel! para tanto vos não dá o nosso ajuste!...

SCENA XXII.

CAMÕES, *só*.

Haverei emfim, com que ir ao Paço. Deus sabe quanto esta gala me-deixa pobre! Mas idêas d'essas, desveal-as da phantasia.

SCENA XXIII.

O MESMO, o EMBAIXADOR de CASTELLA, e MARTIM GONÇALVES. (*que saem da segunda porta da direita e se-encaminham para a da rua*)

EMBAIAXADOR

Até amanhan por noute!

CAMÕES. (*ao recolher-se para o quarto repara 'nelles e repete á porta*)

Até ámanhan por noute!

MARTIM GONÇALVES.

Camões em Lisboa! (*sae*)

CAMÕES (*apertando a subitas o punho da espada*)

Martim Gonçalves!



ACTO II.

Sala nos Paços da Ribeira, alcatifada, e com as paredes adereçadas de razes, representando batalhas Portuguezas. No topo suas portas rasgadas, que dizem para a varanda da Pela: esta adornada d'estatuas, deixando vêr o Tejo, semeado de numerosa frota para Africa; frota carregada de luminarias: portas lateraes, duas a cada parte, com reposteiros de velludo vermelho, com as armas reaes bordadas a oiro: entre as da esquerda um estrado atapetado de velludo verde, com espaldar de sobrecéo; aos dois lados do espaldar assentos de brocado de oiro; todos os demais assentos da sala são tamboretes rasos, e almofadas de brocado para Damas.

SCENA I.

MARTIM GONÇALVES, *só* (*Ao levantar do pano, está sentado no lado esquerdo da sala nos coxins, juncto á bocca do Theatro. Após breve silencio ergue-se*)

Ingreme é em verdade a facção a que me-abalanço! e lembrar-me eu, ao que podera haver chegado, sem correr estes perigos de ser trahido, caso houvesse ficado Regente d'estes Reinos! que estrada larga e sem limites, não é uma regencia! quando esse em cujo nome se-rege é um principe como D. Sebastião, mancebo impetuoso, indomito, que se-arremeça ás guerras cegamente, sem deixar após si mais que um throno... vasio!... Oh!... que não sei eu ambição, que de regencia tal se não desse por bem paga! e quem me

antepozeram? quem!... Um Cardeal Henrique. Não pensemos mais em tal, que me-importa elle? e elles? e todos?... Hei dado palavra a D. Philippe 2.º e recebido a sua... hei-de ser vice-rei. Formoso titulo! e mais formoso, cerceada a primeira metade! Quem sabe!... móres prodigios se-têem visto. Menos era Barba-Roxa, o Pirata, e lá se-coroou em Africa por suas mãos! Senhor Embaixador! (*Vem entrando da segunda porta da direita o Embaixador de Castella*)

SCENA II.

MARTIM GONÇALVES, o EMBAIXADOR DE CASTELLA.

EMBAIXADOR.

Como vamos, senhor D. Martim? não ha novidade?

MARTIM GONÇALVES.

Nenhuma.

EMBAIXADOR.

Sempre é certo, sair-se El-Rei amanhan?

MARTIM GONÇALVES.

Certissimo.

EMBAIXADOR.

Tudo á medida do desejo nos-vai vingando. Bem vos-podeis vangloriar: que a vós se-deve...

MARTIM GONÇALVES.

Adulais-me: se, de vingarem nossos designios, se-pode alguem vangloriar, é esse o Cardeal, por vida minha; se elle não fôra, nunca porventura se-houvera D. Sebastião determinado em vestir armas por um mouro, e passar os mares por desaggravar a um Muley Mahamet.

EMBAIXADOR.

Sem duvida que não: mas, quem ha hi, que isso não saiba? Sem guerra, não se-ausentava El-Rei; sem El-Rei se-ausentar, não havia regencia...

MARTIM GONÇALVES.

E sem regencia, adeus Cardeal, que se-finava de paixão.

EMBAIXADOR.

Heis de ser vice-rei, senhor D. Martim.

MARTIM GONÇALVES

Houvestes novas do Escurial?

EMBAIXADOR.

Não: espero o correio antes da noute. Em elle chegando, na estalagem do Cáes nos-avistaremos como hontem.

MARTIM GONÇALVES.

Hei por mais seguro . . . que 'noutra qualquer parte pratiquemos.

EMBAIXADOR.

Dar-se-ha, que nos-descobrissem?

MARTIM GONÇALVES.

Não digo . . . mas, hontem, ao sair vi na casa da entrada um homem, que me-conhece: verdade é, que me não percebeu elle, mas, como bem póde ser que lá esteja apozentado, bom arbitrio será o precavermo-nos.

EMBAIXADOR.

Approvo a cautella; porem como?

MARTIM GONÇALVES (*considerando*)

Em minha casa, deffenda-nos Deus! . . . Quando menos o-cuidassemos, podia El-Rei apparecer-nos. Em fim, por em quanto, não alteremos cousa alguma no costumado. Já por um dos meus apaniguados mandei averiguar, se o individuo, pousa na estalagem; se disser, que sim . . . algum outro asilo desencantaremos. Até á noute.

EMBAIXADOR.

Descançado vou; que em vossa prudencia fio tudo. El-Rei, despede-se esta noute da Corte; aqui serei, que não devo faltar ao ceremonial.

SCENA III.

OS MESMOS, E CAMÕES (*que vem da segunda porta do lado direito, magnificamente vestido*)

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Oh! . . . Camões! . . . por elle aguardava eu. (*Para o Embaixador*) Escusae-me de vos acompanhar. E' chegado Escudeiro, com quem me-releva praticar, antes de entrarmos ao Conselho. (*O Embaixador e Martim Gonçalves, sobem pela esquerda do tablado, em quanto pela direita vem Camões descendo*)

CAMÕES (*entre si*)

E' Martim Gonçalves; o outro porem? . . . se me não engano, já o-vi . . . hontem cuido que foi; na estalagem . . . Ausentam-se! . . , não . . . lá volta Martim Gonçalves.

SCENA IV.

MARTIM GONÇALVES, CAMÕES.

MARTIM GONÇALVES (*cortejando*)

Senhor Luiz de Camões!

CAMÕES (*cortejando*)

Senhor Martim Gonçalves!

MARTIM GONÇALVES.

Por fortuna tenho, ser o primeiro, que vos-dê os emboras da tornada.

CAMÕES.

Senhor, bejo-vol-as.

MARTIM GONÇALVES.

Não vos-pergunto se bulicio de viagens, e tumulto de pelejas vos-deixaram hora para poetardes, que adiante de vós cá nos-tinha chegado a vossa Musa com Obra, que anda nas palmas, e bem mostra serdes ainda o mesmo peregrino engenho d'outro tempo. Acceitai-me os parabens!

CAMÕES.

E vós, senhor Martim Gonçalves, sois ainda como 'noutro tempo gran vallido?

MARTIM GONÇALVES.

Senhor sim.

CAMÕES.

Acceitai-me egualmente os parabens.

MARTIM GONÇALVES.

Pêçamos logo ambos á Providencia, que nos-mantenha no que somos, por annos largos.

CAMÕES (*com ironia*)

A' Providencia!

MARTIM GONÇALVES.

Da Providencia vos-rides!?

CAMÕES.

Não d'ella, senão de que vós a-tomeis na bocca.

MARTIM GONÇALVES.

Porque?!

CAMÕES.

Porque! para um vallido bastára dizer *El-Rei*. — São os reis a Providencia dos vallidos.

MARTIM GONÇALVES.

E a dos poetas qual é?

CAMÕES.

Os Poetas são feituras de outro Rei mais alto, e não dependem senão d'elle: bôa dicta lhes-é; que menos azos dão assim a cegas inconstancias da fortuna.

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Puchemos a pratica ao meu proposito. (*Alto*) Vindes achar na Corte muitos rostos novos, senhor Luiz de Camões; estes annos ultimos nos-hão disimado a fidalguia: uns, levou-os a peste, que tão brava tem andado; outros, leva-os das salas do Paço, para os estrados das Damas, a furia do casar, que é outra péste, que vindes achar em Lisboa mui accêza.

CAMÕES (*á parte*)

Já o-entendo. (*Alto*) Mas vós proprio senhor.....

MARTIM GONÇALVES. (*á parte*)

Tomou a péla; joguemol-a.

CAMÕES.

Deveis andar á la-moda da fidalguia.....

MARTIM GONÇALVES. (*fingindo-se admirado*)

Pois que! já vos-hão dicto?

CAMÕES.

Que estaveis para casar?

MARTIM GONÇALVES.

Que me-estava eu.... maravilhaes-me!

CAMÕES.

Dar-se-ha, que me-enganassem?

MARTIM GONÇALVES.

Não, não, verdade vos-diceram. Mas dizei-me ora aqui, á puridade; quando ouvistes, que requestava eu para mulher a minha senhora D. Caterina d'Atayde, não ficastes.... espantado?

CAMÕES.

Espantado! eu.... de que senhor?

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Começa de me-enlear: ateimemos. (*Alto*) Não sabeis quanto me-ufano de que homem do vosso estofo me-approve a determinação; que não faltam por ahi ruins ciozos que ma-acoimem de loucura.

CAMÕES (*á parte*)

Não terei mão no fel, que me não rebente!

MARTIM GONÇALVES (*insistindo*)

E vós? ficaram-vos acaso em Lisboa alguns amores, que vos-tentem a seguir o meu exemplo?

CAMÕES.

Que sei eu!... Esse casamento... vosso, está para breve?

MARTIM GONÇALVES.

Não é bom em casamentos correr pela posta.

CAMÕES.

E' que podem ás vezes recrescer difficuldades inesperadas.

MARTIM GONÇALVES.

Que difficuldades quereis vós que me-recresçam?

CAMÕES.

Tal cavalleiro vos-julgo eu, que não acceitareis Dama que vos-desame....

MARTIM GONÇALVES (*remontando-se em altiveza; quasi ameaçador*)

Se em melindres e pontos d'honra quereis ora doctrinar-me, heis de saber, senhor Luiz de Camões, que doctrinações táes, de ninguem costumo recebel-as.

CAMÕES.

Já o-creio; a escola onde se ellas tomam é arriscada; por ventura á conta d'isso a-evitareis.

MARTIM GONÇALVES (*mais ameaçador*)

Senhor Luiz de Camões!

CAMÕES (*no mesmo tom*)

Senhor Martim Gonçalves! (*Reprimindo-se*) Mas fallemos sem rebuço, que chegado é o lance de largarmos ambos nossas mascaras de vidro.

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Curioso estou do que dirá.

CAMÕES.

Comedias, faço-as, quando me-apraz; mas não as-represento nunca: esta porem me-é sobre todas enfadonha.

MARTIM GONÇALVES.

A mim não menos.

CAMÕES.

Senhor Martim, ambos nós queremos á mesma Dama.

MARTIM GONÇALVES.

Inda mal para vós, senhor Camões.

CAMÕES (*continuando com vehemencia*)

Queremos ambos á mesma Dama, e não o-ignoraes....! o alvoroço com que me-haveis recebido... entendi-o eu: aguardando-me estaveis: pretendeis ora saber, se homem sou para me-arrostar comvosco 'nesta nova lucta. Sabei por tanto, que o-sou: e para mais ainda, se-cumprir. Jura solemne vos-juro aqui, por vida de minha senhora D. Caterina d'Atayde (mais solemne jura, não a-sei, nem a-quero)

juro-vos, que até ao derradeiro arranco, e minha ultima gota de sangue, vol-a hei-de disputar.

MARTIM GONÇALVES (*zombando*)

Talvez que me-hajaes lido no interior. Como quer que seja porem, com isto só vos-respondo: nem cuido que hajamos de chegar a taes extremos; nem que possaes vós tolher a D. Caterina d'Atayde....

CAMÕES.

Vel-o-hemos.

MARTIM GONÇALVES.

Vel-o-hemos. Porem, adverti, que se jamais transpozesseis os limites, que as leis da honra, e as da cortezania vos-assignalam; haveria quem, máu grado seu, vos-tornasse a desterrar, como ha desasete annos.

CAMÕES.

Entendo-vos: nobre sois no ameaçar; como generoso nos feitos. Mas adverti tambem, que se ainda hoje sois o mesmo que ha desasete annos, pode ser que já Portugal o não seja; não o-é de certo El-Rei; nem o-é tão pouco Luiz de Camões. Todos tres hemos crescido: em quanto vós... só não minguastes, porque vos não era já possivel. Sei quem folgara de me-reenviar ao desterro; e até de ser meu carcereiro, e meu algoz: mas sei tambem, que o não ousará. O que a honra não véda, véda-o o medo muitas vezes.

MARTIM GONÇALVES.

O que já pude, posso-o ainda hoje.

CAMÕES (*com hombridade*)

Tentai-o! (*caminha para o fundo do Theatro*)

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Tens rasão. Para temperas indomitas, como a tua, o desterro é pouco, o veneno, e o ferro nada são. Quer-se arma, que lhes-traspasse a alma, que lhes-decepe os brios e a soberba: essa arma terrivel, é a injuria, ou o desprezo. Encontral-os-has. Vai, vai, gigante de soberbas! la verás, como com um sopro te-derribo. (*Alto para Camões*) Ouvi que apresentaveis hoje os vossos Lusiadas a El-Rei: bons applausos vos-desejo, senhor Luiz de Camões! Vai dar principio o Conselho; com Deus vos-ficae. (*Sae pela segunda porta do lado esquerdo*)

SCENA V.

CAMÕES, *só.*

Bons applausos, dice! se entendo a linguagem de cortezãos refalsados, bocejos quiz dizer, abhorrecimento, e menoscabo. (*Depois de alguma pausa*) Hora solemne da minha vida é esta! Sentenciados vão ser a final os meus destinos! Riqueza, gloria, bemaventurança, tudo hoje haverei conquistado, ou perdido sem regresso. Tremo, sem querer: a placidez glacial d'este phylisteu de palacio, me-apavora! Oh! não quero pensar senão em D. Caterina! Deus meu já vos não peço, mais que o seu amor! Forçoso é que a eu veja, que lhe-falle: como porem? Ah! é ella.... (*D. Caterina vem da primeira porta do lado direito. Camões lhe-vae ao encontro. Descem junctos para o proscenio*)

SCENA VI.

CAMÕES, D. CATERINA.

CAMÕES (*com jubilo*)

Caterina!

D. CATERINA.

Camões!

CAMÕES.

Já posso morrer; que está alfim realizado o meu sonho de tantos annos! torno ainda a ver-te! Era a unica ventura, que a Deus supplicava, em desconto de tantas dores. Tenho-a, e ainda o não creio, Caterina! Hei medo de acordar, Caterina minha!...

D. CATERINA.

Desasete annos, sim: desasete seculos os-diria eu, se os não houvera contado de dia a dia, e pranteado de hora a hora! Luiz, Luiz, que mal lhes-haviamos nós feito! (*cahindo em si, e reprimindo-se*) Não vos-sabia aqui! quando viestes?

CAMÕES.

Hontem sobre a tarde na *Sancta Fé*.

D. CATERINA.

Vistes já o vosso amigo, meu primo D, Affonso de Noronha?

CAMÕES.

Vi.

D. CATERINA.

Que vos-disse?

CAMÕES.

Tudo. Disse-me tudo, Caterina. Ja sei, que Martim Gonçalves, vos pertende: mas não o-temo.

D. CATERINA (*á parte*)

Ai! presentimentos, presentimentos!

CAMÕES.

Não, não o-devo temer, pois sei que na memoria vos-andou sempre o desterrado, não é assim Caterina? Natercia minha? minha de outro tempo, minha hoje, e sempre minha, não é assim?

D. CATERINA.

Sim, Camões; lembrava-me de vós; e muito.

CAMÕES.

Teu primo, hontem . . . (deixa-me desabafar comtigo, deixa-me alfim queixar com quem se-dóe das minhas dores) hontem D. Affonso, rasgou-me, este pobre coração, sem o cuidar . . .

D. CATERINA.

Elle! . . .

CAMÕES.

Sim, foi elle, quem me-disse as altivas pretenções de Martim Gonçalves á vossa mão, a esta mão, que perante Deus e o meu amor, nem já é vossa senão só minha.

D. CATERINA (*enleada*)

Mas . . .

CAMÕES.

Fêz mal, fêz mal teu primo, e podera-me haver morto; porque, em vez de se explicar de repente, começou de balbuciar, atalhou-se, e não queria concluir. Que havia de eu cuidar, senão que eras já casada!

D. CATERINA.

Mas porem . . . .

CAMÕES.

Um homem que volvendo em si de um mortal paroxismo, se-achasse 'num sepulchro, ás escuras, sozinho, atado de pés e mãos, sem poder desprender-se, nem bulir, nem clamar... não curtíra 'nesse prazo mais angustia, do que eu, sentindo-me vivo ao pé da minha esperança já defuncta! . . .

D. CATERINA. (*no auge da turbação*)

Basta, Camões, basta: não prosigas . . . . é horrivel!

CAMÕES.

Que has tu!

D. CATERINA.

Nada.... nada.... só te-peço, pelo teu amor to-peço, evita Martim Gonçalves: deixa-me ausentar.

CAMÕES.

Já, Caterina! deixar-me já, Caterina, sem primeiro me-confortares, Caterina! quando, me-vês perplexo! perdido! naufragando 'num oceano de incertezas e terrores!..... mercê, se não já amor! compaixão.... charidade.... Caterina, charidade!....

D. CATERINA.

Meu Deus, meu Deus, se elle vem!....

CAMÕES.

Mas, elle, já veio; já nos-vimos.

D. CATERINA.

Fallou-vos?

CAMÕES.

Fallou.

D. CATERINA.

Divina misericordia!

CAMÕES.

Oh! que me-redobras os transes! que turbação é essa? explica-te, que receias? porque hei-de evitar Martim Gonçalves? Porque me-queres fugir?

D. CATERINA (*com voz mortiça*)

Sou...

CAMÕES.

O que?!

D. CATERINA (*em voz, que mal se-ouve*)

Sua mulher!

CAMÕES (*apertando-lhe os pulços com impeto de desespero colerico*)

Sua mulher! que has dito? sua mulher!... sua! sua... Oh! D. Caterina d'Atayde!

D. CATERINA.

Luiz....

CAMÕES.

Tu, tu... casada! com esse homem... não zombes assim, que seria matar-me...

D. CATERINA.

Sou-o.

CAMÕES (*apertando com força a testa*)

Ai! que arrenegarei da Providencia! (*Rapido e com voz*

afogada) Agora entendo a D. Affonso; enganou-me, por me não matar: mas elle, Martim... villão, villão, que me-has escarnecido! Sanctos do ceo! (*Depois de breve, mas profundo scismar dá dois passos, tremulo, e vagaroso, para D. Caterina, e recomeça com voz, que na morosidade, e no tom indica, não só o tumulto dos affectos, que o-senhoream, mas o quanto forceja por se-fingir desassombrado*) Vamos... quedo estou... bem vês... dize-me tudo... quero saber tudo... nada ommittas... seja o que for... não importa... homem sou, que não morre... bem vês... e tambem... mas, que ia eu perguntar-te? (*com mais rapidez, mas em tom mais confidencial*) Ah! sim: El-Rei... dize-me, El-Rei entrou tambem 'neste conluio de vergonhas? que as-ha aqui, e villissimas... entrou: ¿não entrou?...

D. CATERINA.

Não, não...!

CAMÕES.

Então, de que artes se-valeram elles, que tyrannias empregaram para te-obrigarem?...

D. CATERINA.

Bem sabeis, Camões, o que é Sua Alteza, a minha senhora Rainha, D. Caterina.

CAMÕES (*insoffrido*)

Prosegui e abreviae!

D. CATERINA.

Acostumada a reger mundos, e a receber pareas de tantos Reis, como houvera de soffrer ella, que uma donzella de sua camara, lhe-descumprisse gostos, ou phantazias! que podia eu?... arrastaram-me...

CAMÕES.

Foi logo ella, quem te-victimou?

D. CATERINA.

Foi; matou-me, cuidando bem fazer-me.

CAMÕES.

E tu?... tu não lhe-resististe?...

D. CATERINA.

Oh Camões! e que resistir! fiz quanto cabia em posses de mulher... confessei a elle proprio, que o não amava, que trazia est'alma abrazada em outro amor... louca e perdida de saudades... que não podia ser sua, nem elle receber-me, sem affronta; não me-respondia: rogei-me a seus pés, carpi-me, bejei-lhos, levantei as mãos, invoquei a sua lealdade, invoquei o ceo! sempre o mesmo... sempre callado... frio... immovel... inflexivel, como estatua!...

o mais que logrei, foi ver-lhe, ao cabo, no semblante, alguns assomos de compaixão, fingidos talvez... sem duvida fingidos!

CAMÕES.

Covarde! saião! Opprobrio de gentis-homens!

D. CATERINA.

Dice-me D. Affonso, que da India vos-tornaveis breve; reaccenderam-se-me as esperanças: cuidei que no espaçar o prazo, podesse alcançar o livramento... suppliquei, me-outorgasse um mes: o meu Camões me-deffenderá, ou com elle fugirei, pensava eu entre mim. Correram dias, vieram náus, e caravellas do Oriente, e novas que eu tanto anhelava, sem chegarem! tantos via a cada hora desembarcar... e nunca vós!... Só faltava uma semana; a cada um de seus dias me-fui apegando, como naufraga, que já principiava de esmorecer. O ultimo raiou... e nada! Foi correndo... e o mar deserto! Chegava a noute... Oh que noute para mim, Luiz de Camões! Não t'a-sei pintar, mas bem m'a-adivinhas tu! Na Varanda da Péla, alli, 'naquella Varanda, que senhorêa a extensão das aguas, alli estava eu sozinha, com minhas penas. O mar era quedo e espelhado, alumiava-o a lua cheia, estendia por elle a vista; ermos! e ao cabo d'elles mais ermos! até o infinito! nem uma vella, nada! que cevar de angustias! de mim propria havia eu dó em tamanho desamparo.

CAMÕES.

Oh Caterina!

D. CATERINA.

E agora mesmo, cuidaes que não sou para muito dó! Esta vida que me-forçaram a viver de magoas desesperadas, e sem remedio, cuidaes, que muito por meu gosto a-acceitaria?

CAMÕES.

Maldicta Rainha! maldicta! para se-distrair um'hora dos abhorrimentos da velhice, coroou a tua alma gentil d'eternos espinhos, Caterina, e despenhou esta minha 'num lago de leões, roubou-me o teu amor!

D. CATERINA (*com força d'affecto*)

Não, não, corações como os nossos, não se-roubam; estado e nome... trocaram-m'os elles, não os affectos. Já vos não lembra, que mulher fui sempre?

CAMÕES.

Inda mal, que o não poderei nunca deslembrar.

D. CATERINA.

Animo! façamos por ser grandes e valerosos na desgraça. Já não serei vossa esposa, que o não posso; d'outra sorte vossa, ainda menos; que o não devo: mas (o ceo me-perdôe estas palavras) na alma e no coração, vossa hei-de ser; só vossa, vossa toda, em quanto viva. Casadas estavam já nossas almas, quando um Sacerdote metteu esta mão, gelada, na de Martim Gonçalves. Esse consorcio, não o desataram elles; que não podiam.

CAMÕES (*esmorecido*)

Não requeiras de mim valor, que me-fallece: tal viver de saudades e zelos, tal inferno de Ticio e Tantalo... se tu podes soffrel-o, Caterina, nem imaginal-o se-quer posso eu, sem esmorecer. Penuria, fome, desnudez, venha tudo! venham carceres, desterros, e affrontas! homem sou para lhes-ter rosto. Mas, cuidar... mas saber-te em posse d'outrem...!

D. CATERINA.

Não te-haveres tu esquecido de mim... (*Martim Gonçalves apparece na segunda porta da esquerda*)

CAMÕES.

Não blasfemes! que o não desejavas.

MARTIM GONÇALVES (*á parte avisinhando-se*)

Um colloquio furtivo! Já!...

D. CATERINA (*á parte*)

Martim!

CAMÕES (*á parte*)

Oh! Elle! ainda bem. (*Quer-se ir para Martim Gonçalves*)

D. CATERINA (*detendo-o, diz á parte para Camões*)

Modera-te; ou me-despenho.

SCENA VII.

CAMÕES, MARTIM GONÇALVES, D. CATERINA.

MARTIM GONÇALVES (*para D. Caterina*)

Boas fadas nos-andam hoje encaminhando, senhora; aqui mesmo, encontrará eu, pouco ha, o senhor Luiz de Camões; e egual fortuna lograstes vós. Já certo lhe-havereis dado as emboras da tornada.

CAMÕES.

Quando vós entrastes, senhor Martim Gonçalves, acabava eu de por os meus rendimentos, ás plantas da minha senhora D. Caterina d'Atayde.

MARTIM GONÇALVES.

Sim! . . . dou que ainda ignoraes . . . (*Toma a D. Caterina pela mão*) Apresento-vos, senhor Luiz de Camões, a minha esposa.

D. CATERINA (*á parte*)

Deus meu!

MARTIM GONÇALVES (*em meia voz, para Camões*)

Aporfiareis ainda, em me-disputar a mão de minha esposa?

CAMÕES.

Não zombeis agora: aconselho-vol-o eu, senhor Martim! . . .

D. CATERINA (*á parte, em voz baixa*)

Tremo!

CAMÕES (*á parte*)

Quem m'a-dera agora ausente!

D. CATERINA (*despedindo-se*)

Senhor Luiz de Camões . . .

CAMÕES (*reverenciando*)

Senhora minha . . .

MARTIM GONÇALVES.

Ausentais-vos, D. Caterina?

D. CATERINA.

Senhor sim: se me-quizesseis acompanhar . . .

MARTIM GONÇALVES (*em tom de cortezia*)

Com mil vontades, senhora.

D. CATERINA (*á parte*)

Se-quer, não os-deixarei a sós.

MARTIM GONÇALVES (*para Camões*)

Até logo Cavalleiro. (*Para D. Caterina*) Ainda porventura não sabereis, que o senhor Luiz de Camões, é, porque assim o-digamos, o heroe do saráu, que esta noute dá El-Rei? Sua Magestade ha aparelhado para o nosso Poeta, um triumpho, condigno á sua alta fama: vinde; que pelo caminho vol-o irei contando. (*Saem Martim Gonçalves e D. Caterina, pela segunda porta da esquerda*)

SCENA VIII.

CAMÕES, E DEPOIS ANTONIO.

CAMÕES.

Oh! que não sei como tive mão em mim! Foi-se: não importa: volveremos a nos-encontrar; o dia não é findo. (*Entra Antonio pela porta da direita*) Vem, vem amigo; que te-pareço depois da muda? não saiu da empreza com honra o nosso Miguel? vamos; não quero a tão luzidas roupas, affrontal-as com semblante carregado. Fostes em vosso tempo, senhor Luiz, o mais afamado donzel, o mais fino galan, de quantos se-apavonavam ao sol 'nesse terreiro: tenho que ainda as alcatifas de Palacios se-lembrarão de mim; por mim, digo, que reverdesço 'nestas salas, como em ares meus mui naturaes. Dize-me tu, meu Jáo, quem me-visse ora, tão resplandecente e risonho, reconheceria em mim o cavalleiro mais capa em colo, e mal trapilho de todas Hespanhas?

ANTONIO.

Entendo-vos, senhor meu, que para isso já de annos vos-estudo: a outro enganareis vós; a mim, não: forçaes as palavras, e o rosto, ou de soberbo, para que vos não saibam as penas, ou de cançado d'ellas, a vêr se vos-aturdís.

CAMÕES.

Sim, sim, meu fiel Antonio; estou-me ensaiando aqui, para não inspirar compaixões a soberbos; que lhas não quero: ajaezei-me, como cavallo de alardo; e contentamento, ostental-o-hei, que sóbre para quebrar olhos a inimigos. Que importa o que vae n'alma! Não vi eu já truão de praças, com o coração em carne viva, a fazer rir as turbas! e o gladiador de Roma não se-adextrava para morrer com graça! Serei eu menos do que elles? e melhor, dicera, sou eu mais do que elles? (*tornando-se a carregar no semblante*) O truão ao menos ao pelote pintalgado com que representa, chama-lhe seu; o sótão em que pernouta pagá-o; se tem penas, afoga-as, e esquece-as, se o-affrontam, pouco lhe-dá; que não tem brios; não sabe o que é fama, não se-mata a pedaços para a-conseguir...

ANTONIO.

Attentai, que vem gente.

CAMÕES.

E' verdade, já o meu papel me-ia esquecendo. Appartemo-nos. (*Saem pelo fundo para a Varanda, e desapparecem, em quanto, pela primeira porta da direita, entram em scena Leão e monseor de Saint-Paul*)

SCENA IX.

LEÃO, SAINT-PAUL.

LEÃO (*seguindo com os olhos a Camões*)

Figurou-se-me ser Real... o Cavalleiro que ora saiu... mas não era, enganou-me o tabardo; que me-parecia todo o seu. (*Para Saint-Paul*) E bem monseor de Saint-Paul, como achaes a nossa Cortezinha de Portugal? Quando vos lá tornardes para a vossa formosa França, havereis que dizer d'esta pobrezita algum louvor?

SAINT-PAUL.

Da vossa Lisboa, se-pode qualquer recordar gostoso em toda a parte.

LEÃO.

Deveras!...

SAINT-PAUL.

Deveras. Noute de San-João mais alegre, e estrondosa, nunca a-hei passado. E aquelle porto? (*apontando para o Tejo*) ninguem o-tem senão vós.

LEÃO.

Encantais-me; que vós outros, os Francezes, com rasão sois ruins de contentar: quem tem de seu a Paris, de todas as delicias se-logra.

SAINT-PAUL.

A formosura de Paris, se quereis que vol-o diga, tem melhores longes do que pertos: vista d'aqui, de Lisboa, parece cousa grande!

LEÃO.

Deus vos-livre meu visconde, de que esse vosso chiste agora, transpozesse os Pyreneos! (*apparece Real saindo da primeira porta da direita*) d'esta feita é elle; o nosso Real.

SCENA X.

LEÃO, REAL, SAINT-PAUL.

REAL (*entrou effeminadamente encostado no braço d'um pagem e gemendo de mimoso; apenas avistou os amigos, largou-o, despedindo-o com a mão, e correu para elles com toda a sua agilidade*)

Pelo que vejo, senhores, tenho eu sem o-cuidar, o dissabor de me-parecer com alguem! (*para Leão*) *D'esta feita, é o nosso Real* te-ouvi eu dizer; logo, tenho eu o meu Mercurio; como o Sósia da Comedia de Camões; logo, ha hi outrem; com o meu corpo; com o meu garbo; se assim é, dou-me a perros! cuidar eu, que ninguem, é eu, senão eu... e achar-me 'num sanctiamen convertido de eu, em nós...! Mas, por vida vossa que me-digaes onde está ess'outro Real? cobiça tenho de o-conhecer. (*Caminha para o fundo do theatro como procurando*)

SAINT-PAUL (*á parte, para Leão*)

Vede-me aquillo, meu querido Leão; e dizei-me, quem é que não ha-de levar saudades de Lisboa! Todo o mundo que vós corresseis, vos não apresentára raridade como este mancebo.

LEÃO.

E que em verdade, não ha galan d'estrados, mais cabal; anda sempre á moda que está para vir. E' delicioso o nosso Real.

REAL (*voltando para elles*)

E's um lisonjeiro, meu Saint-Paul! não digo... que não goso de certa aura!

LEÃO.

Qual aura!... és a phenix de todos os pintalegretes, mais alfanados da nossa Côrte: o que a mim me-enganou, foi o tabardo do tal individuo; que era sem tirar nem por, como o teu, da semana passada; representou-se-me...

REAL.

Que era eu? (*rindo*) ah... ah... ah devias de trazer o pensamento á caça de Damas! não sabes, que entre o Real presente, e o Real de outo dias a traz, ha sempre bons outo seculos de distancia?! Vede-me este passo, inventei-o ha dous instantes, (*fazendo um passo de dança de ridicula affectação*) por ora, só é meu; o outro, que

eu ha tres dias idiei, é já como dança de machatins d'El-Rei D. Sancho; dou licença que o-imite quem quizer.

LEÃO.

Não ha ouro de Sofála que te-pague.

REAL.

Agora por Sofála: será certo, o que pouco ha me-dice meu tio, Martim Gonçalves da Camara, Escrivão da Puridade d'El-Rei, que se-tornou a Lisboa Luiz de Camões?

LEÃO.

Certissimo.

REAL.

Tu conhecel-o, Leão?

LEÃO.

Não.

REAL.

Ha quem diga, que tem seu engenho para armar uma trova.

SAINT-PAUL (*com ironia*)

Somente, meu Real?

REAL.

Famoso poeta! gosto d'elle! para mim tenho, que deve ser bonito como um urso, e conversavel como um selvagem.

LEÃO.

El-Rei, segundo corre, anda com elle extasiado.

REAL.

Quereis, que vos ora conte, a origem d'essa rica farça?

LEÃO.

Conta, folgaremos de te-ouvir; que estás hoje em maré de rozas; como sempre.

REAL.

Antes de tudo, vós outros lestes *Os Lusiadas*?

LEÃO.

Lêr! eu não.

REAL.

Pois folheei-os eu, não me-lembra já onde... havia de ser... cuido que sim, na officina de um dos algibeteiros que me-fazem roupas. Dei lá com o livro e corri-o, em quanto o official me-tomava as medidas.

SAINT-PAUL (*para Leão*)

Se o coutado do poeta ouvisse isto!...

LEÃO.

Que divertimento!

REAL.

Porque haveis de saber, que o madraço do meu poeta,

traz enfeitiçadas com as suas rimas, todas as mulheres, e filhas dos nossos burguezes; não ha balaio de palmilhadeira, em que não nas-vejais abertas; é para rir, como se-debulham em lagrimas, com a morte de D. Ignez; e enfiam de medo, em acertando com o côco do Adamastor.

LEÃO.

Que vem a ser isso?

REAL.

Quem! o Adamastor? é o brutaz de um gigante, que tem não sei quantas varas de cumprido, que todo se-definha e arrepella, por lhe não querer dar ouvidos certa nympha, que não é mais alta que outra qualquer femea.

LEÃO.

Arreda, bruto!

REAL.

Em summa, é o livrinho mais pêco e mais parvo, que nunca heis visto; uma salsada de sagrado e profano, que diz o outro meu tio, confessor d'El-Rei, que só queimando-o e mais a quem no-fez. Alli se-vê Baccho, de roquete de clerigo, a adorar o Espirito-Sancto; a deusa Venus, mui mana par a par com a Virgem-Maria; e... que sei eu?... E' a procissão do Corpus-Christi mettida em rima. Ahi tendes vós, o que são *Os Lusiadas*.

SCENA XI.

OS DITOS, CAMÕES E ANTONIO (*que vinham da Varanda e ao entrar d'ella para a sala se-deteem; Camões traz sobraçado um rolo de manuscripto*)

CAMÕES.

De mim fallam, Antonio!

LEÃO.

Que esfolla-gatos! não te-sabia tão lettrado! porque não requeres de teus tios, os senhores Gonçalves da Camara, te-nomeem censor do Sancto-Officio, para a impressão dos livros?

REAL.

Os Lusiadas! por vida minha, que muito mais sabor acho eu ao Pranto da Maria-Parda! essas sim; que são trovas muito para cantar em cabo de banquete, 'num dia d'entrudo, ou Paschoa, por essas hortas de Xellas, com quatro Damas de minha arte! (*canta*)

« A minha alma encomendo
A Noé e a outrem não,
E o meu corpo enterrarão
Onde esteem sempre bebendo» Ou isto, ou
« As armas e os Barões assignalados»?

SAINT-PAUL (*á parte*)

Ordem do mundo! nunca bom ingenho, sem matilha de nescios que o-atassalhem!

REAL.

O bejinho porem do tal volume, são as estancias, onde o auctor faz d'El-Rei o elogio mais poetico, isto é, mais desconchavado que se nunca viu... D. Affonso de Noronha, que é, já o-sabereis, unha com carne com o trovista, abriu, como sagaz que é, perante El-Rei o livro, 'naquelle proprio passo do elogio, e lho-lêu. El-Rei, d'embevecido com tamanha dita, mandou, lhe-levantassem o desterro, e se-tornasse o seu poeta para a Côrte..... Vêl-a aqui toda a historia.

SAINT-PAUL (*encolhendo os hombros com tedio*)

Oh...

REAL.

Uma cousa vos-quero em secréto annunciar: meu tio, o Escrivão da Puridade, deu-me a entender, que El-Rei, não ordenara ao Camões, lhe-viesse hoje apresentar o Poema, se não para dar azo a certa folia, que ha-de ser muito para rir; rir já se-sabe á custa do senhor Poeta, Soldado, e Cortezão.

SAINT-PAUL.

Parece-me, Real, que já derramaes pór fora das medidas!

SCENA XII.

LEÃO, REAL, CAMÕES, ANTONIO (*no segundo plano*) E SAINT-PAUL.

CAMÕES (*para Real*)

Senhor, não vos-conheço eu; mas, conheceis vós a Luiz de Camões?

LEÃO (*á parte reconhecendo o tabardo*)

E' elle! o meu segundo tomo de Real, a julgal-o pela capa...!

REAL.

Mau pezar veja eu do diabo! aquelle é o meu tabardo!

SAINT-PAUL (*em voz mui baixa e rapida para Real*)

Por Deus, que vos-calleis! não se-affronta assim um cavalleiro!

REAL (*rindo*)

Ah! Ah! está-me dando no gôto!

CAMÕES (*á parte*)

Porque assim firo eu nos olhos a estas mariposas de Palacio! (*Para Real*) Uma palavra, mancebo!

REAL.

Folgara de saber o que entre nós pode haver de commum! (*á parte para Leão*) a não ser o meu tabardo!...

CAMÕES.

Nenhuma cousa: eu sou Camões.

TODOS.

Camões!

CAMÕES.

Sim, Camões: e satisfação vos-requeiro. Não já (entendei-me bem isto) pelas censuras com que heis honrado o meu livro: que os livros, todos os-podem julgar; cada qual com o seu muito ou pouco entendimento; mas sim, por me-haverdes feito aggravo em minha honra; para o que, nem a rasão, nem a religião, nem o direito, nem a cortezia, vos-davam licença; nem vol-a darei eu.

REAL.

Mas....

CAMÕES (*como quem vae para descalçar a luva*)

Não refuzeis!

REAL (*em tom de escarneo e ironia*)

Não me atireis luva, por mercê! que mui velho estilo é esse de reptar; já não somos em dias d'El-Rei D. João 2.º Por cartel se-faz isso agora.

CAMÕES.

Aprazai sitio e hora.

REAL.

Para esta noute.... entendo que não pode sêr; não devemos perder a representação do Auto. Humh! que dizeis vós? e por tanto... amanhan... no Olivêdo de San-Roque... ás seis horas. (*A' parte, e baixinho*) Eu farei que ás cinco já o cysne esteja engaiolado no soterraneo d'alguma torre.

CAMÕES.

No Olivêdo de San-Roque: ás seis horas. Lá serei.

REAL (*caminhando para sair*)

Com Deus vos-ficae, bôa noute, senhor meu; e o cazo é que

o meu tabardo lhe-assenta que nem pintura; está mais guapo e bem posto, que o Apollo no chafariz do Terreiro do Paço.

SCENA XIII.

LEÃO, REAL, SAINT-PAUL, D. AFFONSO DE NORONHA, CAMÕES, E ANTONIO.

(*Leão, Real, e Saint-Paul vão-se dirigindo para a Varanda; D. Affonso vem entrando da segunda porta da direita, e Saint-Paul o-detem e lhe-segreda o que quer que seja. Os dois primeiros saem para a Varanda onde ficam passeando; Saint-Paul os-segue, D. Affonso vae logo após elle, e na mesma Varanda se-ficam ambos animadamente conversando*)

CAMÕES (*para Antonio*)

Que me-dizes á boa policia, e cortezania d'estas nossas terras?

ANTONIO.

Que não sei, se mais são para lastima, se para asco.

SCENA XIV.

CAMÕES, D. AFFONSO, ANTONIO (*em scena, em quanto Leão, Real, e Saint-Paul continuam o seu passeio na Varanda*)

D. AFFONSO.

Será possivel o que me ora ha dito o visconde de Saint-Paul..! um repto para duello, meu Camões!

CAMÕES.

Aponto vens.

D. AFFONSO.

Porque?

CAMÕES.

Tu, hontem, enganaste-me, D. Affonso. Mal adivinhas, o que esse engano me-sortiu!...

D. AFFONSO.

Sempre contei com poder-te fallar, antes que subisses estas escadas... mas, responde-me, que desafio é esse?

CAMÕES.

Ah! que se o-tiveras ouvido!...

D. AFFONSO.

De sobejo sei a quanto monta o seu atrevimento.... Que admira! Sangue é d'elles; e com os seus exemplos se-criou!

CAMÕES.

Por todos elles me-pagará logo este. Ir-me-has de Padrinho. (*Ouvem-se do lado esquerdo tocar charamelas, que se-vem aproximando*)

UM SUMILHER (*corre o reposteiro da segunda porta do lado esquerdo*)

UM ARAUTO (*apparece a ella bradando*)

Chega El-Rei!

D. AFFONSO.

Alegra-te, que é chegada a tua hora.

CAMÕES.

Tenho, que te-engana o coração.

SCENA XV.

OS MESMOS, *acostando-se á parede do lado direito;* LEÃO, REAL, E SAINT-PAUL, *que vem da Varanda correndo, e se-enfileiram á mesma parte:* ANTONIO *fica no vão d'uma das portas da Varanda onde permanece em pé todo o tempo: da segunda porta da esquerda vem saindo* CHARAMELEIROS, TROMBETEIROS, TIMBALEIROS, ARCHEIROS, ARAUTOS, PASSAVANTES, REIS D'ARMAS *de Portugal, Algarve, e India;* PORTEIROS DA MAÇA, PAGENS, *com tochas*, D. CATERINA D'ATAYDE, DAMAS, *seguidas da* RAINHA D. CATERINA, *e da* PRINCEZA D. MARIA, CAVALLEIROS, *a maior parte d'elles com suas cotas d'armas;* MARTIM GONÇALVES, O EMBAIXADOR DE CASTELLA, *e por derradeiro* EL-REI. EL-REI, *toma logo assento no espaldar do estrado; a* RAINHA, *em almofadas á sua direita, ficando uma Dama em pé ao seu lado; 'noutras almofadas á esquerda a* PRINCEZA, *com outra Dama, tambem em pé. As restantes Damas estão de pé ao longo da parede fronteira a* EL-REI, *ficando todas as mais personagens no fundo da sala, e ainda muitos pela Varanda.* MARTIM GONÇALVES, *e o* EMBAIXADOR, *são os primeiros juncto ao estrado, seguindo-se á* PRINCEZA. CAMÕES *e* D. AFFONSO, *ficam junctos, á bocca da scena, ao lado direito.*

CAMÕES (*em baixa voz para D. Affonso, em quanto dura nos circunstantes um susurro de conversação sumido*)

Quem é aquelle, que está á esquerda d'El-Rei?

D. AFFONSO (*em voz baixa para Camões*)

O Embaixador de Castella.

CAMÕES (*como a cima*)

Se quizeres alguma cousa d'elle, na estalagem onde pouzo o-encontrarás esta noute; que para lá se-aprazaram, elle e Martim Gonçalves.

D. AFFONSO (*como acima*)

Como o-sabes?... (*á parte*) Ah Martim Gonçalves, Martim Gonçalves, attentai por vós!

EL-REI (*faz signal a um dos Arautos, para que se-assente a Côrte.*)

UM ARAUTO.

Manda o muito alto, e muito poderoso Rei, senhor nosso, D. Sebastião, que Deus guarde, que se-assente a Corte (*Assentam-se todos, ficando D. Affonso de Noronha entre D. Caterina, que é a primeira das Damas juncto á bocca do theatro, e Luiz de Camões, que é de todas as figuras d'esse lado a primeira para os espectadores*)

EL-REI (*para a Corte*)

Lembrae-vos, senhores Cavalleiros, de que já não haveremos outra noute 'nesta nossa boa Cidade; façamos pola passarmos a sabor. (*Para o Embaixador*) Ouço que o verdor da minha edade, senhor Embaixador, traz em sobresaltos a El-Rei, meu tio, D. Phylippe 2.º de Castella...; assocegae-o vós, relatando-lhe o que estaes vendo... alem, aquella frota (*apontando para o Tejo*) aqui, em deredor de mim, parte da flôr de Portugal, com quem amanhan desfiro vella: tudo Barões de boa linhagem, e grande prol... com pelejadores tão esforçados, não ha já hi senão vencer. Venha o Auto.

ARAUTO (*ao reposteiro da segunda porta da esquerda*)

Manda o muito alto, e muito poderoso senhor Rei, D. Sebastião, nosso senhor, que saia a figura do prologo do Auto.

SCENA XVI.

OS DITOS E UM ERMITÃO (*que sae da segunda porta da esquerda, e se-vae collocar perante El-Rei*)

ERMITÃO.

Da Serra de Cintra por Deus enviado
Por estes gran Paços entrei da Ribeira;
A ver-vos Rei Alto, cabeça guerreira
Do Reino esforçado.
E pois vossa frota lustrosa e possante
Já sofrega dizem que aguarda a partida,
Primeiro que o ferro soberba levante,
Aqui virá logo, Senhor, quem vos-cante
Qual sorte dos fados vos-foi prevenida.
E porem primeiro com manhas mui feas
Sairá um mouro, que raiva e que brama:
Mas não hajais medos; o Auto se-chama
Das Boas Estreas. (*Vae-se por onde viera*)

SCENA XVII.

(I. DO AUTO)

OS MESMOS, E UM MOURO.

MOURO.

Em Tetuão me-foi dito,
Que um gran Rei da Christandade
Imigo do nosso rito
Tinha exercito infinito
No porto d'esta Cidade.
Parti logo em continente;
Porque, se fosse que a armada
Punha proa em nossa gente,
Eu a-sumisse afundada
De repente.

SCENA XVIII.

(II. DO AUTO)

OS DITOS E FADA MARINHA (*que vem da Varanda*)

FADA (*sem reparar no Mouro*)
Eu sou a Fada Marinha,
A amiga dos marinheiros,
E d'esta terra, que é minha :
E vim ora a ella asinha
Com cuidados verdadeiros :
Que em mal dos meus Lusitanos
Ouvi ser vindo um mouraz,
Grande enliçador de enganos,
Que co' os feitiços que traz
Fará sessenta mil damnos,
Se lhe-praz.
Mas eu porém determino
De estar sempre de vigia
Contra aquelle cão malino :
E veremos se o seu sino
Contra o meu sino aporfia. (*Reparando no Mouro*, *á parte*)
Elle cá é. — (*Alto*) Mouro mano,
Quanto folgo de vos-vêr
'Neste Jardim Lusitano!

MOURO.
Serêa do mar Oceano,
Hajais vós mui gran prazer!

FADA.
¿ Como d'Africa viestes ?
Que vos não senti passar!

MOURO.
Vim em nuvem pelo ar,
Que é carroça mui mais prestes
Que não galés pelo mar.

FADA.
Gran poder é logo o vosso!
E em que vos-determinaes?

MOURO.

Em um gran feito, se o-posso:
Junctemos o poder nosso;
Que assim poderemos mais.

FADA.

Contente sou: mandai ora;
E eu farei o que bem seja.

MOURO.

Fazei que sáia em má hora
A armada, porque se-veja
Que sois vós a Imperadora;
E antes que em Africa apórte,
Vosso gran Mar a-consuma:
Heis soffrido um jugo fórte:
Quebrai-o, e trophéos d'escuma
Lhes-arvorai sobre a morte.
E eu me-obrigo, que do Atlante
Até ás pedras do Egypto,
Vosso esforço a tudo espante;
Tudo, Senhora, vos-cante,
E vos-beje o nome escripto
        Em diamante.

FADA (*á parte*)

O perro cuida embaír-me;
Veremos nós quem se-engana.
(*Alto*) — Senhor, não quero eximir-me;
E pois vosso ajuste é firme
Hermano allarês la hermana.
¿ E vós sabeis bom conjuro
De bem damnado empecer?

MOURO.

Não no-ha hi mais seguro:
Conjuro de gallo suro
Morto depois de comer,
Com rins de demoninhado,
E olhos de sapo saltão;
Conjuro mui bem temp'rado;
O qual me-fora ensinado
Nas covas de Salamão.
Tudo é dentro 'nesta Vara,
Que em eu riscando com ella,
Logo uma fonte seccara,
E uma estrella se-apagara,
Que nunca mais fora estrella,

Nem se-achara.
E mas se o vós quereis vêr,
Com uma palavra que eu der
De San-João em latim,
Logo vereis a correr
Quem me-dá esforço a mim
Em tudo quanto hei mister.
— Ora sus!
Moradores infernaes,
Demonios que arrenegais
Da agoa benta e mais da Cruz,
Vinde já;
E trazei cem mil agouros,
Com que vençam nossos Mouros
Toda esta gente de cá. (*Bate trez pancadas com a vara no chão*)

SCENA XX.

(III do AUTO.)

OS DITOS, E UM BANDO DE DEMONIOS.

DEMONIOS (*cantam, dançando em deredor do Mouro*)
Que nos-chamas
D'entre as chamas,
Poderoso!
Que nos-tiras
D'entre as pyras,
Aleivoso!
Ha hi mandas!
Que demandas?
Tens demandas!
Que nos-mandas?
Feia é a terra!
Feio é o mar!
Feio é o Ceo!
Feio é o ar!
Feia é a noute co' luar!
Feio é o dia co' o solar!
Presto avia, ou nos-envia;
Nos-afunda na mais funda
Da profunda do raivar.

MOURO (*batendo com a vara no chão, e fazendo parar a dança macabra*)

Callai, manos.
Quanto ora digo fazei:
Ide aos astros soberanos,
Ler os destinos d'El-Rei,
Mais os dos seus Lusitanos:
Se virdes que são piedosos,
Apagal-os e arrancal-os
Esses taes.
Mas a serem rigorosos,
Assopral-os, inflammal-os
Muito mais. (*Dizendo estas palavras descreve no ar com a vara um circulo por cima da cabeça; a Fada n'este lance lhe-arranca a vara da mão, ao que os Demonios desparam uma gargalhada infernal, sem que os rostos se-lhes-vejam rir*)

FADA.

Verei ora a vossa vara
O poderio que encerra!

MOURO (*em grande confusão*)

Quereis rir!
Para nada vos-prestara!
Hontem a-cortei na Serra
Sem mentir;
Sem ella não dera passo;
Que sou gastado dos annos,
Inda mal!

FADA.

Mas quero eu ver mais d'espaço
Os seus feitiços e enganos,
E não al.

MOURO.

Mana, rosto de boninas,
Manso Abril de Alexandria,
Meu amor,
Deus vos-chova perlas finas,
Como a Vara é sem valia,
Nem valor.

FADA.

Porque logo instaes por ella?
Ou me-enganaes, ou mentistes:
A la fé
Que a verdade hei-de eu sabel-a. (*Quebra a vara, e*

sae d'ella muito fogo e estrepito)

MOURO.

O meu poder destruistes!
Já meu imperio não é! (*Travam os Diabretes ao Mouro, uns pelas roupas, outros pelas mãos, outros pelas barbas; e o-levam com grande vozeria pelas portas da Varanda até desapparecerem com elle. A Fada os-vae seguindo de longe, até desapparecer tambem*)

SCENA XXI.

TODOS OS DA CORTE *como na scena XVI*, e o ERMITÃO (*que vem da segunda porta da esquerda collocar-se novamente diante do estrado real*)

ERMITÃO.

Depois que mettêra no charco infernal
Ao perro maldicto co' as tramas que urdia,
A Fada Marinha, que sempre vigia,
Disvelos redobra com o seu Portugal:
Pois seu lhe-ha chamado
Já lá desde os tempos de Fuas Roupinho,
Até estes nossos, por ver alastrado
De palmas continuas seu campo marinho.
O infante de Sagres á luz das Estrellas
Com ella tractava segredos profundos:
Pedr 'Alvares, Gama, pediam-lhe mundos;
E mundos não vistos lhe-viam as vellas.
Em summa, que sempre de amor se-morrera
Por estes seus Lusos, Tritões humanados:
Té que alfim aos d'elles junctando seus fados,
A Manoel dictoso seu dote off'recera,
E esposos se-uniram com laços dourados.
Por isso procura trazer dos planetas,
A Vós, seu gran Neto, destinos propicios,
Com que se-destruam dos feros cometas
Os negros auspicios.

SCENA XXII.

(IV DO AUTO.)

OS PRECEDENTES (*menos o Ermitão, que sae por onde entrara*) E A FADA MARINHA (*que vem da Varanda*)

FADA.

O' sino de Salamão,
Que lançado foste ao Mar
Pela sua benta mão,
E que eu logrei apanhar
Em noute de San-João;
Pelo poder e Condão,
Que o Altissimo te-deu,
Traze aqui, que o-mando eu,
Lá da Eternal Região
Os Serafins mais amantes,
Mais sabios, e mais galantes,
De quantos moram no ceo.

SCENA XXIII.

(V DO AUTO)

OS PRECEDENTES, E UM BANDO DE SERAFINS (*que vem correndo das portas da Varanda coroados de flores alvas, e com harpas d'ouro nas mãos*)

CÔRO DE SERAFINS (*cantando e dançando*)
Dançares teçamos
Com festas e riso:
Que a terra, onde estamos,
Inda é Paraiso.
O MAIORAL DOS SERAFINS (*declamando*)
Que desejas, boa Fada,
Gran Senhora, e Gran Princeza,
Nossa irman?

FADA.

Que me-fadeis bem fadada
Esta armada Portugueza,

Tão louçan.

CÔRO DE SERAFINS (*cantando*)

Mui abençoada
Suas vellas solte!
Rica e laureada
Presto presto volte!
Leve e traga as vellas
Cheias e redondas!
Riso nas Estrellas,
Musica nas ondas!
Serêas amigas,
Ao ir e ao tornar,
Lhe-cantem cantigas
De summo folgar!
Para lá esp'ranças,
Para cá victorias!
E sempre bonanças,
Bonanças e glorias!

FADA (*declamando*)

Agora que a nossa Armada
Já tem condão mui certeiro,
Falta El-Rei.
Quero aqui o Escudo e Espada
Do Grande Affonso Primeiro.
Sus! correi.

SCENA XXIV.

(VI DO AUTO.)

TODOS OS PRECEDENTES (*excepto dous Serafins, que saem correndo pela porta do fundo*)

FADA.

Quero mais o capacete,
Do Imperador Carlos Quinto.
Sus! voae.

SCENA XXV.

(VII DO AUTO.)

TODOS (*menos dous Serafins, que egualmente saem correndo para a Varanda*)

FADA.

Tudo triumphos promette:
Agora, perros, consinto,
Brasfemai.
Serafins, manos, rosinhas,
Oh empirias borboletas
Eternaes,
Ide-me vêr os planetas;
Se dão sortes, como as minhas,
Tão reaes!
Se topardes co'o Deus Marte
Por acaso em sua esphera,
Lhe-pedi,
Por Venus e por Cithéra,
Que pondo tudo al de parte
Venha aqui.

SCENA XXVI.

(VIII DO AUTO.)

OS PRECEDENTES (*excepto dous Serafins, que pela Varanda se-abalam correndo, e os dous primeiros que se-tinham ido, e agora volvem pela mesma parte*)

UM DOS DOUS SERAFINS (*declamando*)

Aqui vem a Espada e Escudo
D'aquelle alto Affonso Henriques,
Que lá jaz.

OUTRO SERAFIM.

E porque te-certifiques
De quan bem cumprimos tudo,
Ouvirás:
Batêmos ao seu Moimento . . .

1.º SERAFIM.

E elle bradou, acordando,
„Quem é lá?„
2.º SERAFIM.
Dissemos-lhe o nosso intento:
1.º SERAFIM.
Abriu, e dice folgando:
„Aqui está.„
2.º SERAFIM.
E nos-deu o que estás vendo,
Com estas palavras suas,
Como Lei:
„Parta meu Neto, que entendo,
Que logo das gentes cruas
Será Rei.„

SCENA XXVII.

(IX DO AUTO)

OS DITOS E O SEGUNDO PAR DE SERAFINS (*que tinha saido.*)

UM DOS SERAFINS (*recem-entrados*)
Capacete diamantino!
Inda c'roado do Louro
Imperial!
2.º SERAFIM (*recem-chegado*)
Por condão, que ha do destino,
Nem montante, nem pelouro
Lhe-faz mal.

FADA (*tomando das mãos dos Anjos a Espada, o Escudo, e o Capacete, e indo os-pôr aos pés d'El-Rei*)
Gran Principe, e Flor de Reis,
Se de Monarchas imigos
Ricas pareas recebeis,
Mais ricas hoje as-haveis
Dos vossos, mortos, e antigos.

SCENA XXVIII.

(X DO AUTO.)

OS MESMOS, Marte E OS ULTIMOS DOIS SERAFINS, *que vem da Varanda*)

MARTE *(para a Fada)*
Senhora do Mar profundo,
C'rôa das Fadas Marinhas,
Que ordenais?

FADA.
Que ao Primeiro, sem segundo,
Sebastião, glorias minhas,
Assistaes.

MARTE *(para El-Rei)*
Quizera-vos eu prendar,
Alto Principe excellente,
Com algum don singular;
Porque não ficasse á gente
Mais nada que desejar:
Mas porem,
Meu coração exforçado,
Já Vossa Alteza o lá tem;
Que ha muito que mo-ha tomado,
E em si o-guarda mui bem. *(Vai-se, por onde entrára)*

SCENA XXIX.

(XI E ULTIMA DO AUTO.)

TODOS OS PRECEDENTES, MENOS MARTE.

FADA *(para os Serafins)*
Oh reaes Pagens da Tocha
Da Sancta Virgem Maria,
Dizei-me, nos ceos que havia?

UM DOS ULTIMOS SERAFINS *(que entraram)*
Um sino que desabroxa,
Com muito grande alegria.

FADA (*para a Rainha*)
Recebei-me, e dai-me emboras,
Pelo que o sino adivinha,
Oh poderosa Rainha. (*Todas as Damas applaudem com palmas, que são repetidas pelo restante da Corte*)

FADA (*para a Princeza*)
Oh alta D. Maria,
Princeza de tantos bens,
Dai-me, e tomai parabens. (*Damas e Cavalleiros applaudem, como acima*)

FADA (*para as Damas em geral*)
Lirios, Papoulas, boninas,
Aljofradas, diamantinas,
Cheirosas e preciosas;
Ramilhete desatado
Em cima do Regio Estrado,
Como em ledo altar as rosas;
Vós, donzellas, vós, serêas,
Havei-me boas estrêas
No que a vosso Irmão ouvis; (*apontando para o ultimo serafim que fallou*)
Pois que os vossos servidores
Têem de volver vencedores
D'esta jornada feliz. (*Applaude El-Rei primeiro, e logo todos os Cavalleiros*)

FADA (*para os Serafins*)
E pois não ha que mais queira,
Cantai 'nessas harpas d'ouro,
Que tanto bem seja eterno;
Cantai-o, e por tal maneira,
Que façais raivar com o mouro
Todos os côros do Inferno.

(*O Côro dos Serafins canta acompanhado de suavissima toada de harpas e flautas invisiveis, e o dos Diabos lhe responde subterraneamente, acompanhado de trompas, bosinas e timbales.*

UMA VOZ DE SERAFIM (*cantando*)
Para os ceos partamos:
Em volvendo a Armada,
Com palmas e ramos
Faremos tornada.

OUTRA VOZ DE SERAFIM (*cantand*
Faremos tornada
Com palmas e ramos,

Em volvendo a Armada,
Que nós vigiamos.

CÔRO DOS SERAFINS.

Anjos, não esquiva
Bençam lhe-trazei.
Viva, viva, viva,
Viva, viva El-Rei!

CÔRO INFERNAL.

Em hora de prantos,
Em hora mingoada,
Em hora d'espantos
Se-parta essa armada!
E cresça indomada
Dos mouros a grey!

CÔRO DE SERAFINS.

Anjos, não esquiva
Bençam lhe-trazei.
Viva, viva, viva,
Viva, viva El-Rei!

AS DAMAS DO SARAU (*cantando*)

Anjos, não esquiva
Bençam lhe-trazei.

TODOS OS CAVALLEIROS (*cantando*)

Viva, viva, viva,
Viva, viva El-Rei!

SERAFINS, DAMAS E CAVALLEIROS (*cantando reforçado cheïssimo com accompanhamento de todo o instrumental*)

Anjos, com fé viva
Bençam lhe-trazei.
Viva, viva, viva,
Viva, viva El-Rei!

(*Os Serafins, depõi cada um a sua coroa no estrado aos pés d'El-Rei, e saem todas as figuras do Auto*)

SCENA XXX.

TODOS OS PRECEDENTES MENOS AS FIGURAS DO AUTO.

EL-REI (*reparando em Camões*)

Em bôa hora venhaes, Cavalleiro Luiz de Camões!

CAMÕES (*acercando-se d'El-Rei*)

Mui alto e poderoso Rei; obediente aos desejos de Vossa

Alteza, aqui venho pôr ás Reaes Plantas o meu pobre volume, e bejar a mão Augusta que se-estendeu sobre o Poeta desvalido: só para gloria do meu Portugal, e de Vossa Alteza, o-havia escripto: Vossa Alteza no acceital-o, imprimiu 'nelle uma gloria nova; que é a minha.

EL-REI.

Folgâmos de o-receber d'essas mãos, que tão gentis cousas hão obrado.

CAMÕES.

Real Senhor, a mercê que me-fazeis...

EL-REI.

Empenhados nos confessamos ainda, eu, e a patria, para com-vosco. Requerei afoutamente.

CAMÕES.

Senhor, já que Vossa Alteza deseja animar-me para exemplo a futuros escriptores, permitta-me colher eu mesmo ás suas Plantas as minhas coroas. (*El-Rei annue com sorriso gracioso; Camões toma do estrado quatro coroas das que ahi deixaram os Serafins*) Agora, pois me-é concedido o requerer afoutamente, requeiro, que Vossa Alteza, me-permitta offerecel-as ás mui gentis Damas de sua Corte, cujas são as rimas e solfas do *Auto da Boa Estrea*, com que hoje vimos aqui resuscitados aquelles saráus famosos dos senhores Reis, D. João 3.º, e D. Manoel, que sancta gloria hajam.

EL-REI.

Aproximae-vos; Luiza Sigea, Publia Hortensia de Castro, Joanna Vaz, Angela Sigea (*Todas quatro levantando-se dos seus logares se chegam modestamente ao estrado e ajoelham. Camões pôi uma coroa em cada uma*)

CAMÕES.

Acceitae, senhoras, por minha mão, e á conta do que a posteridade tem de pagar aos vossos nomes, capellas de anjos, com que vos-brinda o mais poetico Rei da Christandade. (*As quatro bejam a mão a El-Rei, e voltam para os seus logares*)

EL-REI (*para Camões*)

Muito bem! outr'ora, eram as Damas, as que premiavam aos vencedores; hoje, que as vencedoras são ellas, era mister para as galardoar, um triumphador; tivemos um Camões. Mas o enlevo de vos-admirarmos, quando, superior a invejas, applaudis franco os talentos alheios, não é bem que nos-faça esquecer dos nossos deveres. (*Voltando-se para os Cortezãos*) Aconselhae-me vós outros, senhores: que premio pode haver condigno a tamanho serviço, como este poema dos Lu-

siadas?

MARTIM GONÇALVES (*para El-Rei*)

Bem sabe Vossa Magestade, que toda a Real Fazenda é pouca para os gastos da presente jornada....

D. CATERINA (*á parte*)

Ah!

D. AFFONSO (*á parte*)

Oh! vil! (*Antonio que é um dos que tinham ficado á porta da Varanda em pé, faz um movimento colerico para se-arremeçar a Martim e reprime-se.*

UM GENTIL-HOMEM (*ironicamente*)

Donoza conjunctura para mercês!!...

OUTRO.

Uma tença....

OUTRO.

Cincoenta cruzados....

REAL.

Alvará, para que possa imprimir, e vender as suas trovas...

(*El-Rei assomado bate fortemente com a mão no braço da cadeira, a Rainha e a Princeza, fazendo ambas com a mão signal para que ninguem se-levante, se-retiram acompanhadas cada uma com a respectiva Dama: a Princeza pela segunda porta da esquerda; a Rainha pela primeira do mesmo lado*)

EL-REI

Silencio! Que ousadia senhores cavalleiros! perante mim, e perante o Homero de Portugal!...

CAMÕES (*avisinhando-se a Martim Gonçalves, e forcejando por conter a indignação, que aliás se-lhe-adivínha pelo olhar pelo convulço, e pelo apertar a mão esquerda fechada, com as unhas da direita.*)

Senhor Martim!... Viestes para me montear! já ahi me-andam os vossos mastins desaçaimados!... Cincoenta cruzados!... Cincoenta cruzados pelos Lusiadas!... Ponhamol-os antes em almoeda!... já pode ser que algum môço das reaes estrebarias, dos Estaos lançará mais!... Eu mesmo serei o pregoeiro! ... (*Caindo em si e voltando-se para El-Rei*) Perdão senhor Rei!...

EL-REI (*com auctoridade*)

Avante, meu Poeta, continuai! Ordeno-vol-o eu!

D. CATERINA (*á parte*)

D'alma e coração te-bejara os pés, senhor Rei!

CAMÕES.

Villeza e fellonia é esta para rebentarem lagrimas de des-

peito! . . . desasete annos vaguei de desterro em desterro; sem acabar, porque tinha uma esperança; sem enlouquecer, porque trazia aqui (*apontando para a testa*) accezo um claro e sublime pensamento; sem cair, porque me-arrimava em bordão seguro: este pensamento, esta esperança, este bordão unico, era o meu Poêma! . . . O meu companheiro nos carceres, o meu thesouro nos naufragios, a minha alegria e consôlo nos trabalhos; e este Poêma, esta melhor metade de minh'-alma ou minha alma toda! os meus Lusiadas, ó Portuguezes, labios que Portuguez fallam, m'os-pôem hoje em almoeda!! Cincoenta cruzados? zombando estaes! . . . não se entrega o ramo por tão pouco: venha ao menos um lanço, que pague o jornal do obreiro: (*Pregoando*) Cincoenta cruzados!! . . . Quem mais dá pelos Lusiadas de Luiz de Camões?! . . . (*mudando de tom e dirigindo-se successivamente a diversos aulicos*) Com duas ou trez arvores seccas das vossas mattas de Cintra, que mandeis vender para carvão, fazeis vós cincoenta cruzados! . . . (*voltando-se para outro*) cincoenta cruzados vos-dará qualquer alfaia velha, já apozentada nos desvãos da vossa rica pouzada! . . . (*a outro*) cincoenta cruzados, ganhaes vós ahi 'num só lanço da Péla ou de Tintinini! (*a outro*) cincoenta cruzados, qualquer adelo vol-os contará pela bôa espada de vossos maiores, de que já vos não servis! . . . (*para Real*) cincoenta cruzados valem só per si os vossos commentarios aos Lusiadas! . . . Vós, por cincoenta cruzados. . . . Mas, venhamos a melhor concerto; de tão boa avença me-colheis que vol-os dou de graça . . . . acceitae-os e dae-me uma esmola de dous ceitis!! . . . (*erguendo a cabeça e a voz com dignidade*) Mas quem vos-havia dito, que o meu livro era para vender? O amor vende-se? a gloria vende-se? a alma vende-se? a qual de vós pedi eu ouro? . . . quando me-vistes estender-vos a mão, ou bater-vos á porta? . . . Mercar o meu livro!! . . . nenhum de vós tem de seu com que mo-pagar! . . . De quantos aqui somos, o unico rico e opulento, unico que pode, e costuma dar thesouros, o unico que ha-de deixar a todo o mundo uma grande herança, sou eu . . . . eu, senhores, Luiz de Camões!!! . . . Deveis surrir . . . . pois não conheceis o homem que vos-falla! e d'onde o-conheceries-vós?! Nas guerras d'Africa e Asia, não vos-vi; nos mundos do estudo e do pensamento, nunca nos-encontrámos: vós, viveis na gloria do que outros fizeram; e eu, na que eu mesmo criei para o meu Rei, para a minha Patria, para a minha Religião, e para mim. Se algum se dá por aggravado, dura rasão lhe-

darei das minhas palavras, em ma-pedindo. Cincoenta cruzados!!!... Senhor Embaixador de Castella, Senhor Embaixador de França, Senhores Embaixadores de todos os estados da Europa, ouvistes o valor dos Lusiadas no conceito de fidalgos portuguezes? ouvi-me agora a mim, que sei quanto amor de patria hei depositado no meu livro; em todas as vossas linguas, hão-de ser os Lusiadas lidos e relidos, quando de todos estes arrematadores de monumentos nem os nomes já lembrarem. Vamos, Antonio. Tu, sim, que me-comprehendes. Tu, sim, que has-de sobreviver a estas sombras. (*Sae com Antonio pela segunda porta da direita: fica em todos os circunstantes um susurro, durante o qual, D. Caterina, que tinha seguido com o maior enlevo a falla de Camões, vae allucinadamente para se-levantar e seguil-o*)

D. AFFONSO (*detendo-a, e em voz baixa*)

Attentae que vos-observam.

D. CATERINA (*mui turvada e tambem em voz baixa*)

A mim!... mas que disse eu?... que fiz eu?...

EL-REI (*que tem estado como absorto fica ainda por um breve espaço cabisbaixo, e depois ergue a fronte, e encara severo com aquelles de quem sairam os motejos*)

Outra pagina de vergonhas para a historia d'estes Reinos!... (*levanta-se; todos o-imitam*) O que ora haveis feito, é execrando, senhores, que vol-o digo eu!... Quiz, por vos-fazer Real Mercê, congregar-vos aqui, para um Auto solemne de desaggravo, e remuneração: 'numa palavra, de justiça; nobre era o encargo!... Como o cumpristes vós?... Ao poeta, a quem eu honro, affrontail-o de mendigo! Não sei se mais admire o arrojo! se a indignidade! se a insensatez! Quando outr'ora se decretavam triumphos, corria o heroe em carroça coroada, as vias publicas por entre applausos até o Capitolio; mas ao lado da carroça ia um vil escravo a vomitar-lhe injurias! acclamando-o, podieis imitar o povo heroico de Roma; podieis e devieil-o! quizestes antes imitar o escravo!!... A origem de tal escandalo, não a escrutarei; que vos-affogara quiçá em ignominia!... (*para todos os Cortezãos*) Ide, senhores cavalleiros; mantenha-vos Deus em sua sancta guarda! Ao romper d'alva, na praia do Rastello, onde antes de nos-embarcarmos, iremos encommendar o bom succedimento da jornada, a Nossa Senhora da Victoria. Medo tenho do ruin agouro, com que esta noute, aqui a inveja nos estriou a nossa facção d'Africa! A corôa de um Monarcha de espiritos... foi apedrejada! (*Depois de uma pausa, longa e solemne*) Aos

pés do altar, em Rastello, ao romper d'alva. (*Ao som de charamelas vae saindo El-Rei e a Real comitiva pela segunda porta da esquerda; o restante dos Cavalleiros, uns pela Varanda, outros pela segunda porta da direita*)

D. CATERINA (*á parte*)

Cumpriu El-Rei com o que devia; agora... eu!



ACTO III.

Aposento de Camões na estalagem de Diogo. No topo, janella de rotula para o cáes; á esquerda, a porta que diz para o casarão da entrada, onde passou o primeiro Acto; á direita, a porta da escuta para o subterraneo, tapada com uma cortina: no canto do mesmo lado, uma alcova volante de biombos acharoados; pela porta d'esta alcova, se-enxerga lá dentro uma camilha pobre. A unica mobilia do aposento, são dois escabellos, uma mesa ordinaria, com tincteiro e papel, e dois ou tres livros velhos de folio pequeno, encadernados em pergaminho. É noite. Na parede por cima da banca, está pendurada uma lanterna, entre um crucifixo pequeno de marfim, e a espada e escudo de Camões: o escudo, tem por divisa, uma Phenix entre chamas; e no exergo, por mote, ARDO E VIVO.

SCENA I.

CAMÕES (*assentado*), DIOGO, ANTONIO.

DIOGO (*á parte para Antonio*).

Elle que tem?

ANTONIO.

St!... não está bom.

CAMÕES (*erguendo-se arrebatadamente*)

Hei resolvido: nem mais um dia, nem um'hora 'nesta inimiga terra! Outra vez a caminho, peregrino! Se tem espinhos o desterro, mais e peores os tem para ti a patria!

E eu a cuidar que repousaria alfim! indignos!... farão que me va morrer desesperado em regiões estranhas!... Quem me deparára agora a subitas algum trabalho excessivo e arriscado... um incendio com que luctasse!... uma pendencia mal ferida... um naufragio, ou um terremoto!.. que sei eu?! tudo que me livrasse de estar ouvindo a tempestade que me vai cá dentro!

DIOGO.

Malaventurado!

ANTONIO. (*baixo para Diogo*)

Deixai-nos a sós.

CAMÕES.

Falta-me o ar... Abre-me essa gelosia, Antonio... (*Attentando em Diogo*) Que haveis para me dizer, Diogo? (*Antonio vai abrir a janella*)

DIOGO.

Eu, Senhor Cavalleiro, vinha...

CAMÕES.

Vinheis... a que?

DIOGO.

Vinha...

CAMÕES.

Aviai-vos; vinheis pedir-me, o que vos devo do aluguer: rasão tendes; em vagabundos não ha muito que fiar!

DIOGO.

De tal me-defenda Deus, Senhor Cavalleiro!... quanto mais... que ainda hontem chegastes; que é o que me deveis?... cousa nenhuma: por mui pago me-dou eu, de dar pousada a tamanho hospede! com honraria tal, nunca a minha estalagem esperára de se-estrear! como vos ora recolhestes, lembrou-me vir dar uma vista d'olhos ao aposento, que vos não mingoasse cá alguma cousa.

CAMÕES (*em tom de arrependido, e com affecto*)

Ah! perdoai-me; cuidava...

DIOGO.

Pelo que vejo, haveis cousa, que vos-magôa... (*Vai para sair*) Já sabeis; se houverdes mister de mim, é bater 'naquella porta, ou bradar por Diogo, que lógo serei comvosco.

CAMÕES.

Fica, fica, amigo; comtigo não hei-eu que dissimular: saberás pois, que assás, e de sobra, tenho por que me-dôa, e desespere: não é verdade, Antonio? Mas que montam desprezos de ruins, onde estão branduras e affagos de bons,

como estes, que vol-os descontam?

DIOGO.

Despresos! ... Dar-se-ha que vos-não fizessem lá o gasalhado que deviam? Sempre vos-digo, com licença vossa, que a uns certos respeitos, que eu sei, mais valemos cá nós outros, os da arraia miuda, que toda a fidalgaria de Palacio: aqui mesmo (podeil-o crer, que vol-o digo eu) quando ás vezes ahi vinha ás noutes um amigo, que se nos punha a ler aquellas vossas rimas que alli tenho (bom livro! ... bom livro! ...) não era só eu e minha companheira que choravamos, eram quantos as ouviam ... e havei-me por sem duvida, que para vos-pagar o gosto de taes lagrimas, nenhum d'elles deixaria de dar o sangue das veias, se para vosso remedio lho pedissem.

CAMÕES.

E é assim: semeou Deus na alma do povo um instincto do bem tão seu, e uns tão altos espiritos incultos, que ás vezes o egualam com as maiores altezas d'esse mundo; quando as não excedem! Ao povo, ao povo só, se haviam de dirigir os bons ingenhos, que não aos poderosos da terra; a esses, qualquer valor ou fama que se alevante, logo lhes-põi medo! ... Em se erguendo do pó quem os possa insombrar e incobrir com glorias proprias e verdadeiras, repulsam-no elles, agitam-no, flagelam-no, derrubam-no, esmagam-no: depois de morto ... depois de morto deificam-no. Oh! ditoso de quem morreu!! ... é a sorte que eu mais invejo! ... os unicos que vivem e triumpham, são os mortos. (*Ouve-se na rua uma viola, que vem de muito longe avisinhando-se. Camões continuando*) Escutemos! ... (*depois de largo espaço e embevecido na musica*) Poesia da noute!

DIOGO.

E' vespera hoje de San João: algum descante ...

CAMÕES.

Ha quantos annos não ouço isto! (*pausa*) Noute de San João na minha terra! Mais saborosas tristezas tem uma só hora d'esta noute, que tudo quanto hei devaneado! Esta poesia, não se escreve; vive-se! Quantos cruzados dariam por ella os Cortezãos? (*para Diogo*) E vós não fizestes fogueira?

DIOGO.

Mouro que eu fosse, a houvera accendido; estrallava, e reluzia, que nem uma Troya! Queimaram-se hervas de amores; bailaram os cachopos e moças da visinhança... antes vos quizera no meu quintal, que nos Paços da Ribeira!

CAMÕES.

Certo! . . . (*ao passar a viola por baixo da janella, vae uma voz cantando o seguinte:*)

Mas venido es un tal dia,
Que llaman señor san Juan,
Cuando los que están contentos
Con placer coman su pan,
Cuando á los desconsolados
Mayores dolores dan:

CAMÕES.

Conheço! conheço! donosa trova do Cancioneiro de Romances! decorei-a, que sempre me pareceu feita por mim e para mim, que assim é saudosa e magoada! (*Recita*)

Decidme vos, pensamiento,
¿ Dónde mis males están?
¿ Qué alegrias eran estas,
Que tan grandes voces dan?
Si libran algun cautivo,
O lo sacan de su afan,
O si viene algun remedio,
Dónde mis suspiros van?
No libran ningun cautivo,
Ni lo sacan de su afan,
Ni viene ningun remedio,
Dónde tus suspiros van:
Mas venido es un tal dia,
Que llaman señor san Juan,
Cuando los que están contentos
Con placer coman su pan,
Cuando á los desconsolados
Mayores dolores dan:
No digo por ti, cuitado,
Que por muerto te tendrán
Los que supieren tu vida,
Y agora no te verán:
Los unos te habrán envidia,
Los otros te llorarán:
Los que la causa supieren
Tu firmeza loarán,
Viendo menor tu pecado
Que el castigo que te dan.

DIOGO.

Até amanhan, Senhor meu, com Deus vos-ficae! e fazei por dormir; que « apoz dias dias vem, » e « uma hora

melhor d'outra » diz o adagio.

CAMÕES.

Oh! não ha-de ser esta noute que eu cerre olhos, meu Diogo! (*Vai-se Diogo pela porta da esquerda*)

SCENA II.

CAMÕES, ANTONIO.

ANTONIO.

Recolhei-vos porem á cama, e experimentai.

CAMÕES.

Excusado . . . tenho a cabeça perdida . . . e tambem . . .

ANTONIO.

Pois não quereis dormir, dizei-me, em que heis assentado por derradeiro?

CAMÕES.

Saio de Lisboa: desampáro-a; fujo-a.

ANTONIO.

Mas, saindo de Lisboa, onde quereis que nos-vamos? . . .

CAMÕES.

Eu não disse *nos* . . .

ANTONIO.

Não entendo! . . .

CAMÕES.

Vou-me eu só.

ANTONIO.

Deixar-me-heis!

CAMÕES.

Devo-o.

ANTONIO.

Cada vez vos entendo menos! e sem vós, que ha-de ser de mim? . . . não pode ser, meu Senhor! não é possivel . . .

CAMÕES.

Lembra-te de Heitor da Silveira; lembra-te de quantos amigos me has conhecido, e que já não vivem . . . Hoje, até já creio n'isto, o amar-me em extremo, dá morte: quando menos, dará infortunio grande. Infelizes ha, que são como apestados; e devo ser eu um d'esses!

ANTONIO.

Embora . . . quero ver . . . por isso mesmo . . . hei-vos de seguir: mas que o não queiraes.

CAMÕES.

Não estás ainda farto de penuria?

ANTONIO.

Sêde e fome, que importam, se estou comvosco?

CAMÕES.

Crê no que te-digo; faze o que te-rogo: fica-te, e deixa-me abalar sosinho.

ANTONIO.

Não ateimeis em me-experimentar: sou vosso, é verdade; mas tambem vós, meu Senhor, sois meu; eu, por escravo; e vós, por amigo.

CAMÕES.

Admiravel feitura da Divina Bondade! Homem, com a raça humana me reconcilias. *(abraçam-se)*

ANTONIO.

Agora que dispondes?

CAMÕES.

Hir-nos-hemos com El-Rei.

ANTONIO.

Outorgar-vol-o-ha elle?

CAMÕES.

Que remedio haverá, senão outorgar-mo. Animo para me ficar em Lisboa, depois do que é passado, confesso que o não tenho! Pessoas ha hi, cuja só vista me abrasaria! fôra um luctar comigo proprio de continuo; em vez que na guerra, com o remoinho dos successos, com o fervor das refregas, com o marulho e resaca dos perigos, com as alegrias e os cuidados das victorias, muito outro affecto se esfria, muita memoria se apaga, ou amortece. Já agora, aquella, (*apontando para a espada*) quero acabar de a gastar. *(Põi-se a reparar attento no escudo)* Vêl-o, Antonio! o escudo, com que salvei a vida de meu pai... (bom soldado tambem!) ao pé de Ceuta... quando lá deixei este olho... Era ainda em branco, como de donzel, quando para lá fui, e lá grangeei com que se adornasse da divisa que traz: terra é logo para mim de boa estreya, aquella d' Africa: da primeira vez me honrou, d'esta por ventura me acabará, que será maior mercê. (*com um sorriso triste*) ARDO E VIVO! dizes ahi tu minha phenix: vamos a ver se algum charitativo pelouro de Berberia nos quebra alfim a ambos tão ruim fadario. Pode ser; mas em Lisboa, sei eu de certo que não resistiria nem um mez. Approvas, Antonio, o meu projecto de acompanhar El-Rei?

ANTONIO.

Senhor . . . sim.

CAMÕES.

Que horas são?

ANTONIO.

Deram as onze ao entrarmos na pousada.

CAMÕES.

Só?! . . . Noute é esta que não acabará nunca! não sei com que enganar o tempo! *(passeia a passo largo)* Pois hei-de ficar a debater-me comigo entre estas quatro paredes! faze tudo prestes para a partida *(sorrindo)* não gastarás muitas horas . . . Ah! em bem me lembra . . . amanhan . . . é o meu duello com Real! o parente de Martim Gonçalves! . . . Não ser antes com o proprio Martim Gonçalves! . . . Oh! . . . Caterina! por mais que faça, não a desterro do coração: qualquer cousa ma-recorda . . . se a tornarei jamais a vêr! . . .

SCENA III.

D. AFFONSO *(que entra)* CAMÕES, ANTONIO *(no segundo plano)*

CAMÕES.

D. Affonso? . . . Oh! bem vindo.

D. AFFONSO.

Muito ha que eu devera ser cá, não é assim?

CAMÕES.

Bem sabia eu, me não faltarias.

D. AFFONSO.

Em transes estava . . . vejo-te porem sereno (mercê do Ceo!) e respiro . . .

CAMÕES *(em meia voz)*

Sereno eu! . . .

D. AFFONSO.

Por minha fé, que não hei desperdiçado o tempo! andei trabalhando para ti . . . ou para mim . . . direi melhor, para ambos nós, que meus são egualmente os teus negocios.

CAMÕES.

Que has feito?

D. AFFONSO.

Logo o saberás. *(Para Antonio)* Antonio?

ANTONIO (*approximando-se*) (*)

Senhor meu!

D. AFFONSO.

Não vi a Diogo quando entrei... mas não deve andar longe: vai-te para a sala d'entrada esperal-o, e como chegar, trazel-o aqui. (*sae Antonio pela porta da esquerda*).

SCENA IV.

D. AFFONSO, CAMÕES.

D. AFFONSO.

Antes de uma hora, haveremos aqui El-Rei.

CAMÕES.

El-Rei!

D. AFFONSO.

Já elle cá seria, se não fôra o Cardeal, que o-tem dilatado. Quiz vir adiante para to-annunciar, e dar ao estalajadeiro certas ordens, afim de me não desvairarem depois a attenção... deixa correr mais uma hora... estás para ver estranhas cousas. (*corre a casa por uma e outra banda, como quem examina, o que quer que seja*)

CAMÕES.

Cuido estar vendo a Phylippe Persio quando andar medindo em Africa terreno para a nossa hoste: em vez d'elle, podia El-Rei levar-te para seu Divisador do Campo.

D. AFFONSO.

E assim é que ando eu a apparelhar terreno para uma grande batalha.

CAMÕES.

Com bom apparato de arcanos principia o Auto!... discorres no aposento, como que houveras um gran thesouro 'nelle enterrado.

D. AFFONSO (*com tom significativo*)

E quem sabe se o não haverei!

CAMÕES.

E 'nesse Auto, que me tocará a mim? serei tambem figura? ou só espectador?...

D. AFFONSO.

Espectador e figura: Não desejas tu vingança?...

(*) Antonio, D. Affonso, Camões.

CAMÕES.

Eu?... não...

D. AFFONSO.

Quanto não folguei, e me ensoberbeci de te ouvir no paço!... digo-te, que estavas em hora fadada de inspiração! relampagueava-te o olhar, percebia-se-te lá por cima na alma o trovejar soturno da colera! fulminastel-os a esses mesquinhos, relé cainha de cortezãos bastardos!

CAMÕES. (*com ironia*)

Sim, motejei e rugi.

D. AFFONSO.

Não zombes... padeceste muito... e padeces!... Fóra soberbas vans! as tuas feridas d'alma, recata-as de todos! mas a mim, ao teu amigo, ao teu Affonso, descobre-as sem vergonha... que bem sei quão profundas são, e como sangram.

CAMÕES.

Sim, sim, Affonso meu, por demais é o agitar-me; as frechas empeçonhadas que me elles cravaram no coração, não as desferro por mais que as sacuda: e perante El-Rei!... ver-me constrangido pelo respeito, a encolher as garras de leão, que os houveram feito pedaços!... querer, e poder, e não ousar esbofeteal-os nem com a palavra!... insensatos!... sabem elles sequer a quanto se exposeram provocando-me? não sabem que eu podia fazer-lhes peor que arrancar-lhes as ociosas vidas? podia condemnal-os a viver: amarral-os ao pelourinho da posteridade, com grilhões, como os de Ticio, que ninguem, nem todos os Reis, nem todos os seculos os desataram. Insensatos!... semearem a injuria em alma que tem o segredo do porvir! Insensatos, e infames, que se conspiraram para affrontar 'num só lanço a tres magestades, todas egualmente ungidas pela mão de Deus: o Ingenho, o Infortunio, e a Realeza! por ella sobre tudo, mais que por mim mesmo, te confesso, me doí, e me indignei. Dos labios me-estiveram por instantes rebentando aquellas palavras do meu poema;

...... Entre os Portuguezes
Tambem traidores houve algumas vezes.

D. AFFONSO.

Pois sabe que tudo isso, esses teus impulsos de lealdade portugueza, esses teus brilhos de Cavalleiro, essa tua lucta de ti comtigo mesmo para te-reprimires, para não ajunctares ás irreverencias, uma irreverencia nova; tudo, tudo te leu na alma aquelle grande Principe; e foi-te grato, bem mo

viste, exforçou-te. Coração porem que 'nesse praso mais pulsasse em teu favor do que este... nenhum. Porque El-Rei só via em ti um offendido, e eu... dous: o poeta, e o amante.

CAMÕES.

Cala! cala!

D. AFFONSO.

E tenho eu, que mais padecia alli o amante, que o poeta; mais a phenix, que a aguia; porque a aguia se não os esmagava com um açoute d'asa, era só por não querer. Mas o coitado do coração!... na presença do objecto idolatrado!...

CAMÕES.

Reparaste 'nella tu? que dice?... que fez?... que mostrava no semblante?... córou?... entristeceu-se?... Por Deus que mo digas!...

D. AFFONSO.

Camões, Camões, não me havias confessado a tua dita!...

CAMÕES.

Uma dita!... eu!... e qual?

D. AFFONSO.

O seres d'ella amado com extremo! Ella propria o revelou sem querer: a turvação... as lagrimas a cahir-lhe...

CAMÕES.

Basta!... não me abales a determinação!... Ah! Martim Gonçalves! Martim!...

D. AFFONSO.

Inda uma vez o-tens de vêr...

CAMÕES.

Onde vêl-o?

D. AFFONSO.

Escuta.... não quero por mais tempo dissimular comtigo. A El-Rei havia promettido calar-me, hoje porem toca-te haveres tambem quinhão em nosso segredo...

CAMÕES (*rapidamente*)

Cuido que to vou adivinhar... agora recordo e combino tudo... o Embaixador de Castella, e Martim Gonçalves, a rapoza, e a minha cobra de capello, ajunctam-se a occultas 'neste covil! eram elles os que tu hontem desejavas tomar, como dizem, com o furto nas mãos. Vai ahi colluio de traidores! conspiram contra El-Rei, e o Reino! Jesu Maria! Martim revel e descuberto! estrella da minha ventura que te-has sumido no occaso! Poder-me-hias tu ainda ascender ao Ceo!

SCENA V.

DIOGO, D. AFFONSO, CAMÕES, E ANTONIO.

D. AFFONSO.

Por onde te-andavas? ouve, eu vou sahir, dentro em meia hora voltarei. Os individuos que sabes, hão-de ser aqui á meia noute; tanto que entrem virás dar-nos aviso.

DIOGO.

Senhor sim; far-se-ha.

D. AFFONSO.

Cautella que te não suspeitem!

DIOGO.

Nas covas de Salamanca deveriam elles ter cursado com o proprio diabo, se a mim me suspeitassem: ide-me ora descançado quanto a isso.

D. AFFONSO.

Vai sempre outra vez certificar-te, se o almario falso, que encobre esta porta (*aponta para a porta da direita*) pela banda de traz, ao cima da escadinha escusa do soterraneo, está ainda como o deixámos; se se não conhece por fingido. Se o descubrissem, mallogrado era tudo.

DIOGO.

Mais alguma cousa?

D. AFFONSO.

Nada mais.

DIOGO.

Tudo se fará, como Sua Mercê determina; mas, antes que me parta, duas palavrinhas quizera eu dizer-vos.

D. AFFONSO.

Dize-as logo.

DIOGO.

Veio hoje ahi uma figura, que dava ares de mercador: pedio-me uma botelha do melhor vinho donzel, que na venda houvesse, e me-rogou me assentasse com elle para o bebermos. « Braguez com braguez, e cortez com cortez, » diz o adagio; acceitei, e puzemo-nos a beberricar: entrou-me a fazer, como por demais, algumas perguntas de nonáda, que se tinham alvo, não era eu besteiro que lho enxergasse...

D. AFFONSO.

Nem o sou eu tambem, que enxergue o alvo de tal conto: abrevia, que não hei tempo para perder!

DIOGO.

« Pois hontem (*arremedando a voz de Manoel*) ao cerrar da noute » (é elle quem falla) « encontrei-me ahi com um cavalleiro, conhecido meu, chamado Camões: annos havia, que nos toparamos em Goa . . . quando é que elle desembarcou? cuido, que na vossa estalagem está pousando. »

D. AFFONSO (*que tem estado distrahido e se volta de repente a escutar com a maior attenção*)

Ah!

DIOGO.

« Para raposo, raposa e meia, » dizia o outro; « tate, senhor Diogo! » dice eu entre mim, cerrei-me á banda, e nem palavra. Como vio, que não sahia coelho da mouta, metteu-lhe o furão por outra parte, dizendo: » Não vos a-
» conselhára eu a que lhe fiasseis do vosso; salvo, se haveis
» albergaria para a dar a peregrinos pelo amor de Deus. »

CAMÕES.

Que respondeste?

DIOGO.

« Mentira não paga sisa » e « uma mentira acarreta outra . . . » á cautella, fui-o enganando; porque a final de contas . . . . Vossa Mercê . . . . tem seus malquerentes; e poderia aquillo ser espia d'elles: que « mulher errada, e ladrão, nas obras se conhece, e na cara não. » « Pois, meu amigo, esse tal senhor Camões . . . . não sei quem possa ser! . . . » lhe tornei eu mui descançado; esse que vistes entrar na estalagem, segundo dizeis, pedio ahi uma vez de vinho, bebeu, pagou, e vistel-o: « matalotagem a bordo, caravella ao mar »

D. AFFONSO. (*)

Houveste-te, como quem és, Diogo honrado: (*para Camões*) era, sem falta, espia de Martim Gonçalves. Não importa, espero que hão-de vir . . . . Demo-nos pressa, vou-me ao encontro d'El-Rei . . . . Fica-te; até logo, Luiz. (*vae-se pela porta da esquerda*)

DIOGO (*a Camões indo já para sair*)

Pelo que vejo, andei sizudo!

CAMÕES.

Salvas-te-me. (*Vai-se Diogo pela porta da esquerda*)

(*) D. Affonso, Diogo, Camões.

SCENA VI.

CAMÕES, ANTONIO.

CAMÕES (*dessocegado*)

« Não vos aconselhára eu que lhe fiasseis do vosso! . . . » Menos me affronta o dito, do que me magoou o tom, e o olhar, com que o pobre do vendeiro mo repetio. Estava-se percebendo que ainda lhe não passára a indignação de me ver suspeitado no crédito. Mais quizera eu, esta mão da pena decepada, do que deixar por qualquer via, de pagar-lhe. Como porem? estas galas que ora trago, são pennas de pavão postiças; que de só as olhar me-corro . . . . vendel-as-hei . . . . mas, não me pertencem . . . . roubar a Miguel para pagar a Diogo! . . . (*senta-se á mesa e escreve*) (*) Antonio, ouve, se eu acabar, 'neste desafio de amanhan, vai ter com El-Rei, e lhe appresenta este escripto. (*lê*) « Deve Luiz de Camões a Diogo Estalajadeiro cem cruzados. » El-Rei é generoso, e dobrará o lanço. Será a unica mercê que eu haja pedido . . . . e a ultima tambem que posso pedir; que para me sepultarem, lá se haverão como quizerem: ou que me não sepultem; que me dá d'isso? . . . (*torna a escrever 'noutro papel*) Est'outro é para a senhora D. Caterina d' Atayde (*aqui apparece D. Caterina á porta do lado esquerdo*) (**)

SCENA VII.

D. CATERINA, ANTONIO, CAMÕES.

CAMÕES.

Quero, que ella saiba, que o meu pensamento derradeiro foi seu (*para Antonio*) em mão propria lho entregarás e a occultas. (*reparando em D. Caterina*) D. Caterina! . . . é possivel! . . . Antonio, faze véla por fora d'essa porta, que ninguem entre! (*Antonio sae pela porta da esquerda, e a fecha. Camões toma a D. Caterina pela mão*)

(*) Antonio, Camões.

(**) D. Caterina, Antonio, Camões.

SCENA VIII.

D. CATERINA, CAMÕES.

D. CATERINA.

Não me esperaveis!

CAMÕES.

Temeria ousar tanto!...

D. CATERINA.

Agora, já não quereis morrer!

CAMÕES (*indo até á janella*)

E affoutares-te por este escuro da noute, pelo ermo e callado d'essas ruas!...

D. CATERINA.

Que te direi; sabia que estaveis desesperado, como querieis que attentasse por mais nada?...

CAMÕES.

Oh! Caterina, não será isto um sonho?

D. CATERINA.

Maravilhaes-vos? com isso contava eu, Camões....

CAMÕES.

Maravilha? não; é um rapto de bemaventurança....

D. CATERINA.

Em verdade?...

CAMÕES.

Pois duvidais?... com que juramento quereis que vol-o affirme?... Por Deus, pelos teus olhos, pela minha espada, pelo meu amor, pela alma de minha mãe to juro.

D. CATERINA.

Creio, creio....

CAMÕES.

A que vem esse teu olhar de enleada, gentil Natercia minha; fallecem-te expressões para me pintares a força do affecto, que assim te impellio atravez de tantos riscos a me vires encantar cá no fundo de tanta miseria? Taes expressões não as hei mister, porque em ti leio como em mim proprio; não, não serei eu que interprete em mal este rasgo de feminil heroicidade. Escuta, já pode ser que nunca mais sôe para nós hora de boas fadas como esta; não ma escureças com vãos receios!

D. CATERINA.

Receios! eu!... Não, não me arreceio de nada.

CAMÕES.

E de que te havias de arreciar, sendo eu comtigo? Intendo; sobresaltou-te o meu alvoroço. Que lhe queres? se te-amo tanto, Caterina!...

D. CATERINA.

Eil-a, eil-a ahi a palavra de que eu vinha tremendo!... presumia.... esperava....

CAMÕES.

Que do meu amor te não fallasse? E de que outra cousa poderia fallar-te eu? Procural-a-hia por te aprazer; mas, se a não ha!... não, não ha; so tu. D'este coração houveras dó, se agora o visses! (*vai tomando fogo*) sereno?!... placido?!... se o eu estivera, cuidaria que estava morto! Frio, quando ao pé de mim te-estou vendo! Frio, quando me digo a mim proprio, ebrio d'amor e ufania «vê, vê, como ella te quer, que para te vir consolar tapou a bocca aos receyos e melindres, e nem dos juisos do mundo se lhe deo!...» Como queres, que não exulte? Que não delire de alvoroço? Que me não transverbere pelo semblante a felicidade? Tão poucos são os sacrificios que de ti me has feito? Continua! mais! mais! um derradeiro! arroja a mascara! depõi essa tibieza, que não é tua! Restitue-me a minha Natercia, as suas palavras namoradas de endoudecer! as suas branduras, e aquelle sorriso d'abrandar penedos! Essas geladas mostras de friesa, deixa-as para aquellas que hão medo de fraquear: ás virtuosas, como tu, sua mesma virtude lhes é escudo.

D. CATERINA.

Camões!

CAMÕES.

Não sabes, que ao transpores aquelles umbrais (*apontando para a porta da esquerda*) se converteu este humilde logar 'num templo sacrosanto!

D. CATERINA.

Camões! Quem te não admirará! homem generoso, que entendeste o quanto eu carecia de animada... bem hajas!... se pouco ha estava duvidosa e indecisa... se resistia aos impulsos do meu proprio coração, que todo se esvoaça para ti... ves-me aqui arrependida: perdoas-me, não é assim? Escuta-me... vê se me podes intender isto, que te eu não sei explicar: fiz este caminho, andando, ou correndo, sem pensar em nada, sem reflectir; sustida, e impuchada, não sei porque mão invisivel!... só áquella porta é que parei: inturvaram-se-me os olhos: retrahi-me, como se diante se me abrira um despenhadeiro... mil temores, mil escrupulos,

que me não occorreram quando me lancei á fuga, aqui me saltearam de improviso. Vês tu! . . . quero que saibas tudo que por mim passou: « que pensará Camões » dizia eu em mim . . . « e se elle, vendo este meu arrojo, me fallar do seu amor, que lhe poderei já responder? » Mas comtudo, queria ver-te. . . determinei-me alfim a entrar, a fallar antes que me fallasses, a dizer-te: « Camões, a que estás vendo, não é D. Caterina, é tua irman, tua irman que vem tomar seu quinhão nas tuas magoas; não ha cruz sem mulher ao pé; venho ser eu a mulher da tua cruz! »

CAMÕES.

Alma para padecer, tinha-a eu; dai-me outra, Deus meu, para a felicidade!

D. CATERINA.

Que scena, meu Camões! que barbaros! Como vos martirisaram! oh! e quanto mal não quiz eu á minha fraqueza! temi de perder o siso. E' verdade. Quando te vi sair tão allucinado, senti atear-se-me cá dentro a desesperação que em ti levavas. Então, é que de mim se apossou um pensamento ousado, um pensamento de mulher; (que para ellas não ha impossiveis;) « quem o pode salvar, sou eu; » exclamei; « sou eu; e hei-de salval-o!! »

CAMÕES.

Muitas vezes o hei pensado, mas nunca tanto o senti como agora: que pobre interprete d'alma não é a lingua!

D. CATERINA.

Se já vos não doem as vossas dores, por bem paga me podeis dar. (*Apontando para a carta que na meza está*) Que me dizieis 'naquella carta? (*vai para a tomar*)

CAMÕES. (*)

Pois sabeis! . . .

D. CATERINA (*apontando para a porta*)

Eu estava alem . . .

CAMÕES (*com muito affecto*)

Ler! . . . não; por mercê, conversemos!

D. CATERINA (*lendo para si*)

Despedidas! . . .

CAMÕES.

Sim; mas esta vida, que eu, pouco ha, daria de barato ao primeiro que ma quizesse tomar, defendel-a-hei agora, que por vossa, mais que por minha, lhe quero muito.

(*) Camões, Caterina.

D. CATERINA.

Oh! bem me dizia o coração, que te era entrado um pensamento máo! Medo havia de chegar já tarde! A tua agitação me amedrontava! Eras cá tão longe de mim, e eu lá a ver-te e ouvir-te! Ponto por ponto te podera referir tudo quanto pelo animo te-ha passado, desde que te arrancaste de palacio...

CAMÕES.

Dize...

D. CATERINA.

Quando á pousada chegastes, vinheis fóra de vós... fallecia-vos o ar... começastes de correr no quarto a passo cheio, a contar uma e uma as esperanças finadas, e as feridas do coração!... logo, alçando a voz para amaldiçoar...

CAMÕES.

Isso é!

D. CATERINA.

Então? não vos ouvia e via eu?

CAMÕES.

E ouviste-me tambem bradar por ti?

D. CATERINA.

E não acudi eu? não sou aqui?

CAMÕES.

Oh!

D. CATERINA (*inflamando-se*)

Não é d'hoje, meu Camões, que eu adivinho angustias vossas! muito ha, que ando comvosco!... peregrinei por èsses desterros, avergada de vossos pezares e desalento!... comvosco pelejei e fui ferida!... comvosco naufraguei!... comvosco me carpi todas as horas do nosso apartamento!... Oh! que se o descanço e justiça com lagrimas se mercaram 'neste mundo, justiça e descanço houvereis vós ha muito! que bastantes, e bem ardentes as derramei!

CAMÕES.

'Nesta hora, devera eu morrer; que me voava aos Céus carregado de jubilos e amores. Mil mercês, por vossos menoscabos e affrontas, senhores gentishomens de Portugal! as covardes mãos vos bejo, que assim me grangeastes a hora mais dourada de minha vida!...

D. CATERINA.

E eu abomino-os.... a todos.... desalmados!... que lhes havieis feito?!

CAMÕES.

Ainda tu m'o perguntas? não sabes, Caterina, que um só homem os havia contra mim conjurado? um homem, a quem eu ousára dizer, que te amava?

D. CATERINA.

Oh Luiz!...

CAMÕES (*descontente*)

Barbara pergunta! malvindas palavras foram essas vossas!...

D. CATERINA.

Ah! perdoai-m'as!... bem sabeis que vos não quizera eu nunca triste!...

CAMÕES.

De tudo me estava agora esquecendo; nem odios, nem zellos me já lembravam....

D. CATERINA.

Malaventurada de mim!...

CAMÕES.

Era ás portas do Ceo, e outra vez me despenhaste para a realidade, para o meu inferno.... d'aqui a pouco me dirás tu: «já quer alvorecer.... lá vem o dia.... é forçado apartar-mo-nos.» (*lança-lhe os braços*)

D. CATERINA (*assustada*)

Ouvi-me, ouvi-me, Luiz de Camões.... não, não, não; não é possivel; tu não queres por certo uma ventura que me deshonrára, oh! que não.... mais subido é teu amor, que o sei eu.

CAMÕES.

Não.... sim, sim.... mas queres, que eu te deixe ir para elle?... que te restitua a elle?... que....

D. CATERINA.

Luiz! respeita a mulher da tua cruz!... (*arrancando-se-lhe dos braços com um grito*) Meu Deus!... (*põi-se a escutar*)

CAMÕES.

Dize, queres alfim deixar-me aqui desamparado!...

D. CATERINA.

Ouço gente!... salva-me, Luiz!... esconde-me!...

SCENA IX.

OS DITOS E ANTONIO (*que entra pela porta da esquerda*)

ANTONIO.

El-Rei que chega.

CAMÕES.

El-Rei! (*puxando pela memoria*) Ah! sim! . . . vem . . . . (*conduz arrebatadamente a D. Caterina, e a esconde por detraz do cortinado da porta falsa á direita*)

SCENA X.

EL-REI, CAMÕES, D. CATERINA (*occulta*) ANTONIO (*no segundo plano*)

(*El-Rei se-detem um momento á porta da esquerda, por onde vem entrando, diz algumas palavras ao ouvido de D. Affonso, que com elle vinha, e que se ausenta logo*)

EL-REI (*indo direito para Camões*)

Esta noute, Luiz de Camões, vim trasido por nosso amigo D. Affonso de Noronha, mais como brigão que sae pelo escuro, que não como Rei e Cavalleiro. Algum dia porem virá, em que como Rei e Cavalleiro, e prezador de bons ingenhos, vos vá procurar em vossa pousada á vista do sol e do mundo, e seguido d'esses cortezãos que nos ultrajaram: fal-o-hia já amanhan, se não houvera de me-partir.

Camões conserva-se por toda esta scena em manifesta distracção cuidando mais em D. Caterina que em escutar El-Rei.

CAMÕES.

Real Senhor, empenhais-me em divida, que não pagarei nunca.

EL-REI (*travando-lhe da mão*)

Adiantada m'a havias pago, meu excellente poeta; antes sou eu para comtigo o alcançado.

CAMÕES.

Emvergonhais-me, Senhor! . . .

EL-REI (*com energia e rapidez*)

Uma só affronta como esta, põi nodoa 'num reinado:

hei-de fazer tudo por laval-a. Acostumaram-se a julgar-me fraco!... cuidam que sou ainda um menino, como quando me coroaram em braços de minhas aias? Por Deus que se enganam! e eu lho provarei.... Eu me farei temido, como El-Rei D. Pedro 2.º.

CAMÕES. (*á parte*)

Perdida está, e é por mim!

EL-REI.

Se não fôra por dar quebra á minha Real palavra, que já a-hei dado a Diogo Bernardes, Epico vos nomeára da minha expedição Africana.

CAMÕES.

Em Bernardes, Senhor, acertastes mui bem a vossa escolha.

EL-REI.

Ao Cantor do Gama quizera eu antes para meu! não foi porem a escolha minha; foi de quem porventura preparou a escandalosa scena d'esta noute....

CAMÕES.

Talvez!... (*á parte*) mas D. Caterina alli....

EL-REI.

Não importa, meu Camões, eu vos fio, que mais publica scena, e mais apparatosa, havemos nós de representar para lhes quebrar os olhos; por agora conversemos 'noutra cousa. Sabereis que hei determinado gastar comvosco, meu poeta, o restante d'esta noute, minha derradeira noute em Portugal!

CAMÕES (*atterrado*)

Passar.... que diz Vossa Magestade?... a noute?... porem....

EL-REI.

Mil cousas tenho em que praticarmos, segredos que te quero confiar.... conselhos que me releva pedir, não hei hoje cabeça, que per si baste para o sem numero de pensamentos e cuidados que me salteam.

CAMÕES. (*como acima*)

A mim, Senhor?...

EL-REI.

A ti, sim.... e antes de tudo uma reprehensão grave, gravissima, te venho dar.

CAMÕES.

Teria eu a desventura!... (*á parte*) Caterina!

EL-REI.

Offendeste-me e affligiste-me.... Quando agora vinha

para aqui, perguntei a Noronha pelos teus haveres; respondeu-me encolhendo os hombros .... és homem de caixa, segundo parece ....

CAMÕES.

Que pretende Vossa Magestade que lhe eu diga? ...

EL-REI.

Vejamos ora, podes emprestar-me tres cruzados? ...

CAMÕES (*confuso*)

Já aqui? ...

EL-REI (*apertando-lhe a mão*)

Não os tens, meu amigo, não tens tres cruzados! ... Desde hoje, D. Sebastião e Camões hão bolsa commum .... que se dicera do nosso Portugal por esse mundo, a constar que o Principe dos Poetas Portuguezes se àlbergava em Lisboa a par com os paços da Ribeira, 'numa casa de venda, sem mais louros que uns seccos e mirrados no alpendre do portal?! . Ja ordenei que nos meus Paços te apparelhassem aposento qual a ambos cumpre.

CAMÕES.

Senhor.... (*á parte*) e o tempo a correr! ... que farei?...

EL-REI.

Em quanto eu for ausente, o Cardeal, a quem já te recommendei, cá fará para comtigo as minhas vezes.

CAMÕES.

Sua Altesa o Senhor Cardeal!

EL-REI.

Sim, esse; até que prasa a Deus tornar-me a nossas terras que d'essa hora em diante, nunca mais te apartarei de mim .... por conselheiro e mestre te haverei, não só amigo.

CAMÕES.

Eu! ...

EL-REI.

E que outro mais feito para me ensinar a reger Estados!... Com a vida que has vivido .... deves conhecer os homens de todas as condições, e conheces .... e que sei eu d'elles? que vivo solitario, e cercado de um lustroso exercito de inimigos, a quem ahi chamam Cortezãos, que nem me deixam ver para fóra, nem que a verdade rompa até o throno! Assim se me tem ido mais de vinte annos da vida, que mortos e bem mortos chamára eu, se os não houvera ao menos dado aos livros, em que o espirito se afia como a espada na pedra; e á meditação, que me criou brios para as grandes cousas que hei traçado, e que, prasendo a Deus, espero de levar a cabo, máo-grado a pusilanimes e invejosos. Sim

tinha a meu Aio D. Aleixo de Menezes, mas esse.... a velhice lhe enregellou o sangue; 'neste concelho, que em Cintra houvemos, o conheci, que tão gloriosa facção como esta d'Africa, m'a reprovou severo, e m'a agourou com mil desastres. D. Aleixo de Menezes já não é homem para mim; ou já não sou eu pupillo para elle. A ti quero meu poeta, para guia e exforçador; que assaz em teus versos mostraste seres cabal para dizer verdades atrevidas. Quando de façanhas se tratar, oraculo me será o Cantor do Gama; quando de descobrir infortunios, para os remediar, dar-me-ha luz o pobre e desterrado de tantos annos, o homem, que, merecendo thesouros, não teve tres cruzados para emprestar.

CAMÕES.

Gran principe!

EL-REI.

Mal sabes a turvação, em que me deixou o triste successo d'esta noute!

CAMÕES.

Por Deus, Senhor, que vos esqueçais d'isso, como eu, e vos vades a repousar.

EL-REI.

A sanha d'aquelles ruins contra ti, e o que depois vim a saber das tuas desventuras, me abriram os olhos, e me fizeram haver lastima dos que em thronos se assentam! e mais lastima de mim, que tantos annos hei baldado para a ventura dos outros! as angustias de um talento desamparado, desconhecido, negado talvez! as horas, que o desalento, ou a desesperação lhe faz perder, horas do genio, que são as ricas peças de ouro, com que elle compra a Eternidade! as chagas, que lhe roem secretamente o coração! os abismos de penas, em que espia a sua gloria, sem ousar a queixar-se por desafôgo! tudo isso, que são males para que um Rei desça do throno a acudir-lhes, tudo isso, Camões, o aprendi eu já de ti, sem que m'o dicesses. Oh! quero-te, quero-te para meu mestre!!...

CAMÕES (*á parte*)

Está salva. Perante este, póde Caterina aparecer.... (*para El-Rei com fervor*) Oh monarcha! muita vez havia eu orado ao Altissimo, dizendo: «Senhor, a que alvo me atirais, que o não enxergo? Para que são estas dores tão cruas, com que me angustiais?...» hoje alfim me dá resposta.

EL-REI.

Para apostolo de glorias te elegêra....

CAMÕES.

Graças, ó Deus, se miserias minhas hão creado um Rei humano para este Reino vosso!...

ANTONIO (*inclinando-se*) (*)

Bem hajais, Rei grande! bem hajais!

CAMÕES.

E' o meu mór amigo, senhor.

EL-REI.

Inveja te-hei; não sou eu tão rico! (*Antonio vai-se commovido pela porta da esquerda quando vem a entrar arrebatadamente D. Affonso*)

SCENA XI.

D. AFFONSO, EL-REI, CAMÕES, D. CATERINA (*ainda por traz do cortinado*) E MARTIM GONÇALVES, *e o* EMBAIXADOR DE CASTELLA (*que a seu tempo se ouvirão fallar no subterraneo, e não são vistos*)

D. AFFONSO.

Lá são.

EL-REI.

Ah! já me não lembrava!

CAMÕES (*lançando os olhos para o homizio de D. Caterina*)

Ah! meu Deus!

EL-REI (*mui serio*)

Começo a reinar! (*para D. Affonso*) Onde queres que nos postemos?

D. AFFONSO (**)

Por traz d'esta cortina é a porta que eu dice a Vossa Magestade. (*Vai para correr a cortina*)

CAMÕES (*detendo-o*)

Que queres?

D. AFFONSO.

Abrir a escuta.

CAMÕES.

Não póde ser.

EL-REI (*para Camões*)

Sabes, o que 'nesse aposento se está tramando?

(*) Antonio, El-Rei, Camões.
(**) El-Rei, Camões, D. Affonso.

CAMÕES.

Real Senhor, commettei ao meu braço o desagravar-vos; vereis, se o tenho eu para vos servir.... (*Em meia voz e precipitadamente para D. Affonso*) Pela nossa amizade...

EL-REI.

Alguem está alli escondido! (*D. Çaterina corre o cortinado e aparece*)

D. AFFONSO.

D. Caterina!

EL-REI.

A Esposa de Martim Gonçalves!

CAMÕES (*)

Ah!

EL-REI (*com respeitoso accatamento*)

Viestes, Senhora, consolar o nosso poeta?

D. CATERINA.

Senhor!...

EL-REI.

A Camões, toca adorar-vos; e a nós, respeitar-vos como um anjo. Tamanho mal, feito por homens, só mulher podia reparal-o. Perdoar-me-heis porem o haver quebrantado o vosso asilo?

D. CATERINA.

Logo o devêra eu ter deixado, apenas ouvi aquellas vossas tão nobres, tão Reaes palavras.

EL-REI.

Consenti-me, Senhora, vos offereça o meu braço, que, por de cavalleiro, é tambem amparador de damas, e vos acompanhe até á vossa pousada.

D. AFFONSO.

Lembrai-vos, Senhor, do que nos ora trouxe aqui!

D. CATERINA. (**)

Esperarei, Senhor. (*D. Caterina se assenta por desfallecida á esquerda 'num dos escabellos; Camões fica de pé juncto d'ella. D. Affonso abre a escuta; D. Sebastião põi o ouvido á lerta.*)

D. AFFONSO.

Calaram-se.

D. CATERINA (*assentada*)

Que será!...

(*) D. Affonso, El-Rei, D. Caterina, Camões.
(**) D. Caterina, Camões, El-Rei, D. Affonso.

MARTIM GONÇALVES (*nó subterraneo*)

Ah! D. Phylippe já se arrepende das suas promessas! em tão pouco tem os meus serviços, que os regatea?

D. CATERINA (*levantando-se*)

E' a voz de Martim!... Grande Deus!...

CAMÕES (*em voz baixa para D. Caterina*)

Escuta....

EMBAIXADOR DE CASTELLA (*no subterraneo*)

'Neste pergaminho, firmado do proprio punho d'El-Rei Catholico meu Senhor, verá V. S.ª, Senhor Camara, que S. Magestade o tem em conta de leal amigo, e como tal o presa, e lhe fará mercê, continuando V. S.ª a auxiliar, como até agora, as suas traças.

EL-REI.

Oh ignominia!...

D. CATERINA.

Que horrivel é isto!...

CAMÕES (*em voz baixa*)

Escuta, escuta!...

MARTIM GONÇALVES (*como acima*)

D. Sebastião lá se vai espedaçar contra o poderio Mauritano.

EMBAIXADOR (*do mesmo modo*)

O seu perdimento é certo.

MARTIM GONÇALVES.

Dizei antes « certissimo »; derrotado o seu exercito, por suas mãos se mataria elle, se primeiro lançadas mouras o não fizeram.

D. AFFONSO (*para El-Rei*)

Metterei dentro a porta?

EL-REI (*tendo-lhe mão, e mostrando-lhe com os olhos a D. Caterina*)

Não vedes quem alli está? (*fecha a escuta*) Basta, basta, não quero ouvir mais: que infamia! (*Para Camões com gravidade*) Camões, lance é este para o teu primeiro conselho: que farei?

CAMÕES.

Real Senhor, Martim Gonçalves é meu inimigo.

EL-REI.

Tens rasão. (*depois de reflectir um momento*) Já sei; resolvi. (*para D. Caterina*) Senhora, vinde; até logo, Camões.

CAMÕES (*inclinando-se, e a meia voz para D. Caterina*)

Caterina até.... volveremos a nos ver.

D. CATERINA *(no mesmo tom)*

Adeus! *(El-Rei e D. Caterina saem pela porta da esquerda, D. Affonso os segue.)*

SCENA XII.

CAMÕES *no tablado* MARTIM GONÇALVES *inda no subterraneo.*

CAMÕES *(arremessa-se para a porta da escuta e procura abril-a)*

Agora sim, que é a pendencia entre nós ambos! *(descerra-se a porta)* Bom, já nos não separa, senão um movel.

MARTIM GONÇALVES *(ainda dentro)*

Que rumor é este! . . . ao cima d'esta escada está um almario! . . . alguem nos escutava! *(sentem-se os exforços que Martim Gonçalves faz por traz da porta para remover o obstaculo)*

CAMÕES.

Mettei-lhe o hombro com mais força, Senhor Martim Gonçalves . . . . desandou! parabens!

SCENA XIII.

CAMÕES, ANTONIO *que acode pela porta da esquerda* E MARTIM GONÇALVES, *que sae do subterraneo pela da direita.*

MARTIM GONÇALVES *(arremettendo de espada feita contra Camões)*

Camões!!! *(Antonio toma com a esquerda o braço de Martim Gonçalves, com a direita lhe arranca a espada, e a quebra, sem o largar)*

CAMÕES.

Deixa-o, Antonio, deixa-o!

MARTIM GONÇALVES.

Estivestes a escutar-me?!..

CAMÕES.

Ouvi tudo . . . . Antonio, fecha aquella porta *(apontando para a da esquerda)* e esta *(apontando para a da direita)* *(Antonio obedece)* Bem! *(para Martim Gonçalves)* Senhor mui leal Secretario d'El-Rei! agora, só Deus é que nos pode ouvir! . . .

MARTIM GONÇALVES.

Para um duello cuido que me reptaes!

CAMÕES.

Continuarmos a viver ambos, será cousa possivel? que vos parece?

MARTIM GONÇALVES.

Não: um dos dous ha-de morrer: só necessito de uma hora . . .

CAMÕES. (*com uma grande risada*)

Uma hora! (*tomando de repente a maior seriedade*) nem um minuto.

MARTIM GONÇALVES.

Já vol-o disse; antes de uma hora, não posso; que mais quereis? se vos empenho minha palavra! . . .

CAMÕES (*á parte*)

A sua palavra! pois tambem este empenha a sua palavra! (*alto*) Essa palavra, Senhor Martim, que vós quereis vos acceite, a mesma deve ser, que a El-Rei dereis de o servir com lealdade! Offerecer-me a sua palavra!!! . . . Defende-te traidor! (*indo arrebatadamente lançar mão da espada, que tem pendurada com o escudo*)

MARTIM GONÇALVES. (*apontando para a espada partida*)

Não vedes que estou sem armas?

CAMÕES. (*)

Quebrada? que fizeste tu, Antonio!

MARTIM GONÇALVES.

Este desafio, é tão meu, como vosso; uma hora de dilação, a nenhum de nós demoverá de seu proposito.

CAMÕES. (*reprimindo-se e entregando a espada a Antonio*)

Toma-me esta espada, que hei medo de mim.

MARTIM GONÇALVES (*querendo sair*)

D'aqui a uma hora . . .

CAMÕES.

Devagar, devagar; comvosco, pertendo eu ir, Senhor Martim, se dais licença . . . esperarei, sim, mas em vossa casa.

MARTIM GONÇALVES.

Sou contente! (*sae pela porta da esquerda*)

ANTONIO (*para Camões*)

Ireis?

(*O restante da scena declamado com a maior velocidade*)

(*) Antonio, Camões, e Martim Gonçalves.

CAMÕES.

Porque não?

ANTONIO.

Se vos armasse uma cilada?...

CAMÕES.

Pois vem tu comigo; não se matam á falsa fé dous homens como nós outros. (*Saem rapidamente pcla porta da esquerda*)



ACTO IV.

Sala em casa de Martim Gonçalves da Camara.

Uma porta no topo, outra á direita, duas á esquerda; entre as duas da esquerda, bufete antigo de coiro da India lavrado ao redor de folhagem de oiro; cadeiras de espalda, e de seda. Nas paredes, colgadas de guadamecins, se vêem os retratos dos Reis de Portugal até D. Sebastião. Aos cantos da casa, talhões de loiça do Japão com suas tampas pyramidaes.

SCENA I.

MANUEL (*passeando*)

Ruim condição é esta de pagem! O Senhor Martim Gonçalves, esta noute, não ha grande pressa de se tornar para a pousada. (*depois de breve pausa*) Parece-me, que os informes que lhe eu trouxe do tal Camões, não deixaram de lhe agradar... O diabo do estalajadeiro, ainda o estou vendo com os dentes emperrados, e com medo de se descoser... pois não foi á mingoa de cordeal... que bem bons copos d'elle lhe embuti!... mas toda esta relé de taberneiros assim é: hão-de vos beber um almude, e cousa de se deixarem lograr... «Ide-vos irmão, a outra porta.»

SCENA II.

MANOEL, E PAULO (*descerrando a porta do fundo, e bocejando como homem infastiado*)

PAULO.

Estaes ahi, Manoel?

MANOEL.

Pois onde! não vês que estou á espera?

PAULO (*entrando*)

Tambem eu: o nosso quarto de vela, vae-se hoje dilatando... amodo... que já as pestanas me carregam!

MANOEL.

Pois sim; mas sume-te, que pode Sua Senhoria vir.

PAULO.

Dizei-me cá vós, que vos parecem estas novidades?...

MANOEL.

Quaes novidades?!

PAULO.

Inda agora, estava-me eu alli á janella, por signal, a contar as estrellas, para me divertir, quando vi, atravessarem o Terreiro do Paço... quem? advinhai quem!

MANOEL.

Que sei eu!...

PAULO.

A nossa ama a Senhora D. Caterina, e dous cavalleiros; como chegaram ao sagão da escada, que vai para os aposentos da Rainha, entraram todos tres.

MANOEL.

Estavas a sonhar, meu Paulo!

PAULO.

Dizei vós logo, que estavamos a sonhar, porque o Rodrigo, que era ao pé de mim, tambem sonhou o mesmo.

MANOEL.

Ah!

PAULO (*bocejando*)

D'alli a nada, tornaram a descer, porem já sós os dous, que eu muito bem conheci...

MANOEL.

Conhecestel-os?!

PAULO (*bocejando*)

Conheci. Bem sabeis, que eu de cá d'esta frontaria do

Terreiro do Paço, vejo um mosquito em Almada; e mais a fogueira de San João á porta do Paço estava bem experta: um, assim Deus me ajude, como era o Senhor D. Affonso de Noronha.

MANOEL.

E o outro?

PAULO (*coçando a orelha*)

O outro, o diabo me leve, se não era El-Rei em corpo e alma...

MANOEL.

Vai-te d'ahi, cabeça de grou!

PAULO.

Faz-vos confusão? é o mesmo que a nós nos succedeo. O que vos eu pósso dizer (*bocejando*) é que as taes duas figuras, lá se foram ambas pelas escadas dos aposentos d'El-Rei, sem que a vela, que era em baixo, as detivesse.

MANOEL.

Conto é esse, para se rir com elle um disciplinado.

PAULO.

Antes é um conto de proveito, como os do livro do Trancoso, e serve para provar que toda a gente gosta de ir á rua, quando faz bonita lua: é exquisito! pois não é? (*boceja*)

MANOEL.

E' sim; mas torna-te para a janella; vae-te entreter a olhar para as luminarias da armada.

PAULO.

Quaes luminarias? já se apagaram todas. Estou aborrido! Como se chama aquelle? (*apontando para un dos retratos*)

MANOEL.

Eu sei cá!...

PAULO.

E aquelle? (*apontando para outro*)

MANOEL.

Não me deixarás?

PAULO.

Cá este, conheço eu. Está bem pintado.

MANOEL.

Podéra! Quem os fez todos, foi o Francisco d'Olanda.

PAULO.

Não ha duvida.... é El-Rei. (*apontando para o retrato de D. Sebastião*) E' tudo quanto sei da historia. (*bocejando*)

MANOEL.

'Nisso, és tu como muita gente boa.

PAULO.

Uma cousa, amigo Manoel, quizera eu que me dissesseis, pois entraes nos secretos de nosso amo, e nosso amo nos d'El-Rei, e El-Rei nos do diabo!

MANOEL (*inchando com o elogio*)

Direi, se souber.

PAULO.

Como foram uns agouros, que houve antes de El-Rei nascer? cousa medonha, em que toda a gente falla agora por ahi; mas cada um os conta a seu modo! (*assenta-se para um dos espaldares, repetenado, e abrindo a boca para o tecto da casa*)

MANOEL.

Sim, quando foi das festas pelo casamento do Principe D. João, Pai d'El-Rei, vio-se ahi no Céo, por cima da Sé, e muitas noutes, um fogo, em forma de athaude, sepultura, ou o que quer que fosse....

PAULO.

Não é isso; é um caso, d'uma fantasma....

MANOEL.

Ah! sim! é verdade; diz, que se estava a Mae d'El-Rei, já recolhida ao leito, e vio entrar pelo aposento uma dona, alta, a quem não conheceo, vestida de dó, com mangas de pontas, e touca larga....

PAULO.

Abrenuncio!!..

MANOEL.

Veio vindo.... vindo.... callada.... até se lhe pôr diante; e então.... deo um trinco com os dedos, e logo um assopro para o ar, como quem diz: «Todas tuas esperanças, hão-de parar em vento.»

PAULO.

E d'ahi?

MANOEL.

Sumio-se.

PAULO.

Altos juizos de Deus!.... e a dos Mouros?...

MANOEL.

Essa então, não foi só a princeza que a vio (muita vez o tenho ouvido ao Senhor Martim Gonçalves) vio-a a Marqueza de Navarrez, vio-a a Princeza de Asculy, e viram-na outras muitas moças da Camara. Estavam por noute na

varanda da Pela, a praticar mui bem descançadas, senão quando, vêem sair pela *Varanda d'El-Rei*, direitos ao Forte do Cáes, grande quantia de mouros, com albornozes de diversas côres, e tochas accezas nas mãos, tudo a bradar: *Ly, Ly, Ly....*

PAULO.

O que?

MANOEL.

Perguntai-lho lá; e chegando-se ao mar, se lançaram 'nelle. Mandou-se ver a porta, por onde eram saidos, achou-se fechada, do que El-Rei D. João 3.º, que Sancta Gloria haja, e a Senhora Rainha D. Caterina, que Deus Guarde, houveram grande turvação; e mandaram que em tal se não fallasse; como a mim mo contou o nosso amo, o Senhor D. Martim.

PAULO.

E que vos dizia elle sôbre isso?

MANOEL.

Aqui para nós, ou se a alguem o contares, não me façãs auctor, nem boquejes 'nelle.

PAULO (*bocejando*)

Está visto: um homem não ha-de ser nenhum sesto roto.

MANOEL.

Pois aquillo tudo, o que significava, é que o filho que estava para nascer....

PAULO.

O Senhor D. Sebastião?...

MANOEL.

Pois quem! eu?... havia de vir a ter muito triste fim.

PAULO (*levantando-se*)

Sabeis o que vos digo? Que me tomára já na cama.

MANOEL.

Pouco tardará; mas sai-te, que póde elle chegar. (*vai-se Paulo pela porta do fundo*)

SCENA III.

MANOEL (*só*)

Grande cousa é ser um homem pagem dos segredos, e braço direito tambem ás vezes, d'um Escrivão da Puridade: deixai caçar a forôa, que ainda algum dia espéro de andar em ginete, quebrando as pedras d'essas ruas.

SCENA IV.

MANOEL E PAULO (*que torna pela mesma porta*)

PAULO.

E' verdade, quereis ouvir uma trova, que inda agora armei, estando alli a olhar para a fogueira?

MANOEL.

Não.

PAULO.

Pois vêl-a aqui:

Nunca a eu passei assim,
A noute de San João,
Ai, ai, do meu coração!
Oxalá, que Don Martim,
Al de menos me mandára
Ir quebrar alguma cára....

MANOEL.

St! Essas cousas, fazem-se quando é precizo; mas não se dizem, basbaque; vai-te, que alguem chega. (*Vai-se Paulo por onde entrára*)

SCENA V.

MANOEL E D. CATERINA (*que entra precipitadamente pela primeira porta da esquerda*)

D. CATERINA.

Dizei-me, o Senhor Martim Gonçalves está no seu aposento?

MANOEL.

Senhora, não.

D. CATERINA.

Não!... (*á parte*) encontrou-se com Camões!

MANOEL.

Nenhuma cousa ha Sua Senhoria que me ordenar?

D. CATERINA.

Não; podeis-vos ir (*vai-se Manoel pela porta do fundo*)

SCENA VI.

D. CATERINA (*só*)

Oh! meu Deus! meu Deus fortalecei-me! Que incerteza! é morrer!... não posso!... a estalagem de Diogo, é longe, mas não importa, arrastar-me-hei até lá!... não sei que é das minhas forças, hão-m'as gastado estes aballos tamanhos de terror!... Todavia, vamos, inda que a vida me custe...: (*indo para sair pela porta do primeiro plano á esquerda, a abre Martim Gonçalves, e entra*)

SCENA VII.

MARTIM GONÇALVES, D. CATERINA.

MARTIM GONÇALVES.

D. Caterina!

D. CATERINA.

Senhor Martim!

MARTIM GONÇALVES.

Dormida vos cuidava eu já de muito, Senhora minha!

D. CATERINA (*á parte*)

Veria a Camões?...

MARTIM GONÇALVES.

Que sorte vos trouxe ora aqui?

D. CATERINA.

Não sei.

MARTIM GONÇALVES.

Oh! que gracioso *não saber*!... Vejo porem que haveis custo em vos ter em pé.... assentae-vos, que vol-o peço.... (*D. Caterina se assenta á direita, Martim Gonçalves prosegue*) successo grande havia de ser, o que a taes deshoras vos trouxe a este aposento, onde nunca entráreis que eu saiba? dizei-m'o, dizei-m'o que sou curioso.

D. CATERINA.

Não posso!

MARTIM GONÇALVES (*insistindo*)

Vamos; que me vinheis dizer? que haveis para me pedir?

D. CATERINA.

Queria...

MARTIM GONÇALVES.

Com pouco vos soçobrais, Senhora! fallai ora rasgado. esperaveis achar franca esta saida; ieis-vos a Luiz de Camões! (*D. Caterina faz um leve movimento d'impaciencia, Martim Gonçalves continua*) Conheço-vos, Senhora, animoza sois, e arrojada, em cumprir as vossas phantasias; para o gosto de estar com o vosso poeta, pouco vos dá de hora e sitio. D'elle só me espanto, que blasonando de Cavalleiro, apraza á mulher d'um Escrivão da Puridade para uma Taberna! Sempre cuidei que só, rascôas, e palafreneiros ou rameiras e mandís, se apallavrassem para covís taes! Se donas honradas, e gentis homens lhos vão tomar, que será d'elles!

D. CATERINA. (*levantando-se*)

Senhor!...

MARTIM GONÇALVES.

Tempo é de pôr termo a taes vergonhas, Senhora! se até agora vos hei deixado livre, sem me intrometter com as vossas chimeras loucas, foi, bem o sabeis, com a clausula de não enxovalhardes nunca a minha nobreza!

D. CATERINA (*recuando repentinamente*)

Sancta Virgem!!...

MARTIM GONÇALVES.

De me não tornardes, alvo, como outros, a motejos de Cortezãos!

D. CATERINA (*com um grito*)

Vossa espada, Senhor! sem espada vindes!

MARTIM GONÇALVES (*fingindo-se admirado*)

A minha espada!

D. CATERINA (*no auge da consternação*)

Vindes de brigar!

MARTIM GONÇALVES.

Com quem?

D. CATERINA.

Uma só palavra! Camões ficou morto?...

MARTIM GONÇALVES (*com vóz abafadá*)

Ainda não!

D. CATERINA (*vacilando*)

Morrer elle sem o eu ter presentido! chamar-me-hão todos a homicida de Camões!...

MARTIM GONÇALVES.

Louca sois!...

D. CATERINA.

Serei o que quizerdes! mas, Camões? Camões?

MARTIM GONÇALVES.

¿Estou eu aqui, para que do vosso rufião me inquiraes vós?

D. CATERINA (*reanimando-se*)

Meu rufião, Senhor Martim! Já não póde uma mulher admirar, como todos os homens, a Luiz de Camões, sem ser adultera? meu rufião! (*Martim Gonçalves meneia os hombros a modo de infadado. D. Caterina continuando*) Escutae-me; renegar o meu amor, fôra covardia. Sim, já antes que me esposasseis, o amava; não o sabieis? não vol-o declarei? não vol-o protestei? não me carpi supplicante aos vossos pés? não vos pedi? não orei? a vós! a vós! a vós! de mãos postas, que me não roubasseis áquelle, aquem, nem eu mesma podia já roubar-me, se o quizesse?

MARTIM GONÇALVES.

Basta, basta, Senhora.

D. CATERINA (*cada vez mais fogosa*)

Não basta; hei-de fallar, e heis-de ouvir-me! insultastes-me, calei-me; suppliquei-vos, repulsastes-me: rogos para comvosco, bem sabia eu já que eram baldados! mas vós mesmo (respondei-me agora, que vos interrogo) Sois vós irreprehensivel? julgais-vos... (mettei a mão na consciencia, encarai-me, e respondei!) julgais-vos, com juz d'accusar? de pôr a ninguem ferrete de ignominia? Perguntastes-me ha pouco se me ia eu á pousada de Camões? respondo-vos agora que para lá torno; que uma hora não ha ainda que eu lá estive, ao lado d'elle.

MARTIM GONÇALVES (*travando-lhe dos hombros, e apertando-a com furia*)

Não mentis?

D. CATERINA (*continuando*)

E vós tambem, vós tambem, vós lá estaveis! toda a differença foi que eu, eu saí pura, eu respeitei, eu defendi a vossa honra, Martim Gonçalves, 'naquella mesma taberna, onde vós, vós acabaveis de a vender pela bolsa de Judas!

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

E' necessario que esta mulher desappareça (*chamando*) Manoel!

D. CATERINA.

Oh! bem sei o que me espera, que me dá a mim da morte! parte, e a melhor parte de mim já não existe!...

SCENA VIII.

MANOEL (*á porta do fundo*) E OS DITOS.

MARTIM GONÇALVES (*para Manoel*)

Manda dizer, em meu nome, a minha Sobrinha a Senhora D. Abbadessa de Nossa Senhora da Rosa, que faça prestes logo, logo, uma cella para sua Tia, a Senhora D. Caterina, que deseja de se retirar do mundo. (*sae Manoel e torna a fechar a porta*)

SCENA IX.

OS PRECEDENTES, *menos Manoel*

D. CATERINA.

Para o Convento da Rosa!

MARTIM GONÇALVES.

Socegae; que vos não matarei.

D. CATERINA.

Bem hajais, que me sumis 'num sepulchro, onde me fartarei de orar por elle.

MARTIM GONÇALVES.

Antes orae a Deus que vos acuda.

D. CATERINA.

E ha-de acudir-me; Camões ha-de ser vingado (*sae pela direita, Martim Gonçalves, que a seguio fecha a porta e volta para a scena.*

SCENA X.

MARTIM GONÇALVES (*só, e na maior perturbação*)

Sim... mas... que monta?... Na Rosa, é como se estivèra sotterrada. Eu farei com minha Sobrinha, que nem o sol haja novas d'ella. Se não bastar isso, a todo o tempo é tempo. Agora a Camões. Esta mulher me-ha perturbado... em nenhuma cousa me dou já por seguro!... A'vante, que não quero fraquear, nem que o quizera, via já por onde retroceder! Ah! se ninguem me espreitou senão Camões!... esse em meu poder está: alli; (*apontando para*

á segunda porta da esquerda) elle, e o seu captivo. Saibamos que lhes farei; que é 'nesta hora todo o ponto!

SCENA XI.

MARTIM GONÇALVES E MANOEL (*que torna a apparecer na porta do fundo*)

MANOEL.

Já lá vai o recado.

MARTIM GONÇALVES.

Achega-te (*Manoel se aproxima*) Saberás, mesquinho de ti, que te deixas-te burlar do estalajadeiro Diogo!... D' ahi se engendrou um grande contratempo, que bem sobejos males dará de si, a não lograr-mos atalhal-o.... Que homens temos ahi?

MANOEL.

Ahi está o Paulo; e não póde tardar o Rodrigo, que eu mandei ir mui açodado ao Mosteiro, com o aviso de Sua Senhoria.

MARTIM GONÇALVES.

Bem! Saberás, que fui affrontado de um homem!...

MANOEL.

Onde o colheremos ás mãos?

MARTIM GONÇALVES (*apontando para a segunda porta da esquerda*)

Alem está.... Falla baixo.

MANOEL (*em voz baixa*)

E' o Camões?

MARTIM GONÇALVES.

Sim.

MANOEL.

Em que logar, mandaes que vol-o acabemos?

MARTIM GONÇALVES.

Aqui.

MANOEL (*pondo a mão nos copos da espada*)

Já?

MARTIM GONÇALVES.

Não; releva que primeiro lhe falle (*tomando a espada de Manoel*) Buscarás outra espada para ti (*põi a espada em cima da meza*) Deixarás a porta mal cerrada, para que um ao outro nos possamos vêr. Em eu pondo a mão 'neste ferro....

MANOEL.

Accorreremos: entendi.

SCENA XII.

MARTIM GONÇALVES, CAMÕES (*abrindo a segunda porta da esquerda, e entrando em scena*) E MANOEL.

MARTIM GONÇALVES.

Já, Senhor Luiz de Camões?

CAMÕES.

Sois prestes Senhor Martim Gonçalves? (*Manoel sae pela porta do fundo deixando-a mal cerrada*)

SCENA XIII.

MARTIM GONÇALVES, CAMÕES.

MARTIM GONÇALVES.

Inda a hora não passou.

CAMÕES.

Apressae-vos, por mercê; que ao romper d'alva deve vosso sobrinho achar-me vivo ou morto. (*quer tornar-se por onde veio*)

MARTIM GONÇALVES (*em tom frio*)

Antes que nos apartemos, uma supplica vos quizera eu fazer.

CAMÕES (*impaciente*)

Ouvirei.

MARTIM GONÇALVES (*pausado e com intimativa*)

Primeiro que entremos ao desafio, folgára de saber, se ha outrem, alem de vós, que saiba do que entre mim, e o Embaixador de Castella se ha praticado.

CAMÕES.

Lá vol-o direi com a espada na mão: vinde!

MARTIM GONÇALVES.

Irei, quando me hajáes respondido.

CAMÕES.

Attentae por vós!... ahi por perto andam servos vossos... se tardaes, fallo; e será de maneira, que me ouçam

elles.

MARTIM GONÇALVES. (*levando da espada, que pozera em cima da mesa, e com falla sotterrada*)

Então morre!

EL-REI (*de dentro*)

Anunciae-me a Martim Gonçalves da Camara.

MARTIM GONÇALVES.

El-Rei!... (*para Camões*) Agora entendo a vossa valentia!

CAMÕES.

Por minha fé, como eu não adivinhava que vinha aqui El-Rei.... Como quer que seja, tornar-me-heis a ver. (*Procura por onde saia*)

MARTIM GONÇALVES. (*abrindo a porta do segundo plano á esquerda*)

Por aqui. (*Camões sae por ella. Martim torna a fechal-a á pressa, e diz á parte encaminhando-se para o fundo, donde se ouvio a voz d'El-Rei*) Tens rasão; não me deves escapar.

SCENA XIV.

MARTIM GONÇALVES, EL-REI, D. AFFONSO E DOIS CAVALLEIROS *entrando pela porta do fundo.*

MARTIM GONÇALVES.

Vossa Magestade, Senhor, 'nesta humilde estancia!

EL-REI.

Negocio me traz, em que não vai pouco á salvação do Reino.

MARTIM GONÇALVES.

Confuso me tem Vossa Magestade!... Dar-se-ha que os infieis de Berberia se nos anticipassem?!

EL-REI.

De Castella, e não d'Africa, nos vem o perigo.

MARTIM GONÇALVES.

De Sua Magestade Catholica!

EL-REI.

Sim: D. Phylippe 2.º, meu Tio, parece necessitar de mais imperio: grande seria para outras cabeças aquella corôa; a elle, vae-lhe estreita; carece de a accrescentar com mais alguma.... Máo grado á pericia e valor de seus Capitães, e ao amparo, que lhe dá Roma, sabe que para a-

lem dos Pyreneos agro lhe seria o ir buscal-a; voltou logo os olhos para esta parte. Traça fazer honra, e mercê a Portugal, com lhe dar fóros de provincia Castelhana. Que dizeis do projecto, Martim Gonçalves?

MARTIM GONÇALVES.

Já vos declarou a guerra?

D. AFFONSO.

Oh! não, bem o sabeis, Senhor Escrivão da Puridade.... El-Rei D. Phylippe, o prudente, não o ousaria!

EL-REI.

A' fé que não.... Dizer-vos quero, o que ha feito aquelle politico profundo. Exforçou-me, quanto pôde no meu proposito de cingir armas contra os infieis; aconselhando-me, a que para dilatação da fé, e augmento de meus estados, passasse eu em pessoa os mares á frente de meu exercito; offerecendo-me até gente e dinheiro, para tão sancta e gloriosa empreza: depois, recommendou secretamente ao seu Embaixador, que a todo o custo lhe careasse boa quantia de partidarios poderosos em Lisboa. O Embaixador houve 'neste negocio boa mão, e melhor fortuna; pois achou entre os da minha Côrte e casa, segundo parece, alguns *descontentes*; e d'estes *ruins de contentar*, fez elle, a poder de promessas, muito bons traidores.

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Tudo sabe! (*Em voz alta*) O Embaixador está prezo?

EL-REI.

Deixei-o ir.

MARTIM GONÇALVES.

E os cumplices? conhece-os Vossa Magestade?

EL-REI.

Não todos....

D. AFFONSO (*para Martim Gonçalves*)

Não vos dê cuidado; que hão-de ser colhidos.

EL-REI.

Os tramas, e projectos, as ambições, e esperanças d'esses reveis infames, tudo nos veio, mercê de Deus, ao conhecimento. Tão horrivel, tão abominosa, e torpe, tão vil e esqualida é essa têya cerrada de ingratidões, de traições, de cubiças, de venalidades, de desvergonhamentos, que me pejára eu, Senhores Cavalleiros, de vol-a desenrolar aqui; (*para D. Affonso*) Fallae vós por mim D. Affonso de Noronha, mas breve.

D. AFFONSO.

Sabe-se, que de Castella se-hão passado á Africa Procu-

radores e Agentes secretos. Sabe-se, que para lá foi com elles ouro d'El-Rei D. Phylippe 2.º, alvorotar, armar, e reunir em conjuração os quietos moradores dos aduares, e converter as alhelas em outros tantos exercitos.

MARTIM GONÇALVES (*considerando de revez o aspecto d'El-Rei*)

Ah!

EL-REI.

Escutae, escutae.

D. AFFONSO.

Sabe-se, que tanto que se romper a nova de ser morto em Berberia El-Rei nosso Senhor D. Sebastião, que Deus Guarde, (pois El-Rei, e sua fidalguia (*com ironia*) tudo lá deve ficar) o Duque d'Alva se-ha-de pôr em marcha para Lisboa, a qual (sabe-se tambem) lhe-ha-de abrir as suas portas.

EL-REI.

Estamos bem informados, Martim Gonçalves?...

MARTIM GONÇALVES.

Senhor....

EL-REI (*para os Cavalleiros*)

Se a deshoras vos mandei chamar, Senhores Cavalleiros, se vos hei trazido a casa do meu Secretario, Martim Gonçalves da Camara, foi para o accusar perante vós de crime d'Alta Traição! (*sussurro geral com grandes mostras de espanto*) Sim, Senhores Cavalleiros, esse homem, carregado de minhas mercês, e já herdeiro das de meus antepassados, esse que ahi vedes, é quem ha promettido a Castella, as chaves de Portugal. E' o Martim de Freitas da deslealdade!

MARTIM GONÇALVES.

Mas, quem é que me accusa?

EL-REI. (*indignado*)

Não negueis! inda de infamias vos não basta?! Quem vos accusa?!.. accuso-vos eu, El-Rei: será bastante? Não ouvi eu tudo? D. Affonso não vos repetio ahi as vossas proprias palavras?... Que mais vos é mister?...

MARTIM GONÇALVES.

Senhor....

EL-REI (*aos Cavalleiros*)

Ainda hontem, refusava eu dar credito a tamanha perfidia: meu Reino, e minha pessoa, fiava d'elle tudo. (*para Martim Gonçalves*) Podia, Martim, mandar-te amarrar 'num pelourinho.... Mandar-te açoutar pelo algoz, mas

salvam-te os nomes, que has herdado. Agradece a teus páes, que tiveram virtude, para supprir a tua. Agradece á tua honrada esposa, a quem me não cabe fazer affronta. Vae-te para D. Phylippe, que lá te chama: dize-lhe, que a tua traição, descuberta no proprio dia da minha partida, me não demoveo do proposito! Dize-lhe que El-Rei de Portugal, vai pelejar pela honra de Deus, e Deus protege os seus pelejadores.... Vae, vae pedir a D. Phylippe que te dê uma pousada e familia, em desconto das maldições de todo um povo, e do ferrete indelevel, que na fronte levas: lá verás, o que te elle atira!... Portugal, é d'hora ávante para ti, terra estrangeira e inimiga; o dia, que a ella volvesses, podera-te ser o derradeiro.... Descobre-te, villão, na presença do teu Rei, e acompanha-nos, até á saida de tua casa!... (*saem todos pela porta do fundo*)

SCENA XV.

CAMÕES (*que torna a sair da segunda porta á esquerda*)

Temi que o mandasse El-Rei encarcerar! Oh! verdadeiramente Real mancebo!... que m'o deixaste para mim! Caterina, Caterina, amanhan porventura já te-despertarás liberta!... A estas horas, deve ella de estar na sua camara: como D. Sebastião a-acompanhava, chegou por certo san e salva. Deus grande! Senhor e Ordenador Universal! Vós, a quem eu muita vez hei offendido, mas que nunca reneguei, Deus meu, protegei-m'a!

SCENA XVI.

CAMÕES *em scena* E D. CATERINA *por detraz dos bastidores da direita sem ser vista.*

D. CATERINA (*em voz debil*)

Camões!

CAMÕES.

Alguem me chama!

D. CATERINA.

Camões!

CAMÕES.

Outra vez! é a voz d'ella.... onde estará! Ah! esta

porta! (*abre a porta da direita, apparece D. Caterina*)

SCENA XVII.

CAMÕES, D. CATERINA.

CAMÕES.

Caterina!

D. CATERINA.

Camões! Não me enganei; sois vós!... vivo!... illeso! (*caindo em joelhos*) Eu vol-o agradeço, Deus bom, Deus misericordioso!

CAMÕES (*erguendo-a*)

Como te incontro eu aqui, alma da minha vida? para a estancia da Rainha, cuidei te levava El-Rei!

D. CATERINA.

Levou, mas eu não pude estar; morria se não saisse! a lembrança de te haveres lá ficado na Estalagem, onde era Martim Gonçalves, atterrava-me.... saí como louca, para vir aqui.... para ir lá.... para saber.... quando entrei, ainda elle cá não era, chegou logo: não trazia espada. Foi para mim um raio aquella vista! dei-me por perdida; figurou-se-me estar-te vendo aos pés d'elle, por sua mão traspassado, nadando no teu sangue, arquejando, moribundo, morto! Ah!...

CAMÕES.

Triste Caterina!

D. CATERINA.

Sim, triste, e bem triste! era horrendo aquillo! pedi-lhe a verdade; não m'a disse: então é que de todo perdi o sizo....

CAMÕES.

D'aqui ávante nada mais receeis.

D. CATERINA.

Não receio, não; que tu me has-de defender.

CAMÕES.

Martim Gonçalves é degradado; recebeu ordem de sair de Lisboa esta propria noute.

D. CATERINA.

E eu.... fico.

CAMÕES.

Caterina, escuta; não percamos um instante; Martim deve estar chegando.... é necessario fugires.

D. CATERINA.

Sim.

CAMÕES.

Vae; o meu Antonio te guiará.... alli está elle.

D. CATERINA.

E tu?

CAMÕES.

Breve serei com vosco.

D. CATERINA.

Partir só!... Não. Sem ti, não.... decide; mas vê que em tuas mãos me tens a vida!

CAMÕES.

Hei jurado aguardar por elle.

D. CATERINA.

Ficaes-vos para vos matar com elle: bem m'o agourava o coração! Mas se tu morres, Luiz, se morres, que será de mim!... Escolhes deixar-me sem amparo entregue ás suas iras! Oh! Camões! 'nesta hora, em que eu esqueço tudo, não me falles em juramentos d'esses, ou direi.... que nunca me houveste amor!

CAMÕES.

Mas dirá elle.... que tive medo.

D. CATERINA.

Que te importa! curo eu, do que elle poderá clamar contra mim, em me sabendo fugida!

CAMÕES.

Caterina, e a minha palavra!

D. CATERINA.

Pois bem! aguardal-o-hei eu tambem; mas lembra-te sempre, que por não quebrar um ponto na tua soberba, causas a morte a quem te queria mais que a tudo, e que a si mesma.

CAMÕES.

Ai! poupa-me, Caterina.

D. CATERINA.

Não sabes o que me espera? o carcere d'uma cella, quando menos!...

CAMÕES.

Tens rasão, a sua vida d'elle não valle o risco grande em que te eu punha.

D. CATERINA.

Aventurar uma existencia como a tua....

CAMÕES.

Sim, sim, cheia d'hora ávante de esperanças e alegrias,

sacrilegio fôra, que nem Deus me perdoára.

D. CATERINA.

Agradecida, Camões, agradecida d'alma e coração, conta com uma companheira para os dias atribulados. Ama-me, ama-me muito, e sempre; ama-me, como te eu amo; que mais ninguem tenho já 'neste mundo se não a ti.

CAMÕES (*abrindo rapidamente a segunda porta da esquerda*)

Antonio!

SCENA XVIII.

OS DITOS, E ANTONIO (*que sae da segunda porta da esquerda*)

CAMÕES (*indo para elle e em voz baixa*)

Fica-te e dize a Martim Gonçalves, que breve farei volta e serei aqui (*sae com D. Caterina pela primeira porta da esquerda*)

SCENA XIX.

ANTONIO (*só*)

Era tempo.

SCENA XX.

ANTONIO, MARTIM GONÇALVES (*entrando pela porta do fundo*)

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Lá veremos, D. Sebastião, qual de nós ha-de entrar primeiro em Lisboa. Agora vamos a isto: já tenho na embuscada os meus dous valentes (*vae abrir a segunda porta da esquerda*) Prestes sou, senhor Camões!

ANTONIO.

Já lá não está.

MARTIM GONÇALVES.

Quem fallou?

ANTONIO.

Eu.

MARTIM GONÇALVES.

Quem és tu?

ANTONIO.

Olha-me bem, e a ti mesmo te responderás.

MARTIM GONÇALVES.

A que és vindo?

ANTONIO.

A defender meu senhor, se for mister.

MARTIM GONÇALVES.

Mentes; Camões não se ausentou; fugir á hora de um duello, feito seria de mui vil covarde.

ANTONIO (*tendo um impeto para se arremessar a Martim e reprimindo-se logo*)

Uma injuria tua, nada é.

MARTIM GONÇALVES (*vae-se á porta da direita, que diz para o quarto em que havia encerrado a D. Caterina, e a acha aberta*)

Agora intendo: Camões fugio; e tu, ficaste para demorar a quem o houvesse de seguir. Elle não foi só... bem está... hão-de tornar: a porta, onde aquella escada vae dar, está fechada... escuta... (*ouvem-se passadas*)

ANTONIO.

Ah! lá tornam (*vae para o matar*) Não quero que te achem vivo.

SCENA XXI.

D. CATERINA, ANTONIO (*no segundo plano*) CAMÕES, MARTIM GONÇALVES.

CAMÕES (*para Antonio*)

Detem-te, homem desacordado!

MARTIM GONÇALVES.

Agora, eu: á vossa espera estava, Senhor Camões.

CAMÕES.

Vamos (*vão para sair Camões, e Martim Gonçalves*)

D. CATERINA (*corre para Martim Gonçalves para o segurar*)

Não saiaes, Camões, não saiaes, que vos matam.

MARTIM GONÇALVES (*repulçando D. Caterina que desmaia*)

Deixae-me (*para Maneel que apparece na porta do fundo*) Mais luzes, vinde, (*Manoel desapparece. Camões*

vai para erguer a D. Caterina; derrepente muda de pensamento, corre para Martim Gonçalves, toma-o fortemente pelo braço, e o leva á força para a porta do fundo)

CAMÕES.

Agora, só um raio nos poderá separar! (*saem, Antonio os segue*)



ACTO V.

Aposento apertado e pobrissimo, onde assiste Camões, na visinhança da Egreja de Sanct'-Anna. A' direita a porta da entrada, á esquerda outra, como de alcova, com uma cortina rota. No topo uma janellinha, elevada, de rótula, com poiaes de pedra, e seu degráo alto entre elles. A' direita, no primeiro plano, uma banca de pinho lascada e côxa, coberta de papeis, com tinteiro, e uma véla accesa em palmatoria de barro. Na parede do lado opposto, o escudo do acto terceiro, mas sem a espada; por cima, o Crucifixo. Um escabello e uma cadeira de encosto juncto á mesa. Ao canto da casa, uma bilha d'agua. Para outra parte um fogareiro apagado.

SCENA I.

CAMÕES, ANTONIO.

(*Camões está assentado á banca: Antonio passeia no fundo do quarto, vagarosa, e subtilmente, para não enterromper ao Poeta. Camões, depois de reler attentamente o que havia escripto, começa a fallar; Antonio pára, prega 'nelle os olhos escutando-o com a maior attenção.*)

CAMÕES.

Que versos!... nunca tão frios os escrevi!... nunca:

nem quando lá pelos sinceiráes do Mondego, na madrugada de minha vida, me estreava no rimar! (*rasga o papel. Depois de pausa*) Doem-me as feridas! menos porem as do corpo, que as da alma! (*torna a pegar na penna*) Animo, Camões! animo! pusilanimidade é isso: exforçar, e ávante! (*encosta a fronte entre as mãos. Depois de largo espaço.*) Não posso! . . . pois se eu padeço tanto! . . . (*com raiva*) Não, não é isso, desgraçado! a que vem cegares-te? não te soccorras a subterfugios pueris; confessa, que declinas para o occaso; que já te engolfas pelas trevas . . . (*levanta-se*) Queixar-se Camões de que a dôr, lhe apaga o estro! . . . e quem é que lho accendeo sempre, senão a dôr? quaes as suas musas hão sido, senão as magoas? . . . (*torna a assentar-se recaido em abatimento*) Musas! . . . sei eu ora se jamais as tive! . . . (*Pausa*) Já vai 'num mez, que sinto este espirito dormente; que este meu universo (*apontando para a cabeça*) está anoutecido, despovoado, silencioso . . . (*Pausa*) Ai que fim, que amargurado fim me destinavas . . . oh! meu Deus! para remate de tão farta corôa d'espinhos, ainda este! Oh! aos outros . . . aos outros não quero eu mal... ao menos eram espinhos que florejavam; mas este . . . este... duas mortes . . . duas agonias para um só homem! . . . Antes que a alma se me apartasse, se-apartou d'ella a poesia! mal haja a minha estrella . . . maldita seja a hora . . . (*levanta-se*) Não; não: não. E' impossivel! Quero outra vez experimentar! . . . se porventura o ingenho já me não ressuscitasse aos meus conjuros . . . espedaçar-te-hia eu mesmo, pobre cabeça deshonrada! Não quero que se possa jamais dizer: « Camões acabou a vida indigente e mendigo, até de espirito! » Eu infecundo! . . . eu estolido! . . . Desafio a Omnipotencia. (*Retoma a penna*)

ANTONIO.

Mestre! Senhor meu!

CAMÕES.

Antonio, meu irmão, meu amigo Antonio, estavas ahi tu? e não me fallavas! . . . nem já me alembrava de ti, amigo! Has presenciado a minha angustia, a minha desesperação! Mas vês tu?... é que me estou sentindo fenecer... feneci . . . estou perdido! . . . De mim tens lastima, não tens? . . . por força! conheceste-me ainda no meu throno, que eu, este mesquinho, que ora vês, fui tambem um d'esses poucos Reis do intendimento: pois não fui? Dar-se-ha que levasse eu 'num sonho a vida toda, e agora despertasse? ou dar-se-ha (confesso-te, que até este pensamento

me assaltea) dar-se-ha, Antonio, qne esses louvores, que de toda a parte me soavam, fossem uma conjuração universal d'escarneo, um aclamarem Principe a um truão, que por Principe se inculcava! Porque (olha tu) esses poetas, meus contemporaneos, cantando-se uns aos outros, nunca a mim me cantaram (só o meu Diogo Bernardes) nem Antonio Ferreira, nem Jorge de Monte Mór, nem Jeronimo Corte-Real, nem Jorge Ferreira de Vasconcellos, nem Fr. Agostinho da Cruz, nem Pero d'Andrade Caminha, nem Sá Menezes, nenhum! «Será inveja» dizia eu quando era vaidoso; agora, hei medo de que fosse justiça!... Responde, responde tu, que me foge o sizo!

ANTONIO.

E aquelle famoso cisne da Italia o Torquato Tasso? não vos cantou? não disse: «que as naus do Gama não tinham chegado tão longe como chegaria a penna do seu culto e bom Luiz?»

CAMÕES.

Sim, *o meu Tasso*!

ANTONIO.

E o *vosso Jáo*? o *vosso Jáo* tambem, não vos tem cantado? se vos dá só flores silvestres, é porque mais não tem.

CAMÕES.

Oh! sim, sim, sou um louco; sou um desagradecido.

ANTONIO.

Sois ainda, e sereis sempre, o que sempre fostes; CAMÕES; O GRAN POETA, o desesperador d'invejosos, o que mercou a desaventura por merecimentos de contado.

CAMÕES (*passeia de vagar arrimado no braço do captivo*)

O poeta, se o houve, já lá vai!... Posso deitar lucto por mim!... (*Pausa*) Tenho uma derradeira consolação todavia; já não hei-de assistir á morte da Patria; que tambem para ahi está agonisando, desde o dia que em Africa lhe esmagaram a cabeça! Sequer não verei Castella vir assentar-se em cima d'este pobre Reino moribundo, como eu!... Que me importa já agora a existencia!... Amor, Patria, Realeza.... tudo se me foi em torno desabando, e cada uma d'essas nobres e sanctas cousas, me foi levando comsigo um pedaço do coração.... o que me restou, nem já val a pena de o conservar.... que ficaria eu cá fazendo, velho inutil, e pasmado, entre sepulturas e ruinas! (*volve a assentar-se e cerra os olhos*) Está-me lembrando uma peça grande d'artilheria, lá da nossa Fortaleza de Mallaca, onde eu ás vezes me ia assentar a vêr os mares e o pôr do sol!

Pobre bronze!... tanto atroar os ares! tanto fulminar inimigos! para a cabo te-jazeres alli!... apeado!... sem voz!... comido de mugre!... feito assento de um pobre soldado, escarnecido e cavalgado das creanças!... lembra me, que tinha dó de ti: quem o terá de mim agora!..

ANTONIO (*á parte*)

Penedos moveria a piedade!

CAMÕES (*brandamente como quem devanea*)

Caterina!...

ANTONIO (*á parte*)

Em al não sonha!

CAMÕES (*erguèndo-se um tanto, com os braços estendidos*)

Lá se-me vae.... a mão.... a mão, Caterina! sumio-se!... jaz morta! estou louco.

ANTONIO.

Inda o não sabemos; animo, Senhor, que bem podereis tornar a vêl-a.

CAMÕES.

Queres-me enganar. (*Pausa*) Se eu tivesse mais algum vigor, Deus me encaminhára, para onde ella está se inda é viva porventura (*Pausa*) Seis mezes ha, que a vi pela ultima vez. Seis mezes ha, que as feridas e a infermidade me têem 'nesta casa sepultado. Foi (lembras-te?) a noute de San João, quando o traidor me mandou matar á falsa fé; e já hoje é noute de Natal! seis mezes! seis mezes sem saber d'ella! Não pode ser: ou esta incerteza, ou eu, havemos hoje de acabar. (*Forceja por se arrastar até á porta da rua*) quero sair; vou-me á sua procura.

ANTONIO (*detendo-o*)

Aguardae que amanheça.

CAMÕES.

Deixa-me.... deixa-me.... (*Recae exhausto na cadeira*) Não posso!...

ANTONIO. (*á parte*)

Oh! porque me salvou elle no naufragio?! ou porque não perecemos ambos!

CAMÕES (*depois de longa pausa*)

Agua... (*Antonio enche um pucáro e lho apresenta. Depois de beber*) Sinto fogo nas entranhas... quero distrahir-me de tanto delirar! Como isto está por pouco (e ainda bem!) quero acabar minhas despedidas aos amigos ausentes... (se os tinha... quem sabe!) vamos cerrando estas cartas que ahi estão escriptas. (*Toma uma e lê parte d'ella*) « *Em fim, acabarei a vida; e aqui verão todos*

que tão amante fui da minha patria, que, não contente de morrer 'nella, quiz tambem morrer com ella.» (*Entrega a carta a Antonio*) Cerra-a; é para D. Francisco d'Almeida, que em Lamego se acha a estas horas. (*Antonio fecha a carta com um fio de seda, lacra-a, e lhe escreve o nome de D. Francisco d'Almeida.*)

CAMÕES. (*lendo entretanto segunda carta*)

«*¿ Quem ouvio dizer, que em tão pequeno theatro, como o de um pobre leito, quizesse a fortuna representar tão grandes desventuras? E eu, como se ellas não bastassem, me ponho ainda da sua parte; porque procurar resistir a tantos males, pareceria especie de desvergonhamento.»* (*Fallando*) Como tudo isto me parece frio! (*Passa a carta para o lado d'Antonio que está concluindo com a primeira; e toma de sobre a mesa um caderno escripto que folhea distrahidamente. Fallando*) Era um novo Poema que andava traçando sobre as glorias da conquista d'Africa! . . . (*Rasga-o e o-atira para o chão. Batem á porta da direita. Antonio sae a ver quem é, e volta passado um momento*)

ANTONIO (*em voz baixa ao ouvido de Camões*)

E' o Senhor D. Rui da Camara, que vem pelos Psalmos em verso, que diz vos encommendára: pareceo-me negar-lhe entrada.

CAMÕES.

Fizeste bem.

ANTONIO.

Dice-lhe, que nada havieis por ora escripto; tornou-me, que, se o não servieis, era por mingoa de vontade; que bem mostrareis sempre, quam pouco os versos vos custavam.

CAMÕES (*irado*)

Volve a dizer-lhe da minha parte . . .

ANTONIO

Mais baixo que vos escutará.

CAMÕES (*em voz ainda mais alta*)

Dize-lhe, que quando eu esses versos fazia, era moço e favorecido das damas, e tinha o necessario á vida; e agora não tenho espirito nem contentamento para nada, porque tudo isso me falta; e em tal miseria me vejo, que já deixei de escrever por mingoa de um seitil para mercar papel, e ahi está o meu Antonio a pedir-me para carvão, e não tenho para lh'o dar; que já lá vae vendida a espada, e os poucos livros tambem, vendidos, a um e um; até o meu cancioneiro de Resende; que só me ficou aquella cruz, herança unica de minha Mãe; que nada lhe peço eu a elle, nem

quero, pois estão cheios os meus dias, e vou morrer... nada; senão que me deixe; elle, e todos. Cerra, cerra essa porta; continuemos, que receio, se me venha o tempo a acabar (*Antonio sae a despedir D. Rui da Camara, um momento depois volta fecha a porta e se-torna para o trabalho em que estava. Camões toma da mesa outro caderno volumoso, lê-lhe o titulo*) Parnaso de Luiz de Camões! Aqui estão os desenfadamentos d'esta minha ultima viagem para o Reino! Amava eu estes versos; por esses mares os vim pescando como perolas! com que delicias os não escrevia pela fresca da alvorada; parecia, que as Serêas m'os houvessem estado a cantar de noute por entre sonhos! Diogo do Couto, esse bom ingenho, com quem a patria se esclarece, folgava de m'os ouvir lêr! Parnaso de Luiz de Camões!!... Hoje, o meu Parnaso, transformou-se em Golgotha! (*Rasga e atira para o chão*) Ahi tens bastante com que accender o lume, Antonio. (*Com sorriso ironico*) Já se não dirá, que trabalhei debalde! (*Bate-se á porta da direita, Camões faz um gesto de insoffrido· Antonio sae, a vêr quem é*)

SCENA II.

CAMÕES (*só, meditando entre si. Pausado e com tom ironico*)

Parnaso de Luiz de Camões! Lusiadas de Luiz de Camões! Rimas de Luiz de Camões! e Luiz de Camões que é? é isto. Chego a ter inveja a esses belfurinheiros de palavras, que têem banca no pelourinho para escreverem requerimentos, convites e cartas d'amores a qualquer rascôa, ou negro, que lh'os pague. Peor, e por menos preço, tenho eu feito para soberbões: é como quem pozera *Apelles* a caiár sótaos! ou *Fidias* a amassar tijolos! (*Pausa*) Mundo vil e maldito!...

SCENA III.

CAMÕES E ANTONIO (*Camões sempre assentado. Antonio entrando com um açafate coberto, e uma jarra com muitas flôres, entre ramos de loiro e murta; e pondo tudo sobre a mesa*)

ANTONIO.

Eis aqui, com que alegrar olhos!

CAMÕES.

Quem veio? que é isso?

ANTONIO.

A consoada do poeta; doces, feitos pelas mãos de prata das freirinhas d'Odivellas (*apontando para a cesta*) e um ramilhete de flores naturaes, entre muitas outras feitiças.

CAMÕES.

Assim vem na vida os gostos. Quasi todos são falsos.

ANTONIO.

Bem a ponto acodem os louros, mestre, para vos desenganarem!

CAMÕES.

Muito mais a ponto a murta que é *dôr*, e os mal-me-queres que são *soffrimento*... só não havia de vir ahi esse rosmaninho que é *esquecer*! Mas quem de mim se ha lembrado com o mimo?

ANTONIO.

Barbara.

CAMÕES.

A pobre mulata!? chamai-m'a. A soberbias me véda tu a porta; a affectos não.

ANTONIO.

Entregou, pedio novas da vossa saude, como é seu costume todos os dias, e partio.

CAMÕES.

Tenho pena! pobre velha! diz, que tambem padeceo muito. Morreu-lhe, não sei quem, em viagem do Brazil, sendo ainda moça; que a deixou para sempre triste, e desamparada!

ANTONIO.

Será logo por isso, que vos quer tanto.

CAMÕES.

Será! Quantos dias, se não fôra a sua charidade, não houveramos passado sem comer, Antonio! e mas (coitada!)

é uma pobre de Christo! Sempre assim foi: mãos largas; mãos largas, e delicadesa para acudir sem envergonhar... os pobres. De noute, apregoa marisco por essas ruas; de manhan, vende ramilhetes; um'hora no alpendre de San-Domingos, outr'ora, e as mais das vezes, onde nós a achámos em desembarcando, no Terreiro do Paço, ao pé da Casa dos Contos: é porque d'alli, me dice ella, se vê o mar e as caravellas que vem e vão, que tudo lhe faz muita saudade! Pobre Barbara!... para ahi morrerás tambem algum dia, sem haveres quem te cerre os olhos! (*fica absorto em seus pensamentos*)

ANTONIO (*á parte*)

Que esmorecimento! Aos tigres arrancára lagrimas vêr animo tão varonil agora tão alquebrado! A isto o hão chegado estes seis mezes curtidos, em angustias, e quasi sempre no leito, alanceado de dôres...

CAMÕES.

Ai! que vida! (*bate-se á porta. Camões impacientissimo*) Nem sequer morrer em descanço me deixarão aqui! (*Antonio vae á porta e a descerra*)

SCENA IV.

OS DITOS E UM MENINO.

O MENINO (*da parte de fóra*)

Alguma coisinha pelo amor de Deus! (*Antonio indo para fechar*) Andai ora a outra porta.

CAMÕES.

Quem é?

ANTONIO.

Um mocinho que pede esmola.

CAMÕES.

Entrae, filho, entrae! (*o menino entra e fica parado ao pé da porta com os olhos no chão*) Achega-te, achega-te! (*O menino approxima-se um pouco mais, e a pequena distancia torna a parar. Camões tira do vaso uma flôr, e com ella lhe alonga a mão sorrindo para o atrahir, o menino se adianta para a tomar; Camões largando-lha o segura e o beja.*)

ANTONIO (*á parte*)

Eis ahi todo o teu cabedal, pobre poeta!

CAMÕES (*para o menino*)

Donde és?

O MENINO.

Visinho vosso, aqui do pé de Sanct'Anna.

CAMÕES (*á parte surrindo tristemente*)

Arruaram-se os pobres! (*alto*) Tua mãe?

O MENINO.

Ficou só em casa, doente, e com fome!

CAMÕES.

Com fome! e tu?

O MENINO.

O ultimo bocado de pão que havia na arca, deo-mo, mas tambem tenho fome.

CAMÕES (*enxugando a furto lagrimas*)

Quem é teu pae?

O MENINO.

Diz que morreu em Africa; era Soldado.

CAMÕES (*á parte*)

Não foi dos tres o mais desditoso! (*alto*) Pois, filho, tão errado vens tu a esta porta, como eu vejo que iria á tua. Eu tambem fui soldado, tambem pelejei em Africa, e 'noutras partes; com os pelouros não tive tão boa sorte como teu pae, só a tive melhor em não ter filhos nem mulher para lhes testar pobresa; o que padeci, padecio-o só eu; que ainda não é o peor padecer. Vae, vae; a menos triste pousada te encaminhe Deus, e vos depare o que eu para mim nem já lhe supplico; vae, que pois te não soccorro, tambem te não quero roubar .... Oh! em bem me acode: toma (*entrega-lhe o açafate*) leva para tua mãe; noute de Natal, não deve haver um anjo que a passe triste: vae, vae; quando puderes, volverás a ver-me; Sim?

O MENINO.

Deus vos pague.

CAMÕES.

Sim, ha-de pagar: ha-de. Vai ora, vai (*sae o menino levando o açafate, e deixando a porta meia aberta*)

SCENA V.

OS PRECEDENTES MENOS O MENINO.

CAMÕES.

Não debalde me prégava em Coimbra aquelle letreiro latino que pozeram á Figura da Sabedoria: (e eu que zombava d'elle!)

Amigo, segue-me, que eu não te-hei-de largar. Apprende a viver em captiveiro, e a morrer em pobresa....

E todavia, inda o não apprendi eu!...

ANTONIO (*á parte*)

E dizer que ha lá em cima um olho grande aberto para o mundo! um braço longo que chega á terra, com uma mão forte, que a pode revolver e desfazer! e cousas d'estas a passarem sem vingança, nem remedio, nem refrigerio! Tanto rico inutil, voando em ginetes por essas ruas! Tanto Palacio pejado de baixellas de prata e ouro! e o maior homem d'este infame Portugal....

CAMÕES.

E Java, Antonio! lembras-te da tua Ilha?

ANTONIO.

Sim, Mestre!

CAMÕES.

Com saudade?

ANTONIO.

Ainda não.

CAMÕES.

Breve poderás tornar-te para ella, que a tua cruz....

ANTONIO.

Mestre, Mestre!...

CAMÕES.

Nada é, distrae-me, tenho a alma triste até á morte, canta-me, bem sabes que o teu cantar me adormenta as magoas: se os olhos se me cerrarem, não me acordes!

ANTONIO (*á parte*)

Cantar! com o coração a trasbordar de lagrimas... (*alto*) Sim, mestre, cantarei, repousae vós. (*Senta-se e canta. Ao som do canto Camões adormece*)

Nasci no rico Oriente;
Criei-me entre as verdes palmas,
    Para amor:
Amor me pôz no Occidente;
Fez-me d'alma duas almas,
    Para a dôr.

Ai dôr! pois heis-de ir a Java,
Estrellas, e vosso rumo
    De lá vem,
Dizei-lhe, qual me eu consumo;
Dizei-me, se lhe eu lembrava
    Lá tambem!

Tambem vós, ondas, e ventos,
Pois sabeis a minha terra,
    Lá chegae;
Não lhe conteis meus tormentos,
Mas o amor, que me desterra,
    Lhe contae.

Contae-lhe, que preso vivo;
Mas que eu mesmo aperto, e bejo
    Meus grilhões;
Nem Livres, nem Reis invejo,
Pois o captivo, é captivo
    De Camões.

Camões, Grande Allah te-acuda;
Que bem vês, que o teu bom Christo
    Morto é já!
Grande Allah! tu só o-escuda!
Dá-lhe patria! arranca-o d'isto,
    Grande Allah!

Allah poz arvore em Java,
Que a florida sombra d'ella
    Faz morrer:
Cá, vi peor mancinella;
Pois vi, que mil mortes dava
    O saber.

Saber, exforço, e virtude,
Bastam em terra madrasta
 Para mal;
Bem como, porque se mude
O incenso em cinsas, lhe basta
 O ser tal.

Tal patria, não quer afferro;
Antes choral-a na gruta
 De Macao!
Antes na Arabia mais bruta
Curtir miseria e desterro ...
 Co' o teu Jáo!

(*Levantando-se e fallando*) Em quanto dorme velarei eu, pensarei eu por elle. (*vai-se encostar á mesa com os olhos pregados em Camões e contemplando-o com indizivel affecto*) Coitado! se te eu não guiára já terias fenecido! Apezar de meus annos, quero-lhe como a filho! o grande ingenho... é aquillo! Uma creança! Nada prevê nem sabe, senão folgar com suas flores e quimeras! E' preciso pensar por elle, incaminhal-o! (*torna a passear*) Não saber como lhe hei-de acudir! ... se com esta vida se resgatasse a d'elle... pensamento vão! menos vão era porem o outro, que tantas vezes lhe propuz, supplicando-lhe de joelhos e com lagrimas, me vendesse ahi a quem quer que fosse; com tanto enfado m'o repellio, que já me não atrevo a teimar. Oh! que idêa, que idêa! custar-me-ha vergonha... que me importa, se é para seu bem! custe o que custar, hei-de eu fazel-o... mas, se, em quanto sou fora, acorda elle? Feiticeiro, como os da minha terra, quizera eu agora ser, para lhe carregar o somno, e estender-lh'o. A hora, deve estar batendo. (*chega-se para á janella*) Lá estão já abertas as portas da Egreja de Sanct'-Anna; já vae entrando povo para a Missa da meianoute. Quem vae para orar, leva affectos compassivos. O coração é flôr que toda se abre quando se volta para o Céo! a oração é a sua fragrancia! em se ella presentindo, já o casulo se desdobrou! Esses homens, e essas mulheres mórmente, hão-de-me attender; e Tu, Christo, Deus de Camões, (*voltando-se para o Cruxifixo pendurado por cima do escudo*) se em verdade tens o poder, que me elle ha dito, faze, que em lhes eu estendendo a mão á porta da Tua Casa, me não afastem com despreso! bem vês para quem vou pedir; é para o homem, que te a-

ma tanto, como eu o amo a elle; para o poeta que tanta vez te celebrou; para o soldado, que pelejou pela tua Lei; para o infeliz, a quem os seus proprios, como a ti os teus, perseguiram em paga de amor, pregaram 'numa cruz, e ahi o deixaram morrer desemparado! Ouve-me bem, Christo! (*arranca da parede o cruxifixo e 'num transporte lhe beja os pes, cae em joelhos, e abraçando-o prosegue*) Christo! Senhor do meu Senhor! se o queres ser tambem de um pobre Jáo, que para amar tem infinito coração, Christo Jesus, ainda estamos á tempo, salva-o, que eu te dou a minha alma.

SCENA VI.

CAMÕES, ANTONIO, D. CATERINA.

D. CATERINA (*á porta*)

E', o seu captivo! receei não ter forças para chegar até aqui!

ANTONIO (*dando por ella*)

Vós, Senhora!

D. CATERINA.

Onde está, Antonio?

ANTONIO.

Vede-o! (*D. Caterina vai para Camões* (*) *Antonio sempre em voz baixa para o não acordar*) Não m'o acordeis; muito ha, que o não hei visto dormir tão bom somno como este. (*pondo devagarinho o crucifixo sobre a mesa ao pé de Camões*)

D. CATERINA.

Quão demudado!

ANTONIO.

Muito; e vós tambem, Senhora!

D. CATERINA.

Eu?... que val isso? (*á parte*) Deus meu! que enfraquecimento! (*Alto*) Como lograstes escapar? (*encosta-se á mesa por defronte de Camões*)

ANTONIO (*sempre em voz baixa*)

Fez rumor na rua a pendencia, em que nos metteram á falsa fé os apaniguados do Senhor Martim Gonçalves; accorreram populares; os malfeitores, raivando de nos não pode-

---

(*) Camões, D. Caterina, Antonio.

rem acabar, fugiram, que não houve colhel-os; curou-nos aquella boa gente, com muito amor, as feridas, que não eram pequenas, as de meu Senhor principalmente; e nos trouxeram para este aposento, que um homem ahi offereceo por charidade!

D. CATERINA.

Logo, D. Affonso de Noronha... nada soube de tamanha tragedia?

ANTONIO.

Quando o Senhor D. Affonso de Noronha se foi á estalagem ao romper do dia, por causa do outro duello com o Senhor Real, em que havia de ser padrinho, foi o estalajadeiro, quem lhe contou o que era passado... o Senhor D. Affonso, foi-se correndo a casa do Senhor Martim, achou-a despejada; parece, que 'nesse mesmo instante dera a artilharia o signal de leva, não houve tempo, senão só para se embarcar a toda a pressa; por onde não houvemos nunca mais d'elle novas, nem elle do meu Senhor. Só ahi constou, não sei por quem, que tanto elle como El-Rei sairam cheios de ira e paixão, por tamanha desaventura.

D. CATERINA.

E o novo Rei?

ANTONIO (*ironicamente*)

O Senhor Cardeal D. Henrique?!.. bom amigo para o meu poeta!

D. CATERINA.

Pois ninguem, ninguem se lembrou de Camões?!

ANTONIO.

Dos grandes Senhores, dos que vós podereis conhecer, ninguem. Dous humildes, unicamente; o estalajadeiro Diogo.... que livrou a meu Senhor de ir para o Hospital, e lhe acudio com o Phisico, remedios e alimento, em quanto vivo foi....

D. CATERINA.

Morreu?...

ANTONIO.

Morreu: e uma pobre velha, que ás vezes nos tem matado a fome, sabe Deus, se não á custa da sua. Essas flôres, as trouxe ella ahi pouco ha.

D. CATERINA.

Uma velha mulata?

ANTONIO.

Senhora, sim. Mas como atinastes vós com esta pousada

D. CATERINA.

Estava hoje ao cair do sol ás grades da minha cella, quando ao longe te vi passar, e conheci-te. «Bemdito Deus! Antonio está vivo, vivo está logo Camões,» dice eu «hei-de vel-o, hei-de vel-o hoje mesmo.» Esperei pela noute, quiz fugir, sentiram-me, instei, porfiaram, dei minhas joias, dei tudo o que possuia, saí! corri á estalagem de Diogo... fechada. Dice-me o coração, que em Sanct'Anna o colheria. Entro na Egreja, enganára-me; torno a sair, já fóra de mim, para perguntar pela pousada de Camões a quantos incontrasse: no adro, vejo uma ramilheteira, já de dias, e no semblante piedosa, que alli vendia aos fieis, seus ramos para offrendas ao menino; sem grandes esperanças a inquiro; guiára-me Deus! arraiou-se-lhe de alegria o rosto, e apontou-me para esta porta; eis-me aqui.

ANTONIO.

Nas boas horas venhaes, Senhora! de agradecido vos bejára eu as plantas, se me atrevera....

D. CATERINA (*estendendo-lhe a mão que elle beja*)

Bom Antonio! Providencia visivel do meu Camões!

ANTONIO.

Ah! Senhora, só vós lhe-heis detido a alma 'neste mundo; a não ser um longe de esperança de vos ainda vêr, muito ha já, que fòra partida!... 'Neste mesmo somno, em que ora o vedes, já elle ahi tem estado a chamar por vós... Dou que no coração vos advinhava. (*D. Caterina fica por largo espaço em pé defronte de Camões, debruçada sobre a mesa com a testa entre as mãos, e Antonio contemplando-os, ora a elle, ora a ella, com o rosto cheio de affecto: entretanto canta-se pela rua a seguinte Esparsa ao som de viola:*)

Vinde; Christo é nado:
Não me façaes guerra:
Anjos hão mandado
Haver paz na terra.

Mas a paz, que eu tinha,
Como a-haverei eu
Sem vós, pastorinha,
Que sois anjo meu?!

CAMÕES (*a sonhar*)

Caterina!

ANTONIO.

Ouvis?

D. CATERINA (*baixinho para Camões*)

Aqui estou!

ANTONIO.

E estareis: agora sim, que vem as minhas esperanças a reflorir!

D. CATERIÑA (*com transporte d'angustia*)

Esperanças! ah!... que esperanças!... quando.... (*caindo em si e reprimindo-se*) Estou a morrer, Antonio; pois não me vês?... ainda aquella, que alli se consome (*mostrando com os olhos a véla*) me ha-de talvez sobreviver!

ANTONIO.

E' verdade! noto-vos um desconcerto no parecer!!..

D. CATERINA.

E fugir-me agora a vida!... Agora, agora quando eu tanto a havia de mister!...

ANTONIO.

Confiai, que vós e eu, hemos de o salvar.

D. CATERINA (*em meia voz*)

Ao menos acabarei ao pé d'elle....

ANTONIO.

Por Deus, Senhora, se arreceaes que em seus braços vos colha a morte.... havei animo, e arrancai-vos d'aqui, antes que desperte.

D. CATERINA.

Que d'aqui me arranque eu! para me ir aonde, meu Antonio?

ANTONIO.

Não sei, Senhora, mas quereil-o acabar?

D. CATERINA.

Traspassas-me a alma, porem tens rasão! Quero, que viva. Mas não me hei-de ir, sem deixar alguma cousa da minha alma 'nesta nobre fronte. (*beja-o na testa*) Adeus... (*Camões 'neste momento abre os olhos*) Ah! já me vio!

CAMÕES (*levantando-se com os braços abertos e aproximando-se vagaroso para D. Caterina, que recua*)

Voltaste ao mundo? ou subi já eu á Bemaventurança?! E's tu, Caterina?

D. CATERINA (*em tom affectuoso mas indeciso e em voz mui baixa*)

Luiz!...

CAMÕES (*do mesmo modo*)

Fallou! ... E' a sua voz! ... E' o meu nome! ... Não sonho! ... Não é visão! ... (*detendo-se*) Antonio, tu, que não estás louco, dize-me; é realmente a minha Senhora D. Caterina? ou a sua fantasma, que além está com os olhos em mim fitos?

D. CATERINA.

Sou eu, sou eu, Camões ....

CAMÕES (*segurando-a com vehemencia*)

Recobro-a! ...

D. CATERINA.

Meu amado!

CAMÕES (*com arroubamento*) (*)

Sou eu agora o mesmo Camões? esse palido agonisante, que para alem se jazia? Não; resuscitei: desde que em meus braços te aperto, sinto 'nelles a força; em minha alma a poesia; e 'neste coração, a par com o amor, a fé, que já quasi m'o havia desamparado! Oh! Caterina! Oh! Caterina! Oh! Anjo meu! Oh! Natercia! Oh! ...

D. CATERINA.

Vive, exforça por viver, Camões (*á parte*) oh! hei medo!

ANTONIO (*entre si*)

Já não attentará na minha falta. Agora, eu já minha empreza. (*sae*)

SCENA VII.

CAMÕES, D. CATERINA.

(*D. Caterina senta-se perturbada, lança mão do ramilhete que está no vaso e aspira-o fortemente, como quem procura reanimar-se; ergue-se e vae com elle na mão sentar-se no poial da direita da janella. Camões fica por algum espaço em pé diante d'ella, depois se assenta no degráo da janella com o rosto juncto aos joelhos de D. Caterina, e com as mãos d'ella apertadas nas suas.*)

CAMÕES.

Tão pouco esperada, e tão pouco para esperar, Senhora, me caío dos ceos esta ventura, que ainda 'nella me não fio! serás tu? tu em verdade? Caterina minha? Deveras to digo, se me ora faltasses, feito era de minha vida, e de minha

(*) Camões, Caterina, Antonio no segundo plano.

salvação tambem ! . . . oh ! não, nunca mais me has-de deixar ! . . .

D. CATERINA.

Não, Luiz. Nunca.

CAMÕES.

De certo; nós somos um do outro! Não somos?

D. CATERINA.

Um do outro.

CAMÕES.

A tua alma é o echo da minha alma; na tua vóz falla o meu coração: por tanto, dize-o tu, para onde nos hemos de ir?

D. CATERINA.

Para onde tu quizeres: (*á parte e em voz sumida*) projectos! . . .

CAMÕES (*em tom de muito mimo*)

Para onde?

D. CATERINA.

Não me diceste uma vez, que para corações que bem se amam, onde quer que se possam bem amar, ahi é a patria!

CAMÕES.

De minhas palavras te lembras?

D. CATERINA.

Que admira! Outros, com menos rasão, não as memoram? As palavras do meu poeta, quem as olvidará em nenhum tempo, depois de as ler? quanto mais, se da propria boca lhas ouvio? São, como as gotas da essencia de rosas de Turquia, que, dizem, passados cem annos inda rescendem.

CAMÕES (*enlevado em delicias*)

Falla, continua . . . .

D. CATERINA.

E' verdade; não ha Petrarca, nem Garcilaso, que mais namore as vontades com seus versos. (*ouvem-se lá por fóra passar violas, e se continuam a ouvir por algum espaço com o que o dialogo se não interrompe*)

CAMÕES.

Se assim fosse, não me admirára; se os eu escrevi todos para ti! . . .

D. CATERINA.

Todos . . . . não; mas de muitos, sei eu, que só a mim pertencem; e bastantes lagrimas me hão elles feito derramar!

CAMÕES.

Sim! fiz-te derramar lagrimas! . . .

D. CATERINA.

Oh! e mui doces que ellas eram! Olha tu, não só entre mil rimas de outros poetas extremaria eu as tuas, senão que entre mil rimas tuas amorosas, diria logo quaes as minhas eram. Se me perguntasses o como . . . . não sei; sei, que, para differençar do fingido o verdadeiro, não ha hi pedra de tocar, como um coração amante de mulher. (*recitando*)

» Tanto do meu estado me acho incerto . . . . »

CAMÕES.

Não te enganas, não; para ti o fiz. Continua . . . Praz-me estar ouvindo por tão formoso echo repetido, um pensamento do que lá vae, e com se ter ido, ainda todavia não passou; continua, continua . . . .

D. CATERINA (*recitando com voz que successivamente se lhe vai enfraquecendo*)

» Tanto do meu estado me acho incerto
» Que em vivo ardor tremendo estou de frio:
» Sem causa junctamente choro e rio;
» O mundo todo abarco e nada aperto.
» E' tudo quanto sinto um desconcerto:
» D'alma um fogo me sae, da vista um rio:
» Agora espero, agora desconfio;
» Agora desvario, agora acerto.

CAMÕES (*proseguindo na recitação do soneto*)

» Estando em terra, chego ao Céo voando:
» N'um'hora acho mil annos; e é de geito,
» Que em mil annos não posso achar um'hora.
» Se me pergunta alguem, porque assim ando;
» Respondo, que não sei: porem suspeito,
» Que só porque vos vi, minha Senhora.

(*D. Caterina apenas acabou de recitar tornou a soccorrer-se á fragrancia do ramilhete com que se reanimou um tanto; depois desatando-o no regaço principiou de intrançar com um surrir triste e amoroso uma corôa de louro e murta*)

CAMÕES (*fallando em quanto D. Caterina prosegue no seu lavor da corôa, e da rua vem sons de flauta concertados com os da viola*)

Nunca tão formosos me hão parecido versos meus! Voz de mulher amada é harpa de serafins. Que teces tu?

D. CATERINA.

A corôa para o meu Petrarca.

CAMÕES (*tomando-lhe do regaço algumas flores e começando a tecer outra corôa*)

E eu, tecerei a da minha Laura.

D. CATERINA.

Muito mais durará que essa, e que todas, a que já de versos me-has tecido, pois é de estrellas.

CAMÕES (*sem levantar os olhos do que está fazendo*)

Quatro damas estava eu corôando, seis mezes ha! quão menos feliz então que hoje!... lembra-te?

D. CATERINA.

Lembra; que de tudo padecia muito; até de invejas e ciumes 'nesse lance... (*depois de pausa*) Recita-me as tuas estancias á morte da D. Ignez.

CAMÕES.

Ahi tens uma, formosa e amada; como tu.

D. CATERINA.

Como eu amante e mesquinha, podes dizel-o. Recita, recita...

CAMÕES.

Aqui?! agora?! é tão triste!...

D. CATERINA.

Que importa?

CAMÕES.

Parece agouro...

„ . . . . a mizera e mesquinha,
„ Que depois . . . .

D. CATERINA (*surrindo muito tristemente*)

„ . . . . depois de ser morta foi rainha.

Dous bens; descanço, e gloria universal! oh! recita, recita: mando eu; peço eu.

CAMÕES.

„ Estavas linda Ignez, posta em socego,
„ De teus annos colhendo doce fruito,
„ N'aquelle engano d'alma, ledo e cego,
„ Que a fortuna não deixa durar muito;
„ Nos saudosos campos do Mondego,
„ De teus formosos olhos nunca enxuito,
„ Aos montes ensinando, e ás hervinhas
„ O nome que no peito escripto tinhas.

» Do teu Principe alli te respondiam
» As lembranças que na alma lhe moravam;
» Que sempre ante seus olhos te traziam,
» Quando dos teus formosos se apartavam;
» De noute em doces sonhos, que mentiam,
» De dia em pensamentos que voavam;
» E quanto em fim cuidava, e quanto via,
» Eram tudo memorias de alegria.

» De outras bellas senhoras, e Princezas,
» Os desejados thalamos engeita;
» Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
» Quando um gesto suave te sujeita.
» Vendo estas namoradas estranhezas
» O velho pae sizudo, que respeita
» O murmurar do povo, e a phantasia
» Do filho, que casar-se não queria;

» Tirar Ignez ao mundo determina,
» Por lhe tirar o filho que tem preso;
» Crendo co'o sangue só da morte indina
» Matar do firme amor o fogo acceso.
» Que furor consentio que a espada fina,
» Que pôde sustentar o grande pêso
» Do furor Mauro, fosse alevantada
» Contra uma fraca dama delicada?

» Traziam-na os horrificos algozes
» Ante o Rei, já movido a piedade;
» Mas o povo com falsas e ferozes
» Rasões á morte crua o persuade.
» Ella com tristes e piedosas vozes,
» Saidas só da mágoa, e saudade
» Do seu Principe e filhos, que deixava,
» Que mais que a propria morte a magoava;

» Para o ceo crystallino alevantando
» Com lagrimas os olhos piedosos;
» Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
» Um dos duros ministros rigorosos;
» E depois nos meninos attentando,
» Que tão queridos tinha e tão mimosos;
» Cuja orphandade como mãe temia;
» Para o avô cruel assi dizia:

D. CATERINA (*vendo que o seu poeta se cala continua a recitar*)

» Queria perdoar-lhe o Rei benino,
» Movido das palavras que o magoam;
» Mas o pertinaz povo, e seu destino
» Que d'esta sorte o quiz, lhe não perdoam.
» Arrancam das espadas de aço fino
» Os que por bom tal feito alli pregoam.
» Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
» Féros vos amostrais, e cavalleiros?

CAMÕES (*como fóra de si, mas sem se deter na textura da corôa*)

» Taes contra Ignez os brutos matadores,
» No colo de alabastro, que sostinha
» As obras com que amor matou de amores
» A'quelle que depois a fez Rainha . . .

D. CATERINA (*indicando-lhe o que deseja que elle recite*)

» Assi como a bonina . . . . .

CAMÕES.

» Assi como a bonina, que cortada
» Antes do tempo foi, candida, e bella,
» Sendo das mãos lascivas maltratada,
» Da menina que a trouxe na capella,
» O cheiro traz perdido, e a côr murchada;
» Tal está morta a pallida donzella,
» Seccas do rosto as rosas, e perdida
» A branca e viva côr, co'a doce vida. »

Basta, basta, que endoudecerei.

D. CATERINA.

Sim, basta. Que thesouro de tristezas houve sempre 'nesse coração! Quem assim te ensinou a profetisar magoas, Luiz?

CAMÕES.

Não sei; fallemos antes de contentamentos. Ainda a tempo chegaste; se tardas um pouco mais, quiça me não

acháras cá no mundo. A passos largos me ia, para onde já cuidava que tu eras. (*detendo-se e levantando para ella o rosto com muito affecto*) Mas por onde te has andado tu, em quanto eu aqui agonisava, meu Gentil Anjo Salvador? Quem para mim te incaminhou?

D. CATERINA.

Depois to direi...

CAMÕES.

Sim, depois; ainda bem que já podemos dizer *depois* com tamanha segurança; nas mãos temos o porvir. Olha para mim Caterina!... que beldade!... Estrellas me estão teus olhos parecendo!... que resplandor sobrenatural: (*cessa a musica, e cae ao mesmo tempo da parede com grande estrondo o escudo; ficam ambos sobresaltados e em silencio. A' parte e alterado*)

Será aviso! per si se baqueou o escudo; soaria a hora da Phenix alfim!

D. CATERINA (*levantando-se derrepente e deixando cair a corôa*)

Um milagre, preciso de um milagre, meu Deus!... a vida, meu Deus a vida!... a vida!...

CAMÕES (*levantando-se atterrado deixando tambem cair a corôa, e tomando a mão de D. Caterina*)

Que dizes?... que tens, que mão é esta tão de gello!

D. CATERINA.

Não!... a tua é que me queima! (*á parte*) Ha-de blasfemar! estou-o ouvindo... (*toma da mesa o crucifixo, some-o no peito e abraça-o como quem faz uma oração intima em trance de summa angustia e terror*)

CAMÕES (*enleiado*)

Matas-me... não entendo... a que vem?...

ANTONIO (*na rua*)

Esmola para Camões!...

D. CATERINA (*á parte*)

A voz d'Antonio!

CAMÕES (*desdobrando-se com altivesa e fóra de si*)

Esmola para Camões! quem é que em meu nome pede esmola!

D. CATERINA.

Oh!... (*senta-se no escabello juncto á porta da esquerda*)

CAMÕES.

Que has tu Caterina?

D. CATERINA.

Eu!... nada... Está-se cumprindo o teu destino, Ca-

mões!...

ANTONIO (*como acima*)

Senhores meus, uma esmola para Camões que se morre á mingoa!

CAMÕES (*vacillando e na maior perturbação*)

Quem diz que o Camões necessita de esmolas! (*vai para a janella, D. Caterina levanta-se, quer fugir sem saber por onde*)

ANTONIO (*como acima*)

Esmola, senhoras minhas; esmola para Camões que morre de fome!

CAMÕES (*com falla suffocada*)

Silencio! infame captivo!... Mentes, mentes!

D. CATERINA (*chegada á porta da direita para sair cae*)

Camões!

CAMÕES (*com uma risada*)

Ainda me faltava isto!... (*volta a cabeça ao grito de D. Caterina*) Chamas-me!... (*vê-a em passamento*) Ai Deus!...

D. CATERINA.

Oh! Camões!...

CAMÕES.

Vem, vem, (*leva-a como pode quasi de rojo e vai-a sentar juncto á mesa na cadeira onde elle proprio estivera*)

D. CATERINA.

Sabia, que Martim Gonçalves, havia de regressar esta noute a Lisboa... julgava-te morto... e então...

CAMÕES.

Ai! matou-se!!!...

D. CATERINA.

Perdoa-me tu!... e Deus tambem!... a ambos adoro (*expira*)

CAMÕES (*inclinando-se sobre D. Caterina chama por ella de mancinho*)

Caterina... tu não estás morta... Caterina tu não podes deixar-me cá assim... Dize, ergue-te, Caterina... (*procura levantal-a mas o corpo recae mortal*) Está morta!... mataram-m'a! a minha Ignez de Castro. E eu, meu Deus! eu hei-de ficar vivo?... (*principia a correr o mesmo sino do primeiro acto, porem muito perto e continua até depois de se abaixar o panno por algum espaço*) A campa de Sanct'-Anna, é essa a vossa resposta, meu Deus! D'esta vez a bemdigo; que me vem pregoar o livramento. Sempre contei com ella (*ajoelha de mãos postas juncto a D. Ca-*

terina para orar e cae aos pés d'ella)

SCENA VIII.

D. CATERINA *defuncta*, **CAMÕES** *no chão*, **ANTONIO** *entrando pela porta da direita*

ANTONIO (*parando no limiar da porta e assomado*)
Muito bem, Christo! não quizeste a minha alma! (*reparando em Camões*) Ah! . . .

CAMÕES (*erguendo-se um tanto no braço com uma risada*)
Que te deu essa gente para Camões? . . .

ANTONIO.

Corações que só punhal os pungiria! . . .

CAMÕES (*em agonia*)

Perdoe-lhes o Altissimo... e a mim! ... Adeus meu amigo tão leal! . . . abaffo! (*com um grito*) Uma só mortalha, para mim, e para ella . . . Caterina . . . Vamos ao Céo descançar (*expira. 'Neste momento principia a ouvir-se o orgão da Festa de Sanct'-Anna*)

ANTONIO.

Não posso ainda acompanhal-o . . . amanhan sim (*corre a tomar as duas corôas pôe a de loiros em Camões, e a de flores em D. Caterina; olhando de relance para a luz e exclamando:*) E sobreviveo-lhe! . . . (*voa á janella abre-a e grita com voz cheia de lagrimas e soluçando*) Esmola para o enterro de Luiz de Camões ! ! !



NOTAS

PARA SE LEREM.

NOTAS.

ORTHOGRAPHYA.

A d'este livro, a de todos os meus, a de todos os portuguezes, é fortuita, contradictoria; parte racional, parte empyrica. De ninguem é culpa esta anarchia; todos a deploram; todos a desejam terminada. Era praso para se festejar o apparecimento d'um dictador com a missão de pacificar.

Exoriare aliquis! . . . .

D'aqui até lá cada qual irá empregando e deffendendo o seu systema ou costume, como cada um se regula quanto ás horas pelo seu relogio, ou pelo da torre visinha. Eu, que não escrevo por minha mão, é que não deffendo nas minhas paginas coisa alguma d'estas: como as palavras lidas me soem ao que devem, não me canço a tirar devassas de i i e y y, z z, e s s a cada uma. Mas pergunto? não seria possivel estabelecer em nossa lingua um padrão orthographyco por onde todos afferissem o seu escrever? termos uma boa e bem patente meridiana, por onde todos nos acertassemos? E' mais que possivel, é facil, e é facilimo, e de muito podera já estar realisado.

Era pelos fins do anno 1842: praticavamos sobre este mesmo assumpto o meu amigo José Frederico Pereira Marecos e eu; e o mesmo que lamentamos aqui, lamentava elle, mas com muito mais rasão, pois tinha a seu cargo a Typographya Nacional, de que era Administrador, e que traçava levantar ao maior ponto de credito e perfeição, ambicionando como bom lettrado, que era, vir ainda a influir

por aquelle estabelecimento notaveis beneficios na litteratura patria. Aventei-lhe eu, que, pois a Academia levantára mão do seu antigo e tão bem estreado empenho de assentar a lingua patria, restava que nós, os amigos das lettras, nos confederassemos com fé e zelo para identico fim; que os desafiasse elle, convidando-os para uma aprazivel conferencia orthographyca na manhan de cada domingo; que depois de lançadas as bases do systema novo, o reduzissem a regras claras e faceis, afferissem e rectificassem por essas regras todos os termos da lingua, e emendados os digerissem 'num vocabulario, sem definições nem explicações, salvo nos rarissimos casos em que, duas palavras de diversa significação, ouvidas, se podessem equivocar: assim, com pouco dispendio de impressão, se offereceria aos que o quizessem, um guia ou manual orthographyco com todas as vantagens desejaveis: baratesa, que poderia, até deveria o preço não passar de 100 ou 120 reis; modicidade de volume, para se poder levar em qualquer bolso sem incommodo; credito, por se saber fora feito com consciencia e sciencia; rapidez de consulta, por vir cada vocabulo descarnado de artigo; e até finalmente agrado, pela harmonia e coherencia. Tanto lhe caiu em graça o arbitrio, que para logo se determinou em o dar á execução, obtendo todavia dos então Ministros e Secretarios d'Estado a promessa (que nenhum d'elles recusou) de mandarem adoptar e seguir nas escriptas de suas respectivas repartições e dependencias, o novo vocabulario orthographyco. Todos os Redactores de folhas periodicas da capital, pelo menos a maioria, e certo a melhoria d'elles, adheriram, como o Governo, á idêa de tão suspirada reformação. Sob estes auspicios favoraveis, se estreou o anno de 1843. Como esta historia não seja de mera curiosidade, mas sim de proveito, em quanto pode excitar outros animos para o desempenho do projecto, ainda pendente, não se me ha-de estranhar lançal-a eu aqui summariamente.

Eis o que se lia na Revista Universal Lisbonense de 19 de janeiro:

Domingo 15 se reuniram, a rogos do Sr. Pereira Marecos, Dignissimo Administrador da Imprensa Nacional, na livraria da mesma, alguns dos litteratos distinctos, que se acham empenhados em regularisar a orthographya portugueza; necessidade por todos sentida e confessada, e tanto mais vergonhosa, quanto é já hoje esta a unica lingua do mundo, que a padece. Saimos d'aquella primeira conferencia persuadidos de que emfim — este problema, havido por irresoluvel, podera chegar a desatar-se.

Assentados os fundamentos da ortographia no uso, analogia, e

etymologia, tractarão os collaboradores de ir afferindo cada uma das palavras do vocabulario pelos principios ou regras geraes, em que houverem concordado, e registando-as, por sua ordem alphabetica, á proporção e do modo como se forem approvando. — Este pequeno vocabulario, sem definições, e o mais completo, que for possivel, será estampado pela mesma Imprensa Nacional para uso seu e de todas as outras, que desejem adoptar o novo systema. Alguns redactores de jornaes, e muitos litteratos (e, dentro em pouco, serão todos os litteratos e todos os redactores,) abraçarão, provavelmente sem restricções, um methodo, que, ainda quando em um ou outro ponto discrepe de suas ideas particulares, tem comtudo a immensa vantagem de nos reunir a todos 'nesta parte. E' de crer que o Governo não tardará em contribuir para este fim, ordenando que nas secretarias de Estado e mais repartições suas dependentes se rejam por este novo diccionarinho como d'antes se governavam pelo Madureira: — e insensivelmente a orthographya portugueza apparecerá uma e determinada.

Do mesmo periodico a 2 de março do mesmo anno:

Continua a congregar-se todos os domingos na bibliotheca da Imprensa Nacional, com a maior pontualidade e zelo a sociedade litteraria, que tomou a peito assentar as suspiradas e tardias pazes entre os orthógraphos portuguezes. As conferencias, que nunca duram menos de quatro horas, vão promettendo excellentes resultados. Por ora discutem-se as regras geraes e fundamentaes: assentadas ellas, e revistas de novo, e rectificadas umas pelas outras proceder-se-ha á sua applicação a todos os vocabulos da lingua por sua ordem alphabetica. — Nenhum trabalho bem remunerado foi jamais feito com melhor vontade e maior affinco do que este, de que nem sequer uma gloriola se póde esperar em recompensa.

Finalmente extraimos da mesma Revista de 16 de março:

No Patriota de 10 do corrente, lemos um artigo com este mesmo titulo, assignado A. M. da Silva, no qual (sem que os illustres redactores d'aquella folha accrescentassem coisa alguma para correctivo) se combate o nobre empenho, que alguns litteratos se impozeram de assentar as suspiradas e tardias pazes entre os orthographos portuguezes. — Figura-se ao articulista abominavel audacia 'nesses litteratos o pertenderem elles presentar ao publico uma proposição de escriptura uniforme, que, se for acceita, porá ponto na vergonhosa anarchia, em que ainda a este respeito laboramos, e provavelmente facilitará, como em Hispanha, o estudo das primeiras lettras. — Poderamos responder ao articulista, que todas as revoluções litterarias são e foram sempre feitas por sociedades ou individuos, e não por auctoridades governativas, que para taes coisas não ha nem póde haver; — que todos os preceptistas, diccionaristas, grammaticos e orthographos tiveram sempre o direito de apresentar os seus alvitres, como o povo tem o de lh'os acceitar ou recusar. O Madureira, que por mui-

to tempo foi nas repartições publicas o legislador do a b c, não valia de certo mais que os 13 collaboradores d'este futuro vocabulario, cujos nomes por sua ordem alphabetica são os seguintes: A. F. de Castilho = A. Herculano = A. J. Ramalho e Sousa = A. da Silva Tullio = J. A. Correa Leal = J. B. Almeida Garrett = J. C. de la Figanière = J. F. Pereira Marecos = J. de Sousa Pinto de Magalhães = J. S. Mendes Leal Junior = L. A. Rebello da Silva = L. J. Moniz = S. Pinheiro-Ferreira, presidente.

Assim a exhortação que elle faz a seus pios ouvintes, para que não acceitem a novidade, é tão van, e tão absurda, quanto é ridiculo o seu fundamento, que é, segundo elle diz, o menospreço com que a Senhora Revista Universal Lisbonense, cujo illustre redactor é um dos membros da referida sociedade, parece tractar a orthographia e os orthographos, dizendo que d'esse trabalho nem sequer uma gloriola se pode esperar em recompensa.

Fracas são as ambições do illustre inimigo da orthographia se realmente se persuade = que de um opusculo orthographico innominadamente composto por 13 individuos pode provir um tamanho luzeiro de celebridade, que a sua decima terça parte seja ainda bastante para deslumbrar de inveja a qualquer christão! Mas quando assim fosse, quando se soubesse com evidencia que todos os membros d'esta juncta haviam trabalhado com a mesma intelligencia e fervor, que nenhum havia sustentado opiniões regeitadas pela maioria, como queria o articulista, que o redactor da Revista Universal, que elle mesmo dá por um dos da conjuração, dicesse, = d'aqui ha-de-me provir uma fama digna de ser perpetuada em monumentos com estatuas! — ¡ não seria isso abusar tambem dos typos e da paciencia dos leitores!

A sociedade orthographica trabalha com zelo e assiduidade porque intende, que está fazendo obra, que todos os portuguezes judiciosos, e não pirrhonicos, hao-de acceitar.

E tão pouco é avara de tal honra, que de boamente a repartirá com todas as pessoas, litterariamente habilitadas, que desejem ajudal-a. — Venha o auctor do artigo, e venha quem quizer, que as portas da livraria da Imprensa Nacional para isso estão abertas todos os domingos, desde o meio-dia até ás quatro horas da tarde. Se forem tantos os collaboradores, que não caibam na casa, far-se-hão as sessões na praça do Rocio ou no Terreiro do Paço para dar gosto ao Sr. Silva: teremos comicios orthographicos, teremos a democracia applicada á grammatica, o que não deixará de ser curioso, ao menos pela originalidade.

Aqui tem os leitores o como a despeito de necedades ferrenhas e de ingratidões prematuras se ia teimando na boa diligencia.

Mandado pelo Governo estudar as melhores typographyas de Pariz e Londres para vir aperfeiçoar (como aperfeiçôou) a nacional, saiu de Lisboa o Administrador e nosso amigo Marecos, secretario, que desde o principio fôra das conferencias orthographycas e seu mui activo excitador. Desde

então parou tudo. Quando regressou havia muito que estava quebrado o fio, não foi possivel tornar-se a atal-o: para cumulo de miserias os apontamentos do já feito tinham-se perdido. Seis annos mais tem portanto durado esta indecente e repugnantissima anarchia, que bem podera então haver findado, com grande credito da nossa edade, e proveito ainda maior das patrias lettras.

Desde que introduzi nas escolas de leitura dos Amigos das Lettras e Artes em San Miguel o meu novo methodo, a experiencia me tem constantemente provado, o que aliás está dizendo o simples raciocinio, que a peor canceira para mestres e discipulos, e a mais ronceira rémora de progressos, é a arbitrariedade com que umas vezes, lettras diversas representam o mesmo valor; outras, as mesmas lettras representam valores differentes: toda a possivel reducção e simplificação 'nesta parte, seria passo de gigante para o philantropico *desiderandum* de saberem todos ler.

Oxalá que esta nota convencendo a quem possa e queira, da summa exequibilidade, dos promptos e prosperos effeitos do alvitre, concorra ao cabo para que elle vingue. Mais propozera eu agora se o ousasse a fim de precaver cançassos e entibiamentos de vontades, e outras causas de deserção nos collaboradores antes de finda a obra, e era que por lei se determinasse um subsidio aos litteratos que em tal se houvessem de empregar, os quaes então entendido está que deveram ser escolhidos e nomeados ou pela Academia Real das Sciencias ou pelo Conselho Superior de Instrucção Publica dó Reino ou mesmo pelo Governo, depois de consultados e ouvidos ambos aquelles respeitaveis Corpos. Se algum maligno supposer que peço nicho para mim, por ter notado que desde o começo andei 'nesta diligencia, engana-se: quando isso se realisar se por ventura se realisar, e por mais cedo que se realise, já eu cá não estarei: da terra do nascimento me atirou a minha estrella passa de dois annos para dusentas leguas mar em fora; hoje, como se fosse ainda muito perto para desterro e muito pouco para martyrio vai-me atirar peregrino para duas mil leguas e para outro mundo que a final me-ha-de comer os ossos; pelo que, o que peço e imploro aqui não é já para mim nem movido de *premio vil*, é sim que apezar de tudo sempre, até ao fim, e com todas as veras d'alma

A minha terra amei e a minha gente.

PONCTUAÇÃO.

E' a ponctuação parte mui capital da orthographya, e corre ainda mais sem regra, que a propria escripta dos vocabulos. Quantos os escriptores, tantos os systemas de ponctuação; não digo tudo, o mesmo escriptor, em dias diversos, e até no mesmo dia, na mesma hora, e na mesma pagina, e recopiando o mesmo periodo, ponctuará diversamente. D'aqui, e de se não darem, nem poderem dar, nas escolas boas regras, e boa practica de recitar, provem que a ponctuação, para a quasi totalidade dos ledores, é lettra morta: muito é logo para desejar, persuadir e requerer, que outro tanto, como para a correcção graphyca das palavras já pedi, se haja não menos de fazer em beneficio d'este indispensavel complemento da escriptura. Ousarei até accrescentar, que esta segunda reformação, quando bemfeita, promette e afiança vantagens de maior momento: *Rosa* ou *roza*, *homem* ou *omem*, *Nympha* ou *Ninfa*, não offerecem em realidade mais que uma questiúncula phylologica; ahi, o som, e o valor real, como quer que se escreva, são sempre os mesmos: não assim a ponctuação; 'nesta, vai interessada a logica, e a eloquencia ou poetica; isto é, a rasão, e os affectos. Eis o porque me pareceu consagrar aqui algumas linhas a este assumpto.

Attribue Cicero a origem da ponctuação á necessidade de se tomar o folego: se d'essa rasão physica procedeo, outra houve para se ella adoptar e seguir, e foi a dialectica; porque as pausas e compartimentos dos periodos, para alguma coisa mais alta e importante servem, que para nos deixarem respirar; circunscrevem os conceitos, determinam as suas relações, e conseguintemente alumiam e dissolvem perplexidades a cada passo. Os mesmos vocabulos, e postos pela mesma ordem, em carecendo de ponctuação, podem exprimir conceitos, não só diversos, senão oppostos, segundo o ingenho, as opiniões, os interesses ou a ignorancia do leitor ou dos ouvintes. Importava logo, que de todos esses sentidos possiveis, o auctor, pela addição de certos signaes, designasse qual era o seu. Das obras de Heráclito, dizia Aristoteles,

que se não atrevia a ponctual-as, com medo de levantar testimunhos ao auctor: que seria, onde de Heráclito não fosse o escripto, nem o interprete um Aristoteles?

De Cicero até nós, todos os grammaticos em geral, têem considerado a ponctuação como uma necessidade physica dos pulmões, e uma necessidade intellectual; 'noutros termos: como uma commodidade, e uma clareza. Entretanto, a ponctuação póde ter, tem já, e deve ter ainda mais, terceira serventia; a saber: exprimir *intenção artistica*.

A linguagem fallada foi um effeito necessario da faculdade discursiva, e da tendencia social, providencialmente posta na alma humana desde todo o principio.

Da linguagem fallada nasceu a escriptura; esse invento dos inventos, não menos admiravel que a propria linguagem; essa apotheóse e eternisação das ideas mais subtis e fugitivas; essa memoria do genero humano, que nada esquece; essa, se bem se pondéra, semiprova da immortalidade do nosso espirito. Pelo facto de fallar e escrever, o homem se achou investido na realeza do Universo: o presente, ficou sendo seu dominio pela associação; o passado e o futuro, pelas lettras, que em si contêem a historia, as crenças, as legislações, e as sciencias todas.

Que immensa conquista! e que serie de portentos! A idea, tornada palavra! Saida do seio da alma como um passaro insperado do escuro d'um bosque, viva, corada, sonora, rapida, volante, e com a maravilhosa propriedade de poder entrar por ouvidos em milhares de almas ao mesmo tempo, para as fecundar! depois, a palavra, corporificação aéria da idea, tão fugaz por sua natureza como o sopro, e fadada a expirar apenas nascida, ambiciona duração indifinida, e corporifica-se para os olhos! Duas incarnações do verbo humano! 'Nesta parte parece que toda a ambição possivel se achava satisfeita, e não havia mais que pedir ao genio: mas não era assim. A idea, tradusindo-se na palavra fallada, tinha necessitado de crear para a mesma palavra uma escalla de tons de affectos, sem os quaes só seria retratada em mortecôr; assim tambem a palavra fallada pedia á escriptura a reproduzisse, quanto possivel, com a sua vivacidade natural, com as suas côres privativas, com a sua vehemencia ou desanimação, com a sua rapidez ou quebras, com as suas iras, côm os seus amores, com as suas melancolias, com as suas indecisões, com tudo quanto, por ser seu, era parte constitutiva d'ella mesma. Coisa inexplicavel, esta obra d'arte, que tão facil devia parecer á vista das duas precedentes

creações, acha-se apenas incetada.

A ponctuação, que entre os antigos, e por larguissimos seculos, quasi até aos nossos dias, só serviu para os repoisos da voz, como nos jardins e parques espaçosos os pequenos assentos ao longo das alamedas, e nos largos e clareiras os relvados e os canapés, a ponctuação, digo, reconheceu-se; que tinha de fazer mais algum beneficio do que esse, e o que d'esse procedia, o aclarar as frazes: pedio-se-lhe a expressão, a phisionomia, o caracter, o calor, o movimento das ideas; ao menos das principaes. A' virgula, ponto e virgula, dois pontos, e ponto, que só representavam pausas mais ou menos dilatadas, (como o ponto dos antigos, collocado no alto, no meio, ou no baixo da linha) accresceu a interrogação, a admiração e a reticencia: isto é, para tres dos innumeraveis movimentos do discurso, adsignaram-se notas significativas; mas os outros (contradicção inexplicavel!) permaneceram sem indicador; continuaram por isso a laborar no vago, sendo forçoso a quem lesse, adivinhar, ou conjecturar, ás vezes mais de metade da intenção do auctor, quando este em notas, ou digressões tediosas lha não explicasse. D'ahi, essa arrastada bagagem de advertencias, que deturpam as paginas dos dramas, e que deturpariam até as dos sermões, se elles se imprimissem para serem no pulpito reproduzidos por oradores. D'ahi tambem, o escasso recurso, de que modernamente se começam a valer, de misturar a interrogação com a admiração, a admiração ou a interrogação com a reticencia, etc. D'ahi, o haver-se forçado o pobre ponto admirativo a expressar, ora a ironia, ora o terror, ora a compaixão, ora o enthusiasmo: o ponto de admiração, é nos caixotins do typographo; o que é no bahu dos comicos ambulantes a safada capa do rei, que nos apertos lá vai supprir toga romana, samarra de ermitão, ou manto de viuva envergonhada; val tudo; que é o modo de nada valer. D'ahi finalmente, o costume, que descobri em alguns dos nossos actores mais habeis, (e que certamente lhes foi inspirado pela necessidade) de marcarem, cada um com signaes só por elle intendidos, certos pormenores da recitação, ao passo que o auctor, ou ensaiador lh'os vai explicando. 'Num exemplar de Racine, que fôra do uso de Talma, pessoa instruida que o vio, me contou ser tal, e tão insolita a ponctuação, que o grande mestre havia posto de seu punho nos papeis que representára, que, por falta da chave do segredo, se tornava incomprehensivel; mas nem por isso deixava de comprovar, por sentença de tão competente juiz,

a insufficiencia do systema usitado.

¿ Quem ha hi, que, tendo já composto algum trecho d'estylo apaixonado, não sentisse com desespero esta verdade e se não désse a perros por não atinar como se exprimisse? não entrevisse a possibilidade de um aditamento a esta linguagem da linguagem, e o não chamasse com todos os seus votos? Discursemos sizudamente: se o mal existe, e não é pequeno; se lhe sabemos a natureza, e por conseguinte o remedio; se este, nem é perigoso, nem repugnante, nem caro, nem comprado, porque o não manipularemos, e tomaremos logo e já?

No prologo á minha *Traducção das Methamorphoses d' Ovidio*, pagina XX e seguintes, apresentei como proposição o systema de ponctuação que 'nesse livro seguia, e que, mais ou menos, tenho depois seguido em outros meus; a saber: de córtes mui miudos; mais claro, por muito analytico; mas constando unicamente ainda dos signaes já recebidos. Agora, para completar essa proposição, offereço aos que houverem de tractar da regeneração da Orthographya, o alvitre de se crearem affoita e liberalmente novos signaes.

O processo para ésta obra importante, seria começar por um estudo phylosophico da alma humana quanto ao sentir e ao querer; passar d'ahi á classificação dos affectos e paixões, o *ethico* e o *pathetico*, segundo a expressão das escolas, caracterisando-os, e distinguindo-os com a possivel exacção; e concluir, dando a cada paixão e a cada affecto um pequeno symbolo facil d'explicar, e facillimo de representar com o bico da penna. Na minha Cartilha de leitura, aprovada pelo Conselho Superior d'Instrucção Publica, procurei eu mnemonisar pelos olhos e pelo discurso a virgula, o ponto e virgula, os dois pontos, o ponto, a interrogação, a admiração, a reticencia, o parenthesis, a apostrophe, o asterisco, etc. e a experiencia tem mostrado que, por esse methodo, toda a difficuldade de comprehender, reter, e applicar a ponctuação, desapparece. O que assim se fez para os signaes recebidos, cujas figuras haviam sido, sem duvida, tomadas em seu principio caprichosamente, quanto melhor se não poderá fazer nos signaes creados com reflexão, e por espiritos analyticos? Defenda-me Deos da fatuidade de lhes querer marcar itinerarios; entretanto, para melhor dar a intender o meu pensamento, embora hajam de rir, os que riem de quanto lhes parece novo, proporei dois, ou tres exemplos: o tom mavioso, não caberia symbolisar-se com um ponto á feição de coração? o imperioso, com um arremedo de sceptro? o

irado, com uma setta? o meditabundo, com um dedo para o ar? etc. etc. etc. Com estas indicações, não se cuide que peço obras de desenho; não; para o manuscripto qualquer longe, ou arremedo nos bastava; a typographya, essa que pozesse embora maior primor.

¿Não tem ella chegado já com os seus progressos a alguma coisa parallela a esta, porem menos necessaria, e mais difficil? Fallo das chamadas *illustrações*, das pequenas gravuras intercalladas no texto, e em que as ideas dos vocabulos se estão, porque assim o digamos, com complacencia remirando; fallo das *lettras capitaes ornamentadas* e escolhidas; fallo das *vinhetas*, e *fundos-de-lampadas*, adequados.

Uma objecção estou eu já antevendo, que é a difficuldade de completar um systhema e regimento de signaes para todos os tons e semitons da recitação, e depois d'inventados, o custo de os decorar.

A' primeira parte, respondo, que, ainda que se não inventára senão metade, senão o terço, senão o dizimo dos signaes de que se carece, já esse ficava sendo no cabedal artistico de quem escreve, um bom augmento: por se não poder conseguir o optimo, não se ha-de desprezar o bom. Dai-nos dois, ou tres pontos novos e de grande prestimo; quando esses forem correntes, virão outros, e outros, até se vingar á perfeição. E' assim, que a lyra, a principio de tres cordas, depois de quatro, depois de cinco, chegou até vinte; e nem por isso, quando a vio plena, a historia da Musica riscou o nome do seu primeiro inventor, ou os dos seus successivos ampliadores.

A segunda parte da objecção, já com a resposta d'esta esmoreceu; mas, para que de todo se desvaneça, repito, o que ha pouco dice: que os signaes que eu peço, sendo mnemonisados para os olhos, e para o discurso, 'num relance, se decoram. Quanto á confusão, que alguem imaginaria haver na multiplicidade dos pontos para se ler com rapidez, observarei, que a leitura commum se faz sem hesitações, e com a velocidade do relampago, mas contem em si, sommando o alphabeto maiusculo, e o minusculo, os algarismos, a ponctuação e mais signaes graphycos, para cima de setenta figuras mui diversas. ¿A musica não tem por ventura ainda muito maior copia de signaes e combinações? e entretanto, não ha muito quem a decifre correntemente, e não a lêem? ahi a cada canto, pessoas sem talento nem estudos, e só pelo veso de a correrem? certissimamente.

Ora, a propria musica podia subministrar, á leitura se

me não engano, alguns dos seus signaes já conhecidos; assim como a leitura nova lhe podia subministrar a ella com que supprir por um só traço cada uma das advertencias, que os seus compositores são ainda hoje forçados de escrever estendidamente: como o *piano*, o *forte*, o *luzingando*, *con expressione*, o *sforzando*, o *maestoso*, o *andante*, o *andantino*, o *marziale*; etc. Em realidade, os pontos de contacto, ou semi contacto, entre declamação e musica, são mais, do que aos desattentos, e á primeira vista poderiam parecer: a não haver entre ellas relações intimas, o canto nada expressaria; e entre diversos cantos feitos para a mesma lettra, não sentiriamos 'nuns mais propriedade, 'noutros menos, 'noutros nenhuma. A declamação dos antigos, que era mais exagerada do que a nossa, chegava até a ser regrada por signaes musicos; pois que de oradores romanos sabemos, que tinham um flautista para lhes ir encaminhando as variações da voz: esse excesso, não o ha hoje; mas para os que lêem e recitam com perfeição, ha, e ha-de sempre haver, escalas de sons, sujeitas a uma certa arte, como já adverti na tentativa que fiz sobre a maneira de recitar, no meu Tractado de Versificação.

Ha nas typographyas regulares, uns trinta signaes, por onde os revedores de provas e os compositores se intendem entre si para as emendas. Cada um d'estes signaes, com serem bem singelos, cifra uma recommendação, ou ordem, que, a se escrever por extenso, levaria linhas, e ficaria menos clara: a significação de taes signaes é rigorosa; a sua leitura, instantanea: alguns poderiam tambem transferir-se para a ponctuação nova, ou taes quaes, ou imitados.

Resumamos. A escripta, sendo feita para a leitura, e varios generos de escripta para a leitura em voz alta, deve ser acompanhada de signaes, que do modo mais rapido e exacto determinem os pensamentos e os affectos, que o auctor quiz transmittir. Os signaes que hoje se costumam, uns indicando pausas, outros affectos e paixões, são insufficientes; d'esta segunda especie principalmente, muitos se devem inventar: os escriptores, começando pelos poetas, nomeadamente pelos dramaticos, adoptarão com alvoroço a novidade.

Formulemos a nossa receita. Uma juncta de peritos reune-se a estudar e ventilar as questões de ponctuação; supponhamos, na Bibliotheca publica da Côrte, ou na da Typographya Nacional; trabalham com as portas abertas, permittindo a quem quer que for, o coadjuval-os com observações e conselhos, quer verbalmente, quer por escripto; redigem

a sua theoria o mais clara e sobriamente que possam, com todos os signaes bem designados; ajunçtam a isto um pequeno corpo de exemplos bem escolhidos, em que todos os ditos signaes se achem empregados mais de uma vez; a Typographia Nacional manda fazer na sua fundição todos esses signaes novos para todos os diversos abecedarios que possue, e de que vende para as outras imprensas. Cada livro, que se imprimir d'ahi ávante, levará no principio, em uma ou duas paginas, a explicação dos signaes, se o auctor se houver querido servir d'elles, como é evidente que todos quererão. D'esta sorte os leitores, em pouco tempo, se haverão, como os auctores, familiarisado com a novidade; os auctores, folgarão, vendo que produzem mais effeito com menos trabalho; os leitores, em cada pagina bem feita, descubrirão cardumes de bellezas, que até hoje lhes têem sempre estado occultas.

Para mais efficacia se havia de recommendar, muito recommendadamente, que se fizesse a respeito de cada um d' esses pontos novos, o que já, á imitação dos Castelhanos, vamos praticando com a interrogação e a admiração; a saber: pôl-os duas vezes, uma, direitamente no fim da respectiva phrase; outra, no começo d'ella, e revirado, para prevenção e advertencia.

Quintiliano no livro 1.º capitulo 8.º, depois de haver tratado da orthographia, accrescenta: « Resta a leitura: con-» sistirá esta em se ensinar aos principiantes, onde hão-de » suspender a respiração, onde pausar o verso, onde cerrar » o sentido, d'onde começar, quando se ha-de alevantar ou » abaixar a voz, o que importa se diga com inflexão, o que » mais lenta, o que mais rapidamente, o que com mais » impeto, o que com mais brandura: coisas todas, que só » á vista da propria obra, que têem diante dos olhos, se lhes » poderão explicar. Quanto á leitura » ajuncta elle « a » um só preceito me reduzo: quem pertender conseguir tudo » isto, trate de bem intender para si o que lêr. »

O que a tão grande mestre acabamos de ouvir, é a mais cabal apologia, que da minha proposição se podia fazer. Pelo systema velho, cada um antes de ler alto havia de estudar o escripto, e ainda então o leria conforme o seu muito, pouco, ou nullo intendimento; pelo systema novo, até os de intendimento nullo, hão-de lêr derrepente bem, isto é, hão-de expressar, quanto 'nelles caiba, os pensamentos e affectos do proprio auctor.

Depois do que deixo dissertado, medo tenho de que de-

toda a parte caiam juizos severos sobre este pobre livro, a fazer 'nelle autopsia de ponctuação, e achando-a em partes defeituosa, procurem por ahi desauctorisar o bom conselho. Podéra já d'antemão reconvir-lhes com o sabido rifão do « Fazei o que elle diz, não façaes o que elle faz. » Mas outra melhor resalva supplico eu se me receba: quem por sua mão não escreve, nem com os proprios olhos revê provas, por mais escrupulo e paciencia com que se ponha a dictar virgulas e pontos, sempre por derradeiro deixa sair muita coisa, que elle mesmo, se as relêsse, não intenderia.
Nam neque chorda sonum reddit, quem vult manus et mens.

LINGUAGEM.

Um obra que levava por titulo Camões, não era só direito, senão dever rigoroso, apresentar a linguagem patria com asseio, galas e joias de mui rica. Se o não consegui eu, quanto era absolutamente possivel (e não consegui) até onde o podiam consentir as leis do genero, diligenciei-o atrevidamente. *As leis do genero*, repito, porque no drama, que é forma litteraria essencialmente popular, não pode a linguagem dispensar-se de ser tão clara, que doutos e indoutos a disfructem: seria para rir, querer um auctor, que houvesse o Vocabulario de Bluteau em cada camarote, e em cima de cada par de joelhos na platêa os dois volumes do Moraes, para chave do que se ouvisse: os espectadores prefeririam levar a do quarto ou da gaveta para assoviarem. E' coisa de primeira intuição. Chega a tanto este juz do povo, e a correlata obrigação dos poetas, que Egypcios, Gregos, Romanos, Chins, Inglezes, Alemães, e qualquer genero de gentes, quando no mesmo tablado se representam, têem de fallar uns como os outros; e todos como os ouvintes.

Um drama Camões porem, em terra de Portugal, tinha por primeira de todas as obrigações retratar, até o ponto de reconhecivel, quando não fosse com fidelidade extrema, a linguagem do seculo e da pessoa mesma do protogonista. Um Camões que nos viesse fallando, como qualquer fumante do botequim do Marrari, ou vertedor de novellas francezas, ou mesmo limpamente, mas sem tal qual esmero, seria tudo quanto quizessem, menos Camões. O soldado, o aventu-

reiro, o poeta, o namorado, e o atribulado, não são mais caracteristicas e essenciaes feições do nosso bom Luiz, do que o amante da patria, e o classico em seu idioma; dois louvores, que em ultima analyse se reduzem a um só.

Se não podemos imaginar um Camões sem valor, nem sem magoas amorosas, nem sem trabalhos e pobreza, menos ainda o poderiamos conceber, que não fosse idolatra do portuguez, por ser um donoso fallar, e por ser o fallar da sua terra. ¿Ora, sob pena de infinito ridiculo, como podiam as mais figuras, que houvessem de entrar com esta em acção, exprimir-se á moderna, quando a que lhes servia de centro, e de alguma sorte caracterisava o seu seculo, por necessidade se exprimia á antiga? Todo o ponto estava pois, em que elle e seus contemporaneos, servindo-se de vocabulos e construcções, que nos trouxessem uma illusão de ancianidade, por tal arte discursassem, que nem o espectador menos versado em lettras e archeologias ficasse em jejum. O que aos indoutos desapraz na linguagem velha, não é tanto a estranhesa, como a escuridade; se a idea brilha clara e inteira atravez da fraze desusada, uma vez que esta não seja, por outros motivos, reprehensivel, pode ir sem medo de desprazer, e até, pode ser que agradará mais; pois lisongeará o amor proprio do ouvinte inculto, que sem interprete, per si só, a decifrou.

A isto se reduz a questão: ¿rescende a linguagem do drama a antiga? e é ao mesmo tempo corrente e perspicua? se respondeis que sim, feri no alvo a que tirava.

Não obstante que desde a primeira linha intendi sempre, que trabalhava mais para estudiosos e poetas no retiro e silencio de suas livrarias, que para turbas populares em platêas, nunca d'estas comtudo me esqueci tanto, que não decotasse muito do dizer antigo, que naturalmente se me vinha offerecendo, e com o que as personagens e a éra poderam sair muito mais genuinas: e quando não, pergunto, se as comedias de Jorge Ferreira, de Antonio Ferreira, de Sá Miranda, de Antonio Prestes, de Simão Machado, ou as do proprio Camões, não são de linguagem muito mais enleada, perplexa e espinhosa, que todas quantas paginas aqui lestes?

Por aqui cerro, e entrego ao juizo e sentença final competentes, uma defensa, com que me pareceu munir o livro.

Quanto a linguagem em geral, alguma coisa pratica porei tambem para remate d'esta nota (que ja por isso mui de industria lhes puz por titulo *para serem lidas*) Uma vez,

que passei da edade, em que se devaneam fabulas apaixonadas e egoistas, para esta, em que o nosso principal egoismo, consiste em dar conselhos, terceiro alvitre, e terceiro requerimento a bem das lettras será esta minha terceira nota.

Não é para aqui amplificar excellencias da lingua portugueza, assaz, e de sobra, o tenho feito ha annos, e o tinham feito antes de mim outros, melhores do que eu. E' uma lingua bella; é uma lingua rica; é uma lingua para tudo; quem o desconhece? por tudo isto, e por que é nossa, e por que é, como todas, susceptivel de ainda maior lustre, devemos amal-a, servil-a, deffendel-a de desacatos, restituil-a ao seu throno, alteando-lh'o, e redoirando-lh'o, e 'nelle mantel-a senhoril, como as mais soberbas, em vez de se andar á esmola, pintalgada de farrapos estrangeiros, e caindo de debelidade. A impreusa livre, isto é, a imprensa depois da invasão dos barbaros, se tem feito á sociedade alguns beneficios, para a nossa vernaculidade não se pode escurecer que tem sido, e está sendo, uma verdadeira machina infernal.

A lingua de Camões, qual hoje a ves.
Com pouca corrupção crês que é francez.

Para esse mal não se aventa remedio. Mas ha, alem da imprensa, outras duas vertentes de impureza, ambas copiosas, ambas permanentes e toleradas; e que ambas se podiam vedar sem grande custo: uma, é o theatro; outra, as escolas publicas. Em quanto a imprensa actua principalmente sobre os que sabem ler e lêem, o theatro mascavado contamina o povo inculto, classe, que, á mingua de outros meritos, teve sempre em toda a parte o de ir conservando a tradição do bom fallar, sendo na plebe, que um escriptor, desconsolado de parlamentos e jornaes, pode ir retemperar-se, como na conversação caseira das mulheres o fazia Cicero. As escolas, com os livros desleixadamente escriptos, com um quarto de portuguez, um de francez, e dois de algravia, corrompem e assollam todo o gosto do bom dizer; desde a nascença matam nas almas infantis esta parte grande da nacionalidade. Para os theatros ha um tribunal, o Conservatorio; para as escolas outro, o Conselho Superior d'Instrucção Publica: o Conservatorio, que não auctorise a representação de dramas, como quasi sempre se nos dão, em que a phrase, só a intenderá toda, quem pelo francez a for mentalmente substituindo: o Conselho Superior, não permitta no ensino obras de fancaria litteraria, como por ahi correm, não só desprimorosas, senão insadas de atrozes solecismos. Veneno na fonte da instrucção primaria, é crime para que não ha nome. O galli-

cismo bruto em boca plebea faz dó; mas entre os labios de rosa de um innocentinho, espanta e horrorisa, quasi tanto como a obscenidade.

„Quer estylo affonsinho nas comedias, cartilhas e catecismos!!„ arrotará com surriso glorioso algum tarelo. Não: desejo, e peço, que os escriptos dramaticos, sejam, ao menos, limpos; o contrario é insultar o povo, ainda que elle o não sinta; e os opusculos para uso da infancia, desejo, e peço, que, alem de limpos, sejam ricos, não de vocabulos ou obsuletos e condemnados, mas de termos proprios, variados com acerto, de phrases classicas intelligiveis, de mil chistes graciosos, que são nossos exclusivos, de inversões feitas com arte e gosto, sem as quaes, nem a phrase pode ter *numero*, nem o estylo ser artistico; etc. etc. etc.

Mas tronquemos por aqui a nota, que o labyrintho, por onde me ia mettendo, é espinhoso; e poderiam matar-me la dentro alguns embuscados.

TRATAMENTOS.

Na Revista Universal Lisbonense, a 16 de Março de 1843, lançava eu o seguinte:

A mulher de um escrivão provinciano, — segundo refere na Revolução de Septembro um de seus correspondentes, — tinha posse antiga, pacifica e não interrompida do tratamento de Dom. Dom illegitimo na verdade, como tantos; e como todos innocente por sua completissima insignificancia. Como aquelles que á força de repetirem uma pêta, que inventaram, chegam a final a persuadir-se d'ella, — disfructava a boa mulher o seu Dom, com a mais plena boa fé, e Dona se assignou com seu marido 'num requerimento para uma acção de força contra outro escrivão da mesma terra, — intentada não sabemos porque: — sabia-o porem o adversario: e para obstar ao andamento do processo com uma boa sobreroda logo no principio d'elle, se-lhe oppoz com uma excepção, argumentando, não contra o diz, nem contra o nome, mas simplesmente contra o D., que o precedia, ao qual se arremessou armado como um philisteu com a ordenação do liv. 5.º, tit. 92, § 7.º, e as leis de 3 de janeiro de 1611, e 9 dicto de 1739.

« Contra uma fraca dama, ó carniceiros,
« Ferozes vos mostraes e cavalleiros!

Triumphou. — O juiz recebeu a excepção: condemnou a dama a passar sem Dom o resto da vida: riscam-lhe o Dom dos autos,

que mais se não possa ler. — Requereu a despojada na maior consternação allegando com a posse e uso: e as anachronicas entranhas de ferro do magistrado permaneceram inabalaveis.

O narrador do feito desenrola diante das leitoras este sudário para as exhortar a não quererem tratamento, que pelas ordenações e leis do reino lhes não compita: — é o mesmo que ensinar fabulas de La Fontaine a meninos. — Mas fallando sinceramente, não vemos no moralisador rasão alguma de tomo para tal empenho —¿que mal fazem hoje o Dom, a Senhoria, a Excellencia, e todas as mais distincções de egual jaez? — Nenhum: nem sequer já são ridiculas; — quando palavras e fitas se guardavam para recompensas de serviços, havia rasão 'nessas pragmaticas; ¿mas hoje......? —antes nos parece, que se chegassemos como quer que fosse a uniformar os tratamentos, a usarmos todos indistinctamente do Dom, e da Excellencia, como já usámos do Vós e como os antigos usaram do Tu, os auctores de novellas e os de theatro ganhariam 'nessa innovação uma grandissima facilidade para bem escrever:

« Vossa excellencia e vossa senhoria:
« Juraram nunca entrar na alta poesia:

— diz o nosso bom Filinto; e diz verdade: ¿mas d'onde provem isso?—Da não generalidade. Quando safadas pelo uso, Senhorias e Excellencias ou forem para todos sem excepção, ou por inuteis cederem a vez—não dizemos ao vossa mercê, mas simplesmente ao Vós, a esse patriarcha d'onde se deriva o vossa que se intrometteu com a mercê, e que ainda agora se intromette com a Senhoria, com a Excellencia, com a Alteza, com a Magestade, com a Eminencia, e com a Sanctidade; — quando 'nisso, que e sensato, imitarmos não só a nossos maiores, mas a Toda essa França polidissima, á Inglaterra, e tanta parte da Europa, teremos ganho muitissimo para a eloquencia e para a litteratura, e tambem para a liberdade, e muitissimo mais para a civilisação.

Na mesma Revista, a 20 d'Abril do mesmo anno, em carta que me dirigia o meu excellente amigo e poeta, Mendes Leal, como introducção ao seu formoso Romancinho *Flor do Mar*, lia-se este paragrapho:

«Não posso porem esquivar-me a memorar uma difficuldade que bem que á primeira vista pareça minima, nem por isso a julgo menos importante e embaraçosa. Fallo dos tratamentos.

Usamos nós o tratamento de terceira pessoa em vez do de segunda, do vós e tu, tão nobre e tão constantemente seguido por quasi todas, senão todas as de mais nações. Já tivemos esse tambem. Quem nos trouxe este não o sei eu. Ou fosse porem uma degradação na lingua ou fosse a furia civilisadora, o certo é que com elle temos de luctar. E não se estranhe a palavra luctar de que uso, porque entallado entre a necessidade de acceitar as praticas contemporaneas, para ser verdadeiro; e a necessidade de conservar a dignidade a que tal pratica evidentemente se oppõe, para ser conveniente e nobre, as diligencias do que tentar satisfazer ambas estas imperativas necessidades tornam-se uma verdadeira e

muito séria lucta.

E 'neste caso me acho eu. Não presumo de lograr a victoria, mas protesto que me hei-de aventurar a peleja, não sem me acovardar a consideração de quanto é preciso nobilitar os affectos, de quanto cumpre elevar e engrandecer a acção e os characteres, de quanto exforço e apuro se carece para alcançar, não já proxima, mas ainda remotamente o fim desejado!

Algumas vezes, Senhor Redactor, nas nossas breves e, para mim amenissimas, horas de placida conversação nos hemos entretido 'n este assumpto; e 'nessas praticas que V. sabe encher, como poucos, de philosophia, de lição e de poesia, tive eu a satisfação de observar que esta era tambem a sua gravissima opinião.»

Que se me perdoe haver trazido até aqui a transcripção: sou fanatico da amizade; até com as suas ceguciras me delicio; e mais, quando em espiritos de tal ordem! é uma vangloria, sim, mas não a que animos vulgares julgariam. Volto ao meu proposito. Em nota ao precedente excerpto, dizia eu:

Não é este um assumpto, em que possam coisa alguma as leis e a auctoridade, mas tudo póde a moda. ¿Porque não começariamos por moda o tratamento geral de vós? Um mez de exforço, continuado 'neste sentido, principalmente nas assembléas mais numerosas consumaria este milagre felicissimo para a litteratura, e ainda feliz para muitas outras coisas.»

O alvitre não valeu. Debalde d'ahi para cá, por diversas vezes, em varios periodicos, e auxiliado por alguns escriptores amigos, diligenciei ir subrepticiamente introduzindo, pelo exemplo, o que pelo discurso não havia pegado; para o que substituimos nas cartas dos correspondentes o *vós* e o *vosso*, coisas tão francezas, como portuguezas, á desasada *Vossa Senhoria*, cifrada no *v*, e *ao Seu excellente periodico* etc. Tambem essas dilligencias sairam baldadas, com grande credito para o don de profecia do meu collaborador e amigo Silva Tullio, que sempre teimou em que não achariamos sequazes; dando como rasão, que poucos dos que entre nós escrevem, sabem conjugar os verbos até á segunda pessoa do plural.

Subsiste pois a carencia do *vós*, e continua por consequencia, nos affeiçoados á lingua e lettras, a obrigação de o pedirem e persuadirem. Aqui tendes, leitores amigos, o porque isso, que em folhas volantes e ephémeras se havia já lido e esquecido, se colligiu e repoz para aqui, onde póde ser que será mais attendido: para o ser, accresce agora tambem, que os tratamentos cada vez vão perdendo mais entre nós e

cunho distinctivo, a ponto de já quasi se lhes não atinar com o valor. A *Senhoria masculina* e a *Excellencia feminina*, tinham já engolido tudo, como um duplice diluvio; então, a *Excellencia feminina*, começou a trasbordar para os homens: cresce, cresce, em pouco os haverá tambem ingolido. Quando isso for, não haverá remedio para distinguir o bello sexo, senão elevarem-no até a *alteza*, e da *alteza*, quando esta se tiver masculinisado, até á *Magestade*. A profecia, na historia se contem.

Se pois os tratamentos já não distinguem, nem sequer titillam agradavelmente as orelhas, e por outra parte, tanto damnam ás litteraturas mais gostadas e populares, á novella, e ao drama, porque nos não desenganaremos a ser 'nisto europeus? Redactores, começae vós a revolução, desterrando das vossas folhas, essas vanissimas vaidades. Corifeos, e corifeas dos bailes e saráos, vós, que legislaes a moda com o vosso exemplo, não sejaes parisienses unicamente no vestuario! que mais custará a dizer: « *Quereis ter a bondade, senhora, de dançar comigo esta contradança?* » « *Perdoai-me, senhor, estou já promettida* » do que, « *Vossa excellencia, quer ter a bondade de dançar comigo esta contradança?* » « *Perdoe-me vossa senhoria, (ou vossa excellencia) estou já engajada.* » Sáia o *engajado*, entre o *vós*, e ficamos optimamente. Os bailes d'um só inverno, os passeios d'um só verão de Cintra, podem consummar tão bella obra.

O tratamento que empreguei, quasi geralmente, 'neste drama, foi o *vós:* a elle, em grande parte, se ha-de attribuir a cara portugueza com que saiu.

Em algumas scenas se estranhará talvez, que Dona Caterina, para Camões, e Camões para Dona Caterina alternem o *vós* e o *tu*: se defeito é, confesso, que o puz de proposito. Intendi eu, por assim o ter observado mais de uma vez na vida real, que essas incertezas continham verdade; e exprimiam as exitações naturaes que se padecem, quando, especialmente sem concordata previa, se passa do tratar cerimoniatico para o tutear. Demais, a posição em que elles se acham um deante do outro 'neste drama, auctorisava e persuadia taes variedades.

VERDADE.

(Pag. 3.ª, linha 2.ª « Estudo Historico-Poetico. »)

Estou com medo de que esta qualificação, que puz ao livrinho (só para lhe não chamar *Drama*) cheire a vangloria! O que m'a dictou, bem longe estava de se parecer com tal. Não pretendi inculcar, que dava obra para 'nella se estudar coisa alguma; nem mesmo que para ordenal-a tivesse eu deitado abaixo grandes livrarias, e investigado a fundo, para a pintar pelo natural, a vida do nosso poeta, como o Bispo de Vizeu, ou outro algum ponto de substancia: o que eu, bem ou mal, appelidei *Estudo Historico-Poetico*, foi a curiosidade e particular desvelo, com que desejei bosquejar e collorir o bom e máo de que, em minha consciencia intendi, se deve compôr o retrato moral e intellectual de Camões, o de El-Rei D. Sebastião, e o da antiga Lisboa. Não curei de saber se o Poeta ou o Rei diceram ou fizeram realmente as coisas todas de que vão cheias essas scenas, nem se entre elles se deram os encontros e relações a que assistimos; tive por sufficiente que nenhuma de taes exterioridades repugnasse ao conceito que de taes indoles se deve fazer; por outra: suppostas certas casualidades mui accidentaes, para a historia indifferentes, e para a acção dramatica uteis e necessarias, attribui despejadamente aos meos personagens as palavras e actos que do seu modo intimo de ser, me pareciam derivar-se por boa logica.

O mesmo quanto á Lisboa quinhentista. Houve 'nella com effeito uma obscura conspiração abortada? Illuminou-se a armada na vespera de se partir para a Africa? que nos importa; se o que se pinta dos seus sitios, dos uzos e costumes dos seus moradores é verdadeiro, como é, temos o que aspirei. O que digo de Lisboa, do seu Monarcha, e do seu Epico, digo de D. Caterina, do Escrivão da Puridade, dos Cortezãos, digo do Jáo etc., etc., etc.

Certos retratistas primam pela fidelidade minuciosa com que se vão atraz de cada feição ponto por ponto; mas pintores, que para tanto não têem paciencia, contentam-se com

reproduzir as caracteristicas, o restante supprem-no com o que val mais que todos os imbrechados de bagatellas que é a idealidade; do corpo debucham quanto basta, mas da alma quanto podem. Que vezes o cinzel e o pincel dos gregos não offereceram ás adorações do mundo a magestade de Jupiter e a formosura voluptuaria de Venus! e onde estava a Venus e onde estava o Jupiter que elles revelavam? Todavia, cada uma d'aquellas diversissimas encarnações conhecia-se. Onde existe um transsumpto contemporaneo e authentico da cabeça do SALVADOR? ou do rosto da VIRGEM? não obstante, cada artista de genio tem posto a MÃE e o FILHO sobre os altares: os olhos reconhecem-lhes differenças, a Fé adora-os indistinctamente; porque em todas essas imagens vê um reverbero do Ceo; a inspiração do talento communica-se aos espectadores, e, por um milagre humano, o que nunca se vira, adivinha-se. O historiador copía; o poeta phantasia. Ambos pintam; mas o segundo mistura nas suas tintas um verniz esplendido, cujos reflexos indecisos dão á vista uma illusão de movimento e vida. O Achiles e o Ulysses agigantados por Homero, estão de certo para o Achilles e o Ulysses da natureza, na proporção de mil para um: a rasão o sabe, o jura, e o repete a cada instante; apezar d'isso, quem lhe viesse hoje com o Ulysses e o Achilles primitivos, aos olhos d'ella mesma passaria por um mentiroso semsabor. O proprio Homero, esse vulto immenso, que atravez de suas paginas entrevemos; essa montanha de estro, d'onde, segundo a bella expressão dos antigos, rebentavam caudaes de poesia para descedentar a todos os poetas do mundo, quem m'o faria accreditar simples homem, como os outros homens? logo que a fabula com a diuturnidade se tornou consagrada, logo que o ideal e o positivo se caldearam e se solidificaram com o tempo, a verdade extreme degenerou em falsidade, em calumnia, em impossivel. Assim, o Eneas e o Virgilio da historia, o Goffredo e o Tasso da historia, o Gama e o Camões da historia, não são nem nunca mais poderão ser os da crença do genero humano.

Oiço que o nosso incançavel, e mui sagaz investigador archeologico, o Senhor Visconde de Jeromanha, tem logrado desenterrar com estudo de annos, uma nova, e sobremaneira exacta, vida de Camões; na qual, segundo parece, até se prova não haver elle sido pobre, nem tão atribulado, como se crê: tal descobrimento pode ser para a nação um alivio de consciencia, e uma expurgação de peccado nefando, mas não

sei se ainda depois de vencido, o juizo publico se dará por convencido; nem se a poesia ganhará o que sem duvida perde com o achado. Um Camões comendo

« Em toalhas de Flandres . . . . . . »

e escrevendo

« Em Camarins forrados de damasco, »

ainda que m'o imponham com documentos, já o não quero para meo.

« Retrato, vós não sois meo;
» Retrataram-vos mui mal,
» Que a serdes ao natural,
» Foreis mofino como eo: »

dizia o mesmo Camões, dando uma navalhada no rosto de uma sua imagem a que faltava certa cicatriz. O meo Camões é este com que me creei, que tem a consciencia de sua ruim sina, que tanto canta como se lamenta, que banquetêa os seus convidados com trovas mettidas em pratos cobertos, que vai sentar-se sosinho a compor versos na gruta de Macáo, que cea das esmolas de uma pobre, e da mendicidade de um captivo, e que para ser enterrado, necessita de uma mortalha pelo amor de Deus. A verdade! . . . « *Quid est veritas!* » podemos perguntar nós tambem 'nisto, e em muitas outras coisas. O nosso mesmo poeta, ou eu redondamente me engano, ou assim pensou, pouco mais ou menos, quando escrevia aquelle seu notavel e ainda hoje para muitos enigmatico soneto:

Verdade, Amor, Razão, Merecimento,
Qualquer alma farão segura e forte;
Porem Fortuna, Caso, Tempo, e Sorte,
Tem do confuso mundo o regimento.

Effeitos mil revolve o pensamento,
E não sabe a que causa se reporte:
Mas sabe que o què é mais que vida e morte
Não se alcança de humano entendimento.

Doctos varões darão razões subidas;
Mas são as exp'riencias mais provadas:
E por tanto é melhor ter muito visto.

Coisas ha hi que passam sem ser cridas:
E coisas cridas ha sem ser passadas.
Mas o melhor de tudo é crer em Christo.

ORIGINALIDADE.

(« Pag. 3.ª, linha 3.ª « Liberrimamente fundado sobre um Drama francez » &)

Quando lancei no começo d'este volume aquellas poucas linhas *A quem ler*, não padecia ainda o prurito que depois me veio de lhe junctar notas; por isso, 'nessa especie de preambulo não fiz mais que acenar a mui excusada questão da originalidade ou não originalidade do escripto. A historia para quem estiver ocioso e de pachorra eil-a aqui:

Pelos fins do outomno de 1847, achava-me eu 'nesta cidade de Ponta-delgada no mais abominavel e desconsolado ocio que nunca soffri; sem intento, sem esperanças, sem amigos; Prometheu agrilhoado de costas ao meo rochedo, mas com mais d'um abutre nas entranhas; aos meos peores inimigos não desejo uma semana como os mezes que então curti. Com o intuito por ventura de me distrair, me-propoz o Senhor Commendador B. J. de Senna Freitas, coração portuguez, e mui curioso investigador das glorias nacionaes, o trasladar para o Theatro particular de San Sebastião d'esta cidade, de que elle era ensaiador, um drama francez CAMÕES, representado e impresso em Pariz em 1845: examinei-o e a despeito da mais que indecente ignorancia com que fora escripto, reconheci, que se não lograsse vir a sacar d'alli obra cabal para o gosto publico, sempre em tental-o colheria proveito; sequer incurtaria dias eternos e me consolaria divertindo o animo de minhas magoas proprias, para as de outro poeta de mais talento e de não menores, ainda que tambem de não maiores desditas: era consolação de triste especie; mas era consolação: que o diga Bocage, quando cantava entre os palmares da nossa India:

» Camões, grande Camões, quão similhante
» Acho teo fado ao meo, quando os cotejo!
» Egual causa nos fez, perdendo o Tejo,
» Arrostar co' o sacrilego Gigante:

» Como tu, juncto ao Ganges susurrante,
» Da penuria cruel no horror me vejo,

» Como tu, gostos vãos que em vão desejo,
» Tambem carpindo, estou saudoso amante:

» Ludibrio, como tu, da sorte dura,
» Meo fim demando ao Ceo, pela certesa,
» De que só terei paz na sepultura:

» Modelo meo tu és, mas... ó tristesa!
» Se te imito nos transes da ventura,
» Não te imito nos dons da naturesa.

Metti mãos á obra determinado em só mudar quanto fosse preciso para a tornar portugueza; cresceu-me para logo á vontade, passou a gosto, refinou-se em appetite, entrei a edificar e a alindar em predio alheio, como se fora no proprio chão; com o que, e com os estudos minuciosos que tive de fazer em terra sem livrarias nem homens de consulta para taes objectos, gastei, bem furtados a tristesas, os serões d'aquelle inverno. A companhia de curiosos para quem eu encetára o trabalho, tendo ja decorado o primeiro acto, conheceu á vista das extraordinarias dimensões, vulto, e apparato, que o poema ia assumindo, que já o não podia representar; então me soltei de todo de contemplações dramaticas e dei largas ao escrever; o drama estava irrevogavelmente transformado ou, se o quizerem, degenerado em livro. *O puder aut operis lex* já nada me vedávam. Para pintar, qual tenho que devia ser, a alma e indole do nosso poeta, espraiei-me no dialogo, e deli 'nelle a acção sem nenhum remorso: na antecedente nota já o toquei.

Amando, confesso, o meo opusculo e tendo-o pelo menos ruim e mais vividoiro de quantos escrevera ambicionei fazer d'elle feudo a um Principe que por seo talento e copiosa instrucção era merecedor, como nenhum, d'este genero de homenagens: enviei pois para o Brazil uma copia para ter a honra de ser apresentada a Sua Magestade o Imperador.

No jornal Iris do Rio de Janeiro de 30 de Abril de 1849 se acha memoria de tal remessa e offerecimento, e se transcreve parte d'uma carta minha ao Redactor em que eu lhe fallo da origem franceza do drama e do que 'nelle accrescentei.

Achando-me em Lisboa em março d'este anno de 1849, foi o meo Camões lido entre os litteratos já nomeados no *A quem ler*, e por elles saudado logo alli, e depois na imprensa pelo Senhor Mendes Leal como obra portugueza d'alguma valia; ora, o manuscripto por onde essa leitura se fez tinha por ti-

tulo, como viram quantos o quizeram, *Camões drama em cinco actos, liberrimamente imitado do francez dos Senhores Perrot e Armand Du Mesnil* etc. e já com esse mesmo titulo, essa mesmissima copia havia sido offerecida a varios livreiros de Lisboa para impressão; tanto assim que foi essa mesma sinceridade de confessar a obra não inteiramente original, a que fez com que nenhum d'elles offerecesse preço porporcionado ao trabalho e amor que eu ahi havia posto.

'Nestes termos qual não seria o meo espanto quando, pouco depois da leitura, me dizem haver-se espalhado que eu apresentara por original um drama traduzido, e para cumulo de semsaboria me accrescentam que são amigos meos os que entre si deploram mais do que sensuram esta minha fragilidade. Não havia remedio: dirigi á Revista Universal Lisbonense a seguinte carta.

Meu amigo. — Depois do optimo gasalhado que os nossos amigos poetas fizeram ao meo drama Camões, lido no serão de sexta feira ultima, levantou-se, a respeito da mesma obra, uma ballela não sem fundamento, mas injusta, e para mim affrontosa; á qual por isso darei aqui franca e leal explicação, como costumo.

Dice-se, segundo me consta, que o drama não era original, mas traduzido de outro francez, representado e impresso — e que eu, por obra da minha lavra, o apresentára.

Eis-aqui a verdade. Existe um drama francez, intitulado Camões, escripto por dois auctores, representado em Paríz, e lá mesmo impresso; e esse drama (que eu possuo) foi o despertador, e o fundamento do meo; mas o meo não é traducção d'aquelle, é-o ainda menos do que a Eneida o é da Illiada, com haver da Illiada muito e muitissimo na Eneida.

Valerio Flacco, na Argonautica, não perdeo foros de original, por ter seguido Apollonio de Rhodes. Ovidio traduzio muito os gregos sem o dizer. O Ariosto copiou centenares de oitavas dos romanos antigos, de Bocacio, e de Bernardo Tasso. Racine fez a sua Andromacha, e a Ephigenia, sobre os modelos athenienses, de que transcreveo scenas inteiras. Voltaire aos parisienses que lhe applaudiam o Edipo, exclamou: « Courage, Athéniens, c'est du Sophocle. » Os exemplos são infinitos.

Falto, como sou, e sempre o confessei, d'aquella especie de talento com que se inventam os euredos, aproveitei aquelle, que me pareceo summamente bem disposto, havendo scenas, e muitas, não só imitadas, senão quasi traduzidas — rasão porque, por um escrupulo, não sei se bem se mal intendido, puz logo no titulo da minha obra: Camões, liberrimamente imitado do francez, dos Srs ... por ... Tanto assim que ahi estão os Srs. Bertrand, e Borel, honrados negociantes de livros, a quem elle, ha mezes, foi apresentado, a ver se o quereriam imprimir, levando toda a sobredita declaração, que lá está ainda no rosto do manuscripto. E' mais que evidente, que só um louco, d'estes que pertendem tapar o céo com uma joeira, se poderia lembrar de que uma obra

imitada poderia impunemente inculcar-se por de todo original.

Até aqui justiça aos dois francezes; agora justiça tambem para mim. O meo drama tem o dobro do francez: o segundo acto, se houvesse de imprimir-se, com o francez em correspondencia, apresentaria dezenas de paginas seguidas sem uma só palavra do lado francez; v. g., toda a episodica representação do Auto, e a subsequente coroação das damas, etc. O acto quinto é quasi todo inteiramente novo; a scena intima entre o poeta e o Jáo em que o primeiro percorre desanimado, e rasga os seos manuscriptos, e por cartas se despéde dos amigos ausentes; o presente dos doces e flores pela mulata Barbara; o episodio do menino mendigo; o adormecimento do poeta ao som da canção do seu captivo; a scena da janella e o tecer das corôas, o crucifixo e o escudo, e os accessorios externos da noite de Natal, nada d'isto se acha nem sequer apontado na brochura estrangeira; até o proprio final da peça é não só differente das duas variantes apresentadas pelos francezes, porem, permitta-se-me dizel-o, muito superior á qualquer d'ellas.

No quarto acto, a scena dos agoiros; no primeiro aquella que passa entre o estalajadeiro e o adello, e em que historicamente se faz a exposição do genio e costumes de D. Sebastião; no terceiro, a noite de S. João, que não é talvez o somenos do poema, tudo isto é sem precedente no opusculo impresso; e muito mais adiante poderia ainda ir a acareação, se qualquer, dentro em pouco, a não podesse fazer, pois o francez está impresso, e o portuguez brevemente o estará.

Ha mais ainda: o caracter do meo Camões é mais retrato que o estrangeiro, o Jáo que eu fiz poeta, não o é lá; a um imaginario Duque de Soria substitui, absolutamente creado de novo, o Escrivão da Puridade Martim Gonçalves. El-Rei lá é um namorado doido; substitui-o por um D. Sebastião historico, exaltado, excentrico, poetico, e amador de livros; em summa, o enredo é francez, mas como os francezes não tinham estudado, nem advinhado nem Portugal, nem a epocha da acção, em tudo isto tive eu de crear, e creei.

'Nestes termos já se vê, que, se pequei, foi mais em encolhimento do que em vangloria, quando chamei imitação á uma obra em que tanto puz de estudo, de affecto, de phantasia, e, sobretudo, de vernaculidade.

Temos as nossas contas correntes: quando o meo opusculo sair a lume, quem quizer que o confronte com aquell'outro; e já póde ser que, apezar do seo germen estrangeiro, lhe reconhecerão mais algum valor intrinseco do que em muitos originaes. O enredo é francez, a acção nem toda, os principaes caracteres são meos — meos, mil episodios, e accessorios, dos que mais effeito produziram nos bons ingenhos que se dignaram assistir áquella leitura — meo finalmente quasi todo o estylo — e a linguagem minha, ou antes nossa.

Meo caro amigo, não é com o conhecido dito: « Je prends mon bien ou je le trouve, » que eu hei-de defender a quasi originalidade, ou originalidade do meo Camões; é com uma consideração mais alta, que nenhum dos bem iniciados na arte de escrever deixará de admittir — a fórma, em certos generos de obras, é

muitas vezes mais que o proprio fundo.

Lisboa, 20 de Março de 1849. Sou etc.

A. F. de Castilho.

Compare-se a data d'esta carta com a do supra citado numero do Iris; advirta-se em que a remessa do drama fôra feita da Ilha de San Miguel com a competente carta áquella Redacção; conseguintemente antes de 21 de Fevereiro, dia em que d'aqui me embarquei para Lisboa; e ter-se-ha, sobre provas, demonstração da minha verdade.

Até aqui não havia, cuido eu, senão um erro de criticos, mui perdoavel, e mui desculpavel; se bem que para a minha boa fé muito pouco lisonjeiro: mas da insigne boa fé de sycophantas sem nome, eis aqui um documento inclassificavel: volto para San Miguel, sou recebido como amigo entre amigos; vilanetes invejosos espinham-se com taes mostras, escrevem á porta fechada um libelinho chocho, quinta essencia de tres ou quatro cerebros (com licença dos que o são) imprimem-no, não sei se com data falsa se sem data (de todas essas e outras gentilezas são elles useiros e vezeiros) e distribuem-no com mão larga. Ahi se dizia, entre outras, que eu era plagiario; o que se provava por não sei que similhança entre duas ou tres palavras d'uma trova franceza e o meo Hymno do Trabalho; e por eu dar a traducção de um drama francez como coisa da minha lavra. A estes cicarios d'obra grossa, agachados debaixo d'um prélo e com as caras tapadas é que eu dei o lembrete no principio do *A quem ler*. Podia-lhes ter rasgado as mascaras mas tive dó; quando não dizei-me se pode haver maior nojo moral que o imprimirem aquillo sem terem lido nem ouvido o drama, nem saberem mais a respeito d'elle do que isto mesmo que a minha carta publicada na Revista lhes contára. Desde que ha parvos malignos, ainda talvez se não tinha dado exemplo egual de malignidade parvoa. Peço desculpa de termos gasto tanta cera com tão ruins defunctos.

Porque fatalidade ha sempre de toda a parte mão armada contra os pobres cultores de lettras? Não lhes basta para mizeria o andarem quasi sempre malavindos com a fortuna? o viverem 'numa especie de ermiterio sem sanctidade? o ralarem-se com utopias? o serem mal conhecidos e mal julgados? o devorarem invejas e ingratidões? o incurtarem a vida? o duvidarem amiudo da gloria porquem se matam? o não a conseguirem senão quando já a não podem ouvir? e o não testarem senão pobreza? Ha-de ainda vir a calumnia

na cóla da critica inchovalhar-lhes como harpia fetida quanto produzem? A sensura illustrada e honesta é medecina; ainda quando nos amarga, aproveita-nos; a satira é veneno. Os Espiritos malevolos, e mais ainda os malevolos sem espirito, não podendo chegar a Aristarcos, vingam-se em se fazer Zoilos: se hão-de curar, assassinam: como a arte é longa, o talento e o juizo raros, o exame consciencioso difficilimo, o qualificar acertos e desacertos mui arriscado, em toda a parte os vereis, á falta de melhor, precipitarem-se sobre um livro novo, como cães damnados ladrando, e uivando *plagiato, plagiato.* Segundo Bavio e Mevio, Virgilio não foi mais do que um plagiario d'Homero; Homero segundo os Bavios e Mevios da sua terra, plagiario de Orpheo e Linno. Camões segundo o padre José Agostinho de Macedo, não fez senão tomadias; o Cantor de Camões o Sr. Garrett, segúndo alguns estafermos, só tem publicado ineditos d'um seu tio Bispo d'Angra (que já se vê tinha don de prophecia) os dois Renegados do Sr. Mendes Leal foram vertidos não sei já de que lingua; as Duas Filhas do Sr. Pereira da Cunha vieram não sei d'onde, em summa não sae a lume obra de merito, que antes d'outra qualquer critica ou em logar de todas, a não alcunhem roubo.

E' atroz; sobre tudo em obras dramaticas, as quaes o estylo é pelo menos tanto como o entrecho. Bem haja Molière que tomou de Plauto o Amphitrião, e não lhe chamou traducção, porque fez d'elle obra de Molière; bem haja Camões que ao mesmo Plauto, fizera egual honra, sem dizer: *verti*, pois nos testava obra de Camões; bem haja Regnard que da mesma pedreira arrancou e esculpio os seus Menechmos, e tambem os não chamou copia; bem hajam o Garett e o Mendes Leal, quando deram sem nomes francezes, o primeiro, farças francezas, como Fallar Verdade a Mentir, e O Tio Simplicio; o segundo, o drama francez O Tributo das cem donzellas; porque tudo isso ficou por elles naturalisado portuguez, e muito portuguez. Rosnaram-lhes critiqueirinhos tartamudos; deixaram-nos rosnar e foram para diante; porque esses bem sabem e bem mostram, quanta originalidade gloriosa pode haver 'num traductor. Mas a raça d'estas lesmas que babujam toda a especie de monumentos em que não podem roer, é antiga repito; quereis ver o como já os socos ferrados de Terencio as esmagavam? escutai-o no Prologo scenico da sua Andria:

Quando o auctor no officio novo
Tentou dramas escrever,
Cuidou que agradando ao povo
Não tinha mais que fazer.

Eram erradas as contas:
'Neste prologo o verão;
Que, em vez de prepor a acção,
Vem só repulsar affrontas.

Velho poeta mordaz
O constrange a taes respostas;
Se a moda vos desapraz,
A culpa lancai-lh'a ás costas.

Comedias Menandro fez:
Andria e Perinthia são suas;
Quem bem leu qualquer das duas,
Leu-as ambas d'uma vez.

No ser, e enredo, ambas ellas
São gemeas não só irmans;
Diverso estylo as faz bellas;
Vario traje as faz louçans.

Ora, o nosso auctor confessa,
Que era alheio, o que hoje é seu:
Da Perinthia, Andria nasceu;
Da grega, a romana peça.

Zoilos lh'o levam a mal;
Dizem ser dramas perdidos.
Se devéras cuidam tal,
Nunca os vi menos sabidos.

No que a Terencio increpais,
Criticosinhos incautos,
Aos Nevios, Ennios, e Plautos
Não vedes que injurais?!

Pobrezas de taes auctores,
São bem mais para invejar,
Que d'estes parvos censores,
Todo o obscuro censurar.

Quasi todos os seus prologos scenicos o mesmo resam, e contra o mesmo caturra velho: vá ainda uma amostrinha do seu Heautontimorumenos.

Do pobre poeta murmuram praguentos,
Que estraga da Grecia Comedias aos centos
E d'ellas expreme com Musas mofinas
Tres ou quatro chochas comedias Latinas
Se é mal, paciencia; declara-vos já
Que o faz, que o tem feito, que sempre o fará.
Por si tem o exemplo de bons escriptores:
O que esses poderam sem medo a censores,
Quem é que lhe veda fazel-o egualmente?
Mais critica temos: um velho demente,
Poetastro das duzias, ruim fallador,
No povo as derrama roendo no auctor.
« Terencio, auctor comico! » exclama « que séstro! »
« Não é certamente fiado em seu éstro....
« Embute por suas, ideas que pilha; »
« E á custa d'amigos por comico brilha. »
Vós entre as calumnias e um peito leal
Romano auditorio, sereis Tribunal.

Consolem-se com estes exemplos os principiantes, procurem ser originaes e correctos, premunam-se contra os criticos de bem, e quanto aos d'esta laia, nunca percam tempo como eu acabo de fazer.

Tomem de cór e tragam sempre muito a ponto para uma pressa este dito do nosso Camões: *Vós outros estudastes para praguejar, e eu para desprezar praguentos.*

GRAVURA.

(Retrato de Camões)

O QUE vou registar aqui, não é sem uma certa importancia para a historia das artes entre nós.

Em nenhuma parte d'este archipelago açoriano até aos fins de 1847, existia a gravura em madeira; posto já de annos se achassem imprensas estabelecidas na Terceira e em San Miguel.

O Senhor Luiz de Vasconcellos, natural d'aqui, algumas tentativas fizera em 1838 abrindo grandes lettras floreadas e alguns outros ornatinhos typographicos, com aquella conhecida pericia que o seo bello talento mechanico desenvolve em tudo que emprehende; mas não continuou.

D'elle são as lettras em que principiou a sair o titulo do jornal Açoriano em 1841 ou 42, e d'elle é a illustração do titulo do folheto *Principios geraes de jardinagem por J. V. Vieira* dado á luz em 1838 typographia de F. J. Corrêa na rua do collegio.

O Senhor Vasconcellos, assim como não tivera mestre nem predecessor, tambem não teve successor nem discipulo.

Na exposição da industria Michaelense d'este natal de 1849, estão gravadas em buxo e com gabos de mui nitidas, figuras para um baralho de cartas, obra posthuma de Domingos Antonio Candido de Barros, natural de Lisboa, fallecido na Ilha de Sancta Maria em Julho de 1849. D'este curioso consta haver varias gravuras em metaes, sinetes, &c. mas nada impresso.

Em janeiro de 1848, incumbido da redacção do Agricultor Michaelense, emprehendi, que em Ponta Delgada se gravasse, não tanto para ornamento d'aquelle periodico (as primeiras tentativas em tal arte nunca o podem ser) como para esclarecimento de artigos sobre maquinas, animaes, ou plantas não vulgares, e ao mesmo tempo, para vêr se d'este modo o gosto e a nobre emulação chegavam a fazer pegar tão bella e proveitosa industria em terra como esta, onde as mãos habilidosas não fallecem; já 'nesse mesmo janeiro, isto é, no primeiro numero da minha redacção, saiu o A

gricultor com septe gravuras: trasladarei d'elle mesmo, o que puz na advertencia previa aos Afogados, romancinho escripto e acompanhado de pequenas estampas pelo Senhor Luiz Filippe Leite.

« O auctor tambem agora pela primeira vez prova a mão na difficillima arte da gravura em madeira, pelo que em seo nome requeremos benevola indulgencia para com os ornatinhos artisticos d'este periodico; todo o homem de bem lh'a concederá e avantajada; mormente se se advertir, em que o desenho, outr'ora mero luxo e para raros livros, e escaço, está sendo hoje quasi necessidade, até para folhas volantes e ephemeras, quando têem de fazer bem conhecidos certos objectos phisicos, naturaes ou artificiaes.

« Por isso, e por intendermos que se não haveria por de menos entidade, o introduzir e aclimar uma boa arte mui fecunda, do que uma qualquer planta forasteira, é que forcejámos, com toda a perseverança que nos dá a nossa velha sentença Biblica « *Se queres podes* » para que despontasse a gravura, como já desponta emfim 'neste archipelago. Os noveis artistas, que em torno de nós trabalham, phantasiando já futuros, como todos os verdadeiros talentos, o Senhor Alfredo Lambert de desasepte annos de edade, o Senhor Luiz Filippe Leite de desanove, ainda ha oito dias ignoravam, e não inquiriam, como se désse um traço na madeira; sabiamol-o nós por alto; explicamos-lh'o; insistimos, exforçamol-os, ousáram, o milagre fez-se. E que milagre! Sem mestre! Sem tempo! Sem utensis! Todos os seos instrumentos, improvisaram-nos elles mesmos: foram 'nesta ilha os Robinsons da gravura. Toda a sua officina, ainda hoje, a podeis vêr 'num relance, ella que se vos retrate . . . .
. . . .

« Já achamos um impossivel, ambos os nossos artistas se recusam ao que se lhes figura jactancia indecorosa . . . . .
. . . .

« Decididamente não ha impossiveis; a repugnancia dos dois Artistas, creou terceiro: o Senhor Pedro d'Alcantara Leite. A acquisição e formação do Artista, e a sua obra, não nos custaram mais de vinte e quatro horas. A revelação do segredo da abelha de todos os tres, eil-a aqui pois. »

O desenho que immediatamente seguia estas palavras, mostrava uma peça de madeira sobre a qual se via uma mão gravando com o bico de uma agulha espetada 'num páo, e ao lado um canivete.

Em consequencia da minha obstinação, foi a coisa por diante, e nos doze numeros do Agricultor d'esse anno se contaram sessenta e uma gravuras executadas por nove pessoas, duas das quaes, Senhoras. Alphabeticamente são: as senhoras D. Maria Leonor da Camara Sampaio, D. Marianna de Lima Furtado de Mendonça, os senhores Alfredo Lambert, Henrique Walker, Ignacio Pedro Silveira Jr., João Luiz de Moraes Pereira, José Maria Rapozo do Amaral, Luiz Filippe Leite e Pedro d'Alcantara Leite. Não se atingio a perfeição, mas os progressos foram visiveis.

No anno recemfindo de 1849 cessaram as illustrações do Agricultor; e a despeitode tão auspiciosos principios, os adeptos, se não abjuraram o culto, arrefeceram e disperçaram-se. Só lhe permaneceu fiel (que eu saiba) a Excellentissima Senhora Dona Maria Leonor da Camara Sampaio; sessenta diversas gravurinhas suas, todas de 1849, estão ornando a exposição e clamando aos descuidosos em favor de tão rico estudo. *O retrato de Camões*, a que esta nota pertence, é um improviso d'esta Senhora; que nem a minima lição jamais recebera de desenho.

Para chegarmos já ao faciendum (pois tambem 'nesta nota o ha) ponderem-se devidamente os seguintes pontos.

A gravura em madeira tem-se 'nestes ultimos annos immensamente generalisado nos paizes em que ha imprensa; tornou-se necessaria; dentro em pouco será indispensavel.

A gravura em madeira é um possante auxiliar para quasi todos os conhecimentos humanos. Primo: porque mostra os objectos, em vez de só se nomearem e assim os faz melhor comprehender; secundo: porque os mnemonisa; tertio: porque desafia o apetite para a leitura.

A gravura em madeira deve a sua presente prosperidade, e ha-de dever os seos ainda maiores futuros, á facilidade com que se executa e se incorpora no texto typographico; em quanto a gravura em cobre ou aço e a lythographia, são impressas sobre si, e muito mais dispendiosamente.

A gravura em madeira é de tal modo accessivel, a quaesquer mãos, que não sejam de todo degeitosas, que já hoje, segundo dizem, o motivo de sairem tantos jornaes inglezes cheios e rasos d'illustrações, não é outro, senão que a infinita concorrencia de gravadores, tem feito baixar o preço de suas obras, e um dado espaço occupado por gravura, sae mais barato aos empresarios, do que se o fosse por composição.

A gravura em madeira depois d'esta sua gloriosa resurrei-

ção em nossos dias, tem começado a ser exercida, em todas as partes, por curiosos, e ás apalpadelas, como dizem vulgarmente, sendo o exercicio, a perseverança, a imitação, e a emulação, o que de anno para anno a faz subir e aperfeiçoar-se. Os Senhores Bordallo e Coelho, que primeiros gravaram em Lisboa, não tiveram mestre nem tratado ou *vadé mecum*, nem sequer quem lhes explicasse como era a ferramenta e como d'ella se usava; quizeram, tentaram, teimaram, conseguiram. O Panorama, em que elles se estrearam, contem em documentos a sua historia: esboços grosseiros a principio; a final obras nitidas. ¿ As primeiras tentativas d'este genero, feitas no Agricultor Michaelense, d'onde procederam? (a noticia é para rir mas não inutil) procederam, da mui succinta explicação que eu aqui fiz, do que só de ouvida, e mui vagamente, sabia em tal materia; com ella, um canivete, uma agulha afiada, e muita paciencia, sairam os primeiros esboços; depois vieram buris e manuaes; a pratica, e o exame mais attento d'algumas gravuras inglezas, foram novos recursos: em tão curto praso notou-se o adiantamento: se houver perseverança, ha-de-se chegar ao perfeitissimo; que não são as mãos inglezas, mais baptisadas, nem os ares de Londres mais claros, nem o seo sol mais creador.

Como os tratados e manuaes de gravura, nem todos os possuem, e menos ainda são em numero as pessoas portuguezas que em linguas estrangeiras os podem ler com aproveitamento, quero crer, que para alguem poderá servir, como já aqui serviu, uma exposição succinta do que importa se saiba para começar a ser gravador. Serrae a tôpo uma fatia de buxo bem secco e são (pereira e ebano tambem são bons) a grossura d'esta fatia deve ser egual á altura d'um typo (sendo menor haverá de se calçar no prelo) comprimento e largura, segundo o desenho. Egualada e perfeitamente alisada a superficie, branquea-a esfregando-lhe com a palma da mão alvayade de Veneza bem secco (muitos não branqueam) desenhae por cima com lapis, ou nanquim o objecto que pretendeis estampar, havendo cuidado, em que o que deve sair da direita fique da esquerda e vice versa.

Se sois bom desenhador, não ha para vós difficuldade alguma; haveis de ser bom gravador: se não sabeis desenhar, pedi a outrem que vol-o faça, reservando para vós todo o trabalho do ferro. Muitas gravuras, em Portugal, em França, em Inglaterra, em Italia, em Allemanha, são debu-

xadas por um, e por outro abertas: esta divisão de trabalhos, e esta associação de artistas, têem vantagens para a quantidade e qualidade dos productos.

Se se trata de uma copia fiel, podeis fazel-a no papel chamado vegetal; assentar a copia com uma gomma branda sobre a madeira é quasi o mesmo que se 'nella desenhasseis.

Tende uma collecção de buris e instrumentos de diversas feições e cortes; quanto mais numerosos e variados melhor.

Assentae a madeira 'numa almofada cheia d'arêa, segurae-a com a mão esquerda, e com a direita, ide cortando a pouco e pouco tudo que não está coberto de desenho. Alguns aconselham que se tenha na mesa uma armaçãosinha com um parafuso propria para conter bem segura a peça de madeira, o que em certas partes do trabalho poderá ajudar, mas não é indispensavel.

A diversidade do tamanho e feitios dos espaços brancos que ha para tirar, vos irão dizendo de quaes dos vossos ferros vos haveis de servir.

Os traços de contornos e circunferencias, quer d'um rosto, quer d'um corpo, d'uma planta, d'uma casa, &. são os ultimos, junto aos quaes por fóra se deve abrir corte. Todos os lavores centraes ou medios, se devem fazer primeiro, para não enfraquecer as bordas, que estando desamparadas, e trabalhando-se por dentro junto a ellas, poderiam quebrar-se.

A profundez dos cortes varia segundo a grandeza do espaço que se ha-de cavar: entre duas linhas mui junctas, uma leve incisão bastará; onde houver de ficar grande superficie em claro, afundareis muito.

Os cortes de circunferencias dêem-se deixando talude, isto é, dêem-se obliquamente a fugir com o talho para fóra do contorno da figura, á proporção que se profunda; é uma cautella para solidez; com o talho vertical, esta sería menor; com o talho obliquo para baixo da figura era ruina certa ao imprimir.

Tudo isto é pouco e singelo; não é assim? pois aqui tendes a substancia da arte: nunca houve segredo d'abelha mais penetravel.

Concluida a gravura, mandam-se tirar d'ella provas por um impressor habil. A' vista das provas, se reconhece o que importa emendar. As emendas, podem consistir, em diminuição, ou acrescentamento. Para corrigir a chapa, lavae-a da tinta da imprensa; não com agua e lexivia, que a poderiam empenar, mas com azeite e escova não muito aspera. Onde a prova vos mostra tinta que lá não devera estar, ca-

vae; onde vedes que ella falta e era precisa, e se não pode dispensar, cavae 'nessa parte a vossa madeira, afeiçoae um torno das dimensões da cava, já se sabe feito do mesmo páo e tambem a tôpo, embebei-o exactissimamente, por modo que a sua superficie fique de todo nivelada com a restante; e este remendo, desenhae-o e gravae-o de novo: ainda que o melhor remedio, é tomar outra chapa e recomeçar o desenho todo.

A impressão d'uma gravura, exige algum cuidado. O gravador, ainda que principiante seja, não havendo outro mais pratico do que elle, deve vigiar com minucioso escrupulo a obra do prelo, até esta sair com a possivel perfeição.

Para a perfeição d'uma tiragem d'estampa gravada, não basta o primor do buril, a bondade do rolo, a bondade e boa distribuição da tinta; se a pressão for egual em toda a superficie da estampa, poderá esta ficar carecendo de certas proporções de tons, isto é, de certa graduação de tinta, 'nuns sitios mais forte, 'noutros mais fraca, de que muito depende o bom effeito.

Deverá pois o timpano ser revestido anteriormente de cazemira ou pano fino recoberto de seda, tudo sem remendo, buraco, ou costura. Tirada a primeira prova 'numa folha de papel não molhado, o artista indaga 'nella que partes beberam tinta de mais, e quaes de menos.

As que beberam de mais, corta-as delicadamente á tesoira e lança-as fóra; as que beberam de menos, cobre-as, pegando-lhes em cima de cada uma, com gomma, um papelinho recortado de egual feição, e esta folha de prova assim desfalcada 'nuns pontos, e 'noutros relevada, a ajusta e prega sobre a seda passando logo a tirar segunda prova tambem secca.

Se ainda algum dos vãos que deixou, tomam tinta em demasia, esses, torna-os a vasar com a tesoira, e semelhantemente accrescenta segundo empaste onde a força do preto não chegou ainda á sua conta, e só depois de cabalmente afinado o timpano, por via de successivas subtracções e addições, se retira, certo de que a sua chapa dará de si quanto pode.

Se no decurso da impressão, as estampas vão perdendo o mimo, o que é resultado de tinta depositada nos traços estreitos e pouco fundos, é lavar as chapas com azeite e escova como já se dice.

A bem das sciencias, litteratura, e artes, exhortêmos

aos que sabem desenhar e aos que não o sabendo, têem comtudo mãos delicadas, paciencia e gosto, cedam á tentação que esta noticia provavelmente lhes ha-de causar; experimentem; e, se a primeira tentativa lhes abortar, não esmoreçam: ninguem nasce grande: Hercules, foi um menino de mama; Roma, uma aldeola; os carvalhos, bolotas; as aguias, ovos; os rios, fontes; a Venus de Medicis, e o Apollo do Belveder, o Moises de Miguel Angelo, e o Parnaso de Assiz Rodriguez, pedras brutas. Uso faz os mestres. « O genio » dizia Buffon « não é senão attenção. » Ter sempre perante os olhos aquella maxima de todos os grandes homens, que é a mãe de todos os grandes milagres: SE QUERES PODES. SI VIS, POTES. SE TENS FE', TRANSPORTARÁS AS MONTANHAS, se lê nas Sagradas Paginas.

Virgilio escrevia:

. . . . POSSUNT, QUIA POSSE VIDENTUR.

e

. . . . LABOR OMNIA VINCIT.

Horacio:

NIL MORTALIBUS ARDUUM EST.

Ovidio:

ET QUI NON POTERAT, POSSE COACTUS ERAT.

Seneca:

QUODCUMQUE SIBI IMPERAVIT ANIMUS, OBTINUIT.

Camões:

IMPOSSIBILIDADES NÃO FAÇAIS;
QUE QUEM QUIZ, SEMPRE POUDE.

Napoleão:

IMPOSSIBLE EST L'ADJECTIF DES SOTS.

Podera citar milheiros, mas fiquem por todos, os nossos dois rifões velhos: MAIS FAZ QUEM QUER DO QUE QUEM PODE: e PARA QUEM QUER NÃO HA IMPOSSIVEIS.

A doutrina mais substancial do Romance de Rousseau sobre a educação, é aquella de acostumar as mãos ao trabalho desde muito cedo.

Esse principio, que deu origem a outro Romance Castelhano tambem d'educação, porem muito mais positivo e util, *O Eusebio*, foi para logo adoptado pelo bom senso geral, e muitos dos fidalgos emigrados pela Revolução Franceza do fim do seculo passado, não deveram a subsistencia senão ao mister manual que em melhores tempos haviam aprendido, bem fóra de cuidarem que jamais lhes serviria. Ora as vicissitudes subitas, imprevistas, e quotidianas, suscitadas ao presente pela politica e pelas transformações, que

opéra em tudo o crescer e variar da Industria, pela nobilitação do Trabalho, pelas tendencias philosoficas do seculo; este incalculavel fluxo e refluxo de destinos, que remuge ameaçador em torno a cada um de nós, e que a ninguem permitte prever, como nos dias doirados de nossos avós, onde ha-de ir acabar, nem quando, nem como, nem de que; se de balas, se em prisão, se em degredo, se em desertos; ou em cadeira curul em degraos de throno; tornam, para quem não fôr nescio, urgentissimo preceito, o que no tempo de Rousseau não passava de bom conselho.

Todos os trabalhos uteis são nobres, mas alem de nobre, qual mais agradavel, que o de cultivar uma Arte das que chamâmos bellas, e bem poderamos chamar boas, como nossos maiores, e não só bella e boa, senão de todas a optima e a bellissima. A obra do estatuario, por mais divina que saia, nada produz, nem se reproduz; a do pintor, excitará assombros 'numa salla ou 'num templo; a do architecto, poderá alojar em si todas as outras, mas é circumscripta em espaço, e irrevogavelmente arraigada ao chão em que brotou. A gravura em madeira entretanto, superior 'nisto á dos metaes e á lythographia, trava-se, incorpora-se, identifica-se com as proprias expressões já do archictecto, já do pintor, já do esculptor, já do musico, já do chorégrapho, já do poeta, já do novellista, já do biographo, já do historiador, já do viajante, já do mineralogico e geólogo, já do geógrapho e astrónomo, já do botanico e do agrónomo, já do zoólogo e creador das raças uteis, já do antropologo, já do anatomico, do medico; que digo! a moral mesma, recebe d'ella enfeites e seducções: quantas scenas de beneficencia, de generosidade, de paz e ventura domestica, d' amor materno, d'amor filial, de compaixão para com as miserias alheias, não vem assim prégar mudamente, e commover 'num relance a quem não leria nem ha-de nunca ler o livro serio, ou porque lhe não intende a lingua, ou porque lhe falta ocio, ou porque não quer! Para todas as Sciencias e Artes é esta Arte um bordão de arrimo e uma lanterna, que as deixa ir vendo, e sendo vistas ao longo dos seus diversos caminhos.

Eis aqui precisamente o que lhe tem dado a sua já hoje incontestavel supremacia; o que faz que ainda vá crescendo, e o que deve compellir a todos os que tiverem olhos, mãos e alma, a frequental-a com amor e enthusiasmo. ¿Porque é que na educação esmerada de um e outro sexo se não hade incluir desde já este tão agradavel e tão previdente com-

plemento? Tendes filhos e filhas e sois nobre, e sois rico, nobilitai-os e nobilitai-as ainda mais, dando-lhes um lustre, e um prestimo novo. O grande Czar Pedro foi ferreiro, carpinteiro e calafate; Luiz XIII canastreiro; Luiz XVI serralheiro; Luiz Filippe, mathematico; sua Filha a Princeza Maria, esculptora; seus filhos cursaram os estudos proveitosos, como qualquer cidadão; o Principe Alberto de Inglaterra é pintor; o Infante D. Henrique foi cosmographo; D. Pedro IV, o Grande, torneiro, musico, e capitão de primeira ordem. O nosso actual Rei é gravador em cobre. A Viuva do Libertador e a Sua Filha Reinante primam em lavores proprios do seu sexo, que ambicionados e vendidos á porfia nos bazares da charidade teem concorrido para enchugar muitas lagrimas de velhos e meninos. Os nossos Principes em suas curtas edades são já citados com admiração pelo numero e variedade das suas prendas &. &. &. &. Quanto á nobreza, isto. Quanto aos haveres, ¿quem vos affirmou que a fortuna vos não arrancará das mãos amanhan e já hoje o testamento? Premunir, premunir para o dia da adversidade, que nem sempre tem vesperas! quando ella bater com a mão de ferro á porta dos vossos filhos e filhas, um talento precioso, e bem esmerado, que lhe responda de dentro: « *Vai-te a outra porta; aqui, trabalha-se.*

Um magnifico serviço que os Redactores de Jornaes scientificos, litterarios, e até politicos, podiam fazer desde já á Patria, seria franquearem as suas columnas a quantas tentativas de gravura em madeira, não inteiramente abortadas, lhes fossem offerecidas por principiantes, ou curiosos em qualquer gráo de adiantamento: que bello certame publico! que mutuo incitamento! que de glorias semeadas! que atractivo para a curiosidade e para a leitura!

Academias das Bellas-Artes de Lisboa e Porto, charitativo Estabelecimento da Casa Pia, completae-vos junctando ás nobres artes do Desenho, que já ensinais, esta que indubitavelmente é de todas a mais gloriosa, porque é de todas a mais fructifera.

O SENHOR DOM PEDRO SEGUNDO.

(Pag. 5.ª, Linha 1.ª « A Sua Magestade O Senhor Dom Pedro Segundo, Imperador do Brazil.)

Nenhum motivo me induzio a dedicar este poema a Sua Magestade Imperial, o Senhor Dom Pedro II, senão o desejo de dar publico e solemne testimunho de veneração a um Principe, que na flor da edade é já maduro para a sabedoria; que ama e pratica as lettras, como as virtudes; e por quem o maior Imperio se tornará tambem o mais ditoso. Escriptor sempre amante d'esta formosa lingua de Camões, eu devia tambem esta homenagem ao Espirito Distincto, que familiarisado com as mais opulentas litteraturas d'essa Europa, comprehendendo e avaliando as bellezas de seus idiomas, se delicía, com uma especie de preferencia filial, nos livros bons da lingua de Seus Avós. Em summa, e porque tudo diga, era já de muito para mim imperiosa necessidade do coração pregoar alto o meu internecido agradecimento para com um Genio, que ainda sem Corôa seria admirado, o qual entre os cuidados de reger um mundo, não desdenha pôr algumas vezes olhos benevolos nos meus escriptos.

O primeiro ouvinte d'este Poema foi Sua Magestade Imperial, que na Sua chacara de Sancta-Cruz teve a bondade de permittir, se lêsse inteiro, e de um só folego, na Sua Augusta Presença; e, consinta-se-me a gloriosa revelação, o honrou com reflexões, ao mesmo tempo de profundo Juiz, e de Protector benevolo, permittindo a final que sob tal e tamanho Nome, e Auspicios tão Faustos, saisse, como sae, a publico.

Os votos que cerram e coroam a Dedicatoria, na consciencia tenho que são prophecia. Essa obra posthuma de Camões haverá sido de todas as suas, a mais bella.

PROLOGOS.

(Pag. 17.ª « Aos espectadores. » « Prologo » — Pag. 79.ª, linha 2.ª. « Um Ermitão que sae da segunda porta da esquerda e se vae collocar perante El-Rei » — Pag. 84.ª, linha 11.ª « O Ermitão que vem da segunda porta da esquerda collocar-se novamente diante do estrado real.) »

Os *Prologos* em theatro são da infancia da arte. A intrinseca difficuldade de fundir a exposição na acção, difficuldade que nem nos seculos mais cultos, nem pelos poetas mais primos se tem deixado vencer senão raramente, introduzio, fez pegar, e conservar-se por muito tempo o costume d'estas accessorias e postiças declarações. E' assim que nos desenhos e pinturas de mãos noviças se recorria a palavras escriptas a sairem das bocas das personagens, para supprirem a expressão que lhes não sabiam dar.

Não fallo de Eschyles nem de Aristhophanes: as tragedias do primeiro, cheiram ainda muito á barbarie das carradas bachicas de Tespis; as comedias do segundo, pouco distam da satyra grosseira de que esse genero se originou. Mas Aristhophanes e Eschyles, posto não fizessem dos *prologos* composições sobre si, nem por isso se pode dizer que d'elles se não valeram.

Euripides tem *prologos* postiços. No seu Hyppolito por exemplo: é Venus quem prepõe a acção. Outro tanto faz Minerva no Ajax furioso de Sophocles.

Entre os Romanos, Plauto empregou allocuções preliminares, illustrativas de suas comedias e com pequenas variações, umas vezes, fazendo-as recitar por uma figura chamada mesmo *Prologo*, como na Asinaria, nos Mnechmos e nos Captivos; outras, por personagem que tambem na peça representava tal como *Mercurio* no Amphitrião; outras, por um ente ideal ou mythologico, verbi gratia na Aulularia o *Lar*, na Cistellaria o *Deus Auxilio* depois de corrida a primeira scena, e no Rudente o *Arcturo*.

Terencio preludia a cada uma das suas seis comedias com um trecho especial (todos elles recitados pela figura *Prologo*) em que esgrime contra os seus mordazes, annuncia o assum-

pto, e capta a benevolencia do auditorio. 'Nestes tres pontos se pode dizer que está o termo medio de toda a substancia dos *Prologos*.

As tragedias de Seneca vão sem *prologo*: só no Thyestes ha uma especie d'isso, é o dialogo do espectro de *Tantalo* e *Megera*. Notemos que o chôro e os entreactos das tragedias antigas participavam da mesma natureza do *prologo*, pois se enxertavam na acção para a esclarecer, intimar, ou expremer d'ella moralidade. Eram por força quebras mais ou menos graves na verisimilhança; mas a belleza lyrica d'esses trechos sempre esmerados, e a musica de que se elles revestiam, os tornavam não só desculpaveis, senão bemvindos e applaudidos.

Actoris partes chorus officiumque virile
Deffendat; neu quid medios intercinat actus
Quod non preposito conducat et hæreat apte.

Na renascença das lettras commummente se vio o theatro ou por imitação dos Classicos, ou por que a mesma causa, isto é, a mesma inexperiencia e falta d'arte devesse produzir os mesmos effeitos, vio-se, digo, o theatro recorrer aos mesmos viciosos artificios de annunciadores, expositores e complementadores de suas fabulas; empachos de que o tempo e o crescer do bom gosto o deviam necessariamente descartar, e assim aconteceu: só a ópera, mixto de todos os generos scenicos, da declamação, do canto e musica, da mimica, da dança, e em que os olhos e os ouvidos têem muito mais largo quinhão que o senso poetico, só ella conserva hoje, formosa desdenhadora de verisimilhanças, os chóros quasi sempre repugnados da rasão, e os nuncios e relatores que supprem como podem o que na representação lhe mingúa.

Se recorremos aos patriarchas do nosso theatro, achamos com effeito isso, e tudo o mais com que se caracterisa o primeiro balbuciar da arte scenica.

Gil Vicente, por antiguidade, e por tudo, é o primeiro que nos chama a attenção. Nada mais irregular, desordenado e monstruoso, mas nada mais rico, flórido, gracioso e attractivo que os seu Autos, Comedias, Tragicomedias, e Farças. Inferior a Terencio, e mesmo a Plauto, quanto ao que é propriamente dramatico, e talvez não menos desconchavado a esse respeito que Aristophanes, o nosso bom Gil Vicente é porventura de todo o nosso Parnaso o espirito mais bafejado de graça poetica original; com os seus modos semi-Castelhanos, o mais Portuguez, e o que para os ingenhos

verdadeiramente poeticos ha-de ser sempre uma gruta immensa e sem fundo de inspirações deliciosas; é um La Fontaine silvestre; não procura a poesia, procura-o ella; cabem-lhe os versos felizes, como ao commum da gente as palavras necessarias; onde toca, nascem rosas; para onde lança os olhos a descuido, vê-se rir uma fada, ouve-se em échos um cantar de sereia: as suas saudades são muitas, mas alvas e alegres: nas mais infimas trivialidades, tem sempre um toque de affecto que as nobilita como quer que seja: sobretudo é, se me não illudo, o unico dos nossos rimadores, que tem uma individualidade perfeitamente characterisada. Ferreira, Sá Miranda, Bernardes, todos, até o proprio Camões, tinham-se acostumado a não desamparar nunca os vestigios dos Latinos, dos Italianos e dos Castelhanos: eram Portuguezissimos no amor da patria e na linguagem; em tudo o mais receariam sel-o. Gil Vicente, dou que menos erudito, por sua e nossa fortuna, e sem nenhumas ambições litterarias, regalava-se de rescender ao seu Portugal, de rimar os nomes das suas aldêas e dos seus camponezes, de folgar com as suas festas populares, de bailar e cantar as suas chacótas, de se interter com as suas benzedeiras, com os seus clerigos folgazões, com os seos escudeiros joviaes, de empulhar as damas e moços do Paço por seus nomes, sobrenomes e appellidos, de archivar quanto via, de modas, de ridicularias, de crenças, de festejos, e ao mesmo tempo, quanto ouvia, ou lhe lembrava, quer fabuloso, quer certo, quer absurdo, das antigualhas da sua Terra.

Esta digressão, não m'a levem a mal: fallei nos meos amores, esqueci-me. O que podia era cortal-a agora; mas o tempo vai tão escaço de verdades sinceras, que não devemos excluir uma, só porque nasceo fora do seo logar: volto ao assumpto. O nosso Gil Vicente pois, suppre as lacunas das suas peças com prologos narrativos e em verso, antepostos á primeira scena, e com advertencias, em prosa nas quebras da acção, o que dá a lembrar aquelle donoso contar e cantar das xacaras pelas nossas velhas do borralho, que onde fazia mister intromettiam na cantilena seos entrefolhos resados, que ainda redrobravam a attenção do auditorio; o que eu não sei, é se, quando o nosso Gil Vicente se representava, aquelles intermedios de prosa que no livro apparecem eram ou não recitados ao auditorio; deveriam sel-o; que não é menos gente quem ouve do que quem lê. No estirado, mas variadissimo e nunca fastidioso *Auto de Rubena*, de tudo isto temos exemplo. Ha 'nelle seis ou oito explicações em prosa semeadas

muito sem ceremonia onde a poesia deixava rareiras para a intelligencia, e nada menos de tres relações em verso d'arte maior e em Castelhano, feitas pelo Licenciado; a primeira em todo o principio; a segunda entre a primeira e a segunda scena, ou fallando mais á moderna, entre o primeiro e o segundo acto; e no meio da segunda scena, ou acto, a terceira.

Na *Mofina Mendes*, vem fazer *prologo* um Frade, começando por pregação jocosa, e acabando no argumento da obra.

No chamado *Auto Pastoril Portuguez*, faz o *prologo* o pastór Vasco Affonso.

No *Auto da Historia de Deus*, o Anjo.

Na *Comedia sobre a divisa de Coimbra*, um Peregrino.

No *Auto da Feira*, Mercurio. [1]

Nas *Côrtes de Jupiter*, a Providencia.

Na *Romagem de Aggravados*, Frei Paço, que depois entra na acção.

Na *Náo d'Amores*, a Cidade de Lisboa, que tambem na acção entra.

No *Templo d'Apollo*, o proprio Author.

E o mesmo no *Triumpho do Inverno*, que de mais a mais leva *prologos* particulares em cada sua divisão.

Concluâmos com o Gil Vicente, advertindo, em abono da verdade, haver n'elle peças, taes como o *D. Duardos* e o *Amadis de Gaula*, que abrem logo pela acção sem mais preparo.

Jorge Ferreira de Vasconcellos vem pedindo o primeiro logar á esquerda de Gil Vicente, em rasão da tão vívida, esculpida, e taucheada novidade do seu estylo. Os trez volumes das suas trez comedias, são outros tantos cofres de joias finas, donde olhos portuguezes se não podem sem custo desviar. ¡ Que pena, que pena, não se lerem esses bons livros, (os de Gil Vicente e os de Jorge Ferreira) muito mais do que se lêem! Quem chega a vencer a estranhesa e medos, que á primeira vista, e por fóra, infunde o brutesco e arripiado das suas fórmas, o selvatico e intricado de seus caminhos, a multidão de confusas ruinas que de

---

[1] E curiosa a coincidencia de pensamento de Regnard na sua Comedia dos Desejos com o nosso Poeta 'neste Auto. Quem os comparar jurará que o Francez leu e quiz imitar o Portuguez; e que o Portuguez com toda a sua velhice, e escabrosidade, lhe ficou sempre para cima; e tenham paciencia os franchinotes!

passo a passo nos descobrem, e o descorado musgo de velhice, que até nas mais viçosas partes lhes veio a poisar; quem por alli se embrenha varonilmente, e persevera, e sabe conversar na solidão com o espirito do passado, e possue a grande arte de descobrir as minas, de as lavrar, e sobre tudo de lavar e apurar das fezes o oiro fino, por mil volumes de novellinhas francezas, traduzinhadas cá para semi-francez, não trocaria, não, uma só *Aulegraphia*.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, abre a comedia do *Ulysippo* com um longo *prologo* em prosa, de que é *auctor* e *representador* Mercurio, e no qual, depois de muito palrar criticas e mui prolixas erudições, encaminha os ouvintes para a intelligencia da fabula.

Outro tanto faz na sua comedia da *Eufrosina* o João de Espera em Deus.

O theatro do Doutor Antonio Ferreira, muito mais regular, sobrio e correcto, ainda que menos para estudos portuguezes, segue as pisadas dos latinos.

A sua *Castro*, que nos dá gloriosa primasia de prioridade entre os tragicos da Europa moderna, e em que se notam trechos lyricos de bons quilates a despeito de sua dura versificação, é vasada nas fôrmas de Seneca. Os Chóros, o cortado e sentencioso das fallas, pompa, ás vezes sobeja, ás vezes sequidão impropria, tudo nos descobre um talento verdadeiro, mas que tinha medo de si, e se daria por perdido, se deixasse jamais de se parecer com os seus modelos. Ambas as suas comedias são Terencianas quanto á maneira, o que em parte não deixa de ser louvor.

Verdade éque a do *Cioso* não tem *prologo*, mas tem-no, e todo á moda de Terencio, a do seu *Bristo;* começa precavendo censuras, e predispondo vontades, e remata explicando succintamente o que se está para ver; venha por amostra o feicho, que não é longo:

« Primeiramente » diz o *Prologo* « virá aqui ter um mancebo chamado Lionardo, que seguindo secretamente uns amores perdidos, que o trazem perdido, vindo saber como o seu pay o quer casar, vem mettido em agonia. Outro seu amigo o aconselha que vença com rasão seu appetite. Mas como já tenha n'elle criado raizes, não aproveita rasão, nem conselho. E porque d'elles e dos outros comprehendereis mais o argumento, favorecei com silencio, pera que melhor julgueis. »

Das duas comedias de Sá de Miranda o mesmo ha para dizer que das duas precedentes quanto ao merito e modo.

Ambas ellas têem *Prologo*; a dos *Vilhalpandos*, declamado pela Fama: a dos *Estrangeiros*, pela propria Deusa Comedia: 'num e 'noutro se arrezoa, se prepõe, e se pede attenção.

Das duas de Camões, a dos *Amphitriões* não têm *prologo*, mas tem-no a do *Rei Seleuco*, e é feito pelo dono da casa onde vai haver a representação. Este, sae já do trilho velho, pois a poucos passos degenera de monologo em dialogo; de que resulta um acto, ou farça previa não sem algum sabor.

Deixando de parte a turbamulta de outros poetas, portuguezes ou estrangeiros, que fizeram *Prologos*, mais ou menos achegados ao typo latino, e quasi todos em monologo, limitamo-nos aos *Prologos* repartidos em scenas, como este de Camões.

O Amphitrião de Moliere, ainda não é senão de duas personagens, a Noite, e Mercurio, que depois vae figurar na peça: mas outros tem elle de mais actores, em scenas, e com sua tal qual acção: veja-se *A Princesa de Elide*, *O Doente Sismatico*, *A Alma de Moliere*. Regnard gostou do estylo e o adoptou para as suas comedias: *Doidices namoradas*, *Menechmos*, e *O Intrudo de Veneza*.

Beaumarchais abriu a sua ópera de *Tarare* por um *prologo* em tres scenas de caracter serio, de entes de rasão e fantasmas; especie de romantismo precoce.

A moda de taes *prologos* nas óperas vinha já de Quinault, que pelo aprazivel do seo talento lyrico a tinha feito pegar.

Se os *prologos* são, como dicemos, do berço da arte; se, á proporção que esta foi crescendo, se foram elles sumindo; se depois de adulta, só aqui ou acolá, e rara e fortuitamente os vemos assomar, não se pode comtudo dizer, que talentos da primeira plana, mesmo em nossos dias, os tenham inteiramente desdenhado.

Bem conhecidos são os dois *prologos* ao drama do *Doutor Fausto* de Goethe; o primeiro, representado no tablado, entre o empresario, o poeta e um bobo; o segundo, no Ceo entre Deus, os anjos e o diabo Mephistopheles. D'este segundo, deveu proceder o *prologo* de Dumas ao *João de Marana*, declamado pelas duas figuras de páo, o anjo e o demonio; assim como o mesmo *João de Marana*, e o *Roberto do Diabo*, e o *Manfredo* de Lord Byron são visivelmente familia herdeira do mesmo *Doutor Fausto*.

Ha ainda *prologos* scenicos d'outro genero; mas que omitto, por não fazerem ao meo proposito; e são aquelles, de que já talvez se tem abusado em nosso tempo, que for-

mam um acto á parte, representando historia anterior á acção, mas relativa a ella; assim como em actos chamados *epilogos* incluem acções a ellas posteriores: o que tudo para a unidade, sem a qual não ha interesse, são defeitos, por mais que digam. Taes peças têem uma terrivel fraternidade com os *Avant*, *Pendant et Aprés*, *Trente ans ou la vie d'un joueur*, e o *Auto de Rubena*, [1] que a respeito de economia dramatica ninguem chamará modelos. D'esses taes *prologos* são exemplos, para não citar nomes obscuros, o *Ricardo d'Arlington*, o *Calligula*, e a *Christina* de Alexandre Dumas.

Reconcentrando-me no assumpto, que chamou por esta nota, de dois diversos modos são os prologos theatraes que se encontram no volume: o primeiro, em prosa, que principia na pagina 17, é da familia dos prologos Terencianos; os dois em verso, a pagina 79, e a pagina 84, vasados, muito de industria, nas fôrmas de Gil Vicente: o mesmo metro e rima; o mesmo geito de expôr, dirigindo-se cara a cara ao Soberano, etc. E' Gil Vicente em miniatura. A intenção com que fiz esse tentâmesinho, é mais que manifesta: não foi propôr exemplo, que se houvesse de seguir; mas simplesmente desejo de dar mais um traço caracteristico no fac-simile d'aquella edade. Quanto porem ao *prologo* do homem de capa e espada antes de levantado o pano, estou com minhas tentações de pedir aos nossos dramaturgos, que não despresem totalmente o alvitre, que alguma vez lhes poderá ser de grande prol.

Se os inxados e vãos ibridos e estereis *prologos* e elogios dramaticos do grande BOCAGE, e de sua ingoiada escola morreram para sempre, parece-me (e Deos nos livrasse de os vermos ressussitar!) o prologarem os auctores o seu poucochinho sobre certos Dramas, de que litteraria ou historicamente alguma coisa util se pode dizer, não vejo porque se estranharia! Verbi gratia: *A Corte de D. Manoel*, o *Frei Luiz de Sousa*, e ainda *A Sobrinha do Marquez*, de Garrett; o *Viriato*, o *Miguel Angelo*, e até *Os Dois Renegados* do Mendes Leal, não o mereceriam? não fôra isso uma duplice conveniencia, para os poetas, e para os ouvintes? não se atalharia muita censura escusada, d'estas que nascem, e não podem deixar de nascer á sombra da igno-

---

[1] A Rubena de Gil Vicente, na 1.ª scena está para nascer; no fim da peça casa-se. Dizem que o theatro na China tambem faz d'estas, e peores, nas suas representações de 15 dias a fio.

rancia? não se collocariam os espiritos do vulgo em muito mais favoravel luz, como dizem os pintores, para perceberem e avaliarem mais acertadamente o painel? tenho que sim. No suscitar esta idea, um só medo me rala; e é, de que ingenhos mediocres, não pagos com fazerem más peças, redobrem ainda o martirio das plateas com impertinencias preambulares: seria chegar ao inferno depois de atravessar o Lethes com os olhos pasmados nas dormideiras das margens e a fazer cruzes na bocca: absit!... absit!... A policia theatral poderia regular isso: sem o que, ás duas por trez não haveria ahi farça de *Esganarelo* sem pendão e campainha adiante: cada vez que o bom senso e o bom gosto houvessem de ser açoitados por uma musa rachitica, haviam de ouvir primeiro o pregão da sentença! Deos nos defenda de tal! para que são um inspector de theatros, e um conservatorio dramatico, senão é para o povo poder transitar a salvo e com prazer, por todas as incrusilhadas d'este bairro da republica litteraria, chamado Espectaculos; que a dizer a verdade por ora é a sua *Moiraria e Judiaria*?

Assim como eu prologuei a este Drama, porque me convinha, a outros poderá convir o fazerem outro tanto lá nos seus: em todo o caso sempre d'ahi poderão tirar mais vantagem, do que das defensas depois do acto consumado, como Regnard as tentou introduzir na sua farça após a comedia do *Herdeiro Universal*, intitulada: *Critica do Herdeiro Universal.*

Multa renascentur, quæ jam cecidere . . . .

Renascerão mil coisas já cahidas.

Que monta para obstaculo, e menos ainda para desar o terem sido os *Prologos* introduzidos cá pelo bom Gil Vicente, o Adão do nosso Theatro? [1] Tambem hoje como garridice moderna e toda Franceza ahi andam nas azas da fama os *Proverbios Dramaticos*, e mas são, se ainda o não advertistes, tão velhos em nossa Terra como o mesmo Gil: duvidaes? E' ler a sua farça de *Inez Pereira*, e a advertencia, que logo no

---

[1] A primeira coisa que o autor fez, e que em Portugal se representou foi um monologo sem titulo que vem nas suas Obras de Devassão. Representou-se na segunda noite do nascimento do Sr. D. João 3.º em presença das Pessoas Reaes. E' uma como Visitação ao Recemnascido. Pedindo-lhe a Rainha, que a repetisse nas matinas do Natal applicando o assumpto ao Menino, pareceu melhor ao Author fazer o Auto Pastoril Portuguez, que foi a sua segunda producção.

principio lhe vai posta, e que me apraz transcrever, até porque serve de sobre-prova ao que já toquei na nota da ORIGINALIDADE: a saber, que a critica, quando não tem que morder na obra, se vinga em a attribuir a quem não seja o seu author.

A advertencia de *Inez Pereira* assim reza:

« A seguinte farça de folgar foi representada ao muito alto e mui poderoso Rei D. João o terceiro do nome em Portugal, no seu Convento de Thomar, era do Senhor 1523. O seu argumento he que, por quanto duvidavão certos homens de bom saber, se o Autor fazia de si mesmo estas obras, ou se as furtava de outros autores, lhe deram este tema sobre que fizesse: se hum exemplo commum que dizem: *Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube.* E sobre este motivo se fez esta farça. »

Resultado liquido: Podeis fazer, muito nas boas horas, *Proverbios Dramaticos*, *Prologos*, tudo quanto os antigos fizeram, tudo quanto os modernos inventaram, e tudo que está por inventar, e tudo quanto quizerdes, uma vez que o façaes BEM, E A TEMPO.

Tous les genres sont bons, hors le genre ennuyeux.

HONRAS POSTHUMAS.

(Pag. 16.ª, linha 32.ª e seguintes. « Camões e D. Sebastião, essas duas columnas d'Hercules dos nossos truncados fastos, esses dois homens, ambos coroados para holocausto, ambos mal apreciados em vida, e depois de espantosa morte, privados ambos de Mausoléo. »)

Todas estas coincidencias são realmente bem para notar, e os tornam, como se diz no texto, « ainda hoje vertentes de poesia para todo o mundo. . . . »

O desapparecimento do Rei, deu origem a imposturas graves e de tragico desfeixo, que por algum tempo occuparam as attenções da Europa; e creou a crença popular, ainda não de todo extincta, do seo encantamento 'numa ilha incoberta. D. Sebastião ficou sendo para os seus, o que é para os inglezes o fabuloso *Arthur* ou *Arthus*, instituidor da *Tavola redonda* no seculo sexto; 'numa sanguinosa batalha morto e perdido, segundo uns, perdido e não morto; nem então, nem ainda agora, segundo outros. Assim se tocam os extremos! D'uma tamanha miseria, como é baquear-se um homem despedaçado de cima d'um throno, e não achar sequer sepulchro onde cair, desabrocha-lhe a celebridade e a apotheose. Assim havia já succedido a Romulo. A sepultura de Arthur, creu-se na palavra dos remances gallos antigos, havel-a Henrique II descuberto no cemiterio de *Glastensbyry*; de D. Sebastião, está o nome 'num tumulo da egreja de Belem, mas com a clausula muito prudente da duvida:

Conditur hoc tumulo, si vera est fama, Sebastus,
Quem tullit in Lybicis mors properata plagis.
Nec dicas falli Regem qui vivere credit,
Pro lege extincto mors quasi vita fuit.

Ora, em quanto assim no templo magnifico, fundado por D. Manoel o Feliz na praia de rastello, D. Sebastião o Desejado, nada mais tem porventura no seo moimento que o seo nome, e os seos ossos voam pelos desertos, ludibrio dos ventos d'Africa, Camões, na modesta egreginha das decre-

pitas freiras de Sanct'Anna, sem inscripção, e chorado como perdido na voz de todo o mundo, jaz, conserva-se, e existe realmente.

Quando Cicero, seculo e meio depois da morte do celebre Archimedes, logrou a fortuna de lhe descobrir o tumulo, não sentio mais ufano júbilo, que o pobre de mim, na hora em que dois seculos e meio depois da morte de Camões, pude dizer á minha consciencia: « achei-o! a sua sepultura eil-a aqui. »

O meo amigo o Senhor Garrett, não menos encantado do que eu, com o descobrimento, me pedio em 1844 para a terceira edição do seo Camões, uma noticia d'aquellas investigações; dei-lh'a com a melhor vontade; até pela honra que me resultava de ver o meo nome 'num cantinho d'esse monumento, que o Senhor Garrett soube fabricar de diamante á gloria de Camões e á sua propria. Sem protestos de mentirosa modestia, pois a não tenho 'neste negocio, eis aqui textoalmente o que se lê na penultima nota d'essa edição terceira:

> Onde jaz, Portuguezes, o moimento
> Que do immortal cantor as cinzas guarda?...

Camões foi enterrado em sepultura humilde e raza ao lado esquerdo da porta principal da egreja do convento de Sanct'Anna, que então servia de parochia. Dezaseis annos depois, D. Gonçalo Coutinho, o mesmo que tam affeiçoado lhe fôra n'outro tempo, mas que parecia tel-o desamparado nos ultimos dias de sua atribulada vida e de todo olvidado depois de morto, D. Gonçalo Coutinho, agora com diligencia e cuidado procurou o logar quasi esquecido — em dezaseis annos! — da sepultura do poeta; achou-o com não pequenas difficuldades, ' por não haver indicio, diz o Senhor bispo de Viseu, Lobo, ' que o fizesse logo advertir; mandou trasladar as cinzas para uma jazida particular no meio da egreja, e assentou sobre ella uma pedra em que fez gravar aquelle tam conhecido epitaphio de simplicidade eloquentissima:

> Aqui jaz Luiz de Camões
> Principe
> Dos poetas do seu tempo;
> Viveu pobre e miseravelmente:
> E assi morreu.
> Anno M.D.LXXIX.

Martim Gonçalves da Camara, o famoso escrivão da puridade d'el rei D. Sebastião, ou que realmente não tivesse sido inimigo do poeta, ou que lhe chegasse o arrependimento, tambem agora, com licença de Gonçalo Coutinho, lhe mandou gravar na mesma lapida aquell'outro epitaphio em distichos latinos, composição do padre Matheus Cardozo jezuita, toda hyperbolica, ingenhosa e de conceitos, que ou me engano muito ou, per si mesmos,

esses versos latinos se denunciam hypocritas e fingidos, quanto a singela prosa portugueza da outra inscripção mostrava sinceridade d'alma, pena e saudade bem sentida do coração.

O chronista franciscano attesta ter visto e existirem ainda no seu tempo, A. D. 1709, uns azulejos que ornavam a parede da egreja no sitio onde fora a primitiva sepultura do poeta, e alli foram postos em seu obsequio com emblemas e tropheos militares.

No terremoto de 1755 o tecto da egreja, que era de abobada, cahiu com todo o seu peso sobre o centro d'ella e completamente arruinou toda a linha média do pavimento: as paredes ficaram empé, e o resto do pavimento de ambos os lados da egreja tambem não foi arruinado, segundo ainda hoje testimunha a existencia de muitas lapidas, inscripções tumularias, brazões &c., com suas datas anteriores ao fatal dia primeiro de Novembro de 1755.

A egreja concertou-se; as freiras, que até alli não tinham tido senão coro de cima, fizeram coro de baixo tambem, tapando a porta principal da egreja que era fronteira ao altar mór, e deixando uma lateral para o povo. Por onde, o jazigo de Camões — em que esteve ou está a sua cinza, veio a ficar exactamente no sitio em que a grade do coro debaixo agora parte a egreja quasi a meio.

Mas depois d'estas obras, a ninguem lembrou perguntar se se pozera ou não signal n'aquella sepultura: todos se contentaram desmazeladamente com dizer: — 'Perdeu-se com o terremoto.' E passou em julgado. Invergonhava-se a gente quando os estrangeiros nos perguntavam pelo tumulo de Camões; dizia-se que era um opprobrio, uma affronta nacional, mas não se tratou nunca de ver se era possivel reparal-a

Só n'este seculo, um homem não suspeito de enthusiasmo por Camões certamente, antes bem pouco respeitador seu, o padre José-Agostinho de Macedo, por vezes foi ouvido dizer, a várias pessoas inda vivas, que a sepultura não estava perdida, e que o terremoto só destruira a loiza, não o jazigo.

Provavelmente não havia impenho no presumido rival de Camões em que se verificasse a sua crença, ou esta incuria geral portugueza se ficou na priguiça de que nada parecia poder já despertar-nos.

Em 1825 quando imprimia em Pariz a primeira edição do meu poema, eu ignorava absolutamente estas circunstancias locaes, e não tinha nem o menor vislumbre que fosse possivel virem a descubrir-se as cinzas de Camões. A objurgação com que terminei o poema, a modo de envoy de proençal, ou com mais exacção — acre sirvente que fustiga um crime publico — em todo o caso era merecida; porque é certo que Nação, Rei e Governo, todos peccaram de culposa incúria em não ter feito a minima diligencia para descubrir o monumento de sua maior gloria Volumes de providencias do marquez de Pombal, milhões de despezas em desintulhos, concertos e edificações novas; mas nem uma ordem dada, nem um cruzado gasto para se descubrir o jazigo de Luiz de Camões.

Estava reservado á um poeta, a um pobre poeta cego e sem va-

limentos, o imprehender a desaffronta da nação e o desaggravo do seu grande genio.

Na sociedade que se formára em Lisboa em 1835 com o titulo de Sociedade dos Amigos das Lettras, o Sr. Castilho propoz que se não désse toda a esperança por perdida, que elle tinha fe que ainda talvez se podesse achar a sepultura do nosso Camões, que ao menos se fizessem as diligencias com zêlo e impenho.

Nomeou-se uma commissão; o Governo e o Sr. Patriarcha da Silva deram as licenças devidas, foi cuidadosamente e com todas as solemnidades explorada a egreja; achou-se o que acima referi do seu estado actual; e no proprio sitio em que, a existirem, devem ainda jazer os restos mortaes do immortal cantor dos Portuguezes, apparece com effeito uma lage comparativamente nova, sem leitra nem divisa, cubrindo um vão argamaçado e ladrilhado, com dois ou tres degraus que a elle descem; vão não mesquinho para uma sepultura singular, mas insuficiente para um carneiro ou jazigo de familia, como outros que ha na mesma egreja. Dentro d'este vão uma ossada com alguma terra pouca.

Para mim, para todos os que, á mingua de authenticas formaes, podem crer em reliquias authenticadas com probabilidades tam visinhas da certeza, para mim é moralmente certo, é provado, quanto humanamente se póde provar em casos taes, que alli estão as cinzas de Camões. O logar é o da historia; de todos os signaes que ella nos dá para reconhecermos aquelle sepulchro venerado, só nos falta a loisa que o terremoto esmigalhou. Apparece uma nova, como é nova toda a linha media do pavimento da egreja. Não apparece, apezar das mais escrupulosas diligencias, memoria de jazigo, carneiro ou sepultura particular de nenhuma pessoa ou familia que depois do terremoto alli viesse enterrar-se. Estámos como no tempo em que D. Gonçalo Coutinho procurava a já esquecida primeira sepultura do poeta; acham-se difficuldades que fazem hesitar, mas que são muito venciveis: nenhuma rasão se offerece contra a probabilidade, e todas a reforçam.

Pelas sabidas occurrencias de Septembro de 1836, tempo em que a commissão trabalhava, e quando, depois de alguns dias, chegava a este resultado, foram suspensos os seus trabalhos. Um relatorio circunstanciado e documentado de todo o processo da exploração vai apparecer brevemente ao publico.

O meu Amigo o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, a cujo favor devo as preciosas informações que aqui resumi, está actualmente dispondo aquelle relatorio, de cuja publicação resultará certamente o generalisar-se a convicção de tam grande descuberta e vir emfim a nação portugueza a recuperar o seu Palladio litterario. Dar-lhe-ha ella depois sanctuario mais digno, mais duravel, e tal que o não possam vir a esquecer seus ingratos filhos? Esperemol-o ao menos.

A memoria a que o Senhor Garrett se refere, não chegou a sair: outros cuidados m'o impediram então; nem tão pouco sae agora aqui onde tão bem coubera por se me haver quasi toda descaminhado 'neste meu peregrinar de judeu

errante. 'Nella dava eu conta á Sociedade dos Amigos das Lettras em Lisboa, dia por dia e hora por hora, de tudo que nós, a sua commissão, a saber: os Senhores Assiz Rodrigues Lente de Esculptura, Engenheiro Feijó, e eu, auxiliados dos nossos consocios Morgado d'Assentiz, Gonçalo Vaz de Carvalho, e meu irmão Augusto Frederico de Castilho, haviamos feito na exploração da Egreja de Sanct' Anna desde 7 de Septembro de 1836 até 12 do mesmo mez.

A inspecção minuciosa dos logares, assim do que 'nelles estava patente, como do que se excavou e descobrio, as tradições conservadas entre as religiosas, o exame attento e comparativo das varias noticias impressas em biographos e chronistas, e dos livros de óbitos da freguezia, o raciocinio das probabilidades fundado em mil conveniencias, e não contradito nem invalidado por circunstancia, inducção, ou suspeita alguma, tudo nos deixou unanimemente convencidos (com uma convicção que todos assellariamos com palavra de honra e juramento) primo: de que uma campa grossa e lisa que no meio do templo jaz de pedra liós com 12 palmos de cumprimento e 6 avantajados de largura, cubrindo um vão de 9 palmos e 6 polegadas de comprido, 4 palmos e 7 polegadas de largo, e 8 palmos e 5 polegadas de fundo, fora alli posta para supprir a primitiva campa, esculpida com epitaphio, estragada sem duvida pelo terremoto, pois que de existir ainda a primeira, passados 130 annos temos nós certeza e prova na chronica franciscana e da impressão d'essa chronica até o terremoto de 1755 só 46 annos mediaram, tempo de que existe registo de enterramentos em Sanct'Anna pois o ha sem interrupção desde o anno de 1588.

Secundo: de que 'naquelle jazigo se não depositou outro algum corpo, depois que para lá se trasladaram da entrada da egreja os ossos de Camões.

Tertio: de que, por consequencia os ossos, que achámos dispersos no pavimento ladrilhado d'este subterraneo, e que todos nós tomámos nas mãos com summo respeito, eram os do Poeta.

Verdade é que esses ossos bem examinados, não davam um esqueleto completo, e aliás se encontrou entre elles algum de mais, como bem verificou o Senhor Assiz Rodrigues. Todas estas differenças para mais e para menos, podem, e devem, ter sido resultado em parte, da trasladação da primeira jazida para esta segunda, pois na primitiva sepultura se podiam ter já misturado com alguns outros; em parte,

de se haverem resolvido aqui em terra com a lima surda do tempo, pois alguma pouca terra se encontrou entre elles; e em parte, porventura, de que se atirariam para alli na confusão das obras da reedificação, alguns outros que andassem a granel.

Em summa, entre aquelles despojos estão indubitavelmente reliquias de Camões.

Não faltaram portuguezes honradissimos, que nos aconselharam a dissimularmos esta verdade, reciosos de que, sabendo-se que não era aquelle o esqueleto do Poeta inteiro e estreme, se resfriassem as boas vontades de o honrar. Fòra essa uma fraude piedosa e sancta, se jamais as houve; mas a verdade candida, ainda que triste, nos pareceu preferivel; e quanto a resfriamentos de vontades, mui fracas haviam de ser, e muito pouco para d'ellas se fazer conta, as que por tão futil consideração se demovessem.

Entremos no faciendum. Como de então para cá, extincta a Sociedade dos Amigos das Lettras em Lisboa, que era a unica procuradora de orphãos em coisas de tal natureza, se não tornou a curar d'isto, e por consequencia se acha ainda pendente a proposição, que a mesma Sociedade tão resolutamente me acolhêra, á consideração do Governo e do publico a offereço agora novamente 'neste summario.

De tres partes constava ella, a saber: Fundação de um Campo Elysio; Trasladação para lá dos ossos de Camões; Erecção de uma estatua ao mesmo Poeta. Compendiarei os tres capitulos.

Fundação de um Campo Elysio.

No principal Cemiterio de Lisboa, a Camara Municipal que escolha, e faça assignalar á roda com gradaría, verdura, ou como melhor lhe parecer, uma porção de terreno, reservada para os finados celebres por qualquer especie de merito, passados, contemporaneos, ou futuros. Uma das seducções de tal obra é não requerer despezas, ou só mui tenues.

Povoado para logo o chão, de cyprestes, palmas, cedros e loureiros, immediatamente se comece a inquirir e perquerir onde ha hi por todos os recantos do Reino e Provincias ultramarinas, terras do Brazil, ou quaesquer outras partes, restos mortaes de Portuguez, illustre por si mesmo, ainda não perdidos, mas que tenham estado em desmerecida obscuridade; e a estes, á custa do publico, a lhes faltarem piedosos descenden-

tes, que lhes esmolem um pouco de marmore, em troca da honra que lhes herdaram, se conceda hospedagem e aposentadoria aqui onde de juro lhes pertence. Uma pequena pedra, que só viessem achar com o seu nome entalhado pela Nação agradecida, lhes fôra maior lustre, e para mais invejas, que em qualquer outra paragem sarcóphagos de pórphido ás costas de leões, e carregados d'emblemas. Ainda mal que não occorreu este pensamento aos nossos maiores!! o desabar dos conventos e o transformar das cidades não teriam feito perecer tantas reliquias memorandas. O Tolentino fallecido já 'neste seculo, quando rasões de parentesco, alem de todas as outras me obrigaram a procural-o, para lhe dár um tumulo, já o não pude desencantar; a elle como a Bocage o cemiterio de Nossa Senhora das Mercês o tinha confundido e perdido para sempre. Que amplissima colheita se não pode ainda hoje obter, apesar do mui vandalico desbarate d'estes nossos tempos! á manhan, será menor; depois d'amanhan, menor ainda, passados mais alguns annos, nenhuma: porque os mosteiros e egrejas ás dezenas e aos centenares se vendem, com sepulchros e tudo, para salas, para theatros, para botequins, para cavalhariças! passea-se em banquetas de ruas lageadas com epitaphios! despejaram-se mausoléos, para se venderem a Inglezes! em sarcóphagos se vio já lançar a lavadura para os animaes immundos, que o filho prodigo guardava; immundos sim, porem menos immundos, que os filhos prodigos de nossos Pais, que assim os estamos deshonrando, e a nós com elles, e a nossos filhos comnosco! Acudir, acudir ao que ainda resta! um Campo Elysio, sequer como expiação!

'Neste mesmo Campo, com os illustrados por seus feitos proprios, poderiam ainda caber os Principes e Reis, que até hoje temos condemnado, quasi todos, a um estreito calabouço em S. Vicente de Fóra. Que mal fizeram esses pobres cadaveres para os terem amontoados em caixões sobre caixões, como fardos inuteis e traçados nos desvãos do armazem do mercador? ¿Porque mereceram, que do mais alto e mais luzido estado os despenhassem para o pó e trevas do esquecimento, em vez de os reclinarem charidosamente (o que nem a infimo negrinho se denéga) debaixo do Ceo de Deus, á luz do sol e das estrellas, entre a verdura e o conversar das arvores, presentes aos olhos e ás memórias dos seus similhantes? Para mim tenho (a Philosophia me perdôe se pecco) tenho mui deveras para mim, que os moimentos dos Potentados, feituras da fortuna, e as urnas dos Sabios e

Virtuosos, feituras de si mesmos, haviam de fraternisar 'naquella paz sancta, e ajudarem-se uns aos outros na sua missão de mortos, que é ensinar.

Estreado o torrão com este concilio mixto de nobrezas de toda a especie, é conserval-o franco a todos quantos forem deixando após si saudades merecidas.

Conviria talvez crear um areopago de caractéres sobremodo respeitados e insuspeitos, de quem ficasse dependente a qualificação dos meritos por onde a tal honra se chegasse. Os Elysios dos antigos tinham os seus tres juizes insubornaveis: a Egreja, processa os Justos, a quem ha-de venerar: os proprios Monarchas finados, entre os Egypcios eram sentenciados *pais* ou *tyrannos* pelo suffragio livre de todo o pôvo: em toda a Europa faz hoje a imparcial historia egual processo aos seus principes, e não só depois da morte senão já em vida.

Onde ha hi alma generosa, ou sómente justa, que não sympathise com tal instituto? Malbaratámos, perdêmos, aviltámos, prostituimos as distincções de titulos, fóros e medalhas, ultima e unica moeda, que nos restava para remunerar bons e concitar emulações briosas; creêmos est'outra; e zelemol-a para que tambem nol-a não falsifiquem. Verdade é, que os mortos são mortos, já não votam, nem subórnam, nem elegem, nem combatem, nem enredam, nem peitam, nem ameaçam, nem insultam; não são politicos, são mortos; não sollicitam, não fallam, não apparecem, nada teem, e nada podem; entretanto, em quanto não soar a trombeta ultima, haver sempre medo da injustiça, que até para os cadaveres tem ás vezes dois pezos e duas medidas! por isso, ninguem para este Elysio sem bom passaporte, assignado, por homens que algum dia tambem o mereçam por acclamação publica.

Que retiro, meus amigos, que delicioso retiro! Para quem não será encantamento ir alli encurtar horas e dias á sombra d'aquelles fresquissimos e calados arvoredos, já copados de flores entre sepulchros na nova primavera, já alastrando-lhes por cima suas fartas sombras no estio! ora sentado nos degraus de um mausoléo, reler algumas paginas eloquentes á cabeceira de quem as escreveu! já peregrinar á tôa de sepulchro em sepulchro, folheando o livro do proprio coração! alli, debaixo d'aquella abobada não escura, nem lavrada pela mão pequena do homem, mas infinita e luminosa, alli, não afastada a natureza com muros e portões, mas convidada e recebida com todas suas gallas

de cores, aromas, viracções, e astros, que effeito não tem de produzir na imaginação menos poetica, o congresso de tanto conterraneo veneravel, que depois de terem, por diversas vias, arrancado á morte a melhor metade do seu despojo, vieram de seus differentes seculos ajunctar-se 'neste mesmo recanto, como soldados que após a peleja, onde muitos de seus companheiros morreram, ao toque do clarim se recolhem gloriosos no socego de suas trincheiras! Cada um d'estes pelejadores no campo do espirito, deitado entre seus, talvez desconhecidos, camaradas, parece ora estar contando suas proprias fadigas, victorias, e serviços, ora dar ouvidos a eguaes narrativas dos que ao lado lhe poisam.

De cada um se reflecte para todos uma especie de luz mistica! e como que dando todos alguma coisa, nenhum deixa 'neste commercio de se melhorar em lustre e veneração! Depois, que perfeita harmonia entre a terra callada e os filhos da meditação! entre a natureza viçosamente florida e os homens da imaginação possante!

. . . . quam sedem Somnia vulgó
Vana tenere ferunt, foliisque sub omnibus hærent.

Todos sabem como a solidão e os campos foram sempre amores de philosofos e poetas: Platão e Orpheo não derramavam senão entre arvores as maravilhas de seus ingenhos.

Onde vistes jamais cantor, que para si desejasse piramides, ou jazigo de jaspes? um torrão desafrontado lhes basta para o somno ultimo com um salgueiro, e não longe o murmurio d'aguas, folhas e abelhas. Virgilio, que tão docemente suspirou viver nos campos:

Flumina amem, sylvasque inglorius. O ubi campi,
Sperchiusque, et virginibus bacchata Lacænis
Taygete! ô qui me gelidis in vallibus Hæmi
Sistat, et ingenti ramorum protegat umbra!

Esse mesmo Virgilio, quam regaladamente não deve jazer na terra amorosa da sua Parthenope, á sombra do seu loureiro avergado de seculos! Cantando os Elysios já elle havia dito que a Bemaventurança dos finados se compunha dos simulacros de seus passados gostos.

. . . cura eadem sequitur tellure repostos.

Vaines ombres, qu'amuse une ombre de la vie.

E' assim que jaz Rousseau em Ermenonville; Klopstock em Hamburgo debaixo do façanhoso chôpo (de que eu guardo uma folha) e agora Chateaubriand debaixo de Deus, na costa da sua Bretanha, borrifado do oceano, vasto, melancholico, e profundo como a sua alma!

Repetil-o-hei, depositarmos taes homens no seio ameno da natureza, é recompensal-os a seo grado, e verdadeiramente bemaventural-os com um Elysio terrestre, e fazer com que nem a morte os atalhe na sua benefica missão.

Gracioso e digno dos Arabes foi o seu costume de abrirem uma covinha nas lápidas para 'naquellas regiões calmosas os pássaros se refrescarem com o orvalho do céo; a sua primeira voz quando descedentados adejarem de roda será um gorgeio de amor e bençam! assim nos acontecerá quando dos sepulchros fizermos sair alguma coisa doce, limpida, celeste e refrigerativa para o espirito!

Quem ousará negar a Luiz de Camões os fóros para primeiro entre os primeiros de tal companhia? Onde ha ahi portuguez, que tanto servisse e amasse a sua patria, e tão conhecido se fizesse

Pelo pregão do ninho seo paterno?

A este pois de juro pertence ser do Elysio Portuguez o primeiro morador, hóspede generoso de todos os outros portuguezes, em terra de Honra, e d'esta o Fundador verdadeiro.

Trasladação de Camões.

Tenha em fim o poeta da
. . . . *lyra sonorosa*
Que foi *mais afamada que ditosa*,

um notavel acerto depois de sua morte, como em vida já tivera! salve-se pela segunda vez de perecer afogado! lá, entre as ondas dos mares do oriente, que andava cantando; cá, no muito mais profundo mar da ingratidão dos portuguezes que eternisou.

Cabe que a pompa do dia do seo desenterramento e nova aposentadoria seja digna d'elle, e de nós, e dos ouvidos do mundo. A outrem deixo o encargo, com que me não atrevo, de conceber no animo, e abranger com escriptura, a somma e serie de tantas coisas, quaes nunca entre nós se devem ter visto junctas: contento-me com indicar as principaes.

Comecemos pelo que é em todas as coisas mundanas indispensavel principio, o oiro: porque dado que um grande numero das partes para tal ceremonia requeridas serão espon-

tanea e gratuitamente dadas, assaz restará comtudo em que se despenda. Enêas não chegou aos Elysios sem deprimeiro haver colhido, e levar nas mãos o ramo do precioso metal. Sendo notorio, que o publico Thesoiro não póde nem deve dissipar com os finados, o que para os vivos mal chega, podendo aliás contribuir muito o Governo com sua auctoridade e influencia, á honra do publico pertence concorrer largamente com todo o necessario para tal fim: para isto me parece dever-se sollicitar desde já uma subscripção unicamente de Nacionaes, convidando para espertadores d'ella todos os cabeças e centros de repartições numerosas e influentes, taes como Governadores Civis, Militares e Ecclesiasticos, Presidentes de Tribunaes, de Camaras Legislativas, de Municipios, de Academias e Sociedades etc.

De crer é que raras pessoas se eximam d'este suffragio nacional; ou escacêem o óbolo com que o morto haja de pagar sua passagem do Lethes para os campos do descanço da luz e do premio. E pois que desde o Throno até o ultimo casal não ha quem não saiba o nome, e se não lastime dos fados de Camões, por sem duvida tenho, que desde Sua Magestade até o ultimo lavrador, não haverá quem não lance o seu ceitil aos novos Amigos, por quem segunda vez se pede esmola para Camões; e não já para lhe grangearem como o fiel Jáo uma fatia de pão com que mantenha aquella vida tão votada á Patria, panos grosseiros com que tape a desnudez do corpo quebrantado de guerras e desterros, leito onde adormeça e sepulte suas magoas, ou papel onde escreva as nossas glorias: é um tumulo que lhe queremos dar: é um asilo poetico depois da morte áquelle que nunca teve onde descançar a cabeça: é um torrão de bençam e amor ao que amou e abençoou sempre aos seus ingratos conterraneos: é um poucochinho de gloria no canto de um Cemiterio para quem nol-a deu por todo o mundo, e para todos os tempos. Em um registo solemne serão lançados os nomes dos concorrentes com a declaração das quantias, e este registo será impresso com a historia da Trasladação.

Determinado para ella o dia convidar-se-hão Suas Magestades e Altezas, os Embaixadores estrangeiros, Sua Eminencia, os Membros do Governo, do Conselho de Estado, das duas Camaras, de todos os Tribunaes, de todas as Academias e Sociedades, pedindo e recommendando ao mesmo tempo áquelles de quem dependem o Clero e Exercito, que em nome da Gloria Nacional os convidem tambem para se acharem presentes onde e como convêm a tal acto. Proclamada com salva

de artilheria em todas as Fortalezas e navios do Reino a alvorada do dia, enfileirada em armas toda a tropa de Lisboa desde Sanct'Anna até o determinado Cemiterio, serão com as devidas ceremonias da Egreja, e ao som de segunda salva no Castello, tirados da terra, por mão do principal Prelado d'esta Côrte, os ossos e pó de Luiz de Camões, e encerrados em urna posta em feretro magnifico, no qual virão trazidos por pessoas todas muito principaes em representação ou lettras, com seguimento dos Sacerdotes, Grandes, e Sociedades, todos de lucto, ao som de todas as musicas militares até á Egreja do extincto Convento de S. Domingos: Ahi por sua alma se celebrará a grandiosa Missa funebre que o Sr. Bom tempo compoz, e dedicou á memoria do Poeta, havendo no meio d'ella um discurso Christão recitado por Orador digno de tamanha honra.

Concluido o Officio, tornará a pôr-se a procissão em caminho para o logar do seo ultimo destino, que pelas rasões, que atraz apontámos melhor convirá seja porção em Cemiterio já de antemão talhada para Campo Elysio.

Sedibus ut saltem placidis in morte quiescam.

Em cova espaçosa e anteriormente aberta lançarão á porfia tanta cama de flores, como a estação o permittir, todas as Senhoras que desejarem dar um testimunho do mais puro e innocente amor ao amante mais fino de quantos jamais poetaram pelas ribeiras do Tejo.

Reclinados assim molemente ao som da ultima despedida da artilheria os restos do amigo e affamador das Tagides, e lançada por cima a terra, exemplo grande seria a futuros Escriptores, se a propria mão que sustenta o sceptro, plantasse á cabeceira do obscuro Soldado de seus Avós o loureiro votivo da patria agradecida.

Grande fora o assumpto para os poetas, que sem falta alguma hão-de 'nesse momento e sitio empenhar todo o seo ingenho para dar um melodioso e extremo vale a seo antigo mestre.

Digno remate será para uma solemnidade, onde amplamente se estampou cunho de religião, de gratidão, de patriotismo, cerral-a com um acto de pura beneficencia; pelo que, proponho, que, se tanto permittir o donativo, se acabe o dia com uma decente esmola e cea a cincoenta e cinco soldados pobrissimos, em attenção aos cincoenta e cinco annos, que viveu o desamparado guerreiro, que vingamos.

Para que os annos não venham para o diante a pôr outra

vez questão vergonhosa ácerca do jazigo de Camões, depois de se ter gravado nova lapida no sepulchro donde saiu, eregir-se-lhe-ha sobre o ultimo jazigo um formoso e levantado mausoléo com o competente Epitafio, no qual porventura se poderiam ler duas linhas do mesmo poeta;

Vem do naufragio triste e miserando
Dos procellosos baixos escapado.

Portuguez interêsse é tudo isto, e tão natural, tão manifesto e incontrastavel, que já talvez seja o unico em nossa vida, em que toda a Familia Portugueza conflua unanime e de mãos dadas.

E'este um dia que vamos arrancar aos odios e disputas interminaveis, para o darmos solido a um emprego pacifico, moral, religioso e poetico. Era assim que os heróes Homericos de ambos os arraiáes se pediam e davam trégoas para os funeráes de seus mortos.

Digressão sobre Filinto Elysio.

Assim como o nosso Camões o foi por officio em Macáo, quero eu ser aqui por affecto, Provedor dos Defunctos e Ausentes. Não sei que simpathia em mim sinto para com todos os poetas desafortunados!

. . . . miseris sucurrere disco.

O que eu no mesmo genero requeri depois para Filinto, e o que sorti 'nesse empenho tambem grande, tem aqui muito natural cabida. Supplico o leam com attenção; a ver se por derradeiro alcançaremos estas duas victorias. São succintamente excerptos da minha Revista Universal Lisbonense:

1.º

Em 14 de Outubro de 1841.

Segredo parece da Providencia, que nenhuma grande gloria mundana seja desacompanhada de descontos tambem grandes. Raro varão, illustrou jamais a terra do seo nascimento, que, se bem lançarmos as contas, a não deixasse, pelo que lhe ella a elle fez, ou pelo que lhe elle fez a ella, deshonrada e envergonhada. Entre os exemplos dos illustres

deshonradores passivos de sua patria, avulta na historia litteraria portugueza dos nossos dias, o nosso FILINTO ELYSIO. O que a Poetica lhe deveu, e mais do que a Poetica, a Liberdade, e muito mais do que a Liberdade, a rica e fidalga lingua portugueza, todos nós o sabemos. E o como para com elle nos desempenhámos de tamanhas dividas, sabem-no, alem de nós (ainda mal!) a França, a Europa, e o Mundo! O seo ingenho, que elle só quizera consagrar a engrandecer-nos, em prantear infortunios se consumiu: em vez dos gozos da Liberdade, que nos elle evangelisou, teve as amarguras do desterro, para evitar os tormentos do carcere; e a lingua, que tanto amou, por quem tanto fez e perfez, e que por elle havia de renascer... que longos dias, e que prolixos annos se lhe não devolvêram, sem a fallar, nem a ouvir! podendo já dizer por si em meio de Pariz, o que o Romano desterrado suspirára entre os gêlos da Scythia:

Barbaro aqui sou eu, que não me entendem!

Sobejo era isto, e não foi bastante. Cevado de penas, de saudades da patria, e de amigos; roubado entre estranhos, depois de roubado entre naturaes; avergado, e delido de annos, e trabalhos; em um aposento, não modesto, senão mesquinho; desamparado de todas as coisas mais amigas de nossa natureza, mais necessarias e agradaveis aos que estão de partida; sem ter sequer dois livros para os testar em penhor de affecto a tantos e tão queridos auzentes; sem esperança ao menos de ser chorado em expirando, ou no sepulchro visitado; aquella cançada alma portugueza, sob um céo esquivo e duro, a exhalou! ¡Mãos estranhas, não trémulas, o levâram á cova; olhos estranhos, e enxutos, o viram submergir-se, e desapparecer; vozes não portuguezas, lhe passam, e enxamêam por cima; dos affectos, e saudades, que por lá de continuo referverm, e se renovam, nem um suspiro desce a procural-o. Após desterro de larga vida, mais que desterro na morte; indifferença e esquecimento!!

Pára aqui? Ainda aqui não pára. Na sepultura, onde a má estrella de cada um costuma de ter o seo occaso, não o teve a de FILINTO. Entre tantos milhares de monumentos de virtudes, de sciencia, de ingenho, de amor patrio, de formosura, de riqueza, de vaidade; entre monumentos, em fim, de tudo, e de tudo, a exilada sepultura de FILINTO jaz ha tantos annos, ¡que já se contam 22! não só sem uma

pédra que a assignale, senão a pique de total perdimento!

Mais nada? Mais, e mais, e muito mais! Occorreu emfim a um portuguez como desejo, o que já como pensamento havia a muitos occorrido; dar sequer 'neste mundo um túmulo a quem 'nelle não tivera uma patria. Propõe o negocio a um sabio tambem portuguez, tambem perseguido, tambem expatriado, amigo e companheiro outr'ora do Poeta; declara-lhe a tenção, em que está, de levantar á sua custa, elle só, aquelle monumento. O prudente Varão, em tão grave materia consultado, louva como sabio, mas como portuguez reprova a determinação. «As dividas da Patria,» diz, » ninguem senão a Patria as pode pagar. Filinto sem mausoléo é uma affronta, mas não irreparavel; o mausoléo de Filinto edificado por um só homem é uma affronta irreparavel para toda uma nação. Fazei mais, e melhor, do que abrir a vossa bôlsa; ide por entre o povo portuguez pedir uma esmola para Filinto!!» E aquella generosa bôlsa generosamente se fechou; aquella mão, que ia alçar um padrão á sua propria fama, se estendeu a mendigar; e (Deus louvado, que ainda de patrio amor não estamos tão exhaustos como de oiro!) acudiu-se ao pregão da esmola, perfez-se a somma, ha-de erigir-se o monumento. Mas onde? (eis-aqui o aggravo, que do meio do desaggravo se reproduz e se perpetúa) longe da Patria, e na propria terra do desterro. Mãos francezas arrancarão, e talharão a pédra; mãos francezas a assentarão; passeadores francezes passarão por ahi sem na olhar, ou sem na intender: nenhum dos para quem elle só viveu, e viveu todo; nenhum dos entre quem desejou existir, acabar, e jazer, poderá ir sentar-se com o livro das suas obras na mão, juncto da sua Urna, a aprender constancia contra infortunios, generosidade contra ingratidões, e incontrastavel afferro á boa terra do nascimento!

Para nós temos que é este um objecto merecedor das attenções de um Governo. O Ministro dos Negocios Estrangeiros não póde ser indifferente para o que toca em interesses de sabios: os fóros de um dos mais soberanos mestres da Lingua Portugueza a ninguem mais incumbe zelal-os, do que a elle; nós esperamos, e com toda a confiança o esperâmos, que a sua penna, agora em quanto é tempo, se apresse de escrever um requerimento, digno d'ella; uma reivindicação que o Throno de um Povo tão amante e zelador da gloria, como é o francez, não deixará de despachar graciosamente. Venha Filinto dormir emfim o seo derradeiro somno aqui, onde o conhecem, e o amam; sob o céo aben-

çoado, e risonho do seo Portugal; entre a numerosa e devota familia de seos admiradores. O seo túmulo, que lá lhe seria apenas uma pédra, aqui lhe será mais que mausoléo, ser-lhe-ha palacio, ser-lhe-ha piramide, ser-lhe-ha templo!!!

P. S. Do que mais passar 'neste negocio, em que nos fica posta, mui anciosa, a attenção, daremos conta; e esperamos em Deus, que não será para mais descredito dos Portuguezes.

2.º

Em 18 de Agosto de 1842.

Quando, ha muitos mezes, nos-constou haverem-se junctado esmolas para erigir um monumento sepulchral ao poeta resuscitador da nossa lingua, levantámos um brado de louvor aos que tão portuguez pensamento concebêram; mas deplorámos que em terra de *França* se-houvesse de assentar aquelle túmulo: ponderámos que o desmerecido desterro, continuado por tantos annos de vida, e já tambem por tantos annos de morte, se ia tornar perpétuo e irrevogavel; que o mais soberbo mausoléo lhe-seria carcere em *Pariz*, em quanto na sua *Lisboa* qualquer pequena pedra com o seo nome, visitada, festejada, e invocada por tantos devótos seos, lhe-avultaria como templo. Esperámos que, advertida por esta nossa lembrança, a Liberdade se apressaria de revocar as cinzas de um de seos mais zelosos martyres e confessores. Era então ministro dos negocios estrangeiros um homem capaz de intender a nobreza, a justiça, a necessidade do nosso requerimento, um cultor, incansavel, e felicissimo, de toda a boa litteratura, e bonissima falla portugueza, o ex.^mo sr. *Rodrigo da Fonseca Magalhães*. Escreveu s. ex.^a para logo ao ex.^mo sr. *Silvestre Pinheiro Ferreira* pedindo-lhe o seo conselho sobre o modo de se effectuar a trasladação do seo *Filinto:* respondeu o sabio, com pressa, e alvoroçado; como quem sabia por experiencia o que era patria, o que saudades d'ella doíam, n'alma, e a immensa verdade do

. . . . hic moliter ossa quiescunt.

Era o seo arbitrio, que, pedida, e alcançada do Governo de *França*, a licença necessaria (no que nenhuma dúvida poderia occorrer) se mandassem d'aqui duas pessoas, para

assistirem á exumação, e encêrro dos ossos em um caixão simples, e os acompanharem para *Portugal*; que finalmente as honras da hospedagem aos manes do poeta só deviam começar depois do seo desembarque em nossa terra: sendo então com toda a pompa dos préstitos scientificos e litterarios, levado pára o logar que mais accommodado parecesse ao intento, e no qual se lhe ergueria mausoléo. Era o conselho digno de quem o dava, digno de quem o recebia; e de conselho houvera elle já passado a obra, se novos actos politicos não mudassem na scena personagens e attenções. Entretanto, porque é esta uma paga de divida nacional, que sem grande custo se pode satisfazer, e se não pode recusar sem vergonha, temos fé em que o presente ministerio metterá mãos á obra, e a levará a cabo sem dar tempo a que novos embaraços, ou mudanças a venham impedir. O Governo, que plantar este cipreste, vêl-o-ha transformar-se-lhe entre as mãos em loiro, com que sua propria fronte se ennobreça.

3.º

Em 25 de Fevereiro de 1843.

Faz hoje vinte quatro annos, que a muito nobre lingua portugueza, perdeu um dos mais apostados mantenedores dos seus fóros: e os barbaros que a têem assolado, o mais austero castigador de seos flagicios. Expatriado, pobre, e deserto dos seos, lá acabou na capital da França, o nosso Illustre Poeta Filinto Elysio.

Astuciosamente escapo ás mãos dos officiaes da Inquisição de Lisboa, tomou o vôo para longe da terra do nascimento para áquelles pântanos dos *batatifagos casmurros*, como elle chamava aos hollandezes; e de lá para Pariz, onde a morte a final o veio a colher.

Um honrado fidalgo, o Marquez de Marialva, então embaixador de Portugal em França, lhe valeu generosamente na ultima enfermidade (hydropisia); lhe ordenou o funeral, e lh'o acompanhou com todos os portuguezes, que se achavam 'naquella côrte, até ao cemiterio do padre *La-Chaise*; onde permanece. Então fallou em lhe erigir uma lápide, mas passaram dias e esqueceu; e quasi chegaria aquella sepultura a ficar perdida, se annos depois, o Sr. Marquez de Palmella lhe não mandára pôr uma taboa para signal, até que os seos naturaes, se resolvessem a trasladal-o á patria; ou perpetuar alli a sua memoria.

Por parte da honra nacional, já a Revista requereu o que nos cumpre fazer. Este requerimento está por despachar: não será porem esquecido, visto como o Governo de S. M., por outras providencias, que lhe têem merecido as lettras e glorias patrias, nos abona a opportuna satisfação de tamanha divida.

Para renovar esta lembrança é que hoje memoramos o seo óbito: o influxo que elle teve na poesia, e linguagem portugueza pedem mais pensada e estendida escriptura do que 'neste dia podéramos consagrar-lhe.

A. da Sylva Tullio.

4.º

Em 17 d'Agosto de 1843.

As reliquias mortaes de Filinto Elysio acabam finalmente de chegar do seo exílio de vinte e quatro annos ao seio da sua Lisboa. E'uma justiça, que ha largo tempo haviamos desejado e requerido 'neste jornal.

Não queremos retardar a boa nova aos nossos leitores.

Agradecimentos e elogios ao Governo, que tão boa obra chegou a realisar.

Para outro numero fallaremos mais de espaço, sobre as circunstancias d'este acontecimento, e sobre o modo como intendemos que se deve agora honrar a memoria d'este Benemerito da nossa lingua e litteratura.

5.º

Em 7 de Septembro de 1843.

Carta.

Sr. Redactor. — Parece-me, que não deve ser indifferente para o publico portuguez, coisa alguma d'aquellas, que mais podem honrar a memoria, e recordar o infortunio do nosso insigne poeta FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO, cujos restos mortaes temos já a fortuna de possuir entre nós: e é por isso só, que me parece conveniente a publicação do epitaphio feito em 1820 pelo seo especial amigo T. Verdier, quando o marquez de Marialva se lembrava de erigir-lhe uma lápide e da ode, que aquelle expatriado dirigíra aos seos patricios, implorando a sua beneficencia, por me parecer, que é rara, pois se não encontra nas suas obras colligidas. Se V.

fôr do mesmo voto, peço, que estes dois testimunhos da gratidão de um amigo e do abandono de um infeliz, vão ás columnas do seo muito apreciavel jornal.

Cintra 28 d'Agosto de 1843.

A. de Oliveira Amaral Machado.

HIC. JACET
FRANCISCUS EMMANUEL DO NASCIMENTO,
OLYSIPONENSIS PRESBYTER,
LITTERARUM AC POESEOS AD EXTREMUM USQUE DIEM
CULTOR INDEFESSUS,
ET VERNACOLI SERMONIS DILIGENS ASSERTOR.
NATUS EST OLYSIPONE DIE XXIII DEC. MDCCXXXIV
OBIIT PARISIIS XXV FEB. MDCCCXIX.
MARCHIÓ DE MARIALVA REGIS FIDELISSIMI
AD CHRISTIANISSIMUM REGEM LEGATUS
DEFUNCTI FUNUS DUXIT OBSEQUIOSE:
ET HUNC LAPIDEM IN HONOREM CIVIS SUI BENE MERENTIS
ERIGERE CURAVIT ANNO MDCCCXX.

ODE.

AOS PORTUGUEZES DE ANIMO CONDOIDO.

» Crescei, magoas crueis, e crescei, dores;
» Quebrai o vagaroso, e triste fio,
» Que alonga a cruel Parca, em seos lavores.
FERREIRA, Eleg. 5.

Tinha, com que viver independente,
Grangeio de meo Pae, com lida honrada; [1]
Tinha amigos, ganhados com virtudes,
E dons do estudo, e Musas.
Roubou-me a Inquisição os bens, d'um lance;
Roubou-me a Patria, e poz-me 'num destêrro:
Dos amigos, roubou-me alguns a Morte,
Roubou-me outros o olvido.
Com mãos de ferro a rigida Pobreza
Me apertou as entranhas; poz em fuga
Os opulentos mimos da Fortuna,
Que ás ricas portas batem.
Vivi pobre, vivi desconhecido;

[1] Que serviu 60 annos a Patria na Marinha Real.

Trabalhei, entre angustias da Miseria:
Mesquinho lucro vi do meo trabalho,
Que mal cobre a despeza.
Louvaram-me, e subiram alto os gabos;
Mas gabos fumo são, que não sustenta:
E a comida e o vestido não se pagam
Com pomposos louvores.
Leitores, que o louvaes, dae-lhe soccorro;
Amigos (se ainda o sois) com amisade,
Um velho consolae, que emquanto teve,
Consolou quantos pôde.
Houve uma alma briosa, enternecida, [1]
Que a vida me escórou, por alguns annos [2]
Mas hoje, [3] oh Ceus! com quanta magoa chóro
Do digno amigo a perda.
Vós, Portuguezes, que inda tendes honra;
Que no peito sentis pulsar os toques
Da compaixão, (Divino movimento
Das almas escolhidas)
Olhae o desamparo, acodí brandos
A Filinto, que aponta aos quinze lustros
D'uma vida enredada de amarguras;
Salvae-o da Pobreza.
Não se diga de vós, que ao bom Filinto,
Que tanto amou a Patria, e os Portuguezes,
Como a Camões deixastes, insensiveis,
Morrer ás mãos da Fome.

Foi impressa esta Ode em um papel solto, e existe um exemplar em poder do Ill.mo Sr. G. J. Pilier; a presente cópia porem é tirada *exactamente* de outra manuscripta, que possue o Ill.mo Sr. M. B. L. F.

6.º

Em 6 de Março de 1845.

Propuseramos nós ha annos na brilhante e numerosa *Sociedade dos Amigos das Lettras em Lisboa* a fundação de um cemiterio privilegiado para os filhos benemeritos da patria.

---

1 Antonio de Araujo.
2 Desde 1790 até agora.
3 Em 1808.

Consta-nos que o Sr. José Lourenço da Luz, consocio nosso então, e hoje membro da Camara Municipal d'esta cidade, diligencêa com os seos collegas, que esta idéa tão nobre, tão exequivel e tão fecunda, se realise emfim, deputando-se para Campo Elysio uma porção do commum cemiterio dos Prazeres: campo que será inaugurado com o tumulo de Filinto Elysio, para cujo fabrico se acha aberta uma subscripção: a trasladação espera-se que será solemnisada com a maior pompa.

7.º

Em 13 de Março de 1845.

Carta á Redacção da Revista Universal.

Honrar a memoria dos grandes homens tem sido em todos os tempos, e entre as nações antigas e modernas, um rasgo de pundonor nacional. Roma collocou a estatua de Virgilio entre as dos seos heroes, e imperadores; e as cinzas de Milton, e de Shakspeare repousam em Westminster no meio dos tumulos dos seos monarchas. Nossos maiores por desgraça não seguiram tão honroso exemplo: ignora-se hoje onde existem os despojos mortaes de Duarte Pacheco, e de Pedro Nunes; e ainda se duvida [1] se a sepultura que se encontra no mosteiro de Sanct'Anna é verdadeiramente onde descançam os ossos do cantor dos Lusiadas.

No seculo passado nasceo em Lisboa um homem, a quem a natureza prendou com todos os dotes que constituem o grande poeta lyrico, e com o mais vivo affecto a tudo o que era gloria nacional. Este homem foi Francisco Manoèl do Nascimento, que superior ás preoccupações do seo seculo, despresando o estylo vicioso, então em vóga, estudando o gosto antigo nos escriptores gregos e romanos, tomou sobre seos hombros o difficil empenho de reformar a poesia lusitana, e ressuscitar a pureza, e louçania da linguagem do seculo de oiro das nossas lettras. Obrigado a refugiar-se em França por uma sequencia de desventuras, que não importa agora referir, de lá mesmo continuou a pugnar pela gloria da patria, e da litteratura nacional, com o exemplo, e com as obras; e teve ao menos o gosto de vêr que os melhores ingenhos contemporaneos, adoptaram os seos principios, e se ufanaram do honroso titulo de discipulos de Filinto Elysio.

[1] Enganava-se o correspondente como os Leitores já conhecem.

Tendo fallecido em Pariz no anno de 1818,[1] foi este Nestor da litteratura portugueza, sepultado no cemiterio do Padre La Chaise, em um tumulo[2] que fizera erigir-lhe o Marquez de Marialva, então embaixador 'naquella côrte, e que sempre fôra o protector, e amigo do grande poeta portuguez; mas tendo depois seos ossos sido trazidos á patria pelo Conselheiro Filippe Ferreira de Araujo e Castro, e estando depositados na Cathedral, a Camara Municipal de Lisboa julgou do seo dever consagrar em um dos cemiterios publicos d'esta capital um monumento em que descancem as cinzas de um sabio, que tanto a honrou com seo nascimento, e as suas fadigas litterarias, seguindo 'nisto os exemplos das nações mais polidas. Havendo pois feito constar ao Governo de Sua Magestade este patriotico projecto, foi a mesma Augusta Senhora servida de prestar-lhe a sua approvação, em portaria do Ministerio do Reino de cinco do corrente mez, fazendo expedir as suas Reaes Ordens ao Eminentissimo Cardeal Patriarcha, para que os depojos mortaes do grande lyrico Lisbonense fossem postos á disposição da municipalidade.

A Camara pois, de accôrdo com uma commissão composta dos cidadãos Barão de Folgosa, Rodrigo da Fonseca Magalhães, e Silvestre Pinheiro Ferreira, convida a todos os amadores da boa poesia, e da nossa bella lingua, para ajudarem com as suas subscripções, o desempenho d'este projecto patriotico; e faz saber que quinze dias depois da data do presente annuncio, o thesoireiro do concelho começará a receber nos paços da municipalidade as quotas com que cada um dos Srs. Subscriptores se dignar de concorrer; e ao mesmo poderão ser dirigidas pelo correio, com os seos nomes, pelas pessoas domiciliadas nas provincias. Camara em sessão de 7 de Março de 1845. — O escrivão da Camara, *José Maria da Costa e Silva.*

E apezar de tantas porfias, e de tão boas esperanças conquistadas, ainda não existe, que eu saiba, um mausóleo a Filinto; e ainda de certo não existe um campo Elysio Nacional.

Inaugurai-o, que é tempo; e estreai-o nas boas horas com taes dois hospedos e hospedeiros, como o Auctor dos Lusiadas, e o dos Novos Argonautas, para collocardes juncto d'elles (a morte não se descuida) os dois amigos de

[1] Lapso de penna do correspondente, em 19 foi e não em 18.
[2] Singular e inexplicavel equivocação do correspondente. O tumulo de Filinto em Pariz nunca passou de projecto.

ambos, e cujos nomes acabamos de vêr entrelaçados com a historia posthuma de Filinto: Silvestre Pinheiro Ferreira e Filippe Ferreira de Araujo e Castro, e o immortal Frei Francisco de San Luiz, e Domingos Antonio Bomtempo, e... mas para que é fazer catalogo? estabeleça-se a poisada, que os freguezes a ella estão bem certos.

Para concluir, passemos a substanciar o terceiro ponto da minha memoria aos Amigos das Lettras em Lisbôa.

Estatua de Camões.

Um funeral e um mausoleo, não podem (ou o coração me engana grandemente) consumir, tudo quanto a liberalidade portugueza tem de trazer ao grande Homem. Avultadissimos devem ser os remanescentes; e taes, que sem medo affrontem a fundação de uma Estatua, com que a patria firmará o ultimo sello na nossa obra.

Se é licito colher vaidade de bons desejos, releve-se-me dizel-o, muito ha que ella existiria, se eu tivesse achado, em quem podia, intendimento sequer para comprehender tal petição. Mais de anno havia então que o desenho (hoje ha mais de 14) fôra feito a rogos meus pelo Sr. Assis Rodrigues, e por mim apresentado á Camara Municipal de Lisboa, como áquella que eu suppunha dever principalmente empenhar-se na empreza. Corria o tempo; não se dava solução ao negocio: appareci de novo; lembrei; insisti; quasi como se de interesse meu se tratára, e não do publico; tantas eram as delongas ambages e más escuzas. A final, me chegaram a desenganar, de que por alli se não faria coisa alguma; sendo alias certo e provado, que em obras de nenhum proveito nem gosto, gastava o municipio muito mais, do que para esta se havia de mister. Pedi a restituição do desenho, e piedade seria deixar por mais tempo o bom do Camões entre gente, quando menos, sua desconhecida.

Lembrou-me requerer ao Governo, que manda-se executar a Estatua pela mão que a riscára, na propria officina da Aula Nacional de Esculptura; mas... Era então Ministro do Reino, Luiz Mousinho d'Albuquerque, e estava ainda mui recente o seo triumpho contra o Instituto ou Universidade de Lisboa, glorioso e digno tentame do Sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, e que ainda algum dia tem de ser effectuado.

Por então me recolhi com a minha idea, e fiquei aguar-

dando por melhor ensejo. Hoje é talvez chegado.

Prova, de que não faltam, bons ingenhos para conceber, e mãos para lavrar a estatua, ahi está já patente a todos os olhos no Busto do Poeta, coroado com um ramo do proprio Loiro do Artista; Busto, em cuja base podia o Sr. Rodrigues gravar o seo nome de Auctor, e, se para a eternidade trabalhava quebrar o cinzel.

Em pedestal altissimo, visinho e sobranceiro ao Tejo, deve este futuro Colosso ufanar a Praça e cáes de Belem, donde partio a Armada dos verdadeiros Lusiadas, e donde provavelmente desferio véla, o que tão altamente os cantou.

E'a barra do Tejo a porta d'este reino mais sabida e frequentada de estrangeiros; juncto d'ella pois, alcemos este pregoeiro de nossa tardia e inesperada justiça. Quando Navios peregrinos remontarem a corrente, para saudarem este paiz, onde a natureza é poeta, e os homens o hão-de ser, logo que elles mesmos se favorecerem, como ella os favorece, seja Camões o primeiro vulto, que lhes atráhia os olhos, e lhes diga: «aqui floresceo já um povo grande, que algum dia hade reflorir.»

Seja como o Brazão d'Armas da familia, posto para veneração na frontaria do domicilio.

Escrevem fabuladores da antiguidade, que a estatua de Memnon per si mesma cantava, como inspirada, ao nascer do sol. Debaixo do sol, ou da lua, a de Camões cantará continuamente aos ouvidos do nosso espirito.

Desde 1836, que isto se lia aos Amigos das Lettras, e era por elles unanimente approvado, ninguem mais fallou em estatua de Camões até 1844: 'nesse anno appareceu uma veleidade de tal estatua; mas tão desarresoada, que eu mesmo me julguei obrigado a sair em campo contra ella. Eis o que eu inseria na Revista Universal de 23 de Maio do dito anno, sob o titulo de *Porque está Camões na Berlinda.*

«Diz-se que se tenciona ordenar á Academia das Bellas Artes de Lisboa que faça executar em marmore, e de grandeza collossal, a estatua de Camões, riscada pelo Lente de Esculptura da mesma Academia, o Sr. *Francisco de Assís Rodrigues*, para ser imposta, como remate, no alto da frontaria principal (isto é, no alto da ilharga direita) do theatro *agrião*.

Seja-nos licito duvidar da veracidade do boato, em quanto se nos não mostrar o que ha de commum entre Camões e a arte dramatica: porque as comedias do *Amphitrião* e de el-rei *Seleuco*, não cuidamos que haja ahi quem nas encorpo-

re entre os titulos de gloria do Auctor dos Lusiadas. Com egual propriedade o poderiam collocar sobre o hospital dos doidos, por ter escripto umas trovas que se intitulam *Disparates na India*; ou emcima do portão do cemiterio, por ter feito um soneto que principiava

« Alma minha gentil que te partiste. »

Rematar o theatro portuguez (*portuguez*, com licença dos italianos) com um poeta épico, deixando no esquecimento Gil Vicente sobretudo, e ainda depois d'elle, Antonio Ferreira, Jorge Ferreira de Vasconcellos, Antonio Prestes &., seria commetter uma injustiça, e deixar á geração seguinte, para emendar, um êrro do pezo de muitos quintaes, depois, já se sabe, de bem e devidamente chasqueados pelos viajantes e *turistas* estrangeiros, que não deixariam de ir á bibliotheca publica pedir para verem os dramas inéditos de Camões. Que levantem muito embora a Camões uma estatua de marmore ou de bronze, se quizerem e poderem, e que a ponham na praça do seo nome: outro tanto fizeram, pouco ha, os castelhanos ao seo Camões da novella em prosa, ao seo Miguel de Cervantes: mas emcima do theatro, seria uma adivinhação de muito mau gôsto...

Confiamos na illustração do Governo de Sua Magestade que tal se não ha-de permittir, quanto mais determinar. »

Nem sempre, havia de estar o diabo atraz da porta; baixou segunda ordem á Academia, para se esculpir, em vez do E'pico, o Dramatico. Dramatico tal, com as circunstancias que o acompanham, em nada cede ao E'pico, nem a ninguem.

Começou com alacridade a obra, foi voando com furia entre as mãos do nosso Rodrigues, até que emfim appareceo com publico applauso sobre o theatro marmoreo, alvissimo, doiradissimo, e deserto, do Rocío de Lisboa.

Que de vezes, durante o lavor d'aquella estatua mais que Heroica, e semicolosso, não passei horas agradaveis a conversar com o Artista, sob a abobada sonora da sua vasta officina no extincto convento de San Francisco!

¡ Que de ideas brilhantes não faiscavam da alma do Mestre, em phrases curtas e graves, por entre o retinir do seo escopro e maço, sobre a pedra! Voavam as estilhas e lascas, desnudando cada vez mais as soberbas formas, que elle andava procurando, e que eu, a cada nova revelação, espreitava e palpava com enlevo; vinha pullullando do embrião o homem, do homem o poeta, e do poeta para ambos nós, o enthusiasmo!

« Que mais digno uso do marmore » dizia o Professor na sua complacencia de Artista « do que immortalisar o Genio! »

« Que é a morte, quando uma penna basta para eternisar espirito e coração, e o corpo destructivel, um pouco de aço nol-o transforma em pedra! »

« O verdadeiro embalsamar para cultos é a estatuaria. »

« Porque rasão, raça ephémera d'ingratos, continuaremos a deixar dormir os Heroes no esquecimento dos sepulchros? e a sua gloria, e os nossos prazeres, e as nossas lições magnificas, sobre tudo, nas trevas das pedreiras? »

« Recordas-te, do que dizia Cicero? *Honra, alimenta as artes; todos se incendem na cubiça da gloria;* »

« *Pelo desprezo da gloria*, acrescentava Tacito, *se vai ao desprezo da virtude.* Juizes mais competentes na materia, não os podia haver. »

« Demetrio Falareo, fundo politico e philosopho, grande orador e poeta, sabia já, o que nós vaidosos parecemos ainda ignorar, quando para galardões e incentivos a toda a variedade de prestimos, povoou Athenas com 360 estatuas de bronze de cidadãos benemeritos. »

« Os vivos, geram muribundos; as estatuas, procriam immortaes. »

« As industrias e sciencias necessarias podem prescindir de corôas, pois lhes está patente a estrada da fortuna; mas as artes da imaginação, que na nossa terra têem por capitolio o hospital, que será d'ellas se nem este incenso tardio lhes queimarmos! »

Assim discorria o discipulo e imitador de Machado de Castro, cheio de magnanima fé nos milagres da arte, e sentindo crescer o seo amor patrio e orgulho de Portuguez, ao esculpir a effigie de Gil Vicente e já com a de Camões na fantasia.

Pois que a Providencia no seo torrão de Portugal poz minas de marmore, como em Carrara e Paros; pois aqui faz nascer com abundancia os merecedores de fama, e por entre elles não faltam mãos primorosas que os enviem á posteridade crear emulos, e talvez até vencedores, estas mãos porque se não aproveitam? aquelle marmore, tornamol-o a perguntar, porque dorme em bruto debaixo dos matos? aquelles Varões que nos afamam e ensinam, porque se estão acabando de delir em pó, e não resurgem em quanto é tempo?

Oh! quizesse cada Municipio, ao menos de cidade, a

troco de um parco sacrificio (e grande que fosse) erigir na sua praça principal a estatua, sequer o busto, d'aquelle de seos filhos já finados com que mais se ufana! Cidades haveria em que, uma vez começada a generosa competencia desde Traz-os-Montes até o Algarve, estes brasões em alguns annos se numerassem ás dezenas. Só Lisboa!... ¿Que grande custo era o illustrar assim os seos largos, os seos cáes, os seos passeios arborisados?

Os parentes mesmos d'estes mortos celebres, não se imporiam como dever muito agradavel o contribuirem com parte do necessario para essas ovações? talvez mesmo com a somma inteira? Quem o duvida?!

Representai-vos o passeio publico da capital, por exemplo, povoado d'estas imagens, mais ou menos sumptuosas! cada uma, poetificaria com o seo nome á uma das alamêdas! os homens de alma, sentiriam accender-se-lhes brios ao contemplal-as, em quanto os inertes e os inuteis, pode ser que algum'hora se invergonhassem de sua pequenez! O pai, para espertar nos filhinhos o amor do estudo e trabalho, lhes narraria as vidas de exforço e constancia de cada um d'aquelles exemplares! Os pensamentos das damas se acostumariam a pouco e pouco á apreciar porcima das gallas e graças passageiras, as qualidades que não fenecem! Finalmente, os estrangeiros, aprenderiam que não temos nós unicamente para admirações, o sol, os fructos, o Tejo, e a façanhosa historia dos nossos antepassados e o Camões.

POLICIA.

(Pag. 21.ª, linha 14.ª « Juncto á porta da rua um croque &c. »)

Ordenou o dito Senhor (El-Rei Dom Manuel) que todo official mecanico tiuesse na cidade de Lisboa, aa porta de sua tenda e casa em que viuesse e stiuesse, hum croque em haste de 16 palmos, teendo casa em que coubesse. E quando não coubesse na casa, fosse da grandura que na casa coubesse. E fossem obrigados com os ditos croques a acodir a qualquer arroido, que se fizesse na rua em que viuessem, ou per onde fossem fugindo algũs malfeitores: e trabalhassem quanto possiuel lhes fosse por os prenderem; e entregarem presos aas Justiças. E não o cumprindo assi, não dando e mostrando tal razão, que os absoluesse de culpa, pagassem mil reaes, ametade para quem os acusasse, e a outra ametade para a piedade &c.

Dvarte Nvnez do Lião.
Leis extravagantes &c.

LATIM.

(Pag. 43.ª, Linha 27.ª « Sabeis, Camões, que eu leio na propria lingua os poetas da antiga Roma. »)

Sobre os conhecimentos latinos e outros de Dom Sebastião, oiçamos o seo Chronista D. Manoel de Menezes:

No Estudo do Latim mostrou El-Rei grande emgenho, e memoria nas Liçoens, que lhe lião, porque em breve tempo precebia paginas, e folhas inteiras de Versos, e Prosa, ainda que fossem muy escuros, no que o não excedia outro algum, e chegou a grande conhecimẽto dos Authores Latinos, por escuros, que fossẽ de tal sorte que indo hũ dia pela sésta, governando já o Reyno, ter com elle o Padre Amador Rabello, cõpanheiro do Mestre, o achou lendo por huma Prefacção de São Jeronymo, ou Santo Agostinho que para a entender teria bem que fazer qualquer

Mestre; porque lendo o dito Padre algumas regras lhe parecêraõ muy escuras, e preguntando se tinha alguma duvida lhe respondeo, que a fosse vendo, e elle hiria juntamente convertendo em Portuguez; e assim o fez tão claramente sem tropeçar em cousa alguma, que ficou o Padre muito admirado, não esperando tanto delle, e por ser fundo o pego, em que semeteo. Ouvio tambem Mathematica, e fez nella taes progressos, que sobre a Esphera de João Sacrobosco, fez hũs Comẽtarios muy doutos, e engenhosos; o que visto pelos peritos na Materia, não acharaõ que emendar, antes taõ acertados, como de algum bom Mestre da Materia.

Por sua grande curiosidade, e vivo emgenho alcãçou alguns principios das outras Artes, e Sciencias, e folgava por recreaçaõ de se achar em algumas Conclusoens de Filosofia, e Theologia, quando se defendiaõ em alguns Conventos.

¿ Porque rasão naquella edade se fazia tamanha conta do latim que até Principes e Reis Damas Princezas e Rainhas, punham peito a sabel-o, traduzindo-o, fallando-o, e não raro escrevendo-o com apuro e elegancia? ¿ E porque rasão hoje em dia, não só Damas o não aprendem (nem poderiam aprender, á vista do veto que lhes poz um proloquio tolo) senão que nem o aprendem homens, nem o aprendem litteratos, e o que mais é, litteratos que, talvez o aprenderam escarnecem d'elle? A' primeira pergunta facil se depára a resposta, e vem frizando: havia poucos escriptos em lingua vernacula, e nenhum que nem por sombras orçasse pela maxima, brunida e esmerada perfeição dos exemplares em prosa e verso de Roma, da boa velha Roma, tão gentil pecadora a principio, e depois tão sancta, e duas vezes nossa mãe. A litteratura castelhana, a italiana e franceza, pouco se avantajavam da nossa, e não tinham lá coisa que valesse os Ciceros e Virgilios, os Plinios e Ovidios.

Mas a segunda pergunta já se não deixa responder tão facilmente: digo, responder com satisfação da consciencia. O que só tenho ouvido allegar por parte dos nossos antilatinos, é, que esse estudo cóme annos da vida e val pouco; val pouco dizem elles porque já em latim se não fàlla nem disputa; val pouco porque todo o contheudo da prosa e verso dos romanos auctores e *fócil;* val pouco porque tudo isso se pode ler em traducções; e menos ainda val, porque nos idiomas modernos e no patrio, tanta coisa excellente em materia e forma nos chama de todas as partes pela attenção, que seria simpleza trocar este oiro por aquelles avelorios. Nenhum d'esses dizeres deixa de ter sua verdade, mas a consequencia que d'elles tiram é que não é logica.

O estudo do latim não é méro luxo; d'elle se formou, por elle cresceu e se pulio o portuguez; por elle se pode ainda enriquecer, e curar-se, em parte, dos ruins humores que o vão contaminando cada vez mais. A tediosa prolixidade do estudo do latim, não é culpa d'elle, senão só dos methodos; com methodo e mestre bom, se pode aprender em um anno: Lemare o demonstrou em França pela pratica; (é argumento á fortiori, porque do latim ao francez vae tresdobrado caminho que do latim ao portuguez) e a demonstral-o pela pratica me offereci eu já tambem; ora esse anno, e o dobro que fosse, não daria de si unicamente o que alguns superficiaes imaginam.

O habito de analisar 'numa lingua tão perfeita, cria no espirito uma propensão logica, uma necessidade de exacção, cujas vantagens são incontestaveis para quem ha-de escrever; habilita para a affinação da prosa, e para os effeitos artisticos do estilo; dois predicados essenciaes para a duração e immortalidade das obras; e nos familiarisa com o pensar de grandes homens, que não escreviam de impreitada, por aposta, ou para negocio, como hoje, pois quem no original não leu os bons auctores, por mais e mais insignes traducções que d'elles devorasse, não os leu nem os conhece.

Revolvamos com mão diurna e nocturna os livros modernos das sciencias, das artes, e de todo o genero, que a nossa terra, ou quaesquer outras tenham produzido, produzam, ou houverem de produzir merecedores de attenção; de uns nos virá doutrina; d'outros elegancia; d'alguns tambem elegancia e doutrina; com elles todos nos poderemos fazer fortes na materia da nossa occupação ou gosto particular. Mas, se ambicionardes deixar á posteridade coisa que lhe mereça applausos de classica, se quereis sacar maravilhas d'esta mal avaliada harpa, *chamada lingua portugueza*, que meia duzia de velhacos afrancezados nos trazem tão destemperada, se quereis que o nosso povo readequira, e melhorado, o que maós administradores lhe têem perdido por incuria, e se lhe restaure um pouco de brio fecundo, e amor de patria, ao verem por documentos irrefragaveis, que o francez não é, como elle blazona, nem mais claro, nem tão claro, e que, pelo contrario, o portuguez é no seo collocar e frasear, dez vezes, cem vezes, mais logico, mais rhetorico, mais poetico, e mais musico, que o francez; [1] se nos importa em summa

---

[1] Pobre lingua do agente verbo e paciente! sem inversões, affogada em ee, esmiunçada em monosylabos como o chim com agu-

(e deve-nos importar) o sermos portuguezes, tornemo-nos ao latim.

O Portuguez esta' no latim e o latim no portuguez.

E não o creiam só porque o dizemos nós, os que somos Portuguezes e de Portuguezes nos prezamos; consultem o erudíto e judicioso Castelhano Feijó, no Tomo 1.º do *Theatro Critico*, Discurso XV. onde honradamente diz: « Que a lingua Portugueza ou Gallega se deve considerar dialecto separado da Latina, não subdialecto, ou corruptella da Castelhana, quanto a mim se prova, com evidencia, do maior parentesco que ella tem com a Latina do que a nossa (a Castelhana.) Para quem conhece estas linguas, não pode haver dúvida, em que, geralmente fallando, as vozes Latinas degeneraram menos na Portugueza. »

E de que assim devia ser, acha elle na' Historia mui cabal explicação.

FÓROS DE POETAS.

(Pag. 43.ª, Linha 44.ª « Reis são tambem os poetas; e mais que Reis, quando vos assimelham. »)

Isto, e o mais que 'nesta falla se põe na boca de D. Sebastião, não desdiz da alma nobre que lhe devemos attribuir.

Nenhuma duvida tive em passar para expressões d'elle, o que ao poeta Ronsard havia escripto seu amigo e protector Carlos IX 'numa épistola :

L'art de faire des vers, dut-on s'en indigner,
Doit être à plus haut prix que celui de régner.
Tout deux également nous portons des couronnes :
Mais roi, je les reçois; poete, tu les donnes;
Ta lyre qui ravit par de si doux accords,
T'asservit les esprits dont je n'ai que les corps;
Elle t'en rend le maitre et te sait introduire
Où le plus fier tyran ne peut avoir d'empire.

---

dos demais e sem um unico esdruxalo; sem energia de prosodia, e de tão pouco rithmo, que sem rima não pode dar verso que por verso se conheça e demais a mais eivada de calembourgs, trocados e derivações, como os nossos classicos os chamam.

Muitos Reis, desde Alexandre Magno até Frederico Grande, e de Frederico Grande até nossos dias, terão pensado como Carlos IX; porque em realidade, a verdadeira poesia é tal imperio e sacerdocio, que não ha desconhecel-o, nem escurecel-o. Os poetas ruins e intrusos, desauthorisam tão pouco aos legitimos e ungidos, como os clerigos discolos aos bons pastores, e os tiranetes aos principes humanos e illustrados: sim, muitos haviam de ter pensado como Carlos IX; mas nenhum tão galharda e altamente o expressou. O que a mim sobre tudo me fez força para emprestar estas suas ideas ao nosso Rei, foi a maravilhosa consonancia, que em tudo, e logo á primeira vista, se descobre entre Dom Sebastião e Carlos IX.

Carlos, nascido em 1550 só chegou com a vida e reinado ao anno de 1574; Sebastião, nascido em 1554 só chegou com a vida e reinado ao anno de 1578; lá 24 annos; cá 24 annos; Carlos, animo ardente, enthusiasta, temerario, sobranceiro e altivo; Sebastião, animo ardente, enthusiasta temerario, sobranceiro e altivo; Carlos como Sebastião, e Sebastião como Carlos, cubiçando guerra e amando nas caçadas e montarias as imagens d'ella; Sebastião como Carlos, e Carlos como Sebastião, folheadores de livros, instruidos para o seu tempo, e folgando de escrever, e conversar homens sabios; o francez, deixando na historia da sua França com a *Noite de San Bartholomeu*, uma nodoa de sangue; o portuguez, deixando na historia do seu Portugal com a *Jornada d'Africa*, uma pagina inteira apagada com sangue! aquelle, morre morte miseravel nas garras dos remorsos; na d'este que horrendo papel não deveram tambem os remorsos representar!

Não é tudo: para Dom Sebastião, ha comtemporaneo um poeta, como Camões, que lhe dedica o seu poema; para Carlos IX, ha contemporaneo um poeta, como Ronsard, a quem o proprio soberano se não dedigna de escrever.

E ainda tambem ha paralello entre Ronsard e Camões, se bem que o primeiro morreo, e o segundo não ha-de morrer. Ambos amantes da patria; ambos verdadeiros genios; ambos eruditos; ambos procurando de sobejo parecel-o. Camões, appellidado o *Principe dos poetas do seu tempo*; Ronsard *surnommé le Prince des poètes de son tems*. Communidade em ingenho; communidade em defeitos; e só, para vergonha nossa, não communidade em fortuna; ainda que tambem 'nisto compensação: Ronsard, presenteado por cidades e soberanos, vive nos regalos do luxo; Camões, defi-

nha nas amarguras do desterro e miseria; mas depois de Ronsard, vem Malherbe, que o eclipsa; depois de Camões; a poesia portugueza, viuva e requestada, ainda não enchugou as lagrimas com segundas bodas. Os versos de Carlos IX mais acertam ainda agora em Camões do que tinham acertado em Ronsard, no auge dos seus triunphos.

FECUNDAÇÕES INTELLECTUAES.

(Pag. 45.ª, Linha 29.ª « Valente e Poeta. » Pag. 93.ª, Linha 8.ª « Antonio que é um dos que tinham ficado á porta da Varanda em pé, faz um movimento colerico para se arremeçar a Martim e reprime-se. » Pag. 122.ª, Linha 25.ª « Antonio toma com a esquerda o braço de Martim Gonçalves, com a direita lhe arranca a espada, e a quebra, sem o largar. » Pag. 156.ª, Linha 35.ª « Cantar! com o coração a trasbordar de lagrimas... Sim, mestre, cantarei, repousae vós. »)

Quanto a serem os Jaós naturalmente suberbos, vingativos, valentes, dizem-no os auctores; pode-se consultar, entre outros, João de Barros na Década IV. Livro I Cap: XII. Quanto a poeta, o Jáo do meo original francez não o era; fil-o eu tal, não só pela rasão que a El-Rei dá o Camões na scena dezoito do acto primeiro, quando diz: *Discipulo meo? Talvez: mas alumno da formosa natureza oriental; e inspirado de seos ares creadores. E'a terra do sol e das perolas; é a terra das alterosas palmas; como não seria a terra dos poetas?* Não só, repito, por essa rasão o baptisei poeta, senão tambem, e principalmente, por me parecer, que isto da poesia, em sendo 'num homem verdadeira, e muita, como era em Camões, de força se ha-de pegar mais ou menos a-quem com elle communica: '*Dize-me com quem lidas...*' reza o nosso rifão velho. Ora, se assim corre (como em verdade corre, e todos sabem) com as qualidades ruins, tanto no mundo moral como no phisico; se os melões ao pé dos aboboraes sabem a aboboras, e em companhia de ciganos só ciganos se criam, porque não haviam os espiritos que transsudam o bello ideal, como camphoreiras e canelleiras exallam aromas sem se sentir, porque não haviam aos espiritos do seo trato contagial-os com a sua praga sancta, e gloriosa maldição?

mas que só fosse superficialmente?

Tenho eu para mim, que o ser uma terra mais industriosa, ou mais sabia que outra, ou mais artista 'neste ou 'naquelle ramo, ou mais galante e chistosa, ou mesmo mais bruta ou devassa, não virá tanto de differenças de ares, como de influxos de pessoas. E quando não, porque não cria a Grecia hoje nem um arremedo d'aquelles grandes Varões, que antigamente produzia aos cardumes? Porque é Pariz o fóco do bom gosto? a Alemanha o viveiro das philosophias? a Inglaterra o exercito grande dos fabricantes? a Italia o enxame dos musicos, esculptores, e pintores? a Hespanha a terra classica dos hyperboles? Porque diz a historia, o seculo de Péricles? o seculo de Augusto? o seculo de Leão X? o seculo de Médicis? o seculo de Luiz XIV? Porque ha edades de fanatismo, edades de licença, edades guerreiras, edades sedentarias e estudiosas, e edades só politicas e falladoras? Não pode ser acaso, senão influições de homens, que por alguma sua condição, ou intrinseca, ou externa, possam intruduzir moda, e fazel-a pegar. Entre nós temos exemplos e muitos; cito só dois: D. João 5.º favoreceu estudos, os historicos principalmente; e o seo reinado só, deixou livros de historia para uma bibliotheca. Em nossos dias, deu-se pela primeira vez uma especie de impulso, com certas mostras de apreço e semifavor, á arte dramatica; e os dramas pullularam. O que 'nesta parte temos visto nascer, excede já ao que nos haviam feito desde Gil Vicente.

E'este um axioma, em que eu hei-de martellar opportuna e importunamente a poderosos, a saber: que a Providencia lhes deo procuração bastante para curarem do seo grande negocio da perfectibilidade; assim como tambem é verdade que o diabo, porbaixo de mão, lhes deo outra para lhe pôrem embargos; e quando *Poderosos* digo, não digo só reis rainhas e principes, millionarios ou ministros de estado; comprehendo no rol, bispos, governadores, magistrados, parochos, mestres, superintendentes de estabelecimentos, donos de fabricas, e até simplices páes de familias; pois o que uns podem no muito, outros o podem no pouco; aonde uns vão rasgadamente, outros chegam rodeando; uns dizem: *faça-se* e faz-se; outros fazem-no sem dizer nada. Que todos podem, e conseguintemente que todos devem, e devemos, contribuir para a civilisação, a qual, com ser immensa, se compõe em todas suas partes de elementos minimos, isso, no symbolo dos apostolos da philosophia é o primeiro artigo. Nem todos o praticarão, mas descrer 'nelle, ninguem.

E deixando agora o Jáo, que eu suppuz poetificado pelo Camões, e pela poesia nobilitado nos affectos, até á façanha de pedir esmola para elle (porque a verdadeira poesia intendo eu que é uma fidalguia d'alma) seguirei ainda um pouco na idea que trazia, ou que me vinha trazendo a mim, pois que desde muitos annos me senhorêa, qual é a de se favorecer o desenvolvimento de todos os talentos uteis, e bastára dizer de todos os talentos; o musico não é menos homem para o genero humano, que o lavrador; nem o poeta menos prestadio, que o pedreiro.

« A proposito do triste Jáo!? .. »

Que dúvida! Com menos bom thema ainda, prégaria eu o meo sermão: assim elle tenha ouvintes! e algum dos ouvintes se convêrta!

Se eu fosse alguma coisa mais que escrevedor, verbigratia, governador civil (do que Deus me ha-de livrar, e me livraria eu mesmo) não me gastaria 'nestas rasões especulativas; em vez de riscar, edificaria: que chão em que, e materias com que, não faltam ahi. Como o não sou, nem hei-de ser, vou alvitrando em secco por estas notas, que é um espairecer que a ninguem faz mal. A alma de um amigo dos homens, ha-de-se deixar correr, como o vento, por onde ella quizer; que, assim como o vento, leva sempre em si muita semente, que vai espalhando. Milhões d'ellas se perderão; mas sempre algumas, ainda que tarde seja, poderão vingar. Ora pois, sem mais venias, eis aqui o que eu, vai já em oito annos, sollicitava a bem da mocidade, que foi sempre os meos amores, e tanto mais o vai sendo, quanto mais d'ella me vão os annos desviando.

Era na *Revista Universal Lisbonense*, em 18 d'Agosto de 1842, e sob o titulo de *Um arbitrio utilissimo para a Litteratura*.

« Desde o principio das sociedades humanas, que pende um grande pleito entre a natureza e a fortuna; pleito em que ambas são auctoras, e ambas rés: queixa-se a natureza, pela voz de seos philosophos, de que a fortuna lhe-esperdiça muitas e muitas das suas melhores producções: queixa-se a fortuna, pela voz de quasi toda a gente, de que a natureza é escassa de coisas e pessoas proprias para completar no mundo uma existencia feliz. O abbade *Du Bos* pretendeu decidir parte d'esta questão, affirmando que nenhum ingenho especial nascia, a quem o acaso não viesse depois a facilitar os meios de realisar a sua vocação. A biographia de muitos homens illustres acode com brilhantes exemplos á

theoria do abbade *Du Bos*; mas o abbade *Du Bos* não tinha rasão: não fallando já nos povos rudes e silvestres, omittindo até as nações atrazadas, em que as artes e sciencias apenas principiam, e entre as quaes todavia não podem deixar de nascer talentos e genios, condemnados a perecer na athmosphéra crassa e fria que os-rodea, ¿quem ha ahi que por pouquissimo que tenha reflectido nas pessoas e coisas que viu em sua vida, se não convencesse, de que muita obra se-fez mal, porque se não commetteu a bom mestre? e que muito prestimo se-desaproveitou por mingoa de ousadia propria, por desfavôr ou inimizade dos influidores, por desconcerto ou contrariedade das circunstancias? não, evidentemente, não tinha rasão o abbade *Du Bos*.

A philosophia especulativa e experimental, que pariu, e vai creando a liberdade para rainha do mundo, procura, por instincto, concluir, por mutua e afortunada composição de ambas as partes litigantes, esta cançadissima demanda da natureza e da fortuna; nobre e louvavel empenho a que todos devem incessantemente dar a mão. A dois se-reduzem principalmente os meios por onde tal, ou similhante resultado se ha-de conseguir: 1.º a maxima generalisação das luzes, e o arroteamento e cultivo intellectual, não de alguns, senão de todos; 2.º a generalisação do systema de concursos para todos os objectos onde os concursos se-possam applicar. Resolvido o 1.º d'estes dois problemas, a educação revelará todas as vocações para que se possam aproveitar; resolvido o 2.º, decedidamente se approveitarão: pela primeira via, calam-se as lamentações por parte da natureza; pela segunda, as queixas por parte da sociedade: a primeira, descobre a todos o seu verdadeiro caminho providencial; a segunda, lh'o-abre, e lhe-facilita o percorrel-o: o primeiro expediente, encherá o mundo de gente grande; o segundo, por mão d'essa gente grande, o encherá de grandes coisas: o primeiro, será o *fiat lux*; o segundo, *fiant omnia*.

Ora, a philosophia da liberdade (nas terras onde a liberdade tem philosophia, onde ella é meio e não fim) adivinhou tudo isto, e começa, a despeito das difficuldades de todo o genero, e sempre recrescentes, a derramar as luzes quanto, e até onde pode; e a procurar, para cada objecto, os sujeitos mais idoneamente allumiados: ¿quando começaremos nós outros a trilhar esta verdadeira estrada da perfectibilidade? sabe-o Deus; mas não dá mostras de ser mui cêdo, porque em tres milhões e meio de habitantes a-

penas por ora tres duzias e meia d'elles sabem ler por cima. Pensem, e pensem muito 'nisto os que legislam, e os que governam, e todos os que por qualquer modo se-acham por seus havêres, por sua posição, ou por outro qualquer genero de influencia, no caso de poderem contribuir para a instrucção do povo; taes como os governadores, administradores, párochos, e fidalgos provincianos, que por seus cabedaes, crédito, e respeito, são ainda agora em suas villas e aldêas, ou podem sêr, verdadeiros patriarchas, principes, e exemplares. Mas, repetimol-o, esses annos doirados de muita luz, só podem vir a cabo de muitos annos de acertados e geraes exfórços; será um bello dia esse; mas receio que só nossos filhos lhe-vejam a alvorada.

Deixêmos pois ao tempo o cumprimento do seu officio, por que do homem só depende o semear e plantar; mas o fazer medrar e copar depois as selvas, e povoal-as de harmonias e encantamentos, só pertence á Providencia que vai pausadamente e aponto, mettendo na obra mil outros agentes, de que porventura, nem sequer temos idéa. Insensivelmente subimos com o discurso até esta grande e desconsolosa altura, em que não temos que fazer, senão extender para baixo os olhos em derredor de nós, cruzar as mãos sobre o peito, e suspirar. Redescendâmos e tomemos o pequeno assumpto a que nos dirigiamos; pequeno, comparado com estas altas ponderações, mas, por de possivel, facil, e proxima realisação, importantissimo. E' um *Projecto de Lei* que ennobrecerá ao deputado que o-propozer, e á camara que o-adoptar; e ao governo que o-der á execução, grangeará bençőes copiosas.

Sabido é, como 'neste prospérrimo torrão de *Portugal* tem a naturesa, e teve sempre, maravilhosa feracidade, assim de fructos, como de varões; e que o desprezo de uma e de outra abundancia, foi o que nos-pôz e nos conserva em tanto extremo pobres e arrastados. Já se-voltaram os olhos e as vontades para os interesses materiaes; isto é, para as producções da terra, e para as artes e industrias, que d'ahi nascem immediatamente; Deus lhe-ponha a virtude, que bem boas coisas são todas essas, mas ha-se mister de começar tambem a approveitar alguma parte da gente boa, que por ahi, nasce espontâneamente, e em tanta copia. Nunca talvez foi por cá maior a de mancebos desenganadamente feitos e talhados para as boas lettras; todos os dias vemos, com espanto, abrirem-se flôres d'estas, promettedoras de fructos sazoados para a civilisação, e para a gloria da patria; e to-

dos os dias as-vêmos com lástima cair, murchar e perder-se; ou se-arribam a fructo, darem-no pêco e pedrado. D'estes mancebos conhecemos nós; uns, a quem a pobresa tolheu o passo para os estudos; outros, a quem a falta de bons guias desencaminhou; outros, de quem travou o romoinho da politica, e os-affogou 'nesse pégo de que não ha ressurreição; outros, a quem a cruel humanidade de poderosos protectores empregou nas mais prosaicas, nas mais despoetisadoras de todas as tarefas da cidade; ¡ deram-lhes o pão roubando-lhes a alma, e cuidaram ter sido generosos! *Du Bos*, com a sua theoria, era evidentemente um insensato; ¿ haverá porem remedio para todos estes homicidios? ou para alguma parte d'elles? Não só o-ha, senão facilimo.

Procure-se fóra, e não longe da cidade, ou das cidades, uma, ou mais, d'essas casas, que a piedade erigíra para conventos, e onde, conjunctamente com muitas excellencias moraes e religiosas, medravam, como em ares seus proprios, muitas lettras e muitos talentos; ajuncte-se-lhe a porção de terra sufficiente para manter um limitado numero de moradores; mettam-se de pósse d'essa bemaventurança, assim os mancebos, cujo espirito houver dado claro annuncio de suas forças, como os velhos, que perseveraram fieis ao estudo, em paragem tão madrasta d'elles; dêem a uns e outros os livros, o remanso, a abundancia, o exercicio saudavel para o corpo e para a alma, o habito e a necessidade do estudo; e ver-se-ha, que maravilhas sáem d'este fecundo commercio da experiencia e sciencia da velhice, com a força e a energia da mocidade; nada ahi faltará; nem a seiba, que vivifica, nem a cultura, que aperfeiçôa! cada edade receberá da outra o que lhe-falta; temperar-se-ha a fraqueza; commedir-se-ha a petulancia; e a arte, por todos os modos servida e ajudada, logrará em pouco tempo a sua maior altura relativa. Uma tal casa, seria ao mesmo tempo um asylo de inválidos, isto é, uma sagrada paga de divida nacional, e um seminario ubérrimo de talentos, isto é, um pequeno cabedal posto pela nação a enormes e honrosissimos juros.

Este pensamento, que ha muitos annos traziamos no coração, sem ousarmos a declaral-o, por medo ao prosaico ramerrão d'este nosso mundo, só agora nos-afoitámos a dal-o ao publico, se com esperança ou não, não o-dizemos; e foi o motivo, que nos-quebrou o encantamento, o sabermos, que já um portuguez, em todo o sentido portuguez, e por todos os modos respeitavel, o tentára por sua parte realisar. Foi este portuguez o Senhor *Conde de Lavradio.* Comprára elle o

convento e cêrca dos carmelitas a par de *Colares*: captivado da formosura, solidão, e silencio do sitio, e sentindo em si mesmo quanto era accommodado para o estudo, para o contentamento do animo, e para a creadora liberdade da phantasia, traçou consagrar a casa ao publico proveito, recolhendo 'nella mancebos favorecidos da naturesa, e desamparados da fortuna, sugeitando-os a um instituto moral, litterario, e hygienico, que amplissimamente os-desinvolvesse; e mandando-os depois ás capitaes mais illustradas, para receberem a derradeira mão de aperfeiçoamento; mas isso tarde, e só quando, pela edade e pelo estudo, não corressem perigo de se-irem perverter e vir para sua terra despresar, e vilipendiar a lingua, o bom siso e os bons costumes de seus maiores. Obra era esta digna de seu auctor; e já hoje existira, se novos deveres contraidos pelo generoso fidalgo, o não constrangessem a levantar mão do seu primeiro empenho. Não é logo utopía, nem sonho de poeta o que lembrâmos. Tentem-no, tentem-no, pelo amor da patria! Se for necessario accrescentar á doação de uma casa e pouca terra alguns outros meios, appelle-se para a generosidade dos portuguezes opulentos, que talvez haja ainda ahi algum opulento, que seja portuguez. Com donativos se-fundaram muitas coisas boas 'nestas boas terras; misericordias, collegios de orphãos e orphãs, seminários ecclesiasticos, hospitaes, albergarias, recolhimentos, mosteiros; com donativos se-mantêem asylos d'infancia desvalida, asylos de velhice mendiga, e escólas, ¿ porque rasão com donativos se não consagraria uma nova misericordia aos filhos predilectos da natureza, engeitados da fortuna? Não seria monumento de menos piedade; e seria de todos o mais abençoado pelas gerações que vierem, começando logo pela que immediatamente nos-seguir.»

Depois de septe annos que isto supplicava, prezumindo que a rasão publica poderá ter dado mais um passo, torno hoje a supplical-o, de mãos postas aos pés dos ricos e poderosos: não peço para mim; sou como o Jáo, peço para o talento; para o talento desvalido.

Este seculo XIX, que á boca cheia condemna a bruteza do seculo XVI para com o Lusiada dos Lusiadas, não deverá incorrer na mesma culpa e penna de coração de ferro, e intendimento tapado. Poderosos e Ricos, para vos resolverdes emfim ao milagre, tão facil, e que tantos ha-de dar de si, deixai-vos entrar da poesia uma hora sequer na vossa vida, pintai na fantasia do vosso coração, e saboreae desde já por antegostos as delicias que vos esperam, quando muito

á miudo visitardes a vossa peregrina fundação! quando virdes aquelles commensaes, uns imberbes, outros incanecidos, todos irmãos, todos contentes, todos inspirados, todos abençoando a vossa fortuna, que fez a sua para ornamento da Patria sua e vossa! vêde-os, agora, no trafego da Bibliotheca ajudando-se mutuamente! agora, dispartidos pelo homizio de suas cellas, e meditando a sós! já pelo jardim conversando e aspirando flôres na primavera! já no estio meditando Virgilio, ou Lamartine, ou Chateaubriand á sombra espeça do bosque! no Outomno em passeios! de inverno, em leitura á roda do lume, que é passeios, bosques, e jardins, sem distracções nem cançasso!

O que ahi havereis semeado, nem vós o adivinhaes! os agradecimentos publicos vol-o dirão, quando obras d'arte esmeradissimas começarem a trasbordar e diffundir-se da vossa colmea de espiritos: bem ufanos que vos deveis sentir, e todos vos hão-de dar rasão.

Digo-vos sem lisonja, não sei qual sorte será mais para invejar, se a de taes protegidos, se a de taes protectores: elles, poderão vir a fazer Lusiadas, mas vós, a elles mesmos os havereis feito.

TALENTOS FEMINIS.

(Pag. 44.ª, linha 17.ª «Donzellas poetisas e musicas do estrado da Princeza minha Tia» Pag. 77.ª, linha 27.ª «Damas seguidas da Rainha D. Caterina e da Princeza D. Maria.» Pag. 92.ª, linha 26.ª « Aproximae-vos; Luiza Sigea, Publia Hortensia de Castro, Joanna Vaz, Angela Sigea. » Pag. 92.ª, linba 31.ª « Acceitae, senhoras, por minha mão, e á conta do que a posteridade tem de pagar aos vossos nomes, capellas de anjos. » Pag. 93.ª, linha 20.ª « A Rainha e a Princeza, fazendo ambas com a mão signal para que ninguem se levante, se retiram. »)

A INTRODUCÇÃO da Princeza e da Rainha em scena, é um pequeno anachronismo. 'Neste San João de 1578 ambas eram já finadas: a primeira falecera a 10 d'Outubro de 1577; a segunda, em 12 de Fevereiro de 1578. A differença de oito e de quatro mezes, não é para comparar com a de tres seculos, que medearam de Eneas até Dido, mas não impediram a Virgilio de fazer morrer Dido d'a-

mores por Eneas. ¿Se até aos épicos se perdoam taes liberdades, como se não absolveria um longe d'ellas no theatro, onde tudo são tropeços e embaraços?

O meu fim no evocar para entre os vivos ambas estas boas defunctas, mormente a Princeza e algumas de suas damas, foi trazer á memoria e consideração de potentados duas verdades, muito certas e muito uteis: primeira, que o saber ennobrece até a nobreza; segunda, que o saber, quando é posto em alturas, e acompanhado de virtudes, se não faz nascer talentos no povo, faz pelo menos, com que se approveitem, e prosperem, os que lá nascem.

Notorio é, como no paço portuguez (já desde El-Rei D. Manuel com especialidade) se amavam e seguiam estudos. Regala-se a gente de pintar na imaginação um Dom Manuel a escrever per si cartas famosas, já em portuguez, já em latim; a revolver historias e a alumiar aquelles mesmos, por quem mandava compor os nobiliarios, a praticar já com os architectos, pintores, e estatuarios mais peritos, já com os capitães e navegadores mais assignalados; outras vezes, a folgar com o melancholico e namorado Bernardim Ribeiro; com a Real Familia, nas primeiras representações que em Portugal se viram, dadas no Paço mesmo, e a entreter-se familiarmente com o seu Gil Vicente, Rei e Descubridor tambem e com os poeticos filhos do poeta, e com o Infante Dom Luiz de ingenho não menos dramatico, e com o estudioso Dom Theodosio, e com o poligloto Diogo Sigeo, e suas dignas filhas. &. &. &.

E' saboroso o imaginarmos um Dom João III. a epistolar, como seu pae, nas duas linguas! a entermiar com os cuidados da povoação do Brazil, e continuação das conquistas orientaes, o trato das lettras e sciencias! a replantar com mestres estrangeiros de mão cheia a Universidade! a diffundir escolas pelas possessões longincuas! a recrear-se com os dois mui doutos Bispos escriptores e inda agora mestres, Antonio Pinheiro e Jeronymo Ozorio com o fecundo e infatigavel André de Resende, com o compilador poeta, musico, e debuchador Garcia de Resende, e com tantos outros ingenhos cortezãos, cujas producções, ou amostras d'ellas, este nos conservou no seu Cancioneiro (écho ainda vivo da curiosidade [1] litteraria d'essa edade) e emfim a colher com delicia os fructos já sazoados do prodigioso

[1] Por cerca de trezentos andam os nomes dos poetas portuguezes udos e miudos colligidos no Cancioneiro de Resende.

talento d'aquelle Gil Vicente, de cuja musa elle, o Rei, era colaço pois na camara da Rainha a viram e festejaram pela primeira vez quando a elle lhe festejavam o nascimento.

Que enlevo o representarmo-nos Dom Sebastião no meio das suas melancholias devotas, influxo dos Jesuitas, propendendo tão fortemente para os livros, entre cujo sedentario commercio, e o correr d'aventuras, não vai pouca paridade! « Era mui curioso » diz fallando d'elle, o nosso Dom Antonio Caetano de Souza « dado á lição dos livros, e com grande gosto de os ter exquisitos: estimava os homens eruditos, que eram amigos de livros, agradando-se muito d'aquelles, que se applicavam, e andavam investigando, e revolvendo livrarias publicas, pelo que costumava dizer, explicando-se com um termo ordinario mas gracioso: « *que as livrarias eram tavernas dos homens de bem.* »

Elle, a manusear, como de casa, os poetas e prosadores da antiga Roma! a conviver com o sabio e sapiente Dom Aleixo de Menezes, seu aio; e com os Secretarios d'Estado Miguel de Moura, e Pero de Alcaçova Carneiro, (tres luzeiros d'estadistas) e com Antonio de Castilho, seu Chronista Mór! e com Diogo de Teive! e com Jeronymo Corte Real! e com Francisco de Sá e Menezes, primeiro Conde de Matozinhos! e com o famigerado Theologo, Diogo de Paiva de Andrada! e com o Piedoso escriptor Fr. Thomé de Jesus! e com tantos e tantos!

Elle a merecer desde annos verdes, o que Luiz Vicente lhe escrevia, dedicando-lhe as obras de Gil seu Pae « . . . . . sei que já agora 'nessa tenra edade de V. A. gosta muito d'ellas, e as lê e folga de ouvir representadas . . . . . » e o que lhe escrevia Camões dedicando-lhe os Lusiadas:

. . . . . . subindo ireis ao eterno templo;
. . . .
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam:

e o que na sua carta (verdadeira carta de guia de reinantes) lhe discursava Ferreira, o poeta philosopho. E por esta occasião será bom observarmos, que tanto essa doutrinal carta lhe caíu, que sobre parecerem destilladas d'ella quasi todas as maximas do memorial (de sua lettra) que fez antes de assumir o governo, lhes encorporou, textoalmente, o verso com que a carta do Ferreira vai cerrada:

Inteiro aos grandes, humano aos pequenos.

Mas o que sobretudo me encanta e maravilha 'nesses tres reinados, mais e muito mais que a grande quantia de talen-

tos varonis que então brilharam, dos quaes eu mencionei varios no decurso do drama, e muitos outros se podem vêr no catalogo de artistas por D. Francisco de San Luiz, é c apreço que Rainhas e Princezas davam ás boas artes, e com que em torno a si nas Donas e Donzellas de seus estrados as faziam resplandecer. Parnaso, e não fabuloso, povoado de musas visiveis, era ahi o Paço.

Dona Leonor, viuva de Dom Manoel, cultivava as linguas sábias. O que sua filha, a formosa Infante Dona Caterina, 'nellas primou, canta-o a fama, e o comprova, o que d'ella existe impresso.

Dona Maria, filha dos Infantes Dom Duarte e Dona Isabel e neta de Dom Manoel, foi, por saber, piedade, e belleza aventurar a Alexandre Farnes, Duque de Parma, e assombrar a Italia. Do saber, que se estendia ao latim, ao grego, á poetica, á mathematica, á philosophia e theologia, e da piedade, que não discrepava muito de sanctidade, nos conservam documentos obras suas; da belleza e graça, nos diz, entre outras coisas, no seu epithalamio a esse casamento o Dr. Antonio Ferreira:

Quantos Maria vêem se alegram e espantam.

Dona Caterina, sua irman, mereceu o que Venus, no mesmo epithalamio dizia, fallando com seu filho Amor:

Eu digo das duas filhas a primeira
Do Iffante clarissimo excellente
Da clara mãy imagem verdadeira
Neta do Rey primeiro do Oriente.
Porque não farás tu que tambem queira
Accrescentar a luz resplandecente,
Com que o Mundo se faz mais rico, e claro
Co fruito de tal tronco ao Mundo raro?
Tambem te deffendiam *Caterina*
Clarissima Princeza as castas Musas;
Em cujo choro d'alto assento dina
De Minerva te dava mil escusas:
Venceste em fim aquell'alma peregrina
Com a força, de que tu, se queres, usas,
Jà ao seu sangue o seu amor juntaste,
E daquelle alto sprito triumphaste.

A nossa Dona Maria porem, isto é, a Princeza que em scena vimos apar com a, egualmente notavel, Viuva de Dom João III, a todas eclipsou pela multiplice instrucção, com que desde a infancia soube ir marchetando as virtudes e realçando a formosura, como se deprehende das suas elegantes epis-

tolas na lingua de Cicero, uma a Carlos V, outra a sua mãe já então Rainha de França, agradecendo-lhe o havel-a obrigado a estudar tão galharda lingua. Era sua casa uma academia mui cabal de senhoras versadas nas humanidades e em todo o genero de prendas, de algumas das quaes existem obras, d'outras só memoria. Não será empregar mal o tempo ajunctarmos para aqui as de que temos achado noticia, ás quaes aggregaremos varias outras d'esses reinados que nem todas pertenceriam ao Paço, mas que a influição do Paço, porventura concitaria reflexamente.

Luiza Sigea. Diogo Sigé, ou Sigéo como o cá chamam, era um sabio, de nação Francez, que de Toledo se passou já com filhas, para Portugal nos fins do reinado de Dom Manoel ou principiado o de Dom João III. Fez este Rei grande conta d'elle, e provavelmente se não ajudou pouco de seus conselhos para o muitissimo que perfez a bem das lettras e sciencias. De Diogo Sigéo foram discipulas, suas duas filhas, Luiza, e Angela. Luiza Sigéa ou Sigé soube o Latim, o Grego, o Hebraico, o Syriaco, o Caldaico, o Arabigo, sem contar o Francez, o Castelhano, e o Portuguez, e verisimilmente o Italiano. Em cinco linguas escreveu ella uma carta, que anda impressa, ao Pontifice Paulo III. A Princeza a tomou a si, e d'ella fez sua mestra com grande amor; á Princeza é dedicado o poema latino Cintra que vio a luz publica, debaixo do nome da mesma Luiza; alem d'estes opusculos compoz um dialogo *De differentia vitæ rusticæ et urbanæ*: outras obras se lhe atribuem, como cartas e versos, e até, mas sem duvida falsamente, um poema *Arcana Amoris et veneris*, estampado muito mais modernamente, e de todo alheio da sua modestia e compostura. Casou em Portugal com Dom Francisco Cuevas, Fidalgo de Burgos, Senhor de Vilanasur. Foi celebrada em prosa e verso, como portento, por todos os sabios e ingenhos mais distinctos do seu tempo, e nomeadamente por André de Resende sob o titulo de *Luduvicæ Sigææ tumulus*, impresso em Lisboa em 1561. Deixou, noticias da sua vida 'numa carta; e um filho, por quem a sua descendencia se multiplicou em Hespanha. O Jurisconsulto e famoso poeta Toledano, João Merulo, lhe fez o seguinte epitaphio:

Loisiæ Sigææ Toletanæ sui seculi Minervæ. Toletum nascentem excepit,
Lusitania honores, et divitias dedit,
Burgi maritum unicumque filium,
Et, pro dolor! ante diem sepulchrum

Anno salutis MDLX. Octob. die XIII.

O epitafio porem, que na campa se lhe abriu, feito pelo seu viuvo val muito mais, e reza assim:

D. O. M.
Loisiæ Sigææ fæminæ incomparabili,
Cujus pudicitia cum eruditione linguarum,
Quæ in ea ad miraculum usque fuit
Ex æquo certabat!
Franciscus Cuevas mœrentiss.
Conjugi B. M. P.
Vale beata animula conjugi dum vivet
Perpetuæ lachrymæ.

Angela Sige'a. Pertenceu tambem á casa da Princeza, do que era digna por sua erudição nas linguas; na musica excedeu ainda a sua irman.

Publia Hortensia de Castro. Traslado o que a seu respeito commemorou na minha Revista Universal de 5 de Outubro de 1842 o meu amigo Joaquim Heliodoro da Cunha Rivára:

Corria o primeiro quartel do decimo sexto seculo, d'esse seculo tão de portuguezes, e, pelo que já ouvireis, não menos de portuguezas; quando a Thomaz de Castro, cavalheiro de nobilissima geração, nasceu uma filha na Villa, entre as outras, distincta pela antonomasia de Viçosa.—Não nos-maravilhára se-ouviramos nomear Ignez, Leonor, ou Isabel a filha do nobre cavalheiro; mas Publia Hortensia, a filha de um Castro, e de um Castro quinhentista, caso é, que sempre nos-tem dado em que scismar. E' certo porém, que com este nome de matrona romana entrou no pantheon feminino esta amazona lettrada, esta George Sand (mas honesta) de tres seculos. Tal foi o furor, melhor diceramos, a monomania estudiosa, que entrou no corpo e alma da menina Castro, que deixando o estrado de Villa Viçosa, e os lavores do sexo, eil-a que parte em trajos de estudantinho, para a nova, e então mui florente Universidade de Coimbra, em companhia de seu irmão Jeronymo de Castro, que só entrava no segredo d'esta estranha metamorphose. Alli cursou humanidades, philosophia, e theologia; que val o mesmo que dizer todas as sciencias e lettras em seu tempo conhecidas. — Dos seus progressos na philosophia não ha mais que dizer, senão repetir o que o mesmo Andre' de Resende, testimunha de vista, escreveu a um amigo 'nesta substancia « a coisa mais para ver, e capaz de vos dar maior satisfação, foi Publia Hortensia de Castro, rapariga de 17 annos, tão versada nas maximas de Aristoteles, que disputando em conclusões publicas com muitos sabios, não houve argumento, por mais cavilloso, que não solvesse com summa promptidão, e não menor graça.» A Infante D. Maria, filha d'El-rei D. Manuel, cuja casa era uma academia de eruditas damas, a tomou para seu serviço, mo-

vida das recommendações do Infante Cardeal D. Henrique. Na presença d'estes Principes defendeu mais conclusões. — E parece que a edade lhe não apoquentava o espirito, porque já em tempo do governo d'elrei D. Filippe 2.º, e perante elle sustentou em Elvas outras conclusões theologicas; acto, que lhe mereceu d'aquelle monarcha a mercê de uma tença de 20$ reis — pelas suas muitas lettras e saber. — Depois de ter escripto alguns livros de differentes assumptos, em prosa e verso, nas linguas latina e portugueza, nenhum dos quaes chegou a dar-se á estampa, faleceu no estado de solteira a 10 de outubro de 1595, e jaz sepultada no claustro do convento da Graça de Evora. — Seja-lhe a terra leve.

Propomos o seu exemplo, mais para ser admirado, do que imitado das nossas donas.

Joanna Vaz, ou Joanna Vazia. Natural de Coimbra, foi Aia da Rainha Dona Caterina, amiga das Sigéas, e do gremio litterario da nossa princeza. Chamavam-na a *philosopha* pela singular agudeza com que disputava nas sciencias; possuia as linguas doutas; dos poetas, tinha larga lição e os imitava. Escreveu epistolas a Paulo III, em Latim, em Grego, e em Hebraico, e varias poesias latinas. D'ella fallam com louvor, Nicoláo Antonio na sua Biblioteca, André de Resende 'num poema endereçado á Princeza e 'numa epistola inedita a *ad Joannam Vasiam*, e Ayres Barbosa nos seu epigrammas etc.

Paula Vicente. Moça da Camara da Princeza Dona Maria, filha, e, segundo querem, collaboradora de Gil Vicente nas comedias que fez depois de velho. Comedias suas, que não chegaram a ver a luz, consta que as houve de mui particular sabor. Fez uma Arte da Lingua Ingleza e Hollandeza e imprimio uma compilação das obras de seo pae. Soa que fallava muitas linguas, que tinha boas noticias em architectura civil, e alem das prendas de bordar e pintar com perfeição, a de representar com summa naturalidade e graça, de sorte que, não sendo formosa de sua pessoa, por suas prendas e instrucção era muito festejada.

Dona Lianor de Noronha. Filha do Marquez de Villa Real (D. Fernando) nasceo em Evora em 1438, e faleceu em 1563. Traduzio e offereceu á Rainha D. Caterina, mulher de D. João III, a *Coronica geral de Sabellico* impressa em Coimbra em MDL. Na dedicatoria diz: « que tresladou para uso das damas da Rainha, de Latim em linguagem Portuguez, uma Chronica geral pera que não gastem tão bem aventurado tempo pera nós, como este, em que Vossas Altezas reinam, em ler fabulas, senão verdades. »

« Deome atrevimento pera offerecer esta mealha de serviço » diz ella « a V. A., ser velha como a que a lançou no thezoiro do templo, a que Nosso Senhor acceitou a vontade, como espero, que V. A. faça á minha; que não sam menos pobre em saber que a outra na fazenda. »

Louvam-na, entre outros, Duarte Nunes do Lião, e Jorge Cardozo.

Dona Antonia Rojas. Diz d'ella Damião Frois Prim no seu *Theatro Heroino:*

Dona Antonia de Rojas, Portugueza de nação, ainda que ignoramos o lugar, que lhe deo o nascimento, mas pelo appellido parece originaria de Castella, pois diz que sua mãy Izabel de Rojas viera de longes terras, e que ella nascera em hum verde valle de Lusitania. Teve hum filho chamado Pedro de Vasconcellos, que militou na guerra do mar, e foy morrer á India, pelejando contra infieis, cujas prendas exagéra Dona Antonia em huma obra, que escreveo depois da morte de ElRey Dom Sebastião, a que fez hum Soneto. Em hum volume manuscripto se achão as obras seguintes: Intervallo para tristes. Historias fabulosas em prosa Portugueza, misturada com versos. Processo da vida, e morte de huma amante. Principio das amargas tragedias da Autora, em dôze, que chama scenas, prosa, e verso Portuguezes. Tragedia lastimosa de Dona Antonia de Rojas na morte de seu unico filho; prosa, e versos, oitavas, sonetos, e outros versos Divinos, e Humanos. Origem authentica de Nossa Senhora de Monserrate traduzida de prosa em verso.

Dona Guimar de Jesus. Escreveu: Consolação do nosso desterro: Incendio do amor, impresso em lettra quadrada em 4.º por ordem do Cardeal Rei dedicada á Rainha D. Leonor.

Dona Helena da Silva. Religiosa Cisterciense falecida em 1590 escreveu em Castilhano um poema da paixão de Christo, e a vida de N. S. com versos colhidos em Virgilio.

Julia da Ponte. Foi (diz o *Theatro Heroino*) da familia de Spilimberg. Compoz diversas obras com grande louvor de muitos escriptores, e floresceo pelos annos de 1580.

Dona Izabel de Castro e Andrada. Merece lida a noticia que o supracitado Damião Frois dá d'ella.

Dona Isabel de Castro, e Andrada, filha herdeira de Alvaro Peres de Andrada, commendador de Saõ Pedro de Torres Vedras, Senhor do morgado da Annunciada, e de dona Guimar Henriques filha dos Condes da Feira, foy de singular formosura, e de tantas virtudes, que se contaõ della muitas maravilhas. Casou com Dom Fernando de Menezes Senhor do Louriçal, do Conselho de ElRey, e Capitaõ General de Tras os montes; depois de cincoenta e quatro annos de idade, teve milagrosamente dous filhos: Dom Henrique de Menezes, e dona Maria de Castro, mulher de dom Joaõ de Menezes Alferes mór.

Defendeo Dona Isabel de Castro na Igreja do convento de Varatojo conclusoens de Filosofia, Theologia, e lettras humanas, e dando ao mesmo convento para huma Ermida da Paixão de Christo hum forno de cal da sua nobre quinta, que lhe está vesinha, deixou n'ella escrito o admiravel Soneto, que anda impresso na historia Serafica, e outro que se imprimio no Poema de Araucana de Alonso de Ercila da Impressaõ, em que foy dedicado ao conde de Lemos e Andrada seo parente, naquelle tempo Embaxador em Portugal. Este mesmo Soneto imprimio Manoel de Faria, e Sousa no comento das Rimas de Camoens, no fim da primeira centuria dos Sonetos da primeira parte, em que dá grandes elogios a esta Senhora dizendo, que fora mestra do mesmo Camoens. Morreo santamente em mil quinhentos noventa e cinco, e jaz enterrada na capella mòr do convento da Annunciada de Lisboa da Ordem de Saõ Domingos.

Digo a verdade: quando me ponho a considerar, o que as mulheres são pela natureza, e o que deixam de ser pelas preoccupações e tyrannias da sociedade, quando me lembro de tantas, que em todos os tempos e logares se assignalaram por talentos, e hombrearam com os grandes varões, tendo para isso que vencer mil difficuldades, que para elles não existem, quando encontro este meo conceito, não só inteiro, senão ainda avantajado em tão grave e sisudo auctor como é o do *Theatro Critico* [1] dóe-me o coração de ver como taes almas se desaproveitam; como se mette um sexo (metade da especie humana!) na roda dos ingeitados! E' peccar contra justiça e natureza; é defraudal-as, de sua herança; e a nós, de mais prazeres e mais delicados, que nos ellas puderam dar; as sciencias e as artes, de novos lustres; e as gerações ulteriores, a pobre infancia, das suas instituidoras naturaes e mais proficuas.

Instruidas, animadas, laureadas as mulheres distinctas e sublimes, que estimulo para os lidadores no campo da intelligencia! no carcaz do amor, que novas settas infeitiçadas!

Completa-se hoje a educação feminil, ajunctando aos lavores e prendas manuaes, a dança e musica: o desenho, a pintura, e uma ou duas linguas vivas, já são luxo muito raro. A dança e a musica, são graças; quem o nega? e como taes, de juro e herdade pertencem ao seo sexo; mas, custando muito em cabedal, e em tempo, são apenas um infeite passageiro. Concluida a festa do noivado, fechou-se o piano, encapotou-se a harpa; como quem dicera: « está concluida a vossa missão; já sedusistes. » A dança, vai só até ás primeiras raias da velhice: é como as virações perfumadas que só per-

[1] Tom. 1.º discurso XVI Defensa de las Mugueres.

tencem á primavera. E depois, todos esses recreios são para as salas, e para o turbilhão.

Os livros, não: são companheiros, amigos, consoladores, guias, mestres, e thesoiros para todas as edades, condições e fortunas. Velando o somno do filho, amamentando-o, se continua o estudo no sacrario intimo da familia. Se um chôro ou um riso, que saiem do berço, o interrompem, bem fóra estão de o supprimir. « Applico-me para um dia instruir o meo filho; illustro-me, e aperfeiçôo-me, para dar a minha filha um modelo, e testar-lhe um nome, com que se possa gloriar. » ¿ Esta reflexão não é bem obvia ao coração materno?¿ sobretudo quando a razão se acha convenientemente esclarecida?

O assumpto era para um tratado, e não para uma nota. Possa o quasi nada que 'nella apontámos, suscitar em páes e mães um pouco de sisuda meditação! Encaminhe Deus este memorialsinho onde dê proveito! que eu, de minhas mãos o sólto, com aquelle estribilho do Ferreira no Epithalamio á nossa princeza de Parma:

Boa estrella te leve hòra dourada!

CASTILHOS.

(Pag. 41.ª, Linha 20.ª « O meu Chronista mór Antonio de Castilho, bom Dezembargador em causas de poesia. »)

Confesso que sinto particular satisfação em escrever esta nota, mais endereçada a meus filhos, do que ao Publico. Vou-lhes fallar de um antigo benemerito, cuja gloria, não só por de conterraneo, senão tambem por nome e sangue, lhes pertence. Impõe os nomes presados um grande encargo de merecimentos: esse lhes vou eu lançar 'nestas linhas; oxalá que nenhum d'elles lhe furte os hombros. Não são brazões militares (hoje inuteis) não são fidalguias, nascidas da fortuna, ou de affeições palacianas, que lhes eu quero apontar; são merecimentos pessoaes, ganhados a poder de bom estudo e honrada vida, mais de certo no aposento, que nas antecameras, mais no silencio do retiro, que no tumulto arriscado dos successos; meritos, em summa, que é bom trazer sempre diante dos olhos; pois todos, só com o proprio querer, os podem, mais ou menos, conseguir.

Foram filhos de João de Castilho, e de Felicia de Neira, Luiz de Castilho, e Antonio de Castilho. Deixaremos a Luiz, de quem todavia as chronicas [1] fazem honrada mensão, por só nol-o darem assignalado em armas. Filho era o Doutor Antonio de Castilho para afamar o Pae, se este por seo ingenho, applicação e trabalho o não houvera feito.

A' cerca do pae que vos falle por mim o erudito investigador, e meu particular Amigo o Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen. [2]

Foi o edificio progredindo (o Mosteiro dos Jeronymos) e cada vez com maior perfeição na esculptura, pois no debuxo e mão d'obra vê-se no claustro mais primor do que no corpo da Egreja. Não coube porem ao fundador o ter a satisfação de o ver findo: deixou o dormitorio apenas em começo com a recommendação de que se

---

1 Pode-se vêr a de El-Rei D. Sebastião por D. Manoel de Menezes Cap. CX. e Cap. CXII.

2 Noticia Historica e descriptiva do Mosteiro de Belem impressa em Lisbôa 1842.

concluisse com o esmero correspondente. Egualmente incumbiu aos desvelos do seu successor a abobada do cruzeiro, cuja fabrica foi dada ao mestre João de Castilho, que era já o architecto d' Elrei D. Manuel, e devia naturalmente ter tido grande parte na direcção das obras, se é que não fôra dellas o principal engenheiro. — João de Castilho, sectario do renascimento, e depois neophyto da restauração classica, foi em Portugal o architecto ambulante. —Mandado por Elrei D. Manuel a Alcobaça para arranjos do andar superior no claustro de D. Diniz, da sachristia e da casa para os livros, ahi se achava no anno de 1520: no de 1530 dirigia as obras na Batalha: no de 1540 em Mazagão: no de 1550 em Thomar (sua patria?) onde parece que era falecido em 1560. — Foi homem que levou em decadas as principaes paragens da vida. Tambem esteve em Coimbra, pois sem duvida de seu tempo, e suas, são as portas excrescentes de pedra d'Ançã da Sé velha. Os bustos em medalhões, os arabescos ao divino, os nichos de concha, os balaustres, os vasos, as pilastras estriadas, a par de um arremedo das renascentes ordens dorica e corinthia, como tudo ahi se vê, não podem deixar de ser obra de Castilho, — já meio convertido ás doutrinas de Vitruvio. O mesmo podemos dizer do claustro do reedificado mosteiro de Sancta Cruz. Das suas obras em Belem adiante fallaremos. Em 4 de julho de 1528 foi nomeado para o logar de mestre das obras da Batalha, vago por morte de Matheus Fernandes (filho). Tratava-se de proseguir nos trabalhos das capellas imperfeitas destinadas ao jazigo de Elrei D. Duarte, que fôra dellas principiador, e ao de seus successores D. Affonso 5.º e D. João 2.º, do principe D. Affonso e de Elrei D. Manuel, antes de se decidir por Belem, como se vê do proprio testamento deste ultimo Rei, combinado com a interpretação das divisas que 'nellas se acham.

Castilho não era genio que se podesse moldar nas formas existentes para concluir o que fôra já concebido e até mais de meio posto em execução. &.

Não foi porem de suas obras a menos importante, a educação que deu a Antonio de Castilho, a julgarmol-a pelo que este veio a ser e valer em Portugal.

Mas quero que seja tambem aqui outrem, e de credito, quem historie; ouvi pois o laborioso Diccionarista da Academia Real das Sciencias de Lisboa:

Antonio de Castilho « diz elle » *Guarda Mór da Torre do Tombo*, e *Chronista Mór do Reino*, (e segundo se colhe de outros auctores, Cavalleiro d'Avis, Lente de Leis em Coimbra, Dezembargador da Casa da Supplicação, do Conselho d'ElRei, Ministro de Portugal em Inglaterra, Chanceller Mór do Reino, Commendador e Alcaide de Moura) foi um dos dois primeiros collegiaes que no anno de 1563, entraram no collegio Real de San Paulo da Universidade de Coimbra, e um dos homens que melhor fallaram a lingua portugueza, a juizo de todos os doutos, segundo escreve Se-

verim. A carta que o Doutor Antonio Ferreira lhe dirigio, concebida nos termos da maior estimação, basta só para se formar do seu merecimento o conceito mais vantajoso. Critico, Poeta, Historiador, Philosopho, são os titulos com que nol-o representa, quem com tanta intelligencia e madureza sabia perfeitamente apreciar o valor das coisas e dos homens.... 'Noutra tambem que Diogo Bernardes lhe escreveu, todas as expressões d'este insigne poeta, inculcám bem a grande conta e veneração em que o tinha...

Carta do Doutor Antonio Ferreira a Antonio de Castilho Guarda Mór da Torre do Tombo.

Castilho, de meus versos douta lima,
Que cuidarei que fazes lá escondido,
Donde me não vem prosa, nem vem Rima?
Trabalhas por ventura que vencido
Fique o grã Ferrares no doce canto
Té qui com tanto gosto, e fama lido?
Ou num alto sagrado bosque, e sancto
Andas quieto, enchendo o peito puro
Do que socega o sprito, e vence o espanto?
Colhendo de mil flores o maduro
Fruito, que alma sustenta, e no perigo
Te ensina poder sempre estar seguro?
Eu te conheço, bom sprito, imigo
Naturalmente de ocio, só de gloria,
Só de virtude, e de saber amigo.
Quando será que eu veja a clara historia
Do nome Portuguez por ti entoada,
Que vença da alta Roma a grã memoria?
Não me foy dado sprito, não foy dada
Igual boca ao grã canto. Bom desejo
Não basta: a ti a alta empreza está guardada.
Desse sancto socego, em que te vejo,
Desse tam raro sprito olha as grandezas,
Qu'o Mundo espera, e eu já vêr desejo.
Abre já, meu Castilho, essas riquezas,
Que tanto ha já, que em ti Phebo enthesoura,
Solta o grã Rio, farta mil pobrezas.
Assi consentirás, cruel, que moura
Teu nome, e desse sprito o claro lume?
Assi a coroa, que te Phebo enloura?
Quanta arma, quanto sangue nos consume

O silencio cruel! terror, e medo
N'Africa ao Mouro, n'Asia ao bravo Rume.
Tu Castilho, tu lá ociso, e quedo
Vencerás de mil mundos os espaços,
Por onde voarás, se queres, cedo.
Solto de vaõs desejos, de vaõs laços
O bom sprito dentro em si só posto
Mais largo vivirá, que em largos paços.
A todo tempo terá sempre hum rosto,
Nam turvará sua paz nenhũa guerra.
Nenhũa mudança danará seu gosto.
Ditoso aquelle, que em si só se encerra,
E estimando o thesouro, que em si tem,
Pisa soberbamente toda a terra.
Sempre o dia pior he o que vem.
Comece de viver á primeira hora
Quem poder, e a quem Deos quis tanto bem.
Em quanto hum ri, em quanto cá outro chora,
Passa a vida, lá o tempo todo he teu:
Logra-o, e tua sorte ama, e a Deos adora,
Que tantos, e taes doẽs te concedeu.

Bernardes na carta XIV do seu Lima a Antonio de Castilho depois de se desculpar de lhe não ter escripto diz:

Hum esprito gentil a quem despreza?
Quando a bondade sente d'outro esprito
Não mostra então mais sua gentileza?

Mas oiçamos o que o mesmo Bernardes escrevia d'elle depois da sua morte.

Soneto.

O Bom Castilho, onde guardava o Ceo
Quanto na terra tem em maior conta;
A morte o derrubou, não tendo conta
Com quanto dentro nelle se perdeo.
Mas, inda que caío, a fama ergueo
Tanto seo claro nome, que desconta
A dôr, que nos deixou, e a grande afronta,
Que Febo, e o mundo todo recebeo.
Com tudo (e disto não me maravilho)
As brandas Musas vendo o duro caso,

De Lusitania logo se partiraõ:
Tornaraõ a morar no seu Parnaso,
Sentidas de perder taõ bom Castilho;
E lá por elle choraõ, lá suspiraõ.

Outro Soneto do mesmo, dirigido a um filho de Antonio de Castilho, Diogo de Castilho:

SONETO.

A Graça nos teos versos imprimida,
Por dõ do Ceo, ou por paterna estrella,
Não empregues em mim; honra cõ ella
Outra mais doce Musa, mais subida.
Mas inda que de mim mal merecida
Seja taõ grã mercê, por merecella
Sempre trabalharei, pois causa della
Sómente foi amor, que a mais convida.
E tu vencido delle t'enganaste;
Ouro te pareceo a vil escoria,
Que por tal sei qu'alguns a julgaráõ:
E se Torquato vir que me louvaste,
Roubar-lhe (com trocalo) a sua gloria,
Cuido que será d'outra opinião.

Este DIOGO DE CASTILHO, natural de Thomar, como seo Pae, e Monge de Cister, foi Auctor do *Epitome de los Turcos, y sus Imperadores*: impresso em Lovanha, em 1538 — 4.º: d'existirem as suas poesias, não alcancei noticia.

D'então para cá, não tem faltado na descendencia amadores e cultores de lettras, d'alguns dos quaes se conservam os escriptos e de outros unicamente a lembrança.

D. PEDRO DE CASTILHO, sendo Prelado d'esta Diocese esteve aqui em San Miguel ao tempo da guerra entre Castella e o partido de Dom Antonio, como se pode ver no Padre Cordeiro. Fallando d'esta mesma estada d'elle aqui, diz o auctor dos *Avisos do Ceo: que foi Bispo d'aquellas partes, e tambem de Leiria, e depois veio a ser duas vezes Viso-Rei de Portugal e Inquisidor Mór, Prior de Guimaraes, e do Conselho de Estado de Sua Magestade, grão pessoa de intendimento, e outras partes.*

A uma minha prima, Dona Maria Clara Barreto de Castilho, em Leiria, mais de uma vez ouvi, quando em jornadas de Coimbra a visitava, que d'este antigo parente nosso, ha

viam ficado bons versos latinos, inéditos, que seu pae conservava com muito apreço e que pela invasão dos francezes sé descaminharam.

Affonso de Castilho, franciscano. Escreveu *Compendio de platicas* &. impresso em Valladolid 1616 — 16.º

Frei Jeronymo de Castro e Castilho, Trino, natural de Lisbôa. Escreveu *Historia de los Reis Godos hasta El-rei D. Fernando y D. Izabel* &. impresso em Madrid 1624 — Folio.

Fernando Tudela de Castilho, natural de Castello Branco, Dezembargador no Porto, faleceu em 1692. Escreveu *Discurso em que se persuade a coroação ao Senhor D. Pedro. Manuscripto.*

Padre Jeronymo de Castilho, Jezuita, natural de Lisbôa, e Socio da Academia de Historia Portugueza, faleceu em 1730. Escreveu *Epœnotaphion encomiasticum Patris Antonii Vieiræ*, *Olyssipone* 1734 — 4.º; *nas Vozes Saudozas* conta dos seus Estudos academicos. Sahio na Collecção tomo 9 — *David Penitente. Manuscripto.*

João Bernardes de Castilho, natural de Lisbôa, faleceu em 1743. Escreveu *Queixas da saudade na morte d' El-Rei D. Pedro*, Lisbôa 1707 — 4.º — *Novena de Sancta Theresa de Jezus*, Lisbôa 1708 — 24.

Antonio Barreto de Castilho, natural de S. Lourenço do Bairro, Escreveu *Manifesto sobre a conservatoria de Coimbra*, Coimbra 1746 4.º.

D'ahi para cá alguns outros se têem applicado a escrever, mas são tão recentes que não ha porque os memore.

ILHARGAS DE REIS.

(Pag. 55.ª, Linha 17.ª « Ingreme é em verdade a facção a que me abalanço! » Pag. 56.ª, Linha 37.ª « Heis-de ser Vice-Rei Senhor D. Martim. » Pag. 68.ª, Linha 7.ª « Apresento-vos Senhor Luiz de Camões a minha esposa. » Pag. 121.ª, Linha 9.ª « 'Neste pergaminho, firmado do proprio punho d'El-Rei Catholico meu Senhor, verá V. S.ª Senhor Camara, que S. Magestade o tem em Conta de leal amigo, e como tal o presa, e lhe fará mercê, continuando V. S.ª a auxiliar, como até agora, as suas traças. » Pag. 139.ª, Linha 29.ª « É o Martim de Freitas da deslealdade. »)

Não sei, se me haverá Deus de tomar contas, por ter levantado falsos testimunhos ao famoso Escrivão da Puridade, Martim Gonçalves da Camara, quando o dei parcial de Castella, e inimigo solapado do Rei, e do Reino. Se no dia de Juizo se admittissem coarctadas, uma, tenho eu que seria muito para receber, scilicet: que não foi em processo d'historia que o eu capitulei por traidor, mas só em uma fabula dramatica; genero, a que nunca nenhum desalmado se lembraria de ir procurar documentos, nem para queimar em estatua, nem para canonisar a quem quer que fosse. E, se, pondo-se-me réplica de que não obstante ser em fabula dramatica, e seculos após, maliciosamente lhe attribui malicias, me fosse ainda consentido o treplicar, diria, que em minha consciencia de jurado, á mingua de provas directas e concludentes, havia uma quasi certeza da insigne ruindade do sujeito, e uma valente presumpção d' intenções suas secretas e damnadas contra El-Rei, a Corôa, e o Estado; e tudo isto, pelo que eu colhi d'uma testimunha contemporanea d'elle, Varão de grande fé, insigne em lettras e virtudes, temente a Deus, conselheiro leal de Principes, amante e zelador de sua Patria; tal é o Bispo de Silves D. Jeronymo Ozorio, appelidado dos eruditos, o *Cicero Portuguez*; o qual, dos dois Gonçalves da Camara, Luiz, e Martim, o Confessor, e o Ministro de D. Sebastião, fez o seu *Verres*, e o seu *Catilina*.

Peza-me não poder, para minha cabal defensa, chamar para aqui inteira a sua carta agro-doce, escripta em Portuguez, e portuguezmente, ao Luiz Gonçalves; carta de tan-

to maior pezo, alem de todas as outras rasões, quanto maior é o desabrimento, com que 'nella vão açoitadas as ambições dos Jezuitas, para cuja introducção no Reino, em dias de D. João III.; o mesmo Ozorio certamente contribuira.

E' a carta datada de 1570; apontarei apenas algumas phrases d'ella:

«Primeiramente Vossa Reverendissima está havido na opinião da mais gente desta terra, e ainda dos que mais salas lhe fazem, e se lhe mais submettem, por mais amigo do Mundo, e honra; do que esse habito requer; porque dizem, que quando Vossa Reverendissima se não correo de ser o primeiro da Companhia, que acceitasse por sua Pessoa os Officios publicos, e Governo da terra; e que logo ordenou as cousas, e entabolou seu Irmão mancebo, sem experiencia de Negocios, sem Authoridade, sahido das Escólas de quatro dias com mediocres lettras, pobre de Conselho, com El-Rei menino, para que fôra necessario resuscitar o Conde D. Nuno Alvares Pereira, ou outro dos antigos de Portugal, ainda que não fosse mais, que por a decencia da pouca idade d'El-Rei; o qual dizem, que Vossa Reverendissima o faz homem, para não haver mister ninguem, e menino para vosso Irmão haver de fazer tudo. »

. . . .

« A isto se ajunta o modo de que dizem, que o Senhor Martim Gonçalves governa, izento, e absoluto, quanto nunca se vio nesta terra, nem fóra d'ella, em homens que valêrão muito, de differente idade, experiencia, prudencia, e auctoridade, e ainda por ventura em Castella no tempo de D. Alvaro de Luna; porque o menos que dizem que faz, he responder a Pessoas gravissimas, que disso se queixão, que não ha de consentir que El-Rei faça tal, ou tal cousa; e das que lhe percebem passa Portaria, sem El-Rei o saber; e a este tom outras taes, que de a gente lhe não saber a razão, lhe dá algumas tão abominaveis, que he medo cuidar nellas, de maneira que a lingoagem da gente mais grave he terem hum Rei captivo de dois Irmãos que, pouco a pouco, o vão fazendo outro Rei de Ormus; tanto que tem a mais da gente assentado comsigo, que Vossa Reverendissima, que por ter a El-Rei mais seguro, lhe faz prometter Voto de Obediencia, como os da Companhia costumão a seus confessados; . . . .

. . . .

sómente lembro a Vossa Reverendissima, que quer a ten-

ção sua, e do Senhor Martim Gonçalves seu Irmão, seja sustentar esta grandeza, em que a fortuna os poz, como o Mundo cuida, quer o Bem Commum, como Vossas Mercês dizem; nunca vi maior esquecimento, que tratarem as cousas de maneira, que se fação a si, e a toda a Companhia e a Pessoa de hum Rei de dezasete annos, que naturalmente he amavel, os mais aborrecidos, e os mais odiosos, que quantos nunca houve em Portugal, antes, nem depois de El-Rei D. Pedro o Cru; em tanto que nos lugares onde a gente de todos os Estados falla sem medo, vírão que tomarião antes ser governados por dois Turcos que os tratassem com amor, e prudencia, que do modo que agora são, e nenhum mal tamanho podia vir ao Reino, nem á Pessoa propria de El-Rei, que Nosso Senhor guarde, que não houvessem por grande dita, se com isso se houvessem de ver livres do estado em que se vem. Nosso Senhor he testemunha, que nada accrescento á commum opinião, desejos, e praticas da mais gente, e de mais qualidade.»

«Ora como póde Vossa Reverendissima cuidar, e o Senhor vosso Irmão, que Mando tão forçado póde durar, e que corações violentados, e tirannizados, se podem ter muito, que não arrebentem por alguma parte, ou que bem póde fazer á terra que iguale a tamanho mal? Porque, se tratão de tirar peccados, como dizem, que nunca na terra houve tantos, nem tão prejudiciaes, porque ainda que nos da carne haja por ventura menos dissolução publica (do que duvido muito) de secreto ha os que sempre houve, e que basta para condemnar as almas; e dos peccados de espirito, que não são peiores, quasi ninguem está izento; porque o aborrecimento de El-Rei he geral em todos, o odio dos que valem com elle he publico, folgar como todas as obras de males da Republica he commum, o murmurar das pessoas he infinito; e se não mande Vossa Reverendissima proguntar por esses Confessionarios, e veja quantas pessoas, e gente acha mettidas nestes peccados mortaes, e quão máo remedio lhes sabem, nem podem dar, pois as occasiões vão crescendo cada vez mais, e não póde a desaventura chegar a este Reino a peior estado, que suspirarem lingoas (e darem animos, e lealdades Portuguezas) por Senhorio Estrangeiro, e darem razões para lhes ser melhor servir a Castella, que serem tyrannizados dos naturaes, e dizerem alto, que pouco lhes vai em dizer: *beijo as mãos*, ou *bejo las manos a voestra mercê*; e escrevem-se disto tantas Cartas, e novas a Castella, que he medo.»

« Pois que fará hum Reino tão pobre, e tão pequeno, faltando-lhe o amor, e lealdade dos Naturaes, e o aborrecimento de Senhor forasteiro, que fez sempre a sua principal defensão? e não se espante Vossa Reverendissima disto, porque a gente que nunca viveo senão da affabilidade do seu Rei, não póde amar hum Rei montezinho, e que não vê, nem conversa gente, de que mais se ha de servir; o que dizem que ainda que em parte venha delle ser corrido naturalmente, todavia a maior parte, dizem todos, que nasce de Vossa Reverendissima, e o Senhor vosso irmão recearem, que se El-Rei conversar gente nobre, se affeiçoe a outrem mais do que a elles; o que affirmão os que alguma hora fallão com elle de vagar, porque certificão, que achão nelle tanta habilidade, e tanto gosto de tratar com os homens, que não póde ser senão por isto; e que se o libertassem, e lhe não dessem tanto por onças a conversação dos seus Vassallos, fôra o mais excellente Rei, e o mais amado do Mundo. Oh que infelice Portugal, pois Nosso Senhor permittio ajuntar em hum mesmo Rei, sujeito, para ser tão amado, e Conselho para ser tão aborrecido; natureza em que se enxerga o que sua vontade nos quiz dar, e criação, em que se visse o que nossos peccados nos puderão tirar!

. . . . »

«Veja Vossa Reverendissima pelo amor de Deos, que se póde esperar, quando se virem as Cartas destas novas por toda a Christandade, quando os Mercadores de Lisboa escreverem a França, Castella, Flandes, Alemanha, Italia, e a todas as outras partes com que têm Commercio, que o Padre Luiz Gonçalves, pessoa tão abalisada, e principalmente na Companhia, e seu Irmão, feito, e criado a sua mão, houverão por menos mal perder-se de todo França, descontentar ao Papa, aventurar a amizade de Castella, pôr os naturaes em perigo, com o desgosto dos Reis vizinhos, que arriscar hum pouco do Mando que tem, principalmente ajuntando-se a isto quão aventurado fica tambem Portugal, com não ficar na Christandade, com quem El-Rei Nosso Senhor possa casar tão cedo. Que credito será o da Companhia nos outros Reinos! Que devação lhe terão os outros Principes! Como se fiarão della, quando virem que deste Reino sabem, onde tudo se governa por ella! »

«Dir-me-hão que a verdade de suas consciencias os assegura; confesso que he grandissima consolação, e que mal poderei eu crer nunca isto que a gente, destes dois Religiosos, pois de dois Turcos o não querêra, mas a huma só cousa não

acho razão, nem a Vossa Mercê desculpa, como se attreve o Senhor vosso Irmão mancebo, e Vossa Reverendissima mettido no seu Collegio, a tomar sobre si tamanha carga? Como ousarão que El-Rei Nosso Senhor, que tão sugeito lhes está, contra parecer dos do Conselho, como Vossas Mercês só resolvessem em Negocios tão importantes? Como não fizerão o possivel, para que El-Rei Nosso Senhor, chamasse os Senhores, e homens de ser que ha no Reino, ou com o conceder com seus Pareceres, ou para negarem com elles, ou para serem Testemunhas, que elle só por si o negava, sem presumpção de ninguem? Materia era esta, para se hum Rei de dezasete annos resolver por si só, e para nenhuma pessoa particular, querer ser havida por Author della; porque se El-Rei se resolveo com Vossas Mercês, como a gente cuida, foi grande atrevimento, não se espante do escandalo da terra; e se não forão desse parecer (como nos dizem.) Não sei se diga que foi grande esquecimento, não trabalharem muito de pressa por terem Companheiros, ou para effeituar, ou para Testemunhas de seus desejos. Praza a Nosso Senhor, que não seja eu falso Profeta, e não paira isto antes de muito tempo, algum mal, e não fallo sem causa.

. . . ."

"Faça Vossa Reverendissima por amor de Deos (pois deve ter amor a El-Rei, como quem o criou) chamar homens de que a gente tenha credito, e satisfação (que pudera apontar, porque ouço, e sei) e Authoridade diante de El-Rei, e de ser, e merecimentos, e parte as culpas para muitos, aventure-se o Senhor seu Irmão, a valer menos, e a lançar El-Rei mão de outra gente, desbaratada, e perdida de todo, por mais merecimentos que tenha, tanto que o Senhor vosso Irmão tiver pouco gosto della, porque tudo por derradeiro, vem a resultar em odio de El-Rei, inquietação da terra, e muito maior odio de Vossas Mercês ambos. Torno a tomar a Deos por Testemunha, que não accrescento de mim, senão que digo o que o commum da gente diz, movido de zelo Christão, e do amor da patria, e por cumprir com a Caridade Christã. Não trate Vossa Reverendissima, de querer saber quem isto escreve, porque se lhe parecer bem, contentar-se-ha quem o fez com o remedio das cousas, e com rogar Vossa Reverendissima a Deos por elle; se lhe parecer mal o zelo, o desculpe, e como Deos he Author das Verdades, cuide que lhe manda dizer estas por outra Asninha, como a de Balaão. Nosso Senhor alumie a Vossa Reverendissima,

e o ensine a acertar sempre. »

Quem ler na integra a carta, d'onde tomei o que lido fica, já talvez me não accuse de nimio temerario pelos ditos e feitos, que ao Senhor Martim Gonçalves atribui; pois até ha 'nella certas reticencias, que, devidamente interpretadas, não são pouco significativas.

Nos *Avisos do Ceo*, por Luiz de Torres de Lima, obra de bastante conceito para este caso, por mui achegada aos tempos de que fallamos, se lê:

« Veio a triste nova do desbarate, e como ficava enterrado o Reino no campo de Alcacere, e morto El-Rei, e o mais acabado. Succedeu na corôa d'este Reino o Cardeal D. Henrique, filho d'El-Rei D. Manoel . . . . Veio logo a Lisboa onde foi levantado por Rei. . . . .
. . . . »

« . . . . . . chamou a Cortes os tres estados do Reino. . . »

« Elegeu a cidade de Lisboa por procurador d'ella a Febo Muniz de Lazinhano, homem livre, e desinteressado, mas apaixonado, o qual foi Sumilher de corpus d'El-Rei D. Sebastião, e do Conselho de estado. Em tudo entrava Martim Gonçalves da Camara; e o Padre Leão Henriques da Companhia de Jesus, que todos tres rezavam. *Ora pro nobis.* »

'Neste tempo era já finado Luiz Gonçalves da Camara.

Quem ler, com a divida attenção e analyse, a *Deducção Chronologica*, colherá, mesmo a despeito da manifesta parcialidade do Auctor, uma certeza humana, das mais certas, de que todos os mais graves desastres de Portugal 'naquella edada calamitosa, foram obra dos Padres da Companhia, dos quaes o Padre Luiz Gonçalves (dado que alguns interessados nol-o pintem varão de virtudes) era o mais activo e efficaz agente para os maleficios, á conta do imperio que soubera adquirir no animo e consciencia do Real Mancebo. O Padre Luiz Gonçalves, já por si, já por seu damnado irmão, feitura sua, e seu braço direito; inimisou o Rei com o Reino, depois de o ter esbulhado dos conselhos dos Aleixos de Menezes, dos Peros d'Alcaçova, dos Migueis de Moura, e dos Jeronymos Ozorios, e de o haver até divorciado das pessoas que mais por sangue lhe pertenciam e lhe queriam.

Elles, os dois, isto é, os Jesuitas, o desviaram do casamento, que todas as rasões de Estado, não só as da natureza, estavam requerendo; elles, elles provavelmente o arremeçaram ao seo suicidio, e regnicidio Africano (é opinião de escriptores graves e do Chronista D. Manoel de Menezes) Sinto, que os racionaes limites de uma nota, me tolham addu-

zir, o que na mesma *Deducção Chronologica* se alega, e documentalmente se prova, em particular contra Martim. Aos Leitores duros de convencer, supplico eu, se dêem ao trabalho de a compulsar.

Agora, para atenuar alguma estranhesa, que pudesse excitar o ambicioso soliloquio deste mesmo Martim, na abertura do Acto segundo, oiçamos o que escreveu o Abbade de Sever no Tomo 3.º das suas Memorias para o reinado de D. Sebastião Cap. XXVII, fallando da primeira saida d'El-Rei para Africa (o que o valido então era, é o mesmo que o vemos ser aqui 'nesta segunda e ultima Jornada do Soberano).

« O despotico imperio, que na vontade delRey tinha Martim Gonçalves da Camara, lhe promettia que fosse eleito Governador do Reyno na sua ausencia; porém vendo nomeado para esta incumbencia ao Cardeal D. Henrique, lhe pareceo ser injurioso á sua pessoa sujeitarse a outrem que naõ fosse ElRei. Estimulado deste altivo pensamento, se retirou para o Convento de S. Domingos de Bemfica, distante meya legoa de Lisboa, de cuja resoluçaõ se escandalisou com excesso o Cardeal, considerando como atrevimento o querer medirse com elle Martim Gonçalves, taõ differente por nascimento, como pela dignidade, de que se seguio nunca mais ser aceito ao Cardeal, assim no tempo que governou pela ausencia de seu sobrinho, como depois quando cingio a Coroa desta Monarchia. »

Finalmente, o mesmo Diogo Barbosa Machado e na mesma obra T. 4.º Cap. II. diz:

« A Insolente arrogancia com que Martim Gonçalves da Camara affectava o dominio que tinha sobre a vontade d'El-Rei, foi a causa fatal do seu precipicio . . . . » &.

Aqui porem, que já se lá vai o drama, e com elle a licença de inverter uns factos e suppor outros, convem notar, em abono da historia, que a regencia do Reino, pela saida d'El-Rei, não ficou ao Cardeal, mas sim a uma juncta composta de D. Jorge de Almeida Arcebispo de Lisboa, Francisco de Sá Senhor de Matosinhos, D. João Mascarenhas e Pedro de Alcaçova Carneiro, com a assistencia de Miguel de Moura Secretario do Reino; após a qual juncta, e só depois de sabido e provado o tragico fim do Real temerario, é que seu Tio consentio em submetter os hombros velhos á grande carga; portanto, quando o nosso Martim no theatro se queixa de lhe *preferirem um Cardeal D. Henrique* falla, como o Martim da historia fallava na conjunctura da primeira expedição; o que até certo ponto me pareceu permissivel, pois que a regencia, presupposto o perdimento d'El-Rei, não era mais que uma pequena transição do reinado do Sobrinho

para o do Tio.

Accresce, que, até quasi ás vesperas do ultimo embarque para Africa, continuaram as diligencias de D. Sebastião para que o Cardeal ficasse governador. Portanto, o suppor Martim que de feito o ficaria, nada tem de inverisimil; assim como para um velhaco e ambicioso do seu lote, nada mais natural, que julgar que as recusações do velho não eram sinceras. Por derradeiro, eu não deffendo; unicamente explico o que fiz ou desejei fazer.

A'cerca do trama em favor de Castella, ninguem ignora, que essa idea da juncção das duas corôas, arteiramente fomentada pelo governo Castelhano, tinha já então partidarios em Portugal; o entrecho dramatico pedia-me que fosse Martim Gonçalves um d'elles; fil-o; o sujeito pareceu-me mui azado para 'nelle assentarem traições.

Para condimento a esta nota, que não podia deixar de ser secca e dessaborosa, venha por ultimo o que o meu amigo o Senhor Garrett poz no Canto VI do seu Camões:

O scepro de Manoel, nas mãos já debeis
De Joanne * começado a desdourar-se
Do esmalte das victorias, e triumphos,
De que tanta virtude o adereçára;
O sceptro, que nas mãos d'outro Joanne **,
Que ensinou a ser reis os reis do mundo,
Fôra vara de lei, e de justiça,
Fiel de liberdade bem pesada
Na balança de pùblica ventura;
Ora na dextra de inexperto joven
Vergado a maus conselhos, vacillante
Por meneio imprudente, mal dirige
A máchina do estado, que parece
Mover-se ainda pelo antigo impulso
De melhor regedor. O astro de Lysia
Do zenith de sua gloria descrevia
Curva affrontosa a miserando occaso,
Que de Alcacer nas torridas areias
Erros, crimes, traições lhe estão minando.

Reinava Sebastião. — Se ânimo nobre,
Se valentia, amor de fama, e d'honra,
Bastára a fazer reis, fôra um rei esse;

---

* D. João III.
** D. João II.

Mas . . . . — Sebastião reinava. Mal dormido
Sôbre os avítos louros já corrêra
Á segar palmas na africana terra,
Que de nossas conquistas, e victorias
Bêrço fatal ha sido, e sepultura.
Do primeiro triumpho embriagado
Cuidou já da fortuna a varia roda
Ter fixada co'a espada de mancebo.
Armas, pelejas, e victorias sonha;
E emtanto sôbre as ondas mal seguras
Voga, á lei d'ellas, o baixel do estado.
Em suas íras, de flagello aos povos,
Um rei conquistador lhes manda o Eterno.
Avidas mãos do leme abandonado
Validos travão, não a endereçal-o
Para o rumo perdido; mas cubiça
Treda, que os move, a syrthes, a naufragios
Desarvorada a nau presto arremessa.
Liga fatal de sangue, e de maldades
Unira os dous irmãos, que astutas manhas
Do animo real appoderarão.
Fanatico Luiz, Martim vaidoso
Ambos de ouro, e de mando insaciaveis,
Hypocritas os dous, iguaes na astucia,
Entre o joven monarcha, e entre o seu povo;
Entre o chefe, e a nação ardua barreira
De impostura, e traições alevantavam.

Do Escurial a onça refalçada,
Co'a raposa do astuto Vaticano,
Os negros fios da ambição urdião.
Que por mãos de vendidos conselheiros. *
Em labyrinto escuro enrevezavão
Os descuidados passos do monarcha.
Murmurava em silencio mal soffrido
Da nobreza leal o escasso resto,
Que do antigo despejo lusitano
Os francos sentimentos conservava.

Tenho por excusado, advirtir, qne o casamento de Martim Gonçalves com D. Caterina de Atayde, é mera ficção, ficção exigida e portanto justificada pela conveniencia dramatica. Se me estranhassem o apparecer a Rainha Dona Caterina

* Allusão ás machinações de Jesuitas.

medianeira e fautora d'este consorcio por se saber quão avessas vontades eram a de Martim Gonçalves e a sua, responderia que antes d'essas inimisades houvera entre ella e elle, ou entre ella e os jesuitas, que vale o mesmo, muito boa paz concorde e viver.

APHORISMOS PARA REINANTES.

(Pag. 118.ª, Linha 6.ª « Ati te quero meu poeta, para guia e exforçador; que assaz em teus versos mostraste seres cabal para dizer verdades atrevidas. »)

Aphorismos mais guapos para reinantes não os ha, que esses que a Rainha D. Caterina, viuva de D. João III, presentou a seu neto, D. Sebastião, na vespera d'este assumir o Governo, e os que o mesmo D. Sebastião deixou escriptos no seo memorial, e que, segundo 'noutra nota já tocamos, poderiam haver sido em parte, suggeridos pela carta do poeta Ferreira. Fénélon, em todo o seu Telémaco não metteu mais, nem melhor doutrina que esta; val a pena de se ler na Chronica do mesmo Rei, por D. Manoel de Menezes. Quando bem se hajam meditado esses aphorismos e se recordar tudo o que o grande juizo de Camões pelo discurso do seu poema foi pregando a Senhores e Principes. então se comprehenderá e apreciará melhor o espirito d'esta scena X.ª do acto 3.º.

LOGARES MEMORAVEIS.

(Pag. 158.ª, Linha 6.ª « Tal patria não quer afferro;
« Antes choral-a na gruta
« De Macao!)

Tudo que de perto ou de longe se refere ao viver d'um grande homem, concita valentemente as attenções. D'ahi a veneração dos tumulos; d'ahi a sanctidade das reliquias; d'ahi o feitiço irresistivel das antigalhas; d'ahi o resguardarem-se os authografos como thesoiros; d'ahi as honras dadas aos nomes de familia; d'ahi as exhibições em Londres, de alfaias de Napoleão; d'ahi os milheiros de bengalas de Voltaire que passeam por toda a superficie da terra. Devotos, poetas, namorados, amigos, estudiosos, todos têem esta superstição: é pois da natureza, e, se da natureza é, para algum fim de utilidade nos foi dada. Em a nota, que já atraz fica, sobre honras posthumas, o aventámos, ao ponderar a virtude inspirativa de tumulos e estatuas.

Ha porem alem dos tumulos, cofres de pó que foi d'heroes, e alem das estatuas, remeniscencias de suas formas externas, muitas outras coisas suas, que não menos se devem salvar; assim para lhes augmentar a elles o culto como para despertador a outros, e tambem para credito nacional: taes são os logares consagrados pela sua presença, trabalhos e meditações. O que a alma assume de poesia, de brios, de fidalga emulação, aspirando ares já respirados por immortaes, poucos haverá que alguma vez o não experimentassem. Quanto a mim, por muitas vezes o tenho sentido. Pois o extravagante e fantasioso accaso que preside a tudo, que é meu, me tem levado a morar onde escriptores de fama (mais ou menos merecida) haviam já assistido. Primeiro na quinta da *Madre-de-Deus* ao Seixal casa outr'ora de recreação dos jesuitas onde é fama que estivera o Padre Antonio Vieira. Segundo em Lisbôa no Hospicio dos jesuitas do Maranhão juncto á *Praça das Flores*, onde é provavel que o mesmo admiravel ingenho habitaria. Terceiro na *Rua da Vinha*, ao bairro alto, no segundo andar das casas que fazem frente ao pequeno largo, nas quaes por annos viveo sosinho o auctor do *Escope* e das *Pindaricas*. Quarto na *Rua da Conceição* tambem juncto

á *Praça das Flores*, nas casas que fazem angulo da dita rua com a do *Monte-Olivete* Hospicio que fora de Brancanes e onde por isso costumava ficar, quando a Lisbôa vinha, Frei Jose do Coração de Jesus, o Almeno, traductor das *Methamorphoses de* Ovidio antes de mim. Tudo isto na minha Lisbôa. Em todas estas vivendas, sem exceptuar a do barbaro Almeno, me corria, nas horas quietas, não sei que viração convidativa de meditações, não sei que fragrancia vaga de lettras e poesia!

Outro tanto sentia eu, quando, muitos annos depois da morte do meo eruditissimo mestre Antonio Ribeiro dos Sanctos visitava como sanctuario as casas e jardim onde em menino o tinha ouvido, na *Rua do Sacramento da Lapa*. Outro tanto quando entrei na casa abarracada, em que viveo de melancolia nos ultimos annos, e a final faleceu, o Tolentino, na *Rua do Arco-do-Marquez*. Outro tanto quando a miude peregrinava de dormitorio em dormitorio, e de recanto em recanto, no convento e cerca dos Dominicos de Bemfica; amores, bemaventurança, e gloria do nosso melifluo Frei Luiz de Souza. Outro tanto em cada convento que percorri antes de profanados, e ainda muito mais depois de profanados, pois nenhum d'elles deixou de albergar varões muito insignes.

Quem frequentou nunca a Universidade de Coimbra, que algum'ora se não engrandecesse com as lembranças das dezenas de classicos, que outr'ora a cursaram, e muitos dos quaes lá foram mestres! Diogo de Teive! Antonio Ferreira! Sa' de Miranda! Luiz de Camões! Gabriel Pereira de Castro! Jeronymo Ozorio! Antonio de Castilho! & & & e lá mesmo, fóra da Universidade, mas ainda dentro d'essa feiticeira Coimbra, quem não vio em espirito, inteira, e completa, a tragedia de Dona Maria Telles visitando em *Subripas* a antiga e veneranda casa de Templarios, e a de Dona Ignez de Castro vendo correr a fonte dos amores?!

Ora pois, se os sitios aprehendem alguma coisa dos seos moradores para o ficarem invidando por esses seculos fóra, e taes invites não são extereis; se o *Itinerario da terra Sancta de* Chateaubriand e a *Viagem ao Oriente* de Lamartine não tiveram outra origem; se o mais gostado de Lord Byron são as suas remenissencias por entre as ruinas da Grecia; se a Corina de Madama de Stael brotou tão seductora do chão da Italia, só composta de suas brilhantes exalações; se, 'numa palavra, em todos os escriptores de maior alma as paginas mais attractivas lhes foram inspiradas pelas saudades,

e as saudades pelos lugares, testimunhas, e theatros das grandes coisas e pessoas do mundo preterito; e se é certo que esta invisivel mó do tempo, vai desfazendo de continuo os edificios, as pedras, os nomes e as memorias, porque não havemos de disputar ao esquecimento o mais que possivel for d'essas mesmas memorias, mirrados fructos das edades extinctas, mas germes, e, quando menos, adubio de bens e gozos no futuro?! Quão sem custo não póde qualquer municipio assignalar com uma lamina de metal esculpida com o nome da pessoa, e datas do seo nascimento e morte, a frontaria de cada casa em que haja nascido, vivido, ou acabado, um homem notavel nas sciencias, nas lettras, 'numa arte, 'num mister, nas armas, nas virtudes &?! (Os senhorios mesmos o deviam fazer por seo interesse) Soubesse alguem hoje onde tinha assistido o CAMÕES na *Travessa do Monturo do Collegio*! por mais mesquinho que o predio fosse, veriamos se ficava nunca por arrendar, e por bom preço, e por boa gente!

Depois os nomes das ruas tambem, se os corpos municipaes fossem mais curiosos, se podiam tornar premios muito lisongeiros, e sem custarem um seitil. O Porto, deu o exemplo, abrindo a rua de *Ferreira Borges*; Lisboa, fez o *Largo de Camões* e a Praça de DON PEDRO; porque não hão-de uma e outra cidade, e como ellas, todas, seguir esses tres exemplos? Popularisar merecida fama, é sempre bom.

Venho já ao ponto. Muito naturalmente me influio estas considerações, a *Gruta de Macao*. Desejoso de poder com meos leitores visitál-a, sequer em espirito, pedi a um amigo do poeta, e poeta elle mesmo, e meo amigo tambem o Excellentissimo Senhor Frederico Leão Cabreira, uma descripção por escripto d'aquelle sacrario de inspirações, sempre venerado até de estrangeiros, e que a elle bem deliciosas as deu por certo. O Senhor Conselheiro, portuguez dos bons tempos ainda hoje, e tão devoto de reliquias d'estas, que até comprou 'naquelle glorioso oriente as ruinas da casa em que viveo SAN FRANCISCO XAVIER, com alacridade acudio ao meo empenho, e se com primor tambem, já se vai ver. De toda a sua resposta, só omitto o formoso comprimento em verso, com que o seo fanatismo d'amigo m'a indereçou.

A gravura com que diligenciei completar a descripção, é devida ao incançavel buril da Ex.ma Senhora D. Maria Leonor da Camara Sampaio.

» O sempre grande Epico portuguez, viveo cerca de cinco annos de sua heroica e trabalhosa vida na Cidade do Sancto

Nome de Deus de Macáo, na China, para onde fôra em 1556, e donde regressou a Goa em 1561. Na mesma Cidade de Macáo, ainda então nova, e mal povoada, elegeo a situação e gruta, de que vamos fallar, para theatro de suas altisublimes meditações."

"Alli inspirado suavemente, compoz algumas de suas admiraveis poesias

"Aquelle, cuja lira sonorosa,"
Em altiloco accento sublimado,
Com grande immortal brado,
A fama eternisou prodigiosa
Da terra, e gente forte Lusitana
A quem não venceo arte, ou força humana.

"Trataremos primeiro da situação (naquelles heroicos tempos ainda deserta, e solitaria) e depois fallaremos da gruta, que tomando parte na celebridade do grande poeta, se ficou chamando

A Gruta de Camões.

"Existe ella em uma pequena mas formosa quinta na distancia d'uns quinhentos passos da muralha da Cidade, a que serve de limite pelo lado do Norte; ligando-se a mesma quinta á bella casa do seu actual proprietario, o illustre Cidadão Lourenço Marques, que a houve por casamento com uma sua proxima parenta, filha do falecido Conselheiro Manoel Pereira, portuguez europeo estabelecido, ha perto de um seculo, na mesma Cidade, aonde adquirio consideravel fortuna, e a quem se attribue a erecção d'estes recomendaveis predios, ou ao menos a magnificencia, e formosura, que ao presente ostentam."

"A posição é ellevada, e se communica com a Cidade por uma curta rua, que, partindo d'um espaçoso átrio quadrado, fronteiro á casa, dezemboca no bonito largo da Egreja de Sancto Antonio, uma das tres parochiaes que a povoação contem. A mesma casa, sem muita elegancia exterior, tem grandes salas aparotosamente mobiladas, e vastas accomodações: umas feitas de novo, e outras melhoradas 'nestes proximos annos: mas pouco se vê de fóra, por estar precedida do lembrado átrio, e circundada dos outros lados, por alto, copado, e frondifero arvoredo."

"Entra-se para a quinta, não só pelo interior da casa, mas tambem por um largo e rico portão de ferro, existente ao seu lado direito, no referido átrio; e d'esta entrada se utilisa o publico, porque os delicados proprietarios a facilitam a

toda a sorte de pessoas. Comtudo a curiosidade, e o gosto, são ao presente tão escaços entre nós, que bem pouca gente vai alli de ordinario recrear-se. ¡ Por certo não acontecera o mesmo se fosse propriedade de estrangeiros, dos quaes nunca deixa de ver-se algum gozando de tão agradavel passeio!!!... O terreno é bastante irregular, formando muitos e variados taboleiros, divididos por largas e vistosas ruas, guarnecidas de buxo, cuidadozamente aparado, entre regulares filleiras de bem plantadas e frondozas arvores de sombra, indigenas do paiz, ou levadas dos circunvisinhos, umas por outras, quasi sempre cobertas de suas naturaes, e odoriferas flores. Os taboleiros lateraes são occupados por pequenos pomares, ou bosques de arvoredo fructifero, cujas variadas producções atrahem mais e mais, a curiosidade do observador, pela differença de suas configurações, e viveza das cores. »

» Alem d'estes formosos inamoviveis adornos, notam-se nas principaes ruas d'este pequeno paraiso, extensas filleiras de vasos de porcellana do paiz, contendo exquisitas plantas, e lindas flores de jardinagem, de mistura com muitos em que se criam e permanecem, bellissimas laranjeiras de até tres palmos de altura, carregadas de seus doirados succulentos pomos entre apprazivel verde-escura folhagem:

Aqui disputam Flora com Pomona
Seu divinal poder, e galhardia!...
Aqui Zefiro alegre,
Nutrido dos aromas mais mimosos,
Convida os pensadores
Ao brilho contemplar, e alta belleza
Dos mimos que produz a natureza.

» Não contem a quinta jardim algum, propriamente dito; e só ha na parte mais baixa d'ella, uma boa porção do terreno ajardinado, aonde se cultivam e produzem optimas ortaliças para regalo de seus dignos proprietarios, e dos muitos amigos a quem com ellas mimozeam.»

» A situação, elevada, como já se notou, é em si mesma encantadora pelas bellas, e variadas vistas que offerece. Descobrem-se de bastantes pontos d'ella os bonitos Campos chamados de Mohá, até aos que servem de baze ao alto, e destacado monte da Guia, o qual está continuamente recordando aos innumeros navegantes, que de largas distancias o avistam, nossas antigas glorias, devidamente symbolisadas, quaes as symbolisa

O bicolôr pendão das luzas Quinas
Que tremulando ovante,
Em alta e magestosa fortaleza,
Do nome da montanha, e sua coroa;
Attesta, com seu brilho permanente
Os feitos immortaes da luza gente.

» Descobre-se mais, quasi toda a ráda, ou porto maritimo da Cidade, com algumas das escalvadas ilhas que o circundam e abrigam. Descobrem-se os pagodes — Novo — e de Mohá — vistosos templos da Chineza idolatria. Vê-se muito de perto toda a povoação chim, denominada — Patãne —; e da mesma sorte o bairro portuguez, que se diz — do Terrafeiro. — Avista-se todo o rio de Macáo até á fortaleza de barra, com infinitos navios de todas as nações, e barcos chinezes de extravangantes construcções, e pintura, que alli continuamente surgem. Observa-se em pouca distancia a pequena insula chamada — Ilha verde — no indicado rio, a qual, sendo ainda no seculo passado um simples rochedo, com pouca terra, tem sido em alguns annos convertida, pelos respeitaveis Padres Directores do Collegio de S. José das Missões da China, aquem agora pertence, em um dos mais frequentados passeios maritimos, e apraziveis lugares de recreio para as familias da Cidade. Avistam-se mais ao longe, na maior ilha, que forma a opposta margem do rio, as povoações chinezas a que dão os nomes de = Paq-san = e = Faq-san = com outras menores, e os terrenos, que as circundam. Avistam-se finalmente varias montanhas e montes, destacados, assim na mesma Ilha em que a Cidade existe, como nas outras circunvizinhas. Tudo isto apresenta ao observador curioso as mais gratas e pinturescas perspectivas. »

» Todos os terrenos incultos que se avistam, comprehendidos os contiguos, pertencentes á Cidade, estão desordenadamente semeados de sepulturas, ou tumulos Chinezes, cujas variadas formas, já pela ellegancia d'uns, já pela exquizitisse d'outros (são geralmente de Alvenaria) dão materia bastante para melancolicas meditações, a quem da placida situação, que descrevemos, em todas as direcções os contempla.

Alli, tristes jazigos pavorosos
D'innumeros mortaes, já não lembrados,
Em silencio pregoam
O quanto he tranzitoria a vida humana.
E mais nos certificam

Que só não desce todo á sepultura
Quem durador se aclama
Por feitos immortaes, na voz da fama.

„ Talvez com idêas similhantes, e póde ser que em presença dos mesmos objectos, escrevesse o sublime Epico no fim do 7.º canto do seu famoso poema, tratando — dos que por obras valorozas se iam da lei da morte libertando, — os seguintes recommendaveis versos:

„ D'aquelles sós direi, que aventuraram
„ Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
„ Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
„ Tão bem de suas obras merecida.

„ Quasi no centro, e em um dos pontos mais elevados da deliciosa situação que acabamos de descrever, se via um rochedo natural de pouco mais de quatro varas de altura, contendo na baze uma abertura em forma d'arco irregular, de septe a oito pés de elevação interior, com pouco menor cumprimento e largura, aberto por ambos os lados, como para deixar gozar, aquem alli se recolhesse, das encantadoras perspectivas que havemos esboçado. Foi pois esta abertura, ou mais propriamente *gruta*, o lugar que o sapiente e celebre Poeta elegeo para se occupar solitario em suas transcendentes meditações. Foi 'neste ameno e comtemplativo retiro, e todo entregue ao divinal desenvolvimento de suas vastissimas idêas, no remanço do socégo, e quasi religiosa absorpção que demandam as sabias filhas de Jove, e da Memoria, para accender e activar seu sagrado fogo na mente dos illustres Vates seus favorecidos, que este compoz algumas de suas sublimes producções. Foi alli que elle reunio e preparou parte dos diamantinos materiaes para esse eterno padrão das glorias portuguezas — Os Lusiadas — com o qual transmittio á mais remota posteridade, e fez em todo o Mundo respeitados os altos feitos de seus illustres conterraneos, não menos que as permanentes excellencias da terra que o produzira. Foi finalmente alli, que elle — cantando o peito illustre Lusitano — associou seu esclarecido nome e fama, á fama e nome, sempre respeitado

„ Do grande Capitão Vasco da Gama,

e não menos aos de

„ Um pacheco fortissimo, e os temidos
„ Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;

» Albuquerque terrivel, Castro forte,
» E outros em quem poder não teve a morte.

» Uma das maiores provas de respeitosa consideração que deveriam tributar-se á esclarecida memoria do inclito Poeta, seria sem duvida a conservação da gruta sua perdilecta, no mesmo estado em que existia, quando elle a frequentava. Não foi isto porem o que aconteceo; porque o antigo proprietario do logar, por falta de gosto seu, ou quiçá por mal aconselhado, a mandou aperfeiocar por canteiros, desbastando as saliencias interiores da rocha, e rebocando de alvenaria suas naturaes cavidades. E por esta guisa a converteo em uma pequena, e quasi regular abobada, decorada ha pouco tempo com um marmoreo busto do heroe, honrador das Musas portuguezas.»

«O mesmo aconteceo ao corpo do rochedo, o qual foi quasi todo revestido de alvenaria, erigindo-se-lhe na parte superior, correspondente á gruta, uma especie de caramachão, ou pavilhão Chinez, tambem de alvenaria, e de acanhado gosto. Suas paredes estão cheias de versos escriptos em lapis, por divers nacionaes, e estrangeiros, visitadores, mas não consta que se haja feito d'elles alguma collecção, que não deixaria de ser curiosa por sua variedade. Os mesmos visitadores, em geral, escrevem alli seus nomes, e a data em que examinaram aquelle quasi sagrado logar, para o qual, a maior parte dos nacionaes, olham como se fosse um objecto indifferente; o que não deve causar espanto, pois parece que o Poeta assim o antevia, quando a respeito d'elles dice na Est. 97.ª Cant. 5.º de sua preciosa Epopêa:

» Sem vergonha o não digo, que a rasão
» De algum não ser por versos excellente,
» E' não se ver presado o verso, e rima;
» Pois quem não sabe a arte não a estima.

» Fazendo porem justiça ao actual possuidor, a quem tributamos bem correspondida amizade, devemos dizer, que elle com quanto fosse ainda joven, não se ha poupado a despezas e cuidado, para melhorar, e ennobrecer cada vez mais, aquelle recommendavel predio, e que o máo gosto que alli se nota em alguns objectos, não pode por forma alguma ser-lhe attribuido.»

Ponta Delgada 13 de Desembro de 1849.

FREDERICO LEÃO CABREIRA.





DESPEDIDA.

Acaba este volume de se escrever e imprimir, hoje 22 de Fevereiro de 1850. Não leva muitas outras notas, porventura de algum interesse pratico, por uma rasão triste, que não será difficil de adivinhar, relendose o que o pobre Camões diz a pagina 151.ª, linhas 38.ª, e 39.ª

Este volume e o da *Felicidade pela Agricultura*, que tambem finalisa hoje, são os ultimos arrancos da typographia da *Rua das Artes em San Miguel*: amanhan estará muda, deserta, e trancada. Sempre cuidei, que me ajudaria, a mim, a viver para as lettras; e a ellas, a desenvolverem-se um pouco mais 'nesta paragem, onde de certo não faltam bons ingenhos...

Foi mais um castello de esperanças, que o vento dissipou. Vamos ver, se 'noutra parte os sonharei que durem mais. Ares portuguezes, já se vê que me não querem! pois queria-lhes eu bastante! Algum dia se dirá por mim: « amar a patria, como aquelle! » Por talento, podia haver muitos mais dignos de celebrar os infortunios de Camões, por experiencia, ninguem. O quinto acto, especialmente, me saío todo cá de dentro; e contem muito mais historia, do que poderá parecer aos affortunados. Praza a Deus, que não contenha tambem profecias!

Ha vinte e septe dias cerrei meio seculo de existencia. 'Nessa pedra miliaria da vida, em que os mais dos homens se assentam para festejos e brindes, e atè cans se coroam de verde, corti eu horas bem solitarias e melancholicas, olhando para o horisonte do nascente

e para o do occaso. «Que mal fiz eu a esta patria, para duas vezes a perder?» dizia eu entre mim; «para desherdar d'ella aos innocentes do meu sangue, que eu tanto me gloriava de chamar portuguezes?! dei-lhe pouco; mas dei-lhe tudo, a ella: cantei com desvanecimento as suas glorias; deffendi-lhe a sua lingua; pugnei, com sacrificios, para a sua civilisação e lustre; não deneguei nunca os meus livros, os meus conselhos, as minhas horas, o meu affecto cordial e os meus applausos sem inveja, a quantos mancebos 'nella tratavam lettras; puz peito a que o estudo primario se facilitasse; e de joelhos agradeço á Providencia, porque juro, que o consegui; uma só recompensa ambicionava; e era dormir o meu somno ultimo em terra portugueza; e isso que tantos logram sem trabalho, a despeito de todos os esforços não o lugrei.» O farto pão que um Soberano absoluto, o Senhor D. João VI, me liberalisára para toda a vida, como premio e animação aos meus esforços litterarios, mudanças politicas m'o levaram. O meio pão que a munificencia nacional, com egual intuito, depois me decretou, reduziram-m'o a quasi nada, arrebanhando-me no que se chamou *Classe inactiva*! *inactivo*!... só porque os trabalhos que eu fazia, os fazia expontaneamente, e não encarregado, nem obrigado por um Governo! oh! meu bom Camões bem dizias tu:

Que exemplos a futuros escriptores!

Appressemo-nos a pôr no livro a palavra:




LIBRARY OF CONGRESS
0 024 331 954 7